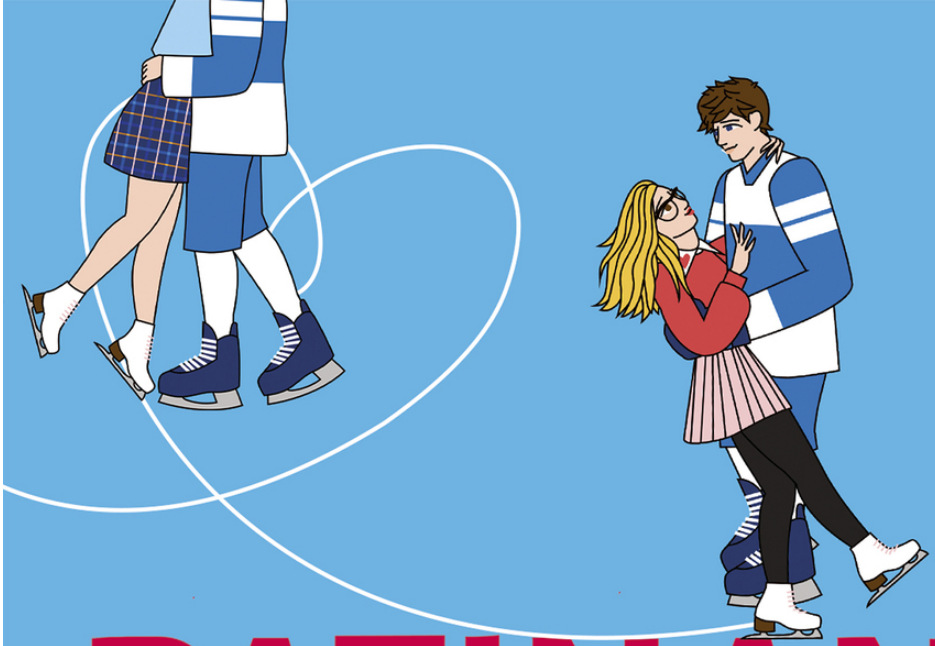


intrínseca

PATINANDO NO AMOR





LYNN PAINTER

AUTORA DE *MELHOR DO QUE NOS FILMES*

PATINANDO NO AMOR

LYNN PAINTER

Tradução de Alessandra Esteche

intrínseca

Copyright © 2025 by Lynn Painter
Copyright da tradução © 2026 by Editora Intrínseca Ltda.
Publicado mediante acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

Fake Skating

Alice Cardoso

© 2025 by Liz Casal

Sarah Creech

-
978-85-510-1643-5

Edição digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P163p

Painter, Lynn
Patinando no amor [recurso eletrônico] / Lynn Painter ; tradução Alessandra Esteche. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
416 p., recurso digital

Tradução de: Fake skating
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1643-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

25-101573.1

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782


intrinseca.com.br


@intrinseca


editoraintrinseca


@intrinseca


@editoraintrinseca


intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Prólogo

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze

Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo trinta e nove
Capítulo quarenta
Capítulo quarenta e um
Capítulo quarenta e dois
Capítulo quarenta e três
Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco
Capítulo quarenta e seis
Capítulo quarenta e sete
Capítulo quarenta e oito
Capítulo quarenta e nove

Epílogo da Dani
Epílogo do Alec
Trilha sonora da Dani e do Alec
Agradecimentos

Sobre a autora

Seu jeitinho não precisa fazer sentido para mais ninguém.
Você é *exatamente como deveria ser.*
VOCÊ É INCRÍVEL.

E talvez você ainda não as conheça, mas existem pessoas que vão te amar *POR CAUSA* de quem você é.



PRÓLOGO

Alec

Eu não estava acreditando.

Dani Collins estava de mudança para Southview.

— Não pode ser — resmunguei para mim mesmo ao pisar fundo no acelerador.

Uma hora antes a vida seguia normalmente. Entrei pela porta da frente depois do treino, engoli algumas tigelas de ensopado enquanto meu pai falava do carro anfíbio que o amigo dele tinha comprado, e já estava quase levantando da mesa quando minha mãe soltou a bomba.

Toda animada, ela me atualizou dos detalhes: os pais da Dani iam se divorciar, por isso, ela e a mãe iriam morar com o avô. Com gritinhos de felicidade, ficou tagarelando sobre o quão incrível seria enfim ter as duas por perto.

Imagina só! Agora a gente vai poder se ver sempre!

Sorri e acenei como um bom garoto, tentando não surtar só de pensar em ter que ver Dani Collins todos os dias.

Dani Collins.

Ia se mudar.

Para Southview. Caramba.

Inventei uma desculpa para sair de casa o mais rápido possível, porque precisava de ar fresco — e de música — para tentar digerir aquela notícia chocante. Tenho uma prima que ama playlists e faz uma para cada momento da vida, e esse costume levemente obsessivo me contagiou a ponto de eu não conseguir mais lidar com a dureza da realidade sem a ajuda da música.

Então entrei no Burrito (o meu Olds Alero 2003, que era uma porcaria) e saí dirigindo, ouvindo "Escorpião", no último volume, uma música brasileira

que eu não entendia, mas amava. Eu sabia que queria dizer algo tipo "que se dane isso de 'Eu te amo'", então me parecia ótima.

Mas Burrito parecia ter vontade própria, porque, de repente, me dei conta de que havia entrado na estrada de terra batida que serpenteava as árvores próximas ao lago. Dirigi pela trilha coberta de neve até avistar o velho galpão abandonado que um dia tinha sido o "nosso lugar".

Que droga eu estou fazendo?

A noite estava tranquila, a neve pesada isolava o mundo ao redor. Tudo que ouvi ao sair do carro e caminhar em direção ao galpão foi o ranger dos meus sapatos no chão coberto de neve. A estrutura sempre deu a impressão de estar prestes a desmoronar, e não tinha mudado desde a última vez que eu estivera ali.

Foi no verão, depois que concluí o oitavo ano.

Empurrei a porta do galpão abandonado e entrei, meio que esperando que guaxinins pulassem na minha cara. Estava tão escuro que tudo era um breu, mas, quando acendi a lanterna do celular, tive a sensação de ser atingido no peito por um disco de hóquei. Como era possível tudo continuar exatamente igual?

As cadeiras que roubamos da loja do meu pai para mobiliar nosso galpão ridículo continuavam lá, assim como o buraco enorme no telhado, a nossa claraboia.

Puta merda.

Engoli em seco e olhei para a lua. Tudo ali continuava igual. E, quem eu queria enganar? As lembranças dela também. Da Dani.

E da última vez que a vi.

Mais ou menos cinco anos antes

— Não quero ir para casa.

Ergui o olhar para Dani, que observava a lua, e não consegui acreditar que logo ela iria embora. Estávamos sentados lado a lado sobre um cobertor no galpão do lago, e eu proferi o eufemismo do século:

— Que droga.

Dani e a mãe ficavam um mês na cidade todo verão, um mês no qual nossas mães, que são melhores amigas, passavam vinte e quatro horas por dia

juntas e nós podíamos fazer o que desse na telha, todos os dias. A gente andava de bicicleta, pescava, caminhava quilômetros e quilômetros falando sobre *tudo*, nadávamos na piscina… era perfeito.

A visita anual acontecia havia tanto tempo que eu nem me lembrava de quando tinha começado.

Literalmente.

Elas vinham para visitar os avós da Dani, mas, como ela passava a maior parte do tempo comigo lá em casa (ou no nosso galpão), sempre parecia que eram as *nossas* férias.

E era, sem dúvida, a melhor parte das férias de verão.

Porque, por um mês inteiro, Dani era minha melhor amiga.

A gente passava trinta dias falando besteira e rindo até a barriga doer, e depois ela voltava para qualquer que fosse a base da Força Aérea em que seu pai estivesse servindo até a próxima temporada dos vaga-lumes.

No entanto, agora faltavam só dois dias para elas irem embora. Desta vez o motivo da visita tinha sido o velório da avó de Dani, e seu pai irritante — *o coronel* — viera junto.

O que foi um erro e tanto, porque a presença dele estragou tudo.

Foi épico, no pior dos sentidos.

Mick, o avô de Dani, surtou com o pai dela depois do velório. Disse que foi culpa do sr. Collins a avó dela ter morrido de desgosto por ele ter levado a mãe da Dani embora e a obrigado a perambular pelo país.

Aí o Mick disse a eles — na frente de todo mundo — que voltassem para "onde quer que seja o fim de mundo em que vocês estejam morando agora", que sumissem da frente dele.

É, foi um pesadelo.

E agora eles iriam embora na manhã seguinte.

Aquilo significava que não iríamos à Confeitaria da Kriz, onde nos sentaríamos à uma mesa grudenta do lado de fora e tentaríamos adivinhar qual sabor de donut os clientes iriam pedir com base na roupa que vestiam.

Umas das nossas (muitas) tradições anuais.

— Sei que isso faz de mim um lixo de pessoa — comentou Dani, me encarando com aqueles olhos castanhos tristes demais —, mas acho que estou mais chateada por não poder passar as férias aqui do que pela coisa toda da briga de família.

Foi quando eu percebi.

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Ver qualquer pessoa com os olhos marejados me deixava desconfortável; eu não lidava muito bem com coisas sérias. Mas ver a pessoa mais sarcástica que já conheci triste daquele jeito…

Era de partir o coração, para falar a verdade.

— Collins — falei, encostando meu ombro no dela. Precisava fazê-la voltar ao normal. — Juro por Deus que, se você chorar, vou te jogar lá no lago.

Ela deixou escapar uma risada em meio a uma tosse e, com a voz embargada, retrucou:

— Está dando uma de valentão, me ameaçando, sendo que nós dois sabemos que você nunca faria isso, fala sério…

— Você é muito malvada — respondi, em tom de provocação.

— E você é muito baixinho — rebateu ela, uma piada inocente, porque não era verdade.

Dani que era mais alta do que todo mundo.

— A propósito, você não é um lixo de pessoa — falei ao reparar que seus olhos continuavam com aquele brilho emotivo que me fazia querer dar um chute na bunda do avô dela por ter sido grosseiro. — Tudo bem ficar triste porque vai ter que ir embora.

Ela engoliu em seco e mordeu o lábio inferior, como se estivesse tentando se segurar.

— Quer dizer, *eu* estou triste — admiti, e minha voz falhou porque eu estava *mesmo* triste.

Como eu ia passar o verão inteiro sem perambular pela cidade com a Dani?

— Está? — perguntou ela, tão baixinho que o que saiu foi quase um sussurro. Ela observou meu rosto por um instante. — Sério?

Assenti. Meu peito apertou ao ver uma lágrima escapar dos olhos dela, porque Dani Collins nunca chorava.

Nunca.

De repente, tudo se tornou uma confusão, e eu precisava que ela parasse de chorar. Imediatamente.

Tudo estava errado quando ela não estava feliz.

Porque Dani *sempre* tinha brilho nos olhos e dava risadas contagiantes. Ela era a própria felicidade.

Sem que eu me desse conta do que estava fazendo, passei os polegares por seu rosto, enxugando as lágrimas, e engoli em seco quando ela me encarou como se estivesse tentando entender o que estava acontecendo.

— Eu também não sei — confessei, porque sempre conseguimos ler a mente um do outro, mas eu não fazia ideia do motivo pelo qual, de repente, fui tomado pelo desejo de beijá-la. — Não sei o que é isso.

— Nem eu — disse ela, assentindo.

Dani baixou o olhar até meus lábios, e meu coração disparou.

— Será que devemos fazer isso? — indaguei, ou melhor, *sussurrei*, ao perceber que meus polegares continuavam roçando sua pele macia.

É sério que eu acabei de perguntar (sem dizer as palavras exatas) se a gente deveria se beijar?

Caramba, o que era aquilo?

— Quer dizer, *uma hora* vai acabar acontecendo — respondeu ela, lendo minha mente a respeito do beijo. Seu olhar determinado dizia que ela estava mergulhando de cabeça na situação.

Ninguém se dedicava a uma aventura como a Dani. Ela topava quase tudo. Sempre me perguntei se aquela era só sua versão "de férias", ou se ela também era assim em casa.

— Então, talvez… sim?

Ela falou como se fosse uma pergunta, e eu não fazia ideia de como tínhamos chegado àquele ponto.

Puta *merda*.

— Está falando sério? — soltei, e minha voz saiu um pouquinho estrangulada.

Será que minha mão ainda devia estar no rosto dela?

O que está acontecendo?

Por que aquilo parecia uma ótima ideia se era a *Dani*?

— Acho que sim — respondeu ela, o olhar percorrendo meu rosto, afastando a tristeza.

Talvez eu pudesse reverter a situação, fingir, pelo bem da nossa amizade, que não tínhamos pensado naquilo, mas ela me olhou *daquele* jeito, e acabou para mim.

Ela me olhou como se quisesse que eu a beijasse. Como se estivesse *esperando* que eu me aproximasse.

E, Deus me ajude, já fazia muito tempo que eu sonhava em beijá-la, e não ia conseguir ser forte.

— Então vem aqui, Collins.

★ ★ ★

Respirei fundo enquanto meu cérebro rebobinava as lembranças vívidas de nós dois deitados naquele cobertor, completamente alucinados. O cheiro do galpão — um misto de poeira, cedro e nostalgia — também não ajudava. Os aromas eram tão familiares que me deu vontade de ir até o cantinho da parede em que tínhamos rabiscado coisas sem sentido com canetinha só para ver se nossa arte esquecida continuava ali.

No entanto, assim que a ideia surgiu, me lembrei de todo o resto.

E então não quis me lembrar de mais nada.

Porque, embora anos tivessem se passado, eu continuava bravo. Sendo racional, já deviam ser águas passadas. *Eu deveria ter superado.*

Mas, a caminho de casa, me dei conta de que não tinha superado nada.

Nem de longe.

Podíamos estar mais velhos agora, e talvez isso não fizesse sentido algum, mas eu continuava odiando Dani Collins pelo que ela fez depois do dia em que nos beijamos.

"Te quero bem" é o caralho
Eu vou acabar contigo

CAPÍTULO UM

FEVEREIRO
ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO

Dani

— Acorda… chegamos.

Abri os olhos, mas, em vez do meu quarto, me deparei com neve e um céu cinza do outro lado do vidro frio em que minha testa estava apoiada.

O mesmo cenário que eu tinha passado horas observando antes de enfim pegar no sono.

Caramba, isso está mesmo acontecendo.

— Por que mesmo estamos nos mudando para cá? — perguntei, me abaixando para enfiar os pés de volta no All Star.

Passamos sete horas em um caminhão com nossas coisas (que tinham sido enviadas por engano para nosso endereço antigo em Minot — *valeu, Força Aérea*) só para morar em um lugar que pelo jeito estava soterrado sob vários metros de neve e cuja sensação térmica estava bem abaixo de zero — tipo, fala sério!

— Quer dizer, por que a gente não podia ir para a Califórnia?

— Já falamos sobre isso. É muito caro, faz calor demais no verão, e você vai adorar morar aqui — respondeu minha mãe, desligando o caminhão e tirando a chave da ignição. — Você amava quando era mais nova, lembra?

O principal motivo para eu gostar era o Alec.

Senti o estômago embrulhar assim que pensei nele e na realidade de ter que encará-lo após ele ter dado um perdido na nossa amizade a distância. Estava morrendo de medo desse reencontro constrangedor, e ainda um

pouco irritada, mas também tinha esperança de que, quando o constrangimento passasse, ele seria a melhor parte da mudança.

Ou, pelo menos, ajudaria a torná-la… um pouco menos assustadora.

Alec Barczewski sempre foi animado, divertido e tinha a incrível capacidade de deixar tudo melhor. Já faz muito tempo, e obviamente somos pessoas diferentes agora, mas eu sabia que a companhia do meu amigo engraçado iria fazer tudo ficar bem.

— Amar um lugar que a gente visita uma vez por ano, no verão, é muitíssimo diferente de morar nesse mesmo lugar o ano todo — resmunguei, abrindo a porta e saltando do caminhão, o vento gélido batendo em meu rosto enquanto eu erguia o capuz da jaqueta. — Ainda mais quando o inverno é terrível.

Meu Deus, parece que o vento é feito de cacos de vidro. Por queeeee as pessoas escolhem morar em um lugar tão frio assim?

Eu já tinha morado em lugares frios, mas esqueci como podia ser desagradável.

— Para de reclamar. Passamos por uma lanchonete, o que quer dizer que tem hambúrguer e batata frita na sua bolsa — disse minha mãe, dando a volta no caminhão e enlaçando o braço no meu assim que fechei a porta.

— Sério?

Minha barriga roncou e senti o cheirinho de cebola exalando da minha bolsa.

— É perfeito para minha última refeição antes de morrer congelada, obrigada — falei.

— E agora somos moradoras de Southview — declarou ela, em um tom determinado e assustador. — Goste você ou não.

Soltei um suspiro e pensei *mil vezes NÃO*, tirando o hambúrguer da bolsa e levando-o à boca. Dei uma mordida e olhei para a casa branca enorme à nossa frente, mastigando e sentindo meu estômago embrulhar de pavor.

O que meio que fazia sentido, já que na nossa última vez ali, meu pai e eu carregamos o carro elétrico em silêncio enquanto minha mãe discutia com meu avô na entrada da garagem.

Valeu a pena ter trocado a sua família e a sua vida inteira para seguir esse militar idiota por aí? Você gosta dessa sua vida sem raízes, em que a Dani nem sabe como é ter uma família?

— Pelo jeito ele não está em casa — falei, observando as cortinas fechadas e a entrada da garagem vazia. — Ele sabia que a gente ia chegar, né?

— Ele está em casa, sim — respondeu ela. — Deve ter colocado o carro na garagem.

— Ele nunca guarda o carro na garagem — rebati, dando mais duas mordidas enormes no hambúrguer e falando com a boca cheia. — É onde ele guarda as ferramentas.

Pelo menos era onde ele *guardava* as ferramentas antes de decidir nos afastar.

— Já faz alguns anos… ele pode ter esvaziado a garagem — disse ela. — E não fale de boca cheia.

— Então não fale comigo enquanto estou comendo.

No entanto, quando chegamos à porta, ele não estava mesmo em casa.

Minha mãe abriu um sorriso e fingiu que estava tudo bem, mas logo franziu as sobrancelhas e eu percebi que estava nervosa. Ela ligou para ele, mordiscando o lábio inferior enquanto esperava que o vovô atendesse.

— Ah. Pai. Oi — gaguejou, soltando nuvenzinhas de vapor no ar frio ao falar. — Acabamos de chegar com a mudança… você está vindo?

Cruzei os braços, tentando não morrer congelada ali.

Aquilo não era nada bom.

Ela ainda parecia preocupada, e então começou a andar de um lado para o outro.

— Bem, eu sei. Sim, tudo bem, mas achamos que você estaria aqui para ajudar.

Ótimo. O vovô Mick DESAPARECEU no dia da mudança. Até ficaria irritada, mas estava com frio demais para sentir qualquer emoção.

Minha raiva tinha se transformado em gelo.

— Claro. Eu entendo — falou minha mãe. — Mas você sabia que a gente vinha, né?

É claro que ele sabia que a gente vinha, pensei. Aquele devia ser o jeito dele de nos mandar para aquele lugar.

Eu não conseguia acreditar que iríamos morar com ele.

Para ser sincera, tive uma infância cheia de boas lembranças do vovô Mick. Por mais quieto e mal-humorado que fosse, ele me ensinou a pescar e a patinar no gelo e me carregava nos ombros por aí me chamando de "Danizinha".

Mas essas lembranças foram todas apagadas no dia em que ele literalmente nos expulsou do velório da minha avó, quando eu estava no ensino fundamental.

Na frente de uma multidão de pessoas de luto.

Então eu estava abismada com o fato de que, de alguma forma, estávamos prestes a colocar nossas coisas naquela casa, como se aquele pesadelo nunca tivesse acontecido.

Na verdade, ele tinha construído um apartamento para nós no andar de cima — minha mãe amava dizer isso como se fizesse uma grande diferença —, mas eu ainda não entendia por que aquilo era uma boa ideia.

Sim, por favor, vamos morar com o velho rabugento que não gosta de ninguém, principalmente da gente.

Ia ser *tão* divertido.

— Ah, tá — disse mamãe ao telefone. — Tudo bem. Não tem nada pesado, então vamos começar…

Ela assentiu e desligou. Antes mesmo que eu pudesse abrir a boca, seu dedo já estava apontado para mim.

— Não quero ouvir um pio, entendeu?

— Nossa — falei, balançando a cabeça. — O que foi? O que ele fez?

— Nada — respondeu ela, dando de ombros como se estivesse tudo bem. — Ele só teve que ir de barco até Minnetonka para ajudar um amigo.

Fiquei esperando o restante, mas pelo jeito era só aquilo mesmo.

— E… Esse lugar fica muito longe? Quanto tempo ele vai ficar ajudando o amigo com o barco? — Assim que as palavras deixaram meus lábios, fiquei irritada com o quanto aquela situação era ridícula. — Aliás, estamos no meio da droga da tundra… como alguém pode estar andando de barco num tempo desse? Cada gota de água neste lugar está congelada.

— Dani, estamos em Minnesota — rebateu minha mãe, erguendo a voz, frustrada. — Sempre tem um barco na história!

Abri a boca, mas não fazia ideia de como responder a essa declaração.

— Acho que talvez eu tenha acabado de inventar um bordão de turismo incrível — declarou ela. Sua expressão relaxou e um sorrisinho surgiu em seus lábios. — Vamos começar a levar nossas coisas, ele vem quando terminar lá.

— Vamos levar tudo sozinhas… é isso que você está dizendo? — perguntei, enterrando o queixo no casaco, tentando bloquear o vento

cortante.

— Compro uma pizza grande e uma droga de um pônei para você se parar de sarcasmo e me ajudar a levar as caixas para dentro — ofereceu ela, tirando um chaveiro do bolso.

— Posso comer a pizza enquanto ando de pônei?

— Se você tomar cuidado…

— Tá, tô dentro — respondi, vendo-a abrir a porta de tela. — Mas acho que toda a negatividade estava começando a combinar comigo.

Minha mãe usou sua chave — *sim, a chave de quando ela era criança* — e entramos. O primeiro andar era como uma viagem ao passado, tudo parecia igual à última vez. A única diferença era que não cheirava mais a biscoitos; minha avó sempre fazia biscoitos de chocolate quando íamos visitá-la.

Quando chegamos à escada, em vez de nos depararmos com o corredor ao olhar para cima, vimos belas portas francesas. O vidro era jateado, então não dava para ver absolutamente nada do outro lado, mas a luz natural atravessava o material e as portas pareciam brilhar.

— Uau — disse minha mãe, e subiu correndo.

— É mesmo — concordei, indo atrás dela. — Uau.

O andar de cima estava completamente diferente. O piso aconchegante de madeira e os detalhes brancos davam um toque elegante e contemporâneo, o oposto da vibe antiga do andar de baixo. Dois dos quartos haviam sido transformados em uma sala, as paredes derrubadas fazendo parecer que nunca tinha sido diferente. Janelas grandes deixavam tudo claro — claro demais com toda aquela maldita neve — e havia uma lareira de tijolos brancos no centro da parede com estantes brancas.

— Ficou incrível — comentou minha mãe, sem fôlego.

Era difícil lembrar como a casa era antes.

Os dois quartos que restavam também estavam maravilhosos, com móveis novos e um banheiro enorme, e a pequena cozinha tinha tudo de que duas pessoas que não cozinhavam, como nós, poderiam precisar.

Quando minha mãe abriu o segundo par de portas francesas, ao lado da lareira, encontramos um deque com uma escadaria que levava à garagem dos fundos, onde deixaríamos o carro.

Era um apartamento com uma entrada independente.

— Tem certeza de que ele fez tudo isso sozinho? — perguntei, admirada com a transformação.

Eu sabia que o vovô Mick tinha uma marcenaria e gostava de construir coisas, mas aquilo era de outro nível.

— Absoluta — respondeu minha mãe.

Por uma fração de segundo, quase tive a impressão de que seus olhos estavam marejados. Mas então ela balançou a cabeça discretamente e disse:

— Muito bem, vamos botar a mão na massa.

Fomos até o caminhão e começamos a levar as coisas para dentro, mas, com apenas nós duas, parecia que ia levar uma eternidade. Eram muitas caixas com objetos aleatórios — livros, roupas, fotos e sapatos —, e levar uma caixa por vez estava me deixando deprimida com o quanto iria demorar.

— Dani?

Eu me virei ao ouvir aquela voz, e levei um momento para reconhecer o garoto alto de paletó que sorria para mim, a respiração saindo em névoas no ar gélido. Ele estava maior e agora tinha barba, mas, caramba… era ele.

— *Benji?*

Benji sempre foi vizinho dos meus avós. Bem, na verdade, o *pai* dele era vizinho dos meus avós, e Benji passava alguns finais de semana lá. A mãe dele, com quem morava na maior parte do tempo, tinha muito dinheiro e vivia em uma mansão à beira do lago.

Em um condomínio.

Alec sempre o chamou de Rei da Babaquice — muito antes de a gente ter idade para usar o termo "babaca" — porque ele estudava em uma escola particular chique só para garotos e agia como se fosse melhor do que todo mundo.

Você ganhou uma bicicleta de aniversário? Que engraçado. Eu ganhei um cavalo de corrida chamado Titus.

— Agora as pessoas me chamam de Ben — respondeu ele, com um sorrisinho. — Posso ajudar a levar isso? Por favor?

Ele apontou para a caixa em minhas mãos, que parecia estar prestes a abrir pelo fundo.

— Obrigada.

Assim que ele estendeu as mãos para pegá-la, me lembrei da última vez que o vi.

Meu Deus, eu tinha apagado completamente aquele dia da memória.

Já fazia alguns anos, e tínhamos ido até lá para que minha mãe pudesse visitar o pai de Alec no hospital depois de ele ter sofrido um acidente de

carro. Faltavam poucos dias para nossa mudança para a Alemanha, então tínhamos apenas algumas horas, e Benji estava no mesmo voo saindo de Minot.

Fiquei horrorizada quando ele pediu para trocar de poltrona com um homem de meia-idade só para poder sentar ao meu lado, mas depois de alguns minutos até parecia que éramos velhos amigos. A situação me deixou surpresa, porque Benji sempre foi um idiota comigo e com Alec quando éramos crianças.

Estava me sentindo tão sozinha naquela época que o simples fato de ele ter sido gentil foi… bem, *legal*, ainda que fosse um riquinho meio babaca (ele me mostrou pelo menos cinquenta fotos de si mesmo no celular, fazendo coisas como cavalgar sem camisa em uma praia em Bali). E Alec já tinha desaparecido da minha vida, motivo pelo qual eu tinha decidido não ir com minha mãe ao hospital, pois achava que Alec não queria minha presença — embora não soubesse muito bem por quê. Benji foi gentil, afetuoso e amável. Foi surpreendentemente maravilhoso.

Olhei por cima do ombro dele e notei o carro que parecia estar parado em ponto morto na entrada da garagem do meu avô.

— Uau, aquele carro ali é seu?

Não curtia carros, mas meu pai sim, então eu sabia que se tratava de um Maserati Grecale.

É claro que Benji dirigia um SUV que custava centenas de milhares de dólares.

— Aham — respondeu ele, com um sorriso tão orgulhoso que até parecia que ele tinha *montado* o veículo com as próprias mãos. — Quer dar uma volta no quarteirão? Se esquentar um pouco nos bancos aquecidos?

Nojento.

— Ah, desculpa, mas no momento estou ocupada — falei, apontando para a caixa nas mãos dele.

— Ah, é — respondeu ele, com um sorriso decepcionado. — Isto vai lá para dentro?

— Sim.

— Ótimo. — Benji assentiu e começou a andar em direção à casa. — Qual *é* a dessas caixas, afinal?

— Ah, sabe como é — falei, pegando uma luminária de chão e indo atrás dele. — Estamos meio que nos mudando para cá.

— O quê? Sério? — perguntou ele, como se não conseguisse acreditar, mas de um jeito bom. Como se estivesse feliz com a novidade. — Vocês estão se mudando para Southview?

— Estamos. — Abri a porta da frente para ele. — Minha mãe e eu vamos morar com meu avô.

— Não acredito — respondeu Benji, entrando.

— Pois é — falei, e meu estômago se revirou porque eu detestava me mudar. Sabia por experiência própria que ia odiar os primeiros meses, e depois tudo podia acontecer. Talvez melhorasse, talvez ficasse ainda pior. — Pelo jeito esta é minha casa agora.

— Bem, que notícia fantástica — comentou Benji, com um sorriso que dava para iluminar a cidade inteira. — Ficar com meu pai acabou de se tornar muito mais interessante.

Não sabia o que ele queria dizer com aquilo, e para falar a verdade não me importava. Sempre que eu me mudava, era simpática com qualquer um que pudesse entrar na categoria "aliado", mesmo que fosse um riquinho babaca inofensivo.

Pena que ele frequentava um colégio chique, do contrário eu já teria, pelo menos, um conhecido na escola nova.

— Obrigada. Prometo que vamos ficar longe do seu gramado — provoquei.

— Acredite, não estou nem um pouco preocupado com o quintalzinho do meu pai — respondeu ele, o tom condescendente carregado de superioridade.

Ele sempre pareceu ter vergonha do fato de o pai ser um homem comum de classe média, o que fazia com que eu me perguntasse como os pais dele acabaram juntos — ainda que tenha sido por pouco tempo.

— Foi ótimo ver você — disse ele, largando a caixa. Achei que Benji fosse ajudar com a mudança, mas a esperança foi pelos ares quando o vi erguer o colarinho do paletó. — Bem-vinda ao seu novo lar.

Aff, como isso pode ser meu lar?

Dei um sorriso e assenti, porque não sabia ao certo o que dizer àquela versão do Benji — quer dizer, Ben.

Por favor, não fique aqui enrolando para ir embora.

Como seus dentes podem ser tão brancos?

Titus ainda está vivo?

— Quer meu número? — perguntou ele, e minha confusão deve ter transparecido, porque ele logo acrescentou: — Caso precisem de alguma coisa, já que são novas na cidade e tal.

— Ah — respondi, sem jeito. — É…

— Seria ótimo — falou minha mãe, surgindo do nada e me lançando um olhar que *exigia* que eu fosse simpática. — Não é, Dani?

— Sim — concordei, forçando um sorriso e pegando o celular. — Seria, sim.

Ele incluiu seu número nos meus contatos — *Ben Worthington* — e foi embora, explicando que tinha treino. Quase consegui ouvir a voz de Alec fazer uma piada sobre que tipo de exercício idiota Benji estaria praticando — *mergulho em canapés? Competição de amarração de lenços chiques?* —, porque ele estava elegante demais para qualquer esporte que exigisse suar.

— Benji ficou um gatinho — comentou minha mãe, com um sorriso malicioso. — E parece tão encantado perto de você quanto antes.

— Agora é *Ben*, mãe, e a gente não combinou que "encantado" é uma palavra cafona? — falei, corrigindo-a, sem saber por que *Ben* era engraçado, mas era.

Meio que me fazia querer chamá-lo de Benji para sempre.

— É verdade… desculpa — respondeu ela, com um sorriso, olhando pela janela. — Nossa, aquilo é um Maserati?

— É.

Logo que ela terminou de falar, uma buzina ressoou do lado de fora. Eu me virei a tempo de ver uma caminhonete preta parando atrás do carro chique, e a pessoa que estava dentro buzinou impaciente — várias vezes — até *Ben* enfim sair do caminho.

Isso me fez rir, e imaginei a aversão do Benji pela F-250 coberta de neve, mas então vi a caminhonete estacionar na entrada da garagem, atrás do caminhão de mudança.

E vi quem saiu de dentro dela.

De algum jeito, o homem parecia mais alto — e mais durão — do que eu me lembrava, e juro por Deus que ele soltou um palavrão ao bater a porta da caminhonete e apontar para a casa do Benji.

Vovô Mick.

— Pelo jeito o papai chegou — disse minha mãe, sorrindo como se aquele comportamento fosse divertido.

Eu sabia que ela tinha conversado *muitas* vezes com ele por telefone desde que meus pais haviam se separado e nós duas tínhamos ido embora da Alemanha, então era possível que meu avô tivesse conquistado a tolerância dela em relação a sua rabugice.

Mas não tinha conquistado a minha.

Que tipo de avô para de falar com a neta?

Eu me preparei para a chegada dele, com medo do reencontro, porque com certeza ia ser constrangedor. Ele provavelmente ia pedir desculpa, eu provavelmente ia ter que mentir, dizer que estava tudo bem, dar um abraço nele e fingir que eram águas passadas.

Espero que ele não chore.

A porta se abriu com tudo, quase como se tivesse sido aberta aos chutes, e de repente ele estava ali, parecendo mais um personagem de filme de ação do que o meu avô.

— Não acredito que aquele garoto chato parou na entrada da minha garagem… o que o Worthington estava fazendo aqui?

Ele tirou os óculos Ray-Ban e, apesar da falação sobre o vizinho, senti um aconchego quando vi seus olhos. Provavelmente porque pareciam os mesmos de quando ele era meu ser humano favorito no mundo.

Embora meu avô tenha sido um grande babaca, parte de mim quis abraçá-lo. Desesperadamente.

— Ele ajudou Dani a trazer uma caixa — explicou minha mãe, atravessando a sala para abraçá-lo. — Benji estava fazendo uma gentileza.

— Ah, claro — resmungou ele, rabugento, mas envolveu-a em um abraço carinhoso e beijou o topo de sua cabeça. — Como foi a viagem?

— Boa. Mas sentimos frio — respondeu ela.

Quando minha mãe se afastou, não pude ignorar a expressão em seu rosto. Ela parecia tranquila pela primeira vez em… uau, talvez a primeira vez *na vida*, sorrindo para o pai ao acrescentar:

— Dani quase congelou.

— Ah. Hoje nem está tão frio assim — respondeu ele, dando de ombros e olhando para mim.

Não sabia o que dizer, então fiz um barulhinho esquisito, tipo um pigarro, porque o olhar do vovô Mick estava fixo em mim, e isso era… *angustiante*.

Ele me olhava como se estivesse procurando alguma coisa, como se tentasse encontrar alguma coisa escondida em mim ou algo assim. Mordi o

lábio, inquieta sob seu olhar de águia, mas então me dei conta de que ele devia estar procurando as palavras certas para se desculpar.

Quer dizer, *como* é possível pedir desculpa por anos de ausência? *Olha só, garota, mandei mal* talvez funcione, ou quem sabe *Vamos falar sobre o problema óbvio em que todos estamos pensando.*

Cruzei os braços, e minha respiração ficou presa no peito. O silêncio pairava entre nós, até que ele enfim abriu a boca.

E disse:

— Você cresceu.

Você cresceu.

O quê?

Você cresceu?

Isso é tudo que tem a dizer?

Pigarreei e coloquei o cabelo atrás das orelhas.

— Tenho um e setenta.

— É — respondeu ele, assentindo como se eu tivesse confirmado alguma coisa. — Você é bem alta para uma garota.

O que está acontecendo?

Ele continuou olhando para mim e assentindo, e eu quis morrer de tanta vergonha daquele reencontro. Tudo o que o homem que me deixou pilotar seu barco quando eu tinha quatro anos porque eu era sua "Danizinha" foi capaz de dizer foi essa conversa fiada de "você é bem alta para uma garota".

Que momento.

Que pedido de desculpas.

— Vou trazer mais caixas — falei, apontando para a porta e saindo depressa antes que ele tivesse tempo de perguntar sobre quanto eu calçava ou, quem sabe, se eu gostava de picles no hambúrguer.

— Nós já vamos! — Minha mãe meio que gritou, mas não dei bola.

De repente eu estava empenhada na mudança, porque as caixas eram um motivo para evitar minha vida por mais algumas horas.

E deu certo.

Quando enfim esvaziamos o caminhão, e eu estava prestes a entrar e me trancar no quarto que agora era oficialmente meu, minha mãe disse:

— Estão prontos para irmos jantar?

Eu queria me manter distante e inacessível, queria mesmo, mas a verdade era que estava faminta. E morrendo de frio. E exausta.

A perspectiva de uma refeição quentinha parecia o paraíso.

— Eu dirijo — disse vovô Mick, pegando a chave e abrindo a caminhonete. — Eles ainda moram na Fairacre, né?

Espera aí.

— Isso — respondeu minha mãe. — Vou pegar minha bolsa e trancar a porta, mas podem ir entrando no carro.

Espera aí um minutinho. *Fairacre Road*.

O quê???

— Aonde a gente vai? — indaguei, calma, embora já soubesse a resposta e de repente tivesse sido tomada por um frio na barriga.

— Vamos à casa dos Barczewski — explicou minha mãe, como se fosse óbvio. — Sarah preparou um jantar para nós.

— *O quê?* Você não mencionou nada disso — falei, a voz um pouco mais estridente do que pretendia.

— Tenho quase certeza de que comentei, sim. Mas isso é um problema? — quis saber ela, me encarando de um jeito estranho. Dava para sentir o olhar do vovô Mick em mim também. — Achei que você fosse ficar animada.

— Eu *estou* animada — menti, tentando parecer indiferente.

Não queria que minha mãe perguntasse por que eu não queria encontrar Alec. Até onde ela sabia, a gente tinha se despedido cinco anos antes, e nada mais.

O que não deixava de ser verdade, mas ela não sabia sobre os cartões-postais secretos que trocávamos desde o ensino fundamental e que um dia simplesmente pararam de chegar.

Isso era o que me deixava apavorada de encarar.

O constrangimento do chá de sumiço que ele me deu.

— Mas a gente acabou de passar o dia em um caminhão de mudança e de descarregar nossas coisas — argumentei, torcendo para que Alec não se lembrasse daquela bobeira de cartão-postal.

A bobeira que, para mim, não tinha nada de boba.

Enfim.

— Não estou me sentindo exatamente preparada para encontrar pessoas… estou cansada da mudança.

Eu sabia que era besteira ligar para isso, mas não queria estar *assim* — de calça de moletom e com um coque bagunçado — ao reencontrar Alec

depois de tanto tempo.

— Ah, se você quiser ficar em casa — ofereceu vovô, devagar —, eu posso ficar também. Podemos pedir uma pizza ou algo assim.

Ao mesmo tempo, minha mãe e eu nos viramos para olhar para ele, porque… bem, aquilo foi totalmente inesperado. Ele estava tentando passar um tempo comigo? Não sabia o que sentir em relação a isso.

— Não — disse minha mãe de repente, apontando um dedo para ele. — Você é antissocial e come comida de micro-ondas em todas as refeições. Sarah nos convidou e cozinhou para nós, então nós vamos. Fim de papo.

— Nossa, eu tinha esquecido que você era tão mandona — falou meu avô, mas o olhar que lançou para minha mãe transparecia como ele gostava dessa faceta da personalidade dela.

— A quem será que eu puxei? — retrucou ela, revirando os olhos. — Vou pegar a bolsa e a gente vai. Tratem de entrar no carro.

Ela correu até a casa, me deixando na entrada da garagem com vovô Mick. Ele nem olhou para mim ao abrir a porta e dizer:

— Já deve estar aquecido.

— Ah. Legal — respondi, abrindo a porta de trás e entrando, tentando me manter calma embora estivesse prestes a encontrar Alec.

O que iria acontecer em instantes, meu Deus.

Como isso pode estar acontecendo?

CAPÍTULO DOIS

Alec

— Oi, querido. Como foi o dia de trabalho?

— Foi bom — falei, fechando a porta da cozinha e tirando os sapatos. — Tranquilo, graças a Deus.

Eu trabalhava na loja de ferramentas do meu tio nos fins de semana (e sempre que conseguia fazer hora extra, para falar a verdade). Normalmente, apenas aos domingos durante a temporada de hóquei, mas, como havíamos jogado na noite anterior e treinado apenas de manhã naquele dia, eu tinha conseguido um turno extra no sábado.

O que era perfeito, porque eu precisava de patins novos.

Tipo, para ontem.

— Depois do banho, pode dar uma olhada se os gêmeos estão apresentáveis? — pediu minha mãe. Ela abria uma massa no balcão da cozinha — pão de cerveja, *oba* — e olhava três panelas fervendo no fogão. A visão quase me fez chorar de felicidade, porque eu estava morrendo de fome.

— Eles estão vendo TV no porão — disse ela. — Seu pai disse que arrumaria os dois, mas Andy deu uma passada aqui em casa, então ele deve ter esquecido.

— Tudo bem. Mas por quê? — perguntei, tirando o casaco, com muito cuidado ao passar o braço esquerdo, e pendurando-o no cabideiro. — Andy não se importa com a aparência dos gêmeos.

Andy era o melhor amigo do meu pai e quase um membro honorário da família.

— Os Boche vêm jantar com a gente — respondeu ela, como se não fosse nada de mais, concentrada no pão.

Os *Boche*?

— O que exatamente você quer dizer com isso?

Fiquei impressionado com o quão calmo consegui soar quando, na verdade, parecia que eu tinha acabado de levar um chute.

Não era possível que ela estivesse dizendo que Dani iria jantar com a gente.

Minha mãe não falava de Dani e Hannah desde o anúncio de que elas iam se mudar para a cidade, no mês anterior, e eu nutria uma falsa esperança de que não seria para valer.

Não imaginei, de jeito algum, que ela viesse jantar na minha casa.

— Mick, Dani e Hannah — falou ela. — Dã.

— Eles são "os Boche" agora? — perguntei, porque Dani e a mãe nunca tinham usado o nome de solteira da Hannah.

Pelo menos não que eu soubesse.

— Bem, a Dani continua sendo uma Collins — explicou mamãe. — Mas Hannah voltou a usar Boche.

Ela disse isso com um sorriso vitorioso, talvez porque sempre detestou o coronel, mas eu começava a sentir meu peito apertar.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Eu sabia que acabaríamos nos encontrando em algum momento, mas por que justo naquele dia? Meu ombro estava doendo e tudo o que eu mais queria era jantar e me jogar na cama. Fazer *qualquer coisa* já parecia demais, mas ver Dani…

Nem pensar.

— E eles vêm jantar aqui *hoje*? — indaguei, abrindo a geladeira e dando uma olhada, tentando aceitar o fato de que *Dani* estaria na *minha casa*, na minha cozinha, em menos de uma hora.

Não acredito.

Ver Dani outra vez seria péssimo de qualquer jeito, mas vê-la durante uma refeição com minha família, que sempre a amou e puxaria o saco dela sem parar, tratando-a como uma sobrinha amada de quem tinham sentido muita falta, seria ainda pior.

A porta se abriu atrás de mim, deixando entrar o ar gelado.

— Ei, Sarah.

Eu me virei e vi Doug (o outro melhor amigo do meu pai) entrar e fechar a porta.

— É verdade que Mick Boche vem jantar aqui?

— Meu Deus, eu pedi ao John que ficasse de boca fechada — respondeu minha mãe, mas estava sorrindo.

Mick Boche — o avô da Dani — era uma lenda do hóquei. Ele foi o melhor jogador de Southview, um craque da Liga Nacional, até que uma lesão o obrigou a se aposentar no auge da carreira.

E, embora morasse por perto, Mick era famoso por ser antissocial, o que fazia dele um ícone ainda mais misterioso. Quando era visto pela cidade, as pessoas reagiam com um entusiasmo digno de quem tinha avistado o Pé Grande.

— Então é verdade — comentou ele, tirando as botas e passando por mim para pegar uma cerveja na prateleira de cima. — Vamos partilhar o pão com o lendário Mick Boche, caramba.

— *Você*, não — respondeu ela, rindo e apontando um dedo para ele. — Não é um encontro de fãs, é um jantar em família para minha melhor amiga, e por acaso ele é pai dela.

— E eu não faço parte da família? Aliás, bom jogo ontem, Al.

— Não, não faz — retrucou ela.

— Obrigado — respondi ao mesmo tempo.

— Sarah. Por favor — implorou Doug depois de lançar um sorriso para mim. — Você *tem* que me deixar ficar. Vocês vão jantar com meu ídolo, pelo amor de Deus, e só estou pedindo para ficar sentado à mesa em silêncio e testemunhar a grandeza dele. Não vou dar um pio, e vou…

— Você *sempre* dá um pio… muitos pios, aliás… e a resposta é não.

— Ele pode ficar com o meu lugar — ofereci, fechando a geladeira. — Porque eu só quero ir para a cama.

— E você vai, *depois* do jantar — respondeu ela, em um tom autoritário. — Além do mais, achei que você estivesse animado com a volta delas.

— Ah, eu estou — menti —, mas já que agora elas moram aqui, vamos nos ver o tempo todo, né?

— Vou descer — disse Doug, desaparecendo escada abaixo e gritando: — Mas volto para o jantar, Sarah!

— Não volta, não, Doug…

— Que história é essa de que Mick Boche vai jantar aqui?

A porta dos fundos se abriu e Ed, mais um dos amigos do meu pai, entrou e foi direto até a geladeira.

— Ei, Al… ótimo jogo ontem.

— Obrigado — falei.

— Ele vai, mas você, não — respondeu minha mãe, sem nem tirar os olhos da massa.

— Ela está brincando — gritou Doug lá de baixo.

— Mas Big John disse que podia — mentiu Ed, porque todo mundo sabia que meu pai jamais teria coragem de contrariar minha mãe. — Aliás, ele disse que eu podia sentar de frente para o Mick na mesa.

— Até parece — resmunguei.

— Valia a pena tentar, né? — murmurou ele, com um sorriso.

— Desça logo antes que eu machuque você, Ed — ameaçou minha mãe, o que significava que ela iria ceder em relação à coisa do nada-de-fãs-no-jantar.

O que deixaria a situação um pouquinho menos terrível.

Eu teria mais pessoas em quem me concentrar enquanto fingia que Dani Collins não estava na minha casa.

Mas, tipo, *merda* — aquilo não era justo.

Eu já tinha muitas coisas com que me preocupar.

Reencontrá-la, na minha casa ainda por cima, era demais.

Não acredito que ela vai estar aqui.

Que vamos ter que conversar.

Droga.

Segui Ed até o porão e foi uma surpresa agradável ver que os gêmeos já estavam vestidos e não precisavam da minha ajuda. *Ainda bem*. Não me incomodava de ajudar minha mãe, mas às vezes crianças de cinco anos dão trabalho *de verdade*. Cole e Ashton estavam com os olhos fixos na pequena TV no cantinho dos brinquedos, imersos em um desenho sobre cães que trabalhavam no combate ao crime, e meu pai e os amigos assistiam à ESPN na TV maior.

— Como foi o trabalho, filhão? — perguntou meu pai, pegando a bengala e se levantando devagar da poltrona.

Ele semicerrou os olhos e estremeceu ao ficar totalmente ereto, e me dei conta de que nem me lembrava mais de como era vê-lo se movimentar sem dor.

— Tranquilo — respondi. — Graças a Deus.

— Que jogaço ontem, Alec — elogiou Andy, sem sair do sofá. — Como está o ombro?

Cara, se você soubesse…

— Bem — menti. — Roxo-escuro, mas não preto.

— Boa!

— Minha mãe pediu que eu desse uma olhada nos gêmeos antes de tomar banho — falei para meu pai. — Eles estão prontos?

— Sim… estão sob o feitiço da Disney, pode ir tomar banho. Os Boche chegam em uma hora.

— É assim que vamos chamar eles agora? — Não sei por que eu achava aquilo tão irritante. — Os Boche?

Nunca os chamamos daquele jeito antes.

— Eu só repito o que sua mãe diz, você sabe disso.

Continuei irritado, mesmo depois de subir a escada e ir para o chuveiro, ainda mais quando a caixinha de som começou a tocar "Little League", do Conan Gray, a música que sempre me fazia pensar nela.

Em nós, naquela época.

When we were younger
We didn't know how it would be

— Pular música! — gritei para o celular.

Tudo naquele jantar inesperado me incomodava. Elas tinham voltado para Southview, mas e daí? Por que isso era tão importante?

As pessoas se mudam o tempo todo, pelo amor de Deus.

Soltei o ar por entre os dentes ao tirar a camisa porque… *meeeerda*.

A situação tinha piorado bastante.

Dava para lidar com essa questão do ombro quando estava no gelo, mas por algum motivo coisas bobas como erguer o braço acima da cabeça ao me vestir estavam quase me matando ultimamente.

Mesmo com o revezamento constante de ibuprofeno, paracetamol e gelo.

Estava prestes a colocar o celular em cima da pia para entrar no chuveiro, mas recebi uma mensagem.

Vinny: A festa da fogueira do Zack é hoje e parece que todo mundo vai estar lá.

As palavras "todo mundo" e "festa da fogueira" na mesma frase não faziam mais parte do meu vocabulário.

Eu precisava me comportar.

Eu *tinha que* me comportar e ficar longe de festas com o potencial de sair do controle.

No entanto, ao me colocar sob o jato de água quente, virando para molhar o ombro latejante que estava me deixando apavorado porque eu não podia me dar ao luxo — literal e figurativamente — de ser afastado por uma lesão, me senti tentado.

De repente, me entorpecer um pouco não parecia uma ideia tão ruim assim.

CAPÍTULO TRÊS

Dani

Tudo parece igual.

Vovô Mick estacionou, e eu tive a sensação de que tinha voltado no tempo ao olhar para a casa.

Meu lugar favorito no mundo inteiro.

Ou, bem… costumava ser meu lugar favorito no mundo inteiro.

Os Barczewski moravam em uma casinha estilo Cape Cod, cinza com venezianas brancas e uma calçada em curva que levava até a porta, sempre enfeitado com flores — hemerocales e rosas — no verão.

Hoje, os arredores estavam cobertos por bancos de neve na altura dos joelhos, mas ainda assim a casa era tão charmosa que chegava a ser ridículo.

Mas também assustador.

Intimidante.

E eu estava muitíssimo nervosa com a ideia de tocar a campainha.

Nunca ficava à vontade em situações de interação social. *Nunca*.

Eu remoía cada palavra e me preocupava demais com cada detalhe. Ficava tensa pensando no que cada pessoa acharia de mim, da minha aparência, do que eu estava fazendo. Em um dia comum, reuniões em geral me deixavam ansiosa.

Mas, naquela noite, parecia dez vezes pior.

A ideia de rever aquelas pessoas que um dia amei, mas que agora eram estranhas, era ainda mais tenebrosa.

Principalmente porque eu não sabia como seriam as coisas com Alec.

Ao olhar para a janela, desejei saber se eu era apenas uma lembrança distante para ele, se Alec mal se lembrava dos poucos anos em que trocamos correspondências e de quando parou de me responder, ou se não conseguiria pensar em outra coisa quando olhasse para mim.

A nerd dos cartões-postais.

Nossa, não conseguia acreditar que estava prestes a vê-lo.

Como eu ia olhar para o rosto dele, que sempre foi um livro aberto para mim e decifrar seus pensamentos depois de cinco anos sem vê-lo? Isso iria acontecer diante de nossas famílias?

Era demais, e minha respiração já estava acelerada.

Calma, falei para mim mesma. Inspirei fundo e comecei a contar devagar, tentando me lembrar de todas as estratégias para não surtar.

— Tudo bem?

Ao desviar o olhar da janela, percebi que vovô Mick me observava pelo retrovisor. O rosto dele estava sério, assim como estivera o dia todo, mas não havia nenhum julgamento em sua expressão.

— Sim — respondi, pigarreando. — Tudo bem.

No entanto, fiquei muito constrangida com o fato de que ele parecia saber que algo não estava bem.

— Estou tão animada — disse minha mãe, saltando do carro e batendo a porta.

Ela merecia aquela animação. Depois de tantos anos morando longe dos amigos e da família, ela parecia uma criança no Natal.

E eu entendia.

Minha mãe era uma pessoa sociável que, por muito tempo, se contentou com uma vida solitária. Éramos basicamente nós três — meu pai, minha mãe e eu — mudando de base em base, e embora aquilo fosse corriqueiro para mim, porque cresci com aquela rotina, era difícil para ela.

Mamãe tinha *muitas* discussões com meu pai sobre esse assunto.

Assim que saí da caminhonete, a porta da frente se abriu e Sarah surgiu. Ela gritou o nome da minha mãe e veio correndo, parando apenas quando a envolveu em um abraço apertado. As duas soltaram gritinhos e disseram palavras indecifráveis que deixaram minha mãe muito feliz.

Mais uma vez virei para meu avô e me deparei com ele olhando para mim. A sensação era a de que estávamos compartilhando… *alguma coisa* em nossa troca silenciosa, assistindo a minha mãe gritar de alegria.

Então Sarah me abraçou, e ela cheirava — como sempre — a amaciante.

— Olha só para você… está tão linda, Dani! — elogiou ela, sem me soltar.

Eu *amava* Sarah e a abracei *muito* apertado.

— E você, como vai, Mick? — perguntou ela ao meu avô.

Acho que talvez ele tenha respondido que estava bem, mas o que saiu foi mais um resmungo, ao que Sarah respondeu:

— Ah! Que bom.

Tive vontade de rir pela primeira vez desde que tínhamos chegado à cidade.

— Dani, até que enfim! — exclamou Big John, parado à porta.

Foi impossível não abrir um sorrisinho quando ele me envolveu em um abraço de urso.

Ele sempre foi meu tio favorito, embora não fôssemos parentes de fato, e senti meu peito quentinho só de ouvir seu sotaque nortista de vogais arrastadas.

Foi um choque vê-lo de bengala — eu não o via desde o acidente —, mas, pelo que diziam, só o fato de ele estar de pé era um milagre.

— Como foi a viagem, querida? — perguntou Big John.

— Um saco — falei quando ele me soltou. — Longa demais, fria demais, chata demais.

— Fevereiro está só começando, meu bem — retrucou ele, com um sorriso. — Hoje está mais para um dia fresco de outono. É melhor se preparar.

— Você parece um maluco quando diz esse tipo de coisa.

— E você parece minha espertinha favorita — respondeu ele. — Ficamos muito tempo sem nos ver. Como vai, Mick?

Meu avô soltou mais um de seus grunhidos, ao que Big John respondeu:

— E não é?!

Depois disso, Sarah e minha mãe não pararam mais de falar, como sempre, indo para a cozinha envoltas em um misto de exclamações e risadinhas. Fui atrás delas, me perguntando, com o coração na boca, onde Alec estaria.

Na cozinha?

Lá em cima, no quarto?

Será que ele ia surgir de dentro de um armário?

Nossa, eu precisava dar logo um jeito naquilo.

— Quem é você? — quis saber alguém.

Quando me virei, dei de cara com duas crianças, um menino e uma menina, de pé ao lado da escada. Eles pareciam ter por volta de quatro ou cinco anos, ambos vestindo moletons dos Vikings, e estavam esperando que eu respondesse.

— Eu sou a Dani — falei.

— Não, isso é nome de menino aqui — disse a menina, as sobrancelhas franzidas, com uma Barbie meio pelada em uma das mãos.

— Mas é o *meu* nome — rebati, me perguntando por que eu estava justificando meu nome.

— Gostei do seu cabelo — comentou o menino, erguendo o queixo. — Seu coque é grandão.

— Hum, obrigada — agradeci, levando uma das mãos ao cabelo bagunçado.

Quando olhei para meu avô, pude jurar que ele estava quase querendo sorrir.

Mas só quase.

— Acredita que a gente teve mais filhos? — comentou John, balançando a cabeça como se nem ele mesmo acreditasse.

— Espera aí… eles são *seus*? — perguntei, completamente chocada. — Esses dois são *seus* filhos?

— Ei… não precisa ficar tão chocada — disse ele, com um sorrisinho. — Não somos *tão* velhos assim.

— Não, não é isso — expliquei com uma risada, surpresa. — É que eu não fazia ideia. Minha mãe não me contou.

Minha mãe tinha o cuidado de não falar nada que fosse relacionado a Minnesota perto do meu pai, porque ele culpava o lugar por tudo, então não era de se estranhar que tivesse se esquecido de mencionar algo tão importante.

Olhei para os gêmeos mais uma vez, e ficou óbvio. Eles eram muito parecidos com Alec. Cabelo escuro, olhos escuros, a expressão travessa. Era como se fossem pequenos clones dele.

Ou clones de quem ele *costumava* ser.

Quis perguntar a John o que Alec achava de ser irmão mais velho, mas por algum motivo fiquei com medo de falar dele.

Mas parecia que ele estava lendo minha mente.

— Aliás, Alec precisou levar os amigos a algum lugar, mas deve voltar logo.

— Ah — falei, sem saber ao certo o que dizer. Não queria parecer interessada demais no paradeiro dele, mas também não queria parecer tão desinteressada.

— Acho que ele não vai voltar a tempo de comer com a gente, mas vai chegar antes de vocês irem embora.

— Beleza — respondi, aliviada por saber que ele não ia jantar lá.

Fui relaxando aos poucos ao perceber que eu teria pelo menos mais uma hora para me acostumar àquela situação antes que ele aparecesse.

— Vamos nos sentar… a comida está pronta — chamou Sarah.

Minha barriga roncou, porque a comida dela sempre foi maravilhosa. Pelo cheirinho que exalava do jantar, isso não tinha mudado.

— Não precisa pedir duas vezes — respondeu minha mãe, fazendo um gesto para que vovô Mick e eu nos sentássemos ao seu lado.

Eu sentei à esquerda e meu avô à direita da mamãe e, ao aproximar a cadeira da grande mesa de jantar, fiquei surpresa ao ver pratos em todos os lugares.

Muitos *outros pratos.*

— Vá chamar seus amigos — disse Sarah a John, revirando os olhos.

Ele foi para o porão.

— Amigos? — perguntou minha mãe, aceitando a taça de vinho branco que Sarah estendeu.

No minuto que ela terminou de falar, os três subiram atrás de John. Um deles vestia um moletom dos Vikings, os outros dois usavam camisa de flanela.

— Não acredito! — Minha mãe soltou um gritinho, levantando de um salto e correndo para abraçar o homem de moletom dos Vikings.

Assim que o largou, ela abraçou os outros dois.

Para falar a verdade, a cena me deixou completamente boquiaberta.

Dava para ver que os quatro se conheciam, e ver minha mãe daquele jeito foi meio que um choque para mim. Ela foi esposa de militar a vida inteira, não tinha amigos que não fossem as esposas dos colegas do meu pai, com quem ia a eventos na base de vez em quando.

Mas ali estava ela, sorrindo para o trio de homens que começou a provocá-la como se fossem amigos de longa data. Acho que eu sempre soube que ela tinha uma vida antes da gente, mas nunca pensei em como essa vida poderia ser.

— Esta é minha filha, Dani — disse minha mãe. — E este é meu pai, Mick.

Os homens sorriram, educados, e me cumprimentaram, mas então olharam para meu avô como se ele fosse um deus. E logo começaram a relembrar jogos e estatísticas da Liga Nacional sem nem se incomodar em puxar qualquer conversa fiada antes, um tentando puxar mais o saco dele que o outro, comentando sobre o quanto ele era incrível no hóquei.

Foi bizarro.

Eu sabia que meu avô jogava quando era mais jovem, mas eles estavam agindo como se o vovô Mick fosse o Wayne Gretzky.

Meu avô continuou com as respostas monossilábicas e os resmungos, mas não pareceu constrangido com a atenção. Era óbvio que as pessoas o tratavam assim com frequência.

— Será que pode ficar quieto para a gente comer? — pediu Sarah a Ed, apontando para as panelas enfileiradas no balcão. — Você disse que ia se comportar.

— Eu *estou* me comportando — respondeu ele, com um sorriso enorme. — Você acha que eu estou me comportando, não acha, Dani?

Ele deu um sorrisinho e me lançou uma piscadela, o que me surpreendeu.

— Aham — respondi.

— Viu? — perguntou ele para Sarah, apontando para mim. — Dani está me achando ótimo.

— Acho que não foi isso que eu…

— Dani acha que você deveria relaxar um pouco e nos deixar conversar — interrompeu Doug, também dando um sorrisinho. — Não é, garota?

Dei uma risadinha ao ver aqueles homens adultos — desconhecidos — me incluírem em suas piadas.

— Não deixe que eles falem por você — aconselhou Sarah, apontando uma colher grande para mim. — Eles são uns crianções que precisam de disciplina.

— Não fale assim com a nossa Dani — reclamou Andy, com um sorriso largo.

Não consegui evitar sorrir para ele também.

Quem eram aqueles caras?

Como alguém que detestava eventos caóticos em que não conhecia ninguém, fiquei surpresa ao perceber que estava até me divertindo. Fiquei ali sentada, enchendo a boca de comida, e foi impossível segurar o riso ao ouvi-los falarem um por cima do outro sobre hóquei, hóquei e mais hóquei.

Qual é a dessa loucura por hóquei?

Quinze minutos depois, continuavam relembrando um jogo da noite anterior, e eu me perguntei se eles sabiam que aquele era o único assunto do qual falavam.

Até Sarah — e minha *mãe* — tinham entrado na conversa.

Como eu não sabia diferenciar um disco de hóquei de um picolé, tudo o que fiz foi escutar sem emitir nenhuma opinião. Apenas relaxei e curti o momento, de um jeito tão profundo que meio que esqueci que estava nervosa por causa do Alec.

Ele tinha desaparecido completamente dos meus pensamentos até eu ir ao banheiro e ver seu quarto do outro lado do corredor.

E, *não acredito*, o cômodo não tinha mudado quase nada.

Não pude deixar de entrar, porque ver o quarto dele era como entrar em uma máquina do tempo.

Ainda havia uma cama de solteiro no cômodo, embora agora estivesse coberta por um edredom cinza no lugar da colcha dos Vikings da minha última visita. Pôsteres de hóquei continuavam espalhados pelas paredes, embora fizessem muito mais sentido naquele momento.

Achava engraçado que Alec, um garoto nada atlético, tivesse um quarto com decoração esportiva, mas agora entendia que o hóquei era parte da vida daquele lugar, mesmo para aqueles que não jogavam.

Olhei para a escrivaninha no canto, a mesma escrivaninha de carvalho de sempre, e meus dedos coçaram com a vontade de abrir a gaveta. De ver se ainda havia cartões-postais e selos ali.

Será que ele ainda tem os cartões-postais guardados em algum lugar, como eu tenho?

Um arrepio de nervosismo percorreu meu corpo, mas aquilo me permitiu enxergar o lado bom daquela situação.

Pelo menos o desconhecido, no que dizia respeito a Alec, estava prestes a acabar.

Quando eu fosse dormir naquela noite, ele já estaria de volta em minha vida.

CAPÍTULO QUATRO

Alec

— Por que você está agindo feito um babaca antissocial?

Richie se jogou na cadeira ao meu lado, olhando para mim como se eu estivesse cortando o barato dele.

O que era meio irônico, já que ele parecia estar se divertindo como nunca.

Juro por Deus que Richie já tinha descido aquele morro umas quinze vezes.

Todos os anos, desde que eu me lembro, os Novotnys faziam uma fogueira enorme em fevereiro. Os amigos levavam as árvores de Natal do ano anterior e basicamente queimavam coisas aleatórias o dia inteiro e tomavam cerveja enquanto as crianças desciam o morro escorregando em pedaços de papelão.

Antes nós éramos as crianças que passavam o dia brincando ali, mas nos últimos anos Zack acabou assumindo as atividades da fogueira depois que escurecia, quando os adultos entravam, e passou a chamar os amigos *dele* para escorregar e queimar coisas.

— Não estou, não — respondi, relutando em tirar os fones e pausar "hell of a good time", do Haiden Henderson, a música que eu estava ouvindo no repeat enquanto observava a fogueira.

Na maior parte do tempo, eu me considerava sociável, mas naquela noite eu não estava muito a fim de festa.

Puxei o gorro até as sobrancelhas porque, embora a fogueira estivesse acesa, fazia um frio do caramba.

Mas Richie tinha razão.

Não sobre a parte de eu ser babaca, mas eu estava, *sim*, meio antissocial, porque — caramba — não parava de pensar em Dani.

E minha mãe não parava de mandar mensagens perguntando onde eu estava, o que não ajudava nem um pouco.

Mãe: Já está vindo?

Mãe: Dani parece entediada... venha logo.

Mal sabia ela que eu não tinha planos de ir para casa enquanto Dani estivesse lá. Eu teria que encará-la em algum momento, mas preferia que fosse na escola.

De longe.

Eu não precisava participar de um jantar de boas-vindas para a loira pródiga.

Não, essa eu passo.

— A única pessoa com quem você falou desde que chegou foi Tawnee, e ela disse que você está, abre aspas, "bêbado demais para ser divertido".

Olhei para Tawnee e, como se tivesse ouvido o próprio nome, ela também olhou para mim e sorriu. Ela e a melhor amiga, Kylie, estavam enroladas em cobertores do outro lado da fogueira, e eu sabia que devia chamá-la logo para sair antes que alguém fizesse isso antes de mim.

— Nada a ver — respondi, erguendo o copo e sorrindo para ela. — A bebida é minha tentativa de *ser* divertido.

Mas eu não estava bêbado.

Estava tentando ficar, e me dedicando bastante, aliás, mas ainda estava sóbrio e pensativo demais.

Vinny, cuja presença eu não tinha notado, perguntou:

— Você não disse que só ia voltar a beber depois que a temporada acabasse?

— Será que pode parar de pegar no meu pé, mamãe?

— Ah, isso porque você não está sendo babaca, né? — retrucou Richie, com um sorriso sarcástico.

— *Touché* — resmunguei, dando de ombros, porque eles estavam certos.

Eu tinha me comprometido a não beber durante dezembro e janeiro (e fevereiro) porque muitas coisas estavam em jogo para que eu ficasse só curtindo em festas por aí. Estava tudo alinhado, e eu não podia correr o risco de cometer nenhum erro, não quando todo mundo — todo mundo mesmo, juro por Deus — estava contando comigo.

No entanto, naquela noite o risco ficou em segundo plano diante da minha incapacidade irritante de parar de pensar *nela*.

— Para de ouvir música e vem curtir com a gente. Você meio que é a estrela da festa, por mais que eu deteste admitir isso — comentou Vinny, balançando a cabeça como se eu estivesse sendo ridículo. — Quando você se diverte, todo mundo se diverte. Lembra do trenzão do escorrega ano passado?

— O que fez Dex quebrar o dedo?

— Não estou nem aí para isso… foi épico, e foi por sua causa — respondeu ele, com uma risada. — Mas quando você fica quieto e rabugento, ninguém se anima.

— Primeiro, isso não é verdade — retruquei. — Segundo, se *fosse* verdade, não seria minha culpa. Talvez você devesse ser mais interessante, aí *você* poderia ser a estrela.

— Sou tão interessante que chega a ser ridículo, bundão — rebateu ele, com um sorrisinho. — Se o hóquei não existisse, você viveria à *minha* sombra.

Isso provavelmente era verdade. Entre aquele corte mullet idiota (daí o apelido Cabelinho) e o fato de ele parecer mais um defensor de futebol americano do que um jogador de hóquei, Vinny devia ser o garoto mais interessante em todos os lugares que frequentava.

Meu celular vibrou, e respirei fundo antes de tirá-lo do bolso e dar uma olhada.

Mãe: Daqui a pouco eles vão embora... que horas você volta? Acho que a Dani esperava que fosse estar aqui.

— É, bem, não estou nem aí para o que a Dani esperava — resmunguei baixinho.

— O quê? — quis saber Richie, o cabelo bagunçado parecido com as chamas à luz da fogueira. Dizer que ele era ruivo era como dizer que o papa tinha um pouco de espiritualidade: um grandessíssimo eufemismo. — Quem é Danny?

— Neta do Mick Boche — respondi, soltando um suspiro e balançando a cabeça.

E minha ex-melhor amiga.

— Espera aí… Boche tem uma neta? Quantos anos ela tem?

— A nossa idade.

— Sério? — perguntou Vinny, virando a bebida e jogando o copo de papel na fogueira.

— É. A gente meio que se conhecia quando era criança, e ela acabou de se mudar para a cidade — expliquei, o que não era mentira. — Ela vai estudar na nossa escola agora.

— Não acredito… como ela é?

— Imaginei Mick de cabelo comprido, e é uma imagem assustadora para caramba — brincou Richie, rindo.

— Não faço a menor ideia — falei, sem querer pensar nela. Em seu cabelo, suas sardas, sua altura… *Será que ela ficou ainda mais alta?*

— Então por que está irritado com ela?

— Não estou — rebati, completamente na defensiva, consciente de que devia ter soado como uma criancinha emburrada. — É que minha mãe está me enchendo o saco para eu ir para casa ver a Dani, mas eu não quero ir embora da festa.

— E nem devia — concordou Zack, se intrometendo na conversa e falando mais baixo. — Porque Reid trouxe o bong gigante.

— É claro que trouxe — respondeu Vinny, rindo e balançando a cabeça.

Reid era o único garoto que eu conhecia que se comportava como se estivesse em um filme de maconheiros dos anos 1980. Ele não bebia, mas curtia muito fumar.

Eu era o contrário.

Gostava de tomar cerveja quando não estava dirigindo, mas, ao contrário da crença popular (em razão de uns probleminhas que acabaram saindo do controle com força total), não gostava muito de curtição.

Ainda mais o tipo de curtição do Reid.

No entanto, uma hora depois, já que a cerveja não tinha acalmado minha mente, que só sabia focar em Dani (e, como se não bastasse, minha mãe mandou uma mensagem dizendo **Aliás, Dani está MARAVILHOSA**), de repente fazer besteira pareceu uma boa ideia.

— Alguém já fumou *enquanto* descia o morro? — indagou Richie, caindo naquela risada estridente que ele só soltava quando estava alegrinho. — Reid ia parecer uma maria-fumaça se descesse fumando o bong gigante.

— Ele não teria coragem de tentar algo tão épico — falou Vinny, balançando a cabeça. — Fala sério!

— Tem razão, Cabelinho — concordou Reid, assentindo com um sorriso meio chapado. — Mas aposto que sei quem teria.

— Quem seria maluco de fazer isso? — perguntou Zack, jogando uns gravetos no fogo.

— Nosso garoto Zeus.

CAPÍTULO CINCO

Dani

Não estou nervosa, estou concentrada.

Olhei para meu reflexo no espelho do banheiro e repeti o mantra, embora não passasse de conversa fiada. Não tinha nada pior do que os primeiros dias em uma escola nova, e dizer que eu estava nervosa seria um baita eufemismo.

No entanto, ao longo dos anos descobri que, se me concentrasse naquilo que *eu* precisava conseguir alcançar em uma escola nova, me sentia mais no controle e um pouco menos… bem, *impotente*. Em vez de me preocupar com coisas irrelevantes, como o que os outros iriam pensar de mim ou onde eu iria me sentar na hora do almoço, eu me concentrava no que de fato importava.

Como, por exemplo, meu objetivo de ir para Harvard no próximo ano.

Eu queria *muito* ir para Harvard. Queria tanto quanto, em *Gilmore Girls*, Lorelai queria que Rory fosse para Harvard.

Quando eu estava no ensino fundamental, meu pai estava alocado na Base Aérea de Hanscom, pertinho de Boston. Minha mãe me levou para Harvard para passearmos, e passamos um dia inteiro de outono explorando o campus enquanto as árvores ainda estavam repletas de folhas coloridas. Fizemos um lanche na Harvard Square, e eu fiquei apaixonada.

Nunca consegui definir exatamente *o que* eu amava lá, mas Cambridge, em Massachusetts, era o meu refúgio.

Então, sim, meu único objetivo de vida no momento era entrar em Harvard.

Nos últimos anos, eu tinha descoberto que, quando a vida está uma droga, se concentrar em uma meta universitária absurda era uma distração incrível.

Não fez amigos na escola nova?

E daí? Você precisa estudar para ser aprovada em Harvard.

Aquela jogadora de vôlei está tirando sarro de você pelas costas de novo?

Quem liga? Você precisa estudar para ser aprovada em Harvard (algo que aquela ridícula jamais conseguiria, aliás).

Então, o que eu precisava em Southview era a garantia de que iria para Harvard, já que minha inscrição adiantada estava *pendente* e eu continuava esperando uma resposta. Só precisava manter minha média perfeita, marcar uma reunião com um orientador para manter meus objetivos no caminho certo e me certificar de que a única coisa que o setor de admissões veria ao revisar minha inscrição mais uma vez seria que cheguei a Minnesota completamente focada em Harvard.

O objetivo do meu primeiro dia de aula era cumprir essas metas importantes e não me preocupar com mais nada.

Prendi o cabelo e apaguei a luz do banheiro.

Mas, quando fui até a cozinha do nosso pequeno apartamento, havia um bilhete da minha mãe no micro-ondas.

A parte elétrica da cozinha ainda não está funcionando, desça para tomar café.

Maravilha.

Na noite anterior, assim que deitei na cama, me dei conta de que ainda não tinha tido uma única conversa sozinha com meu avô. Com exceção do papo de "você cresceu", não tínhamos trocado nenhuma palavra.

E aquela situação me causava um nervosismo irritante a respeito de como seria interagir com ele.

Mick Boche, lenda do hóquei.

Revirei os olhos ao me lembrar de como as pessoas tinham se comportado na presença dele no sábado, uma mesa cheia de homens se comportando como se a Taylor Swift tivesse aparecido para o jantar, em vez de um idoso rabugento.

Dava para ver que o hóquei deixava as pessoas malucas.

Peguei o casaco e a mochila e desci as escadas, me perguntando se deveria mesmo me dar ao trabalho de comer alguma coisa.

Meu estômago estava tão embrulhado que a ideia não parecia muito promissora.

Quando entrei na cozinha, vovô Mick estava sentado à mesa, lendo o jornal, e minha mãe preparava ovos mexidos no fogão. Ele usava óculos de leitura apoiados na ponta do nariz, e isso deveria fazê-lo parecer idoso, mas na verdade só acentuava o quanto ele era intimidador.

— Bom dia — cantarolou minha mãe, olhando por sobre o ombro e abrindo um sorriso. — Dormiu bem?

— Muito — respondi, sem saber o que fazer, e decidi me sentar à frente *dele*.

— As camas são muito confortáveis, né? — comentou ela, parecendo tão animada quanto uma princesa da Disney.

— Demais — resmunguei, tirando o celular do bolso.

— Você não gostou da cama — falou ele.

Olhei para o outro lado da mesa, surpresa com o tom de voz baixo e rouco e com o fato de aquilo não ter soado como uma pergunta. Vovô Mick me encarava com os olhos semicerrados.

— N-não… é… gostei, sim — gaguejei, dando de ombros. — É ótima.

— Porque posso comprar outra — disse ele, tirando os óculos. — Se você precisar de uma cama mais macia ou sei lá…

O que é uma cama mesmo? A sensação era a de estar sob as luzes ofuscantes de uma sala de interrogatório com meu avô me olhando como se eu tivesse assassinado alguém e ele quisesse saber onde o corpo estava enterrado.

— Não, sério, eu amei a cama.

— Ah! — exclamou ele, cruzando os braços sobre o peito largo, me encarando. — Hoje é dia de usar preto.

— O quê?

Ele apontou para minha blusa com o queixo.

— Na escola. Os alunos vão todos de preto porque é a semana da rivalidade, começando pelo Simley.

— Ah! — Foi a *minha* vez de cruzar os braços. — Vou assim mesmo, mas obrigada.

A lã grossa e quentinha do meu suéter parecia mais importante do que participar de uma ação escolar.

— Então você acha isso inteligente.

Eu *achei* que fosse uma pergunta, mas ele terminou de falar em tom de ponto-final.

O que estava acontecendo?

— Estou quentinha e eu nem sei o que é Simley, então sim… é perfeito.

— Dani — disse minha mãe —, é a semana da rivalidade. Talvez não seja má ideia usar preto hoje.

Ah, se é a semana da rivalidade, né?

Eu sabia que minha mãe tinha a melhor das intenções. Ela sabia o quanto eu detestava o primeiro dia de aula, então a maior preocupação dela era saber se eu me enturmaria.

Mas a verdade era que eu conhecia todas as regras para se enturmar em uma escola nova, tanto que poderia até escrever um regulamento.

Regra nº 1: O importante não é se enturmar, é desaparecer. Ser invisível.

Isso não é ser dramática, é saber como sobreviver.

Como novata, é preciso se vestir relativamente bem para que o pessoal babaca não a veja como uma nerd sem noção e parta direto para o ataque, mas não pode estar bem-vestida demais, ou pode acabar dando a impressão de ser alguém que se acha.

E não é legal ser feia, porque os babacas amam isso, mas a beleza também pode ser vista como uma ameaça, então é melhor ser apenas sem sal.

Ser exatamente como os demais.

Esquecível e desinteressante.

— Acho que assim está ótimo — falei. — Sou novata demais para me importar com isso.

Usar roupas que demonstrem orgulho escolar no primeiro dia pode ser interpretado como forçação de barra.

— Southview deve vencer — comentou vovô Mick, sem tirar os olhos do jornal. — Simley não tem ninguém que seja páreo para o Zeus.

— Imagino que não esteja se referindo ao deus grego…

Eu me arrependi do que falei assim que as palavras saíram da minha boca, porque a verdade é que eu não ligava para esportes.

— Um defensor e tanto — respondeu ele, erguendo as sobrancelhas como se de fato acreditasse que eu queria entrar em uma conversa sobre o assunto. — O garoto é o próximo Kronwall, juro por Deus.

— O que é Kronwall? — perguntei.

— Niklas Kronwall — explicou ele, franzindo o cenho de desgosto. — Jogava nos Red Wings. Defensor lendário.

Aí eu entendi do que se tratava, porque até *eu* sabia que os Red Wings eram um time de hóquei.

Mas não consegui evitar:

— Espere, "defensor"… você está falando de beisebol? Qual é a média de rebatidas desse tal de Kronwall?

— Hóquei. É hóquei — rebateu ele, irritado e confuso em relação a minha burrice, como se não fosse capaz de conceber alguém falar uma coisa

daquelas. — Estou falando de hóquei.

Os homens de Minnesota e seu sotaque, juro por Deus.

— Podemos ir? — indagou minha mãe, me lançando um olhar que deixava claro que ela sabia que eu estava sendo implicante de propósito.

— Só se for agora — falei, quando na verdade meu desejo era estudar em casa.

Eu me esforcei muito para convencer meus pais a deixar que eu terminasse o ensino médio a distância quando decidiram se divorciar, mas eles tinham plena convicção de que o aprendizado em sociedade era tão importante quanto o aprendizado teórico.

Claro, pensei. É essencial que eu, como aluna do último ano, não deixe de reaprender que odeio a escola.

Minha mãe tagarelou o caminho todo. Eu sabia que era o jeito dela de tentar me distrair, mas só fiquei olhando pela janela, para a neve e as casas, tentando não vomitar nas minhas roupas.

Senti meu coração acelerar quando ela entrou no estacionamento e olhei para o enorme prédio de tijolinhos que se erguia à minha frente.

Tudo nele parecia sinistro.

Agourento.

Frio demais.

— Está tão diferente de quando eu estudei aqui — comentou minha mãe, se inclinando para a frente para olhar pelo para-brisa. — Mas é uma ótima escola. E eu te dei o número do Alec caso queira mandar mensagem para ele, né?

Alec não apareceu no jantar, o que foi um alívio na hora, mas só prolongou meu medo de reencontrá-lo. Minha mãe me passou o número dele para que eu pudesse mandar mensagem caso precisasse de alguma coisa, e eu estava cogitando mandar *qualquer coisa* na esperança de acabar com o constrangimento antes que nos encontrássemos cara a cara.

— Aham — respondi, me abaixando para pegar a mochila quando ela se aproximou da entrada.

— Me manda mensagem assim que puder, só para eu saber como as coisas estão indo e parar de me preocupar, tá?

— Tá — falei. — Mas não se preocupa… vai ser ótimo.

Não acreditava naquilo, mas não havia razão para contaminá-la com meu estresse. Isso não a ajudaria em nada, e ela já estava ocupada demais tendo que

superar o casamento fracassado.

— Mando mensagem mais tarde — avisei, abrindo a porta e saindo do carro.

O ar gelado atingiu meu rosto assim que endireitei o corpo.

Nossa, como pode estar tão frio?

— Tchau, querida — disse ela com um aceno, então foi embora.

Engoli em seco e fui em direção à porta, me concentrando em respirar fundo para tentar controlar o pânico. Uma crise de ansiedade no primeiro dia seria um pesadelo, então eu precisava garantir que isso não ia acontecer.

Por favor, Deus, nada de ataque de pânico.

Assim que entrei na escola, avistei a secretaria.

O que foi bom, porque significava que eu não ia precisar perambular pelos corredores, parecendo mais perdida do que já estava me sentindo.

Mas, ao me aproximar, não pude deixar de perceber a quantidade de decorações… *eufóricas* de hóquei espalhadas por todo o interior da escola.

Era ridículo.

Um pôster enorme do time de hóquei estava pendurado na viga do teto alto, e havia pôsteres individuais de cada jogador nas paredes. Eu entendia o conceito de orgulho escolar, mas era cômico ver fotos de um bando de garotos espalhadas por toda parte como se fossem celebridades.

Abri a porta da secretaria e dei de cara com mais cartazes de hóquei dentro da movimentada área administrativa do lugar.

É J !!!

Deem uma segurada, pessoal.

— Posso ajudar? — perguntou a mulher atrás do balcão, segurando um telefone junto à orelha.

— O-oi, ah, meu nome é Dani Collins, sou aluna nova. É, hã, meu primeiro dia — gaguejei.

— Bom dia, Dani — respondeu ela, com um sorriso largo e um tom íntimo, como se estivesse me esperando. — Você chegou um pouco cedo, então, se quiser se sentar em uma daquelas cadeiras ali, imagino que Cassie deve chegar em dez ou quinze minutos.

— Cassie? — repeti, me perguntando se devia saber quem era.

— A aluna que vai te mostrar a escola — explicou ela. — Você vai amar a Cassie… ela é um amor.

— Ah — falei, assentindo. — Que bom.

— Ela conhece todo mundo e todos a adoram, então vai ser uma ótima referência para você.

— Maravilha — respondi, assentindo de novo.

Eu me sentei em uma das cadeiras e olhei pelo vidro na direção do corredor, que estava começando a encher.

Alunos gritavam, grupos andavam juntos… Nossa, como eu odiava tudo aquilo.

Porque, no primeiro dia, não tem como saber quem são as ameaças.

O grupo de quatro garotas rindo, com cabelos lindos e dentes perfeitos? Naquele momento, elas pareciam inofensivas.

Simpáticas, até.

Mas, na verdade, poderiam ser capazes de transformar a vida de alguém em um inferno.

A *minha* vida.

E o mesmo valia para os garotos. Os quatro que estavam perto da estante de troféus, por exemplo, sorrindo e parecendo fofos — eles poderiam ser caras legais, ou então ser do tipo terrível.

Não havia como saber, não existia nenhum sinal de alerta que indicasse o perigo.

Um grupo de garotos com camisas de hóquei passou por ali, caminhando pelo corredor como se fossem estrelas. Passaram pelos pôsteres com suas fotos, andando como se o mundo fosse deles.

Se bem que aquilo não era de se espantar depois do jantar temático sobre hóquei no sábado.

Era óbvio que era a cultura do lugar.

Ainda assim… *me poupem*.

Para ser justa, eu sabia que tinha preconceito com atletas. Era errado julgar todo um grupo de pessoas pelas ações de um ou outro, mas ao longo dos anos aprendi, por experiência própria, que o excesso de confiança que vinha com o sucesso esportivo criava monstros narcisistas.

Se existiam garotas malvadas (e sim, elas existiam), os jogadores convencidos eram ainda piores.

Porque eles detinham um poder tão absurdo que chegava a ser ridículo.

Um jogador podia apenas dizer "a novata é gostosa", e mesmo que a intenção fosse fazer um elogio, isso só faria com que todos os amigos dele sentissem a necessidade de expressar a própria opinião.

Não é, não.

Ela parece uma oferecida.

O nariz dela é estranho.

Mas aqueles óculos de nerd… fala sério.

— Respira — falei para mim mesma, tentando manter a ansiedade sob controle.

Ao ver os jogadores de hóquei andando cheios de si pelo corredor, notei mais um pôster enorme pendurado. Esse pairava sobre todo o pátio da escola, e mostrava as costas de um jogador, o nome z escrito ao longo dos ombros largos.

Que ridículo.

Respirei fundo mais uma vez, inspirando devagar.

Vai ficar tudo bem.

Como se aquela fosse sua deixa, uma garota de cabelo castanho comprido entrou na secretaria. Ela vestia uma legging preta e um moletom com os dizeres óq , e foi direto até a secretária.

— Cassie, você chegou — disse a mulher. — Esta é Dani. — Ela apontou para mim. — Dani, esta é Cassie.

A garota olhou para mim e sorriu como se estivesse feliz por me ver, o que imaginei que era melhor do que se ela parecesse irritada.

É claro que eu sabia que o aluno que se oferecia para mostrar a escola aos novatos era ou uma pessoa de fato legal que gostava de atividades extracurriculares, ou um maníaco por controle que perdia a mão nas atividades extracurriculares.

Tinha esperança de que Cassie se encaixasse na primeira opção.

— Oi — disse ela, abrindo um sorriso. —Você já está com seus horários?

— Sim, eles me mandaram por e-mail — respondi, apontando para o bolso como se ela soubesse que meu celular estava ali.

— Para mim também, e achei incrível que você está em todas as turmas avançadas — comentou ela. — Aliás, amei seu suéter… é uma vibe meio Harry Burns abrindo o jogo sobre namoro com a Sally.

— Obrigada — falei, com vontade de rir daquela referência, mas sabia que era melhor manter a boca fechada.

Porque… e aí vai outra regra importante:

Não compartilhe informações pessoais com quem se ofereceu para mostrar a escola no seu primeiro dia. Por mais que pareça legal, você não sabe que posição essa

pessoa ocupa na hierarquia escolar.

Você conta para a pessoa que se mostrou simpática que *Harry e Sally* é seu filme favorito e dois dias depois acaba descobrindo que ela espalhou que você é uma otária que assiste a comédias românticas antigas com sua mãe em DVD.

Quanto menos se abrir, melhor.

Cassie me levou para o corredor e foi logo ativando a personalidade de guia turístico. Ela ia apontando para tudo conforme avançávamos pela escola, e eu me esforcei para me concentrar nela embora sentisse que as pessoas estavam nos encarando.

Enquanto ela me mostrava o refeitório onde era servido o café da manhã, passamos por mais jogadores de hóquei, e um deles gritou o nome dela.

— O quê? — respondeu ela, com um sorriso. — Não viu que estou ocupada?

— Vi, mas temos uma pergunta — disse o cara ruivo.

— E a pergunta é…?

— Aonde vocês foram no sábado depois da festa? — indagou ele. — Vocês estavam lá e de repente desapareceram. E a gente percebeu que o Kyle também sumiu. Então ficamos nos perguntando se…

— Para — interrompeu ela, revirando os olhos e empurrando o garoto de leve, mas de brincadeira. — Não faço a menor ideia do que Kyle fez depois da festa… não seja babaca.

— Não é isso — respondeu ele, com uma risadinha. — Só queria ter certeza de que vocês chegaram bem em casa.

— Claro que sim. Aliás, esta é Dani… ela é nova aqui.

— Oi — falei.

— E este é Richie — disse ela, apontando para o ruivo. — Ah, e este é o Vinny.

Vinny tinha um mullet loiro tão comprido que ia até o meio das costas. Como se isso já não fosse chocante — qual *era* a daquele cabelo? — ele era enorme.

— Espera… seu nome é Dani? — perguntou Vinny, arqueando as sobrancelhas.

— É… — respondi, sentindo o rosto corar com todos os olhos em mim.

— Caramba… você é neta do Mick Boche? — quis saber Richie.

É, isso está estranho.

— Sou…

Como era possível que ele já soubesse disso?

— Vocês se conhecem? — questionou Cassie, alternando o olhar entre aqueles desconhecidos e eu.

— Não, Zeus falou dela na festa — explicou Richie.

O quê?

— Você conhece *Zeus*? — perguntou ela, os olhos arregalados como se aquilo fosse muito importante.

— *Não* — respondi, sem saber por que aquele garoto achou que eu o conhecesse. — Não, acho que devem estar me confundindo. Não faço ideia de quem é esse tal de Zeus.

Então Richie disse:

— Você conhece, sim! Ele é…

Mas aí o sinal tocou e tudo o que eu ouvi foi… nada.

Porque o barulho era tão alto que parecia que estávamos *dentro* da sirene.

— Até mais tarde, Cassie! — disse o Cara do Mullet, com uma risada e uma reverência. — Foi um prazer.

Mas o que…

Os garotos do hóquei dispersaram na mesma hora, me deixando cheia de dúvidas.

Como um jogador chamado Zeus podia saber quem eu era?

— Beleza, vamos para a aula para você não chegar atrasada no primeiro dia. Ninguém gosta de ser o centro das atenções por isso, né?

Ah, ainda bem que ela entende, pensei.

— É.

— Vou te levar para sua primeira aula e estarei lá te esperando quando acabar para levar você para a segunda. Pode ser?

— Perfeito — falei. — Obrigada.

No entanto, enquanto caminhávamos e ela apontava salas e corredores, não consegui deixar para lá a irritação de saber que um jogador de hóquei tinha falado de mim. Tipo, *comoooo*? Quer dizer, não fazia sentido, porque eu não conhecia ninguém, mas talvez fosse possível por causa do meu avô.

Talvez o pai de Richie fosse um dos amigos de Big John.

Eu queria ser invisível, e por isso aquilo me incomodava. Precisava que esse tal de Zeus esquecesse que tinha ouvido meu nome, se é que tinha ouvido mesmo.

— Chegamos: Literatura Avançada — anunciou Cassie, interrompendo meus pensamentos e apontando para a sala. — O professor é o sr. Hunter, ele é bem legal, então tenho certeza de que você não vai ter nenhum problema. Aliás, vou te dar uma mãozinha.

Ela pegou meu braço e me puxou para dentro da sala.

— Oi, sr. Hunter… esta é Dani, ela é aluna nova.

Ele olhou para o papel que Cassie estendeu, que tinha basicamente meu nome e meus horários, e semicerrou os olhos.

Eu me esforcei para fingir que as pessoas na sala não estavam olhando para nós, embora soubesse que estavam.

— Bem, é um prazer, Dani Collins — cumprimentou ele.

Assenti, sorrindo e desejando que ele falasse mais baixo e me deixasse sentar logo.

— Tem uma mesa livre no fundo da sala… pode ir se sentar. Assim que o último sinal tocar eu te entrego um livro.

— Ótimo — respondi, o rosto pegando fogo.

— Volto quando a primeira aula acabar — repetiu Cassie, com um sorriso.

Fiquei dividida entre o alívio por ela estar indo embora, porque ela tinha uma vibe animada meio exagerada que fazia com que eu me sentisse uma pateta retraída, e a vontade de agarrá-la pelo braço e implorar que ela ficasse e me protegesse.

— Legal… obrigada — falei, e fui para a mesa vazia no fundo da sala.

Onde eu faria o possível para me tornar invisível.

CAPÍTULO SEIS

Alec

É ela?

Avancei pelo corredor, ouvindo a teoria do Vinny sobre Kyle e Cassie, mas estava com os olhos fixos na nuca de uma garota loira desconhecida. Pelo que dava para ver, ela era meio baixinha, tinha cabelo ondulado e estava indo em direção à sala de História.

— Está me ouvindo? — perguntou Vinny.

— Não — admiti, os olhos concentrados naquelas ondas. — Nem um pouco.

Não que eu estivesse interessado nela — *de jeito nenhum* —, mas queria confirmar se era *de fato* ela ou não. Por algum motivo, eu precisava saber.

Ela estava na escola?

Será que Dani estava mesmo andando pelos corredores de Southview naquele instante?

Isso parecia simplesmente impossível.

Caramba, o Alec do oitavo ano teria *pirado*.

— Zeus!

Eu me virei e me deparei com Tawnee, que vinha sorrindo na minha direção, com o cachecol que dei para ela logo antes de ir embora da festa da fogueira.

— Eu disse que ia devolver — falou ela.

Precisei me obrigar a sorrir em vez de olhar por cima do ombro para acompanhar a loira à distância.

Tawnee era gata e legal, então por que eu queria virar o pescoço e ver para onde aquela garota tinha ido? Dani não era nada para mim, então eu definitivamente não queria estragar uma possível chance com Tawnee por causa dela.

Embora, para falar a verdade, fosse bem difícil que Tawnee quisesse alguma coisa comigo, porque todo mundo sabia que ela ainda era a fim do ex-namorado.

— Obrigado — falei, e enfiei o cachecol no bolso.

— Você ficou bem depois da festa? — perguntou Tawnee, e deu para ver que ela achou que eu estava *chapadaço* na fogueira.

Não era o caso, mas eu tinha, sim, passado um pouco do limite.

— Ótimo — respondi, com um sorriso sincero. — Como nunca, obrigado por perguntar.

Ela deu uma risadinha e o sinal tocou, e fiquei feliz por Tawnee ter seguido na direção oposta à minha.

Droga.

Eu não deveria estar feliz.

Precisava relaxar, porque dois dias antes eu só pensava em Tawnee Flanigan, mas naquela manhã queria que ela desaparecesse logo para que eu pudesse brincar de *Onde está o Wally?* com a garota loira.

Dani estava mexendo com minha cabeça e a gente ainda nem tinha se encontrado, o que era idiotice. Ela não significava mais nada para mim, e quanto antes eu esquecesse que ela existia, melhor.

Peguei os fones de ouvido e coloquei Hippo Campus para tocar. "Brand New" era a música perfeita para me fazer parar de gastar tempo e neurônios com alguém que já tinha provado que não valia a pena.

★ ★ ★

— Cara, eu conheci a neta do Mick Boche.

— *O quê?!* — quase gritei ao entrarmos no refeitório.

A confirmação de que estávamos no mesmo lugar me deixou abalado.

— É — confirmou Richie. — Cassie está mostrando a escola para ela, e Vin e eu esbarramos com elas a caminho da primeira aula. Ela é bem bonita.

Vinny arqueou a sobrancelha para mim como quem diz *Nosso bom e velho Richard, o* último *romântico.*

Richie pegou uma pilha de uns dez guardanapos, porque era maníaco por limpeza, e disse:

— Ela tem uma vibe de bibliotecária que cai muito bem e deixa a gente curioso para saber como ela é por detrás daqueles óculos.

— Isso não é uma comédia romântica nem um filme erótico. Óculos são só óculos — retrucou Vinny. — Ela tem a visão ruim e provavelmente um carimbo que usa em sua biblioteca pessoal que diz "Este livro pertence a srta. Boche".

— Isso não diminui meu interesse — rebateu Richie, com uma risada.

— Como vocês sabem que é a neta do Boche? — perguntei, sem saber ao certo o motivo pelo qual eu sentia que tinha sido atingido por uma arma de choque.

— Cass falou que ela se chama Dani. Você não mencionou que esse era o nome dela?

— Aham — respondi, pegando uma bandeja e passando direto pelas saladas, perdendo o apetite de repente. — É ela mesmo.

— Não conseguimos conversar direito porque o sinal tocou — comentou ele —, mas pode ter certeza de que vou esbarrar com ela até o fim do dia.

Isso me deixou irritado sem motivo.

— Eu manteria distância se fosse você — alertei, entrando em parafuso só de pensar em Richie indo atrás de Dani, embora eu não estivesse nem aí para ela. — Ela foi meio babaca na última vez que nos vimos.

— Babaca em que sentido? — indagou ele.

— Ah, sei lá — falei, tentando parecer despreocupado, estendendo a mão para pegar um sanduíche de frango. — Aquele tipo de pessoa em que a gente não pode confiar muito porque vive mudando de opinião. Falsa.

— Ah, a bibliotecária te deu um pé na bunda? — provocou Vinny, com um sorriso, colocando três fatias de pizza na bandeja.

— Não — respondi, porque era a verdade. É preciso estar *saindo* com alguém para levar um pé na bunda, e não era isso que rolava com Dani, nem de longe. — A gente nunca teve nada. Éramos amigos na infância, só isso, e ela foi…

— Falsa, beleza, a gente já entendeu — interrompeu Vinny.

— Me diga que tem *fiestada* para o almoço hoje — disse Kyle ao nos encontrar. — Preciso do meu almoço da sorte.

Kyle era nosso goleiro titular, e era supersticioso para caramba.

Tipo, pior do que o restante de nós juntos.

— Tem — confirmou Richie. — Vi três na bandeja do Bauer quando entrei.

— Vou acabar com aquele magrelo infeliz se ele tiver comido todas as *fiestadas*.

— E você vai conseguir fazer isso — falou Vinny — se não comer seu almoço da sorte antes?

— Ah, merda — disse Kyle, balançando a cabeça. — Não sei.

Não ouvi mais nada que foi dito durante o almoço porque fiquei inexplicavelmente irritado por Richie ter dito que Dani era bonita e minha mãe ter comentado que ela estava maravilhosa.

Para começo de conversa, eu não estava nem aí.

Mas, além disso, tipo, ela não devia estar bonita.

Ela não tinha *o direito* de estar maravilhosa, caramba.

A última coisa que eu precisava era que Dani Collins fosse bonita *e* aluna de Southview.

Não havia espaço para esse tipo de distração na minha vida. Coloquei os fones e tentei abafar o caos com "Come Apart", do The Blues Stones, mas não ajudou em nada. Passei o resto do dia surtado pensando nela, e eu me virava para olhar sempre que um cabelo loiro entrava na minha visão periférica.

⋆ ⋆ ⋆

No entanto, quando fomos liberados mais cedo para a confraternização antes do jogo, ao menos eu já tinha me convencido de que não havia nada errado com o meu comportamento.

Eu estava curioso, só isso.

Era completamente normal se perguntar como uma amiga de infância estaria depois de tanto tempo.

Não era o Alec criança, sendo patético e seguindo a garota por quem era meio apaixonado desde que nasceu.

Não. Era totalmente diferente.

Eu estava diferente.

Era só eu — Zeus — curioso para saber se minha ex-amiga tinha se tornado uma garota bonita ou não.

Nada de mais.

CAPÍTULO SETE

Dani

Ainda bem que a confraternização antes do jogo não é obrigatória.

Fui em direção à porta, animada com a dispensa inesperada. Eu tinha ido até o ginásio com os outros alunos quando fomos liberados para o evento, e só depois de três gritos de guerra e uma música fui descobrir que havia a opção de apenas ir embora.

Aí sim.

No entanto, foi estranho. Embora não fosse obrigatório, parecia que a escola inteira ficara para a confraternização. E não era só isso, vovô Mick tinha razão: quase todo mundo estava vestido de preto. Acabei me destacando com o suéter off-white, embora continuasse convicta do meu pequeno ato de rebeldia, porque ele me dava a sensação de que eu ainda tinha algum controle sobre minha vida.

No instante em que cheguei à saída, o time de hóquei foi anunciado, e pude jurar que todos os alunos levantaram de um salto, gritando como se estivessem em um show, não em um evento da escola.

Eu me virei quando tive a impressão de que a multidão estava vaiando, mas descobri que estavam apenas gritando "Zeus!", feito fanáticos.

Quer dizer, mesmo que esse tal de Zeus fosse um jogador incrível, aquela adoração toda era uma insanidade.

E não tinha como o cara não ser um egomaníaco.

Semicerrei os olhos e percorri a fileira de jogadores, curiosa para ver se ia reconhecer o garoto que tinha falado de mim. Mas eu nunca tinha visto o cara alto que usava óculos estilo aviador e erguia o punho como se fosse o Bender em *Clube dos Cinco*.

Graças a Deus.

Saí do ginásio a caminho da sala da orientadora, grata pelos corredores vazios e pelo tempo extra para me dedicar aos meus objetivos. Ao chegar lá, não só descobri que minha orientadora (Joan Hrznski, de acordo com a plaquinha de identificação) também tinha optado por faltar à confraternização (não havia dúvida de que ela era inteligente), mas que também tinha um tempinho para conversarmos.

— Entra, Dani… senta. Como posso ajudar?

Sentei, respirei fundo e contei o pesadelo de ainda estar no limbo.

Eu tinha feito minha inscrição sob o regime de Ação Restritiva Antecipada porque estava focada em Harvard, mas o divórcio dos meus pais me abalou tanto que minha inscrição acabou não ficando tão atraente quanto poderia.

Quanto *deveria*.

O que fez com que não fosse aceita de imediato, e constasse como pendente.

Nossa, ainda não conseguia acreditar nisso.

Quando perdi a cabeça com a notícia, a orientadora da minha escola na Alemanha recomendou não só manter as notas altas — *Harvard está sempre de olho* —, mas também turbinar meu currículo com atividades extracurriculares na escola nova.

— Bem, estou inclinada a concordar com ela — disse a sra. Hrznski, assentindo. — Continue escrevendo para eles, ligando e mantendo contato com o setor de admissão. Vou fazer o mesmo. Garanta suas atividades extracurriculares aqui em Southview, mantenha sua média alta e tenho certeza de que ainda será possível.

Tinha minhas dúvidas quanto àquela confiança toda, mas acreditaria nela, ainda que parecesse um delírio, porque… que outra alternativa eu tinha?

Não havia condições de encarar a realidade, pelo amor de Deus.

Preferia ligar para o setor de admissão dia sim, dia não até perder o fôlego. Eu imaginava meu primeiro ano em Harvard desde antes de saber o que a palavra "caloura" significava. Fracassar *não* era uma opção.

— Você sabe de alguns clubes nos quais seria fácil entrar? — perguntei.

Sempre fui boa em descobrir atividades que eram ótimas para os formulários de inscrição — clube do meio ambiente, clube de Matemática, Anistia Internacional —, mas que não exigiam muita interação social.

Com um pouco de sorte, Southview teria alguma opção.

— Bem, estamos em fevereiro, querida — respondeu ela, e o uso da palavra "querida" me incomodou.

Não era como se eu fosse uma esposa ou uma criança irritante pedindo algo impossível, fala sério.

Só queria entrar para a droga de um clube de Matemática.

— É um pouco tarde para entrar em um clube — acrescentou ela.

Então, se é tarde demais… por que você me disse para procurar uma atividade extracurricular?

Engoli minha frustração e, com calma, indaguei:

— O que você sugere como atividade extracurricular, então?

— Talvez um esporte para a primavera… Seria ótimo — respondeu ela, assentindo como se aquela fosse a solução perfeita.

Claro, Joan, seria mesmo ótimo se, de repente, eu me tornasse uma pessoa atlética, como num passe de mágica.

— É, hã, eu não pratico nenhum esporte — falei, tentando dar uma impressão otimista, e não de alguém que queria bater a cabeça na parede. — Será que não tem um clube do meio ambiente ou anuário…

— Não, todos os clubes já fecharam — interrompeu ela, com um sorriso e um meneio de cabeça. — Se eu fosse você, iria para casa e tentaria pensar em atividades que talvez não tenham te ocorrido. Quem sabe corrida?

Você acha mesmo que se eu corresse não teria pensado nisso, Joan Hrznski???

— Tudo bem, obrigada — falei, me colocando de pé num salto.

Eu precisava sair de lá antes que perdesse a cabeça e fizesse algo idiota, como chorar.

Saí da sala dela furiosa, afinal, não era ridículo que minha aspiração de ir para Harvard fosse por água abaixo a não ser que eu entrasse para alguma equipe esportiva?

Era absurdo.

Tão absurdo quanto o fato de alguns alunos serem aceitos com base em legado, só por serem parentes de alguém inteligente, e atletas receberem bolsa porque sabiam driblar uma bola usando a camisa de Harvard.

Por que essas pessoas eram vistas como candidatas fantásticas enquanto alguém como eu, que estudou muito a vida toda, talvez só fosse aceita se acrescentasse ao currículo que jogou *boliche* em uma escola em Minnesota?

Maluquice.

Entrei no corredor e cerrei os dentes ao ver a multidão saindo do ginásio.

Que timing, hein?

Só queria ficar sozinha para chafurdar na minha tristeza. Será que era pedir demais? A última coisa que eu precisava era estar cercada de alunos que só queriam saber se o time de hóquei superaria o time do Simley naquele jogo.

E que nome idiota é Simley?!

Em meio à fúria que eu sentia, um grupo de jogadores de hóquei passou, e de repente fiquei cercada. Eles nem perceberam que eu estava ali, absorvida por aquele desfile, presa porque todos eles carregavam mochilas enormes, no estilo daquelas bolsas de lona para atletas.

Por favor, alguém me mata.

Agarrei as alças da minha mochila, mantendo a cabeça baixa no meio daquele sanduíche de celebridades enquanto todo o corredor gritava como se a mera presença deles fosse a melhor coisa que já tinha acontecido no mundo.

A saída ficava logo à frente, então eu só precisava manter a cabeça baixa por mais alguns passos e estaria livre.

— Zeus!

Um dos garotos que estavam à minha frente — o mais alto de todos — se virou, e sua mochila de hóquei gigantesca me deixou no chão.

Literalmente.

A mochila do tamanho de um saco de transportar cadáveres me derrubou com tudo.

— Uff! — Foi o som idiota que deixei escapar ao cair de bunda.

Algo no golpe que levei, e na risada aleatória que ouvi de alguém atrás de mim no corredor, foi a gota d'água.

— Que tal olhar por onde anda?! — vociferei, frustrada demais para me conter. — Só porque você sabe bater em um disco com um bastão não significa que pode passar por cima das pessoas no corredor com essa mochila gigantesca.

Achei que ele não fosse me ouvir, porque o corredor estava muito barulhento, mas o garoto parou. O cara enorme com uma camisa de hóquei se virou e olhou para mim, e eu arquejei quando seus olhos castanhos encontraram os meus.

Olhos castanhos que tinham um toque de âmbar e eram muito familiares.

Olhos castanhos que olharam nos meus inúmeras vezes durante os meses de verão. Olhos castanhos que eu nunca esqueci, mesmo quando me esforcei muito para isso.

Seus lábios se curvaram em um sorriso arrogante, e ele estendeu a mão para mim.

— É um prazer ver você também, Collins.

Alec.

Alec era Zeus. Zeus era Alec.

Estava chocada demais para me mexer, para falar. As palavras me escaparam porque tudo o que envolvia nós dois me atingiu mais forte do que a mochila de hóquei. Alec, *meu* Alec, estava na minha frente, tão perto que eu poderia tocá-lo. Depois de tudo, de todos aqueles anos, enfim estava acontecendo.

Estávamos juntos de novo.

— Zeus! Você vem? — gritou um dos garotos que já estava saindo, me tirando do transe. — O ônibus chegou.

Alec semicerrou os olhos ao me encarar. O silêncio pairou entre nós durante um bom tempo até que ele afastou a mão. A multidão no corredor avançava em câmera lenta, os gritos eram um borrão de barulhos indefinidos, mas eu ouvia a voz de Alec em alto e bom som.

— Vou! — gritou ele, com um biquinho de provocação. — Eu derrubei uma garota com a minha mochila.

Uma garota?

Vi seu pomo de adão subir e descer quando ele engoliu em seco. O sorriso em seus lábios se manteve, mas seu olhar endureceu.

Hum.

Talvez eu não o conhecesse mais, mas reconheci aquele olhar.

Ele… definitivamente *não* estava feliz em me ver.

CAPÍTULO OITO

Alec

Como ela ousa?

Como ela ousa me olhar daquele jeito? O jogo já estava quase começando, mas eu ainda pensava no rosto de Dani ao dar algumas voltas no rinque, tentando acertar o gol livre e ganhar velocidade.

Caramba, aquele rosto.

Richie estava errado.

Ela não era bonita, era maravilhosa.

Dani sempre foi atraente por causa da risada e do jeito despreocupado. Seu jeitinho *Dani* de ser fazia com que fosse impossível tirar os olhos dela.

Já a garota que eu derrubei no corredor… ela era deslumbrante, de cair o queixo. Aquele cabelo loiro ondulado, os olhos castanhos grandes e os óculos pretos… tudo na aparência dela encaixava *perfeitamente*.

Não que eu me importasse.

Eu não era um babaca, mas estaria mentindo se dissesse que não fiquei satisfeito depois de dar as costas para ela e ir embora como se não a conhecesse.

Porque ela não importava mais.

— Merda — resmunguei baixinho ao ouvir o apito, porque o aquecimento tinha acabado e eu mal havia prestado atenção no que estava fazendo.

Eu estava no piloto automático, e isso era a última coisa que deveria acontecer em dia de jogo.

Eu precisava estar *concentrado*. Tinha que agir com propósito.

Deveria estar atento a cada movimento de cada jogador de camisa azul. A única coisa que importava era neutralizar o Simley, ainda mais porque eu sabia que havia olheiros nas arquibancadas.

Mantenha o foco*, idiota.*

Alguns anos antes, eu ficava animado ao imaginar Dani me assistindo jogar na Liga Nacional um dia — casada com um otário e arrependida de suas decisões. Arrependida do que tinha feito.

Na época, aquilo bastava, mas eu não precisava mais de nenhuma baboseira motivacional.

Ela não era nada, e o hóquei era tudo.

Saí do rinque saltando por sobre as placas e bebi um pouco de água, redirecionando meus pensamentos para o jogo quando o treinador começou a traçar as jogadas na prancheta.

E, quando o disco foi lançado, Dani já desaparecera da minha mente havia muito tempo.

Marcamos primeiro quando Bauer acertou uma tacada forte que passou pelo goleiro do Simley em um ataque individual, e Richie fez 2 a 0 ao finalizar uma bela troca de passes com Kirchner e Hardina. O segundo período em geral foi uma droga, e Vinny teve que fazer alguns milagres quando perdemos um pouco o ritmo, mas no fim conseguimos vencer.

Foi na base do esforço, uma partida feia.

Mas uma vitória é uma vitória.

CAPÍTULO NOVE

Dani

— Você voltou — disse Cassie com um sorriso, parada à porta como se estivesse esperando por mim.

— Espera… eu tinha escolha? — perguntei, abaixando o capuz e apreciando o ar quente no rosto.

Mas a verdade era que eu estava tão nervosa quanto no dia anterior.

Southview tinha um sistema de duas grades de horários (A e B) que se intercalavam no decorrer da semana. O que queria dizer que, como o dia anterior tinha sido da grade A, hoje eu teria aulas da grade B, ou seja, mais um dia de aulas novas.

Era como se fosse um segundo primeiro dia.

E o fato de Alec não ter parecido feliz ao me ver estava mexendo com minha cabeça. Eu não entendia a reação dele — se alguém tinha motivo para parecer chateado, esse alguém era eu — e fiquei nervosa com a possibilidade de dar de cara com ele de novo.

E, como se não bastasse, uma das minhas aulas daquele dia era Oratória, disciplina obrigatória para todos os alunos do último ano.

Então, sim, eu estava *mais* nervosa no segundo dia do que no primeiro.

Porque eu era o tipo de pessoa que ficaria nervosa com a ideia de falar em público mesmo que tivesse frequentado aquela escola a vida inteira. Simplesmente não era a minha praia.

Mas ter aula de Oratória em uma escola nova? Um pesadelo.

Eu estava torcendo para que o professor não fosse daqueles que acham uma ótima ideia obrigar a gente a se apresentar para a turma no primeiro dia de aula.

— Acho que não, mas mesmo assim fico feliz que tenha vindo — respondeu Cassie. — Mostrar a escola para você é muito mais interessante do

que só frequentar minhas aulas sem graça.

— É — falei, ainda um pouco insegura a respeito de como conversar com alguém tão extrovertido.

A natureza humana fazia com que eu quisesse me abrir, porque ela era muito simpática, mas a experiência tinha me ensinado que era uma péssima ideia.

— Vamos logo para a sua primeira aula — disse ela. — Porque a sala fica na ala noroeste do prédio, é um pouco longe.

Começamos a andar, e felizmente me senti um pouco menos exposta que no dia anterior. Cassie era tão gentil que, embora eu soubesse que não devia, acabei contando para ela sobre a reunião com a orientadora.

E, caramba, foi bom ter alguém que se importava com as minhas preocupações.

— E você fez alguma coisa ontem à noite, depois dessa decepção? — perguntou ela enquanto passávamos pela biblioteca. — Tenho a sensação de que todo mundo estava no jogo de hóquei, mas imagino que você não.

— Não, fiquei em casa e desempacotei algumas caixas.

Na verdade, desempacotei todas as caixas do meu quarto *e* falei com meu pai por telefone, embora a conversa tenha me deixado emocionalmente esgotada.

Eu tinha uma relação muito estranha e complicada com ele.

Em noventa por cento do tempo, ele era "o coronel" na minha cabeça. Era rigoroso, seguia regras à risca, um pai distante, mas um bom homem.

Um cidadão íntegro e um líder nato, com quem era impossível que eu me identificasse.

No entanto, nos outros dez por cento, quando ele abaixava a guarda… nesses momentos eu sentia tanta saudade dele que doía.

Porque, nesses raros instantes, ele mandava um meme engraçado que eu desconfiava que ele nem tinha entendido, mas de alguma forma sabia que eu ia amar, ou mandava flores para eu saber que ele estava pensando em mim. Passei a vida inteira olhando para ele com os olhos arregalados, aguardando, sem fôlego, por essas ocasiões raras e espaçadas em que ele era só meu pai, não "o coronel".

Aquele tinha sido um desses instantes.

Ele me ligou por vídeo quando cheguei da escola para ver como era meu quarto e, em vez de dizer o nome da minha mãe ou "Minnesota" naquele

tom que sempre usava e que deixava claro que ele não aprovava a mudança, ele disse que a Alemanha não era a mesma sem mim.

E por mais que tenha sido bom ouvir aquilo, fiquei com tanta saudade dele que, mesmo horas depois, ainda não conseguia dormir.

Porque o que eu considerava mais difícil no divórcio era a falta da proximidade forçada. Em uma família comum, intacta, ter pai e mãe por perto é a norma, quer a gente goste disso ou não.

Mas, em um divórcio, nunca é assim e nunca mais vai ser.

Eu *sentia* a ausência do meu pai todos os dias, tanto quanto sentia a presença da minha mãe.

E isso era uma droga.

— Bem, o jogo foi uma loucura — comentou Cassie, imaginando que eu estaria interessada.

— Ah, é? — perguntei, tentando melhorar minhas habilidades de bate-papo. Hóquei pelo jeito era interessante para todos em Southview, menos para mim. — A gente ganhou?

— Ganhou, mas o terceiro período foi um sufoco, até que, faltando cinco minutos para acabar, Zeus marcou.

— *Sério*?

Como Alec podia ser Zeus, o jogador de quem meu avô não parava de falar e que tinha inspirado mil cartazes por aí? Ele era uma criança nada atlética, meio desastrado de um jeito fofo, e do tipo *prefiro jogar Roblox*.

Então como ele podia ser não só um atleta, mas um jogador de *hóquei* do ensino médio?

Não fazia sentido.

Fiquei repassando a cena do nosso reencontro na cabeça sem parar desde que aconteceu, e senti cada vez mais raiva. Ele *não* se desculpou por me derrubar com a mochila, e ainda saiu andando como se não me conhecesse e ficou dando risada da cena com os amigos.

Ele me chamou de "uma garota".

Eu não deveria me importar, mas saber que meu melhor amigo de infância tinha virado um atleta arrogante e grandalhão era deprimente.

E eu achando que ele seria o lado bom da mudança.

— Sério… ele praticamente ganhou o jogo sozinho, mas isso não é novidade. Ele meio que sempre faz isso.

— Então Alec é *bom* no hóquei.

Parecia impossível, embora a nova versão dele de fato *parecesse* um jogador de hóquei.

— Está falando sério? — perguntou ela, como se eu tivesse acabado de perguntar se a Terra é redonda. — Dizer que Alec é bom no hóquei é como dizer que LeBron James dá para o gasto no basquete. Ele quebrou um zilhão de recordes da escola e tem chance de ir para a Liga Nacional. Ele é tipo… o *melhor*.

— Alec *Barczewski*. — Era estranho demais para acreditar, mesmo depois de ver a reação da escola à sua entrada na confraternização antes do jogo. — Não acredito!

Ele costumava ser tão atlético quanto eu, ou seja, nadica de nada.

— Então quer dizer que vocês se *conhecem*? — quis saber Cassie, semicerrando os olhos. — Ontem você disse que não.

— É que eu não conhecia Alec pelo apelido — expliquei, chocada. — A gente se conhecia quando era criança, antes de ele ser o Zeus. Ele é como se fosse meu… primo de consideração, sabe?

Não queria que ela achasse que existia um vínculo entre nós, porque a última coisa de que eu precisava era ter ligação com um atleta popular. Aquilo podia acabar comigo antes mesmo que eu fizesse amizade com alguém.

— Faz anos que a gente não se vê, então ele é praticamente um estranho — acrescentei.

No mesmo instante em que disse isso, passamos por mais um pôster do time de hóquei, e desta vez meus olhos logo focaram nele.

Zeus.

Aff.

Alguma coisa na expressão dele naquela foto me lembrou da vez que Alec ficou com o olho roxo jogando beisebol nas férias de verão do sexto ano. Uma bola veio com tudo em sua direção, mas em vez de pegar com a luva, ele pegou com o rosto.

E ficou *feliz* por passar o restante do jogo no banco, e depois o pai dele nos levou para tomar sorvete.

Aquele era o meu amigo.

Não conseguia acreditar que Alec (desculpa, *Zeus*) havia se tornado o tipo de garoto que eu tinha aprendido a evitar em todas as escolas em que estudei.

Acho que chegou a hora de evitar meu ex-melhor amigo.

Mas pelo jeito não ia ser tão fácil assim. *Ah, universo, o que foi que eu te fiz?*, pensei ao entrar na sala de Oratória e dar de cara com *ele*.

Eu já queria vomitar por causa do meu pavor de falar em público e de primeiros dias, e ali estava ele, sentado na última fileira com dois outros garotos, ambos sorrindo e com as pernas esticadas embaixo da mesa como se fossem os donos do pedaço.

— Esta é Dan Collins — anunciou a sra. Sykes para a turma. — Ela é aluna nova. Deem um oi para ela e a ajudem com o que ela precisar. Tem uma mesa ali para você.

Eu sabia que devia corrigi-la — *é Dani* —, mas não consegui nem abrir a boca.

Então agora as pessoas iam me chamar de "Dan" pelo restante do ano.

Olhei para onde ela apontava e vi que ficava longe de Alec, o que era bom, mas as cadeiras estavam organizadas em U, então eu ia ficar de frente para ele e seus amigos o tempo todo.

Maravilha.

Não pude deixar de olhar para ele quando passei por sua mesa, e bem na hora ele virou a cabeça e seus olhos encontraram os meus.

Ele sorria como se fosse um rei se divertindo com a presença de uma mera camponesa.

Cerrei os dentes e estava prestes a virar a cara, mas ele deu uma piscadela.

Ele deu uma *piscadela* para mim.

Talvez tenha até estalado a língua, mas não tenho como garantir que não foi meu cérebro que acrescentou esse efeito sonoro tosco.

Eu me sentei e abri a mochila sentindo o rosto pegar fogo, dividida entre o nervosismo e a vergonha e meio que querendo dar um soco na cara dele por ter dado uma piscadela para mim.

Quem faz isso? Que tipo de aluno do último ano, de dezoito anos, lança uma *piscadela* para alguém?

A arrogância necessária para dar uma piscadela quando alguém olha na nossa direção é espantosa.

Por sorte a professora deu início à aula e, como tínhamos que fazer anotações, esqueci o senhor piscadela do outro lado da sala. Eu me joguei de cabeça na atividade, anotando cada palavrinha, porque aquilo era muito melhor que tirar os olhos do papel.

No meio da aula, olhei na direção dele e vi que Alec estava deitado na mesa, dormindo.

Ele estava dormindo na aula como se não se importasse.

E aquilo meio que me deu vontade de chorar, para falar a verdade. Tive a sensação de que tinha perdido alguma coisa (embora essa fosse uma perda antiga), porque passei aqueles cinco anos, durante todos os dias ruins, imaginando que meu melhor amigo ainda existia em algum lugar, mesmo que ele não fizesse parte da minha vida.

Naquela época, eu acreditava que talvez *um dia* voltássemos a ser amigos.

Mas fui obrigada a encarar a realidade de que essa possibilidade não existia mais.

CAPÍTULO DEZ

Alec

— Não acredito que você dormiu de novo — comentou Kyle.

— Não acredito que a professora Sykes deixou — respondi aliviado quando saímos da sala.

Porque eu precisava muito daquele cochilo.

Na noite anterior, depois do jogo, eu tinha ficado acordado com o ombro latejando até o despertador tocar, juro por Deus. Estava exausto, e cochilar na aula de Oratória foi maravilhoso.

O único choque foi ter conseguido dormir depois de ter levado um soco no estômago com a presença da Dani. De algum jeito, embora eu soubesse que ela estava estudando na minha escola, não tinha considerado a possibilidade de acabarmos juntos na mesma aula.

Quando ela entrou na sala, eu mal consegui respirar.

Como aquilo podia estar acontecendo? Eu não queria Dani em Southview, e não a queria na minha vida de jeito nenhum, mesmo que fosse na droga da aula de Oratória.

Era inacreditável.

Ela ficou com o rosto vermelho e foi até a mesa com a cabeça baixa. Se eu não a conhecesse, acharia que ela era supertímida.

Mas Dani Collins não era nada tímida. Nem de longe.

Eu não sabia se era fingimento ou se ela estava insatisfeita por me ver, mas não importava.

Ela era só mais uma aluna da minha escola, e eu ia ignorá-la como fazia com qualquer outra garota que não fosse minha amiga. Coloquei Connor Kauffman para tocar nos fones e tratei de superar.

No entanto, por algum motivo, quando a vi pela janela da biblioteca na hora do almoço, vi que era impossível. Ela estava sentada sozinha e, nossa, não

deu para ignorá-la.

— Ei, eu vou dar um pulo rapidinho na biblioteca — falei para Kyle, sem tirar os olhos daquele cabelo loiro e daqueles óculos. — A gente se encontra no refeitório.

— Eu vou com você — respondeu ele com um sorrisinho. — Já entendi tudo.

— Não é o que você está pensando — rebati quando ele apontou com a cabeça para Dani. — Só preciso pegar um livro.

— Aham, eu também — falou ele, grudado em mim enquanto eu abria a porta da biblioteca e entrava.

Por meio segundo, olhei para ela sem que ela me visse. Dani estava concentrada no livro que tinha nas mãos, então aproveitei para observar minha velha amiga.

Caramba.

Eu podia não estar mais nem aí para Dani, mas o menino que passou a infância inteira atrás da melhor amiga feito um cachorrinho precisava de um segundo para memorizar aquela versão atualizada dela.

O cabelo, que antes era rebelde, agora caía em ondas compridas ao redor do rosto, como se ela tivesse aprendido a domar sua impetuosidade. O que talvez fosse verdade também no que dizia respeito à sua personalidade, uma vez que eu ainda não tinha visto aquele sorriso enorme que ela sempre exibia.

Dani ficava *linda* com a blusa preta de gola alta que estava vestindo. Era simples, nada excepcional, mas era como se realçasse sua pele macia e o…

— *Cara!* — chamou Kyle, sorrindo para mim como se tivesse me pegado no flagra encarando a novata.

Porque era exatamente isso que tinha acontecido.

— Não enche — respondi, indo até a mesa dela. — E aí, Collins? — falei, me jogando na cadeira à sua frente embora não fizesse a menor ideia do que eu estava fazendo ou de qual era meu plano.

Ela era como um ímã me atraindo em sua direção.

Eu detestava isso.

Dani tirou os olhos do livro, e por uma fração de segundo tive a impressão de que ia sorrir.

O tempo parou por um instante, aqueles olhos castanhos de cílios compridos que eu conhecia *tão* bem me olhando por trás dos óculos pretos, e

eu quase tive saudade da garota que eu conhecia.

Mas então seus olhos saltaram para Kyle, e de volta para mim, e ela piscou algumas vezes, atônita:

— Oi, Alec.

— E aí, por que está se escondendo na biblioteca na hora do almoço? — quis saber, me forçando a me controlar e parar com aquela baboseira de *saudade*.

— Não estou com muita fome e queria ler — respondeu ela, dando de ombros.

Então voltou a olhar para o livro, me ignorando.

Como se não quisesse mais saber de mim.

Do mesmo jeito que não quis naquela época.

E de repente eu senti vontade de irritá-la.

De cutucar aquela compostura silenciosa e distante que tanto me incomodava.

— Você já conheceu o Kyle? — perguntei. — Este é Kyle. Kyle, esta é minha velha amiga Dani. Diga *oi*, Dani.

Mais uma vez ela tirou os olhos do livro, a irritação estampada em seu rosto.

— Oi — disse ela.

— E aí? — respondeu ele, sorrindo, mas parecia confuso.

Fazia sentido, o clima entre nós dois estava bem estranho.

— Então, está gostando de Southview? — indaguei, apoiando o queixo na mão como se estivesse muito curioso.

— Normal — respondeu Dani.

Uma ruguinha se formou entre suas sobrancelhas quando ela baixou o olhar até meus lábios, registrando o que eu tinha certeza de que parecia um sorrisinho sarcástico.

Ótimo.

— Sobre o que é? — perguntei, sem nenhum motivo, estendendo a mão e dando um peteleco na capa do livro. — *O assassino cego* não é sobre um matador com deficiência visual, é?

— Não. — Ela pigarreou e fechou o livro com os olhos semicerrados. — Posso te ajudar em alguma coisa? Estou tentando ler um pouco antes da próxima aula, mas posso ir para outra mesa se vocês quiserem conversar por aqui.

— Mas a gente quer conversar com *você*, Dan — falei, incapaz de não agir como um idiota.

— Não acho que isso seja verdade, *Al* — retrucou ela, encobrindo a irritação com um sorriso falso, parecendo a antiga Dani por um instante. — Parece que você só quer me atrapalhar.

— É divertido atrapalhar você — respondi, me perguntando, ao olhar para suas unhas cor-de-rosa, se ela ainda insistia que as dos dedos dos pés combinassem. — O que posso dizer?

— Você poderia ficar quieto — rebateu ela, tão baixinho que *quase* não ouvi.

— Nossa, vocês são *mesmo* amigos de longa data — disse Kyle, rindo. — Parecem até irmãos.

— Aí está você!

Nós três nos viramos quando Cassie entrou na biblioteca e correu até a mesa.

— Procurei você por toda parte, Dani, porque imaginei que talvez quisesse se sentar comigo e com minhas amigas no almoço.

Ela já era amiga da Cassie? *Droga*. A última coisa de que eu precisava era da Dani aparecendo em todos os lugares aonde eu fosse com meus amigos.

— Na verdade, acho que vou ler um pouco, porque este livro é muito bom — respondeu ela, envergonhada porque estávamos todos olhando para ela. — Mas obrigada.

— Imagina — falou Cassie, olhando para mim. — Vejo que encontrou seu velho amigo.

Dani pareceu constrangida.

— Ah, é… — disse ela olhando para mim.

— Já contou para ela sobre a gente, é? — Provoquei, sem conseguir me conter. — Sobre sua relação com Zeus?

Isso a fez torcer o nariz como se tivesse sentido um cheiro ruim.

— Não foi nada disso.

— É, no início ela nem sabia quem você era — contou Cassie, puxando uma cadeira para se sentar ao lado de Dani. — Aliás, eu estava pensando sobre aquele problema com Harvard.

— Ah, qual o problema com Harvard? — perguntei, pegando o livro da mão dela.

Dani me lançou um olhar que claramente dizia *não se meta*.

— Não é nada…

— A inscrição da Dani está pendente, e Harvard é a única faculdade que ela quer — explicou Cassie. — Então ela precisa de atividades extracurriculares aqui em Southview para garantir a vaga, mas é meio tarde para entrar na maioria dos clubes.

A única faculdade que ela quer.

Pigarreei, afastando da mente a imagem de Dani com uma camiseta vermelha de Harvard quase todos os dias durante as férias de verão do sexto ano.

Comecei a abrir o livro que tinha pegado, mas Dani o arrancou da minha mão.

— Hrznski não ajudou, só disse para ela praticar algum esporte, o que é ridículo, não é? — Cassie fez uma careta. — Como se alguém pudesse simplesmente começar um esporte novo no último ano.

Fiquei irritado ao ouvir Cassie falando sobre a coitadinha da Dani, porque eu não tinha escolha no que dizia respeito ao meu futuro acadêmico. Não importava onde eu queria fazer faculdade porque, a não ser que alguma coisa mudasse, esse não era o plano para o ano seguinte. As pessoas apenas supunham que eu iria entrar para um time amador ou treinaria em Michigan.

E *sim*, era a realização de um sonho ter tantas oportunidades no hóquei, mas ninguém nunca perguntou a *minha* opinião. Para ser sincero, eu queria ir para a faculdade como todo mundo, queria muito. Queria estudar História, me perder em bibliotecas antigas e morar no dormitório, mas me sentia péssimo só de pensar nisso. Quantos garotos fariam de tudo para estar no meu lugar?

Ainda assim, Dani reclamar porque talvez não fosse aceita na faculdade de elite dos seus sonhos não inspirava minha compaixão.

— Está arrependida de nunca ter praticado nenhum esporte, Collins? — perguntei. — Talvez devesse ter feito aulas de patinação em vez de ficar lendo o tempo inteiro.

— E correr o risco de virar uma egomaníaca com um apelido idiota? Prefiro estudar em uma faculdade comunitária, obrigada.

Caramba, aí está ela: a garota que brincava comigo todo verão.

— Eita — interveio Kyle, rindo. — Por acaso a novata acabou de aniquilar você?

— Acho que ela tentou, sim — respondi, dividido entre a irritação e a vontade de rir.

— Acho que ela conseguiu — disse Cassie, rindo.

— Vou contar para a sua mãe — falei, largando o livro na mesa diante de Dani.

— X-9 — respondeu ela, com um sorriso, e no instante seguinte percebi que ela se deu conta do que tinha acabado de dizer.

Ah, o olhar do arrependimento.

A gente repetiu "X-9 acorda com a boca cheia de formiga" durante um verão inteiro como duas crianças que sempre dão risada das mesmas piadas estranhas.

Foi interessante ver aquilo surgir tão naturalmente em seus lábios.

Ela podia até ter me abandonado, mas não tinha esquecido.

CAPÍTULO ONZE

Dani

— Vem comer, filha!

Larguei a caneta e me espreguicei, porque estava estudando desde que cheguei em casa, às três e meia, e já eram quase sete horas. As disciplinas avançadas de Southview eram complexas, e eu precisava dar conta da grade curricular porque não podia tirar menos do que a nota máxima.

Mas estava morrendo de fome e um cheirinho muito bom estava vindo lá de baixo, então desci correndo.

Quando cheguei ao andar de baixo, vovô Mick enrolava espaguete no garfo, assim como minha mãe, sentada ao lado dele.

— Ah, graças a Deus! Espaguete — falei baixinho, faminta

Estava assim porque não tinha almoçado na escola.

Fazia *anos* que eu não almoçava em um refeitório.

Essa era mais uma das lições importantes ao entrar em uma escola nova. Era muito melhor se perder em um livro da biblioteca na hora do almoço do que lidar com um refeitório lotado. Bibliotecas são tranquilas e nem um pouco ameaçadoras, e passar um pouquinho de fome era melhor do que passar uma baita vergonha.

Embora naquele dia a situação vergonhosa quase tenha acontecido *na* biblioteca.

Mesmo depois de descobrir que Alec se tornara um atleta arrogante, fiquei surpresa ao ver que ele parecia achar divertido implicar comigo.

Eu achava que a proximidade das nossas famílias ia fazer com que ele no mínimo me ignorasse, já que dava para ver que tinha decidido que eu não era digna do tempo de uma estrela do hóquei, então vê-lo sentado ali tentando se inserir na minha vida só por diversão foi uma grande surpresa.

Detestava saber que uma parte de mim queria descobrir o motivo. Também odiava o fato de que ele claramente não queria mais ser meu amigo. Talvez *Zeus* fosse apenas popular demais para mim.

E eu também estava surtando com a possibilidade de ele ter tirado sarro dos meus cartões-postais com os amigos.

— Como foi a aula hoje? — indagou vovô Mick, me tirando daquele transe.

— Foi boa — respondi, e o encarei, porque não parecia que ele estava perguntando só por perguntar.

Será que sabia de alguma coisa?

— Está gostando de Southview? — quis saber ele, pegando um pão de alho e dando uma mordida.

— Tanto quanto de qualquer outra escola — falei, pegando um prato e me servindo do macarrão que ainda estava no escorredor na pia.

Não reconheci a panela, nem o escorredor, nem o cheiro do molho. Será que *meu avô* tinha preparado o jantar?

Minha mãe sempre usava molho pronto.

— É a receita da vovó — comentou ela, lendo meus pensamentos e levando uma garfada de macarrão à boca. — Ele acertou em cheio, e as almôndegas estão perfeitas.

— Foi você que fez? — perguntei ao meu avô.

— Por quê? Acha que eu não sei cozinhar?

Não sabia dizer se ele tinha se ofendido ou se estava me provocando.

— Na verdade, não faço ideia — falei, o que era verdade, mas assim que as palavras deixaram meus lábios me dei conta de que a resposta pareceu uma cutucada a respeito da ausência dele.

Pensando bem, até que ele merecia, mas não tinha sido minha intenção.

— Fez amigos hoje? — perguntou meu avô quando me sentei do outro lado da mesa, os olhos dele vidrados no celular.

Por que ele estava me perguntando sobre a escola?

— Claro — falei, embora Cassie tivesse sido a única pessoa a me tratar de um jeito amigável, e ela era obrigada a agir assim.

— Você gostaria de… é… falar sobre alguma coisa que possa estar te incomodando?

Ele estava falando sério? Talvez minha interação com Alec — *aff, Zeus* — tivesse me deixado desconfiada em relação a tudo, mas… para que tantas

perguntas?

— Como assim? — perguntei.

— Acho que ele só quer saber se você quer conversar sobre alguma coisa — respondeu minha mãe, estendendo a mão para pegar um pedaço de pão e olhando para mim como quem diz *seja simpática*.

No entanto, ele *continuava* olhando para o celular, não para mim.

— Foi… isso que você quis dizer?

Vovô Mick soltou um suspiro e enfim ergueu os olhos do celular.

— Sei lá.

Então eu dei de ombros.

— Estou de boa.

As palavras "como conversar com adolescentes sobre a escola" na tela do celular chamaram minha atenção, depois o aparelho vibrou e ele o pegou.

Espera… Ele estava pesquisando sobre como conversar comigo?

Eu o encarei, morrendo de curiosidade de saber se era verdade. *Será?* Senti um calorzinho no peito ao pensar no assunto, porque a ideia de ele estar tentando me conhecer melhor era… bem, *legal*.

No entanto, meu corpo logo enviou uma dose de ansiedade para meu estômago, porque era bobeira ter qualquer esperança no que dizia respeito àquela relação absolutamente confusa, não era?

— Ah, droga! — exclamou ele ao ler a mensagem que tinha acabado de receber.

— O que houve? — perguntou minha mãe, se aproximando para espiar o celular.

— Ah, droga, isso não é nada bom — comentou ele, estendendo a mão para que ela visse.

— O que está acontecendo? — eu quis saber.

— Esse é o *Alec*? — indagou minha mãe, pegando o celular e semicerrando os olhos para a tela.

— O que Zeus, o Deus do Hóquei, fez agora? — questionei, espetando uma almôndega com o garfo. — Andou sobre as águas?

Mas, quando levantei o olhar, os dois estavam olhando para mim como se eu fosse insensível.

— O que houve?

— Vou ligar para a Sarah — disse minha mãe, levantando em um salto e subindo a escada correndo.

— O que aconteceu? — perguntei ao vovô Mick, preocupada de repente. — Está tudo bem?

Ele negou com a cabeça.

— Alguém compartilhou isso nas redes sociais.

Ele estendeu o celular, e o que vi foi uma foto do Alec.

Ele segurava o que parecia ser o maior bong do mundo, com os olhos semicerrados e meio chapado. E feliz.

Ao fundo, havia uma fogueira enorme.

— No que ele estava pensando? — sussurrei, aliviada por ele não estar ferido, mas ao mesmo tempo decepcionada.

Como era possível que Alec tivesse se tornado *aquele* cara?

— Ele não pensou direito — retrucou meu avô. — E agora ferrou com o próprio futuro.

— Mas a maconha não foi legalizada em Minnesota? — perguntei. Para falar a verdade, não sabia nada sobre o assunto, mas a reação do meu avô parecia um pouco exagerada. — Quer dizer, sei que ele é menor de idade, mas duvido de que algo assim possa destruir seu futuro. Ele não vai ser preso por ter usado drogas, vai?

— Não, estou falando sobre o futuro dele no hóquei.

— Ah. Entendi — falei, e devo ter soado despreocupada demais, porque ele olhou para mim como se eu fosse uma idiota insensível.

Mas não era bem assim.

Embora eu não conhecesse aquele estranho que Alec havia se tornado, não queria que coisas ruins acontecessem com ele.

— Alec pode ter arruinado a chance de entrar para a seleção nacional — explicou meu avô.

— Não sei o que isso quer dizer. Tipo, a que vai para as Olimpíadas?

— Aham — respondeu ele. — Existe um conselho do hóquei que decide quem é selecionado, e se eles acharem que Alec vai ser um fracasso quando chegar ao próximo nível ou uma péssima influência no vestiário, vão escolher outra pessoa.

Não acredito. As *Olimpíadas*. Ele era *tão* bom assim? Bom a ponto de ser chamado para as *Olimpíadas?*

Alec pode ter se tornado um babaca completo, mas não tinha como aquilo ser bom para ele ou para Big John e Sarah. E eu detestava aquela situação.

Não por causa do *Zeus*, mas por causa do velho Alec que era meu melhor amigo.

— Tem alguma coisa que ele possa fazer? — indaguei. — Ele é só um adolescente. Não pode se desculpar?

— Não sei — respondeu meu avô, pegando uma almôndega. — Se fosse a primeira vez, talvez deixassem para lá, mas meus amigos disseram que ele já foi pego com drogas ano passado, e se envolveu em algumas brigas, então talvez achem muito arriscado.

Brigas? No plural? Tipo, várias brigas?

— Não acredito que Alec virou alguém que só quer saber de brigas e farra — comentei, balançando a cabeça.

Quanto ele tinha mudado desde a última vez que nos vimos?

— Ele *não* virou nada disso — disse minha mãe ao voltar para a cozinha, bastante ofendida. — Ele se envolveu em algumas brigas quando John estava no hospital e as coisas ficaram difíceis para a família. E isso de ser pego com drogas foi coisa de adolescente. Parece grave quando a gente fala assim, mas ele continua sendo um bom garoto.

As palavras dela foram como um soco no meu estômago. Estendi a mão para pegar minha água e me perguntei se ela tinha razão. Talvez eu estivesse sendo muito crítica.

— Sarah disse que todos os treinadores do Alec estão indo conversar com ele e traçar um plano.

— *Todos?* Uma equipe inteira está a caminho para gritar com ele por causa de uma foto?

— Com certeza — respondeu vovô Mick. — Porque não é só o futuro *dele* que está em jogo.

O que isso quer dizer?

— Mas a gente só está falando de hóquei — apontei. — Não do futuro inteiro dele.

— As duas coisas caminham juntas. O hóquei tem o potencial de transformar a vida dele — explicou minha mãe em tom de repreensão, olhando para mim com os olhos semicerrados. — Agora coma seu espaguete.

CAPÍTULO DOZE

Alec

— Você está bem? — perguntou minha mãe, abrindo a porta do meu quarto.

A luz do corredor invadiu a escuridão que me envolvia, ali deitado na cama.

Se eu estava bem?

Não fazia a menor ideia.

Ela ficou parada no batente com os braços cruzados, olhando para mim com aquela expressão superprotetora que vi em seu rosto durante boa parte da minha vida.

Ainda mais desde o acidente.

Todos tinham enfim ido embora, graças a Deus, então ela foi ver como eu estava depois de terem passado duas horas seguidas gritando comigo.

Nossa, aquilo era tão idiota.

Eu nem tinha colocado a boca naquele bong. Por mais que quisesse ficar chapado na festa da fogueira, eu me comportei como um bom garoto e fiquei bem longe da surpresinha do Reid.

Caí na gargalhada quando vi aquele aparato ridículo, e Tawnee tirou uma foto, mas tudo o que fiz foi passar aquele troço adiante. Eu sabia que não devia segurar aquilo, mas ninguém acreditou que eu tivesse só segurado.

Nem mesmo meu pai.

Quer dizer, o maior erro foi ter deixado Tawnee tirar aquela foto. Eu nem tinha conta nas redes sociais (que fosse pública ou que alguém conseguisse encontrar) justamente por causa desse tipo de situação. Sabia muito bem que não devia ficar compartilhando minha vida pessoal para o mundo inteiro ver.

Mas *ela* não sabia. A postagem inofensiva de Tawnee garantiu que metade dos jogadores de hóquei da região — que eram em grande parte meus rivais — visse a foto em que eu segurava a droga de um bong.

E o pessoal do norte, que detinha todo o poder, também acabou vendo.

Caramba, como será que isso aconteceu? Maldito playboyzinho de Maserati.

Eu estava ferrado.

Pausei a playlist — não parecia certo ouvir "undressed", do sombr, enquanto conversava com minha mãe — e tirei os fones.

— Estou, sim — respondi, olhando para o teto. — Quer dizer, eu mereci.

— Mereceu — concordou ela, com um sorriso. — Mas você é adolescente. Errar faz parte do amadurecimento.

O fato de ela ser tão compreensiva me deixou emocionado, porque minha mãe era a pessoa que mais precisava que eu continuasse *firme*. De todas as pessoas da minha vida, ela e meu pai eram aquelas que deveriam estar gritando mais alto, porque eu estava estragando tudo.

Mas ali estava ela, perguntando se eu estava bem.

— Acha que eles vão dar um jeito nessa bagunça? — indaguei, detestando o quanto minha voz soou fraca. Incerta.

— Acho que sim — respondeu ela. — Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Depois de passarem uma hora gritando comigo, os treinadores bolaram um plano. Eu iria me comportar como um anjo e ser um garoto exemplar — notas perfeitas, comportamento perfeito —, e eles iriam tentar convencer um jornal a fazer uma matéria sobre mim, minha família e tudo o que tinha acontecido com a gente. Acreditavam que, se mostrassem quem eu era — e a tempestade que enfrentamos —, aqueles que tomavam as decisões estariam mais propensos a perdoar as idiotices que eu tinha feito.

— É só fazer tudo o que eles falaram, filho. Você consegue.

A confiança que ela tinha em mim quase deixava a situação pior, porque só aumentava a pressão que vinha me assolando naquele último ano. Uma parte de mim queria que aquele erro de fato estragasse tudo. Assim eu não seria mais pressionado a vencer e entrar para a seleção e, um dia, assinar um contrato na Liga Nacional que iria mudar a vida da família para sempre.

Eu poderia ir para a faculdade comunitária e trabalhar na loja de ferramentas, e ninguém notaria minha presença. Finalmente ia conseguir respirar.

No entanto, meu futuro no hóquei tinha se tornado a coisa mais importante para a segurança da minha família a longo prazo. Era o único fator que tinha o potencial de aliviar aqueles tempos difíceis. Acho que meus

pais nem percebiam que fazia muitos anos que não falávamos sobre outras possibilidades para mim.

Era compreensível, tendo em vista que a vida andava complicada desde o acidente.

Meu pai continuava sem poder trabalhar, a não ser que fosse em meio período, porque sua coluna travava se ele ficasse muito tempo sentado (ou em pé). E as dívidas de todas as cirurgias e períodos no hospital não iam desaparecer tão cedo, ainda mais porque minha mãe era professora, e não milionária.

Eu estava fazendo a minha parte, trabalhando bastante para pagar as despesas do hóquei, mas os Barczewski como um todo estavam bem longe de não viver endividados, então era muito importante assegurar que iríamos ganhar na loteria — ou seja, assinar um contrato daqueles.

Meu Deus, eu queria tanto aquilo.

Mas e se eu fracassasse?

E se as coisas nunca ficassem mais fáceis para meus pais?

— Prometo que não vou ferrar tudo de novo — falei, e minha voz falhou.

— Eu sei, querido — respondeu ela. — Aliás, você não me contou como foi com a Dani. Imagino que vocês já devam ter se cruzado a essa altura…?

Como se eu precisasse disso agora.

— É, a gente se encontrou, sim — falei, aproveitando a tentativa de mudar de assunto sem me aprofundar demais na conversa sobre Dani. — Foi tudo bem.

— Só isso? — perguntou ela, chocada.

— O que você esperava? — retruquei. — A gente não se vê desde o fundamental.

— Ah, sei lá… vocês viviam grudados, então achei que fossem voltar a se dar bem logo de cara, como acontecia todo verão.

— É, bem, isso faz muito tempo, e a gente só passou alguns minutos juntos.

— Ah.

— Não fique tão decepcionada — falei, sorrindo apesar de tudo, porque às vezes minha mãe era tão sonhadora que chegava até a ser meio fofo.

Ela sempre parecia achar que tudo ia dar certo.

Mesmo nos piores momentos.

— Bem, agora que vocês já se viram, tenho certeza de que vão voltar a se dar bem.

— Quem sabe — respondi, querendo dar um fim àquele assunto logo.

Por algum motivo, falar — caramba, até *pensar* — sobre a Dani fazia meu peito doer.

— Bem, se a oportunidade surgir, seja gentil com ela. Garanta que Dani esteja andando com pessoas legais e fazendo amigos.

— Ela está no último ano da escola… acho que consegue fazer isso sozinha — argumentei.

— É, mas Hannah disse que ela mudou. Pelo jeito não é mais tão extrovertida.

Aff. A dor no peito voltou.

— Como assim?

— Não sei, ela não se aprofundou muito na questão, mas fiquei com a impressão de que se mudar tanto acabou mexendo com a Dani. Ela meio que se fecha, fica ansiosa.

— Não dá para imaginar Dani introvertida — falei, e senti um aperto no peito ao me lembrar do rosto dela ficando vermelho e dos olhos baixos na biblioteca na hora do almoço.

Não. Isso não é problema meu, fui logo relembrando.

— É, nem eu, mas nunca tive que mudar de escola de dois em dois anos. Isso deve mexer com a cabeça, né?

— Ela vai ficar bem — falei, sem conseguir ter compaixão por Dani quando as minhas questões já eram mais do que o suficiente.

— É, vai — disse minha mãe. — Vou dar uma olhada nos gêmeos. Vê se dorme um pouco, garoto.

— Pode deixar — respondi, embora soubesse que não, aquilo não ia acontecer.

Entre a dor no ombro e o estresse, eu sabia que aquela seria uma longa noite.

CAPÍTULO TREZE

Dani

— O vovô vai levar você para a escola hoje — anunciou minha mãe quando entrei na cozinha. — Porque eu tenho uma entrevista, lembra?

— Ah, é — respondi, embora não soubesse que aquilo queria dizer que eu teria que ir com *ele*. — Você está bonita. Esse vestido grita "eu seria uma funcionária exemplar".

— Ah, claro — disse ela, se aproximando e me puxando para um abraço. — Acho que ele grita "eu não sei mais o que está na moda", mas obrigada mesmo assim.

— De nada.Você vai arrasar.

Meu celular vibrou.

Ben Worthington: Vou estar na casa do meu pai hoje se vocês precisarem de alguma coisa.

O quê? Não conseguia imaginar nenhuma situação em que precisasse de alguma coisa do sr. Maserati, mas, além disso, por que ele *me* mandaria uma mensagem assim do nada? Acho que era legal da parte dele oferecer ajuda, mas a oferta parecia íntima demais considerando que éramos praticamente dois estranhos.

— Ela é a melhor mentirosa que eu já conheci — comentou meu avô, sorrindo para minha mãe.

Meu Deus, ele deveria sorrir mais. Ele quase parece… simpático.

— Podemos ir, garota?

O sorriso desapareceu quando ele olhou para mim.

Óbvio.

— Podemos — respondi, vestindo o casaco.

O dia anterior tinha sido bem tranquilo na escola (ainda bem), sem dar de cara com Alec. Era impossível evitar o nome dele porque *todo mundo*

comentava sobre a foto com o bong — e fiquei me perguntando como ele estaria lidando com aquilo —, mas não o *vi* pessoalmente em nenhum momento.

Infelizmente, hoje eu não teria essa sorte porque era a grade de horário B: aula de Oratória.

Não só iria encontrar Alec de novo como havia a possibilidade de ser chamada para discursar na frente da turma inteira.

Por favor, Deus, não.

Meu avô colocou um podcast de hóquei quando entramos na caminhonete, o que foi bom porque eu ainda não sabia como conversar com ele. Tinha a sensação de que falávamos sempre perto um do outro, mas nunca um *com* o outro. Seguimos em silêncio, o que foi útil porque pude repassar meu discurso mentalmente várias vezes.

A sra. Sykes tinha dito que eu precisaria fazer o discurso de introdução que os demais alunos haviam feito no início do semestre, então estava praticando o que tinha escrito, tentando soar interessante, mas tediosa, sem graça, mas não a ponto de fazerem piada com a minha cara.

No entanto, quanto mais perto chegávamos da escola, mais nervosa eu ficava.

Quando paramos no estacionamento, eu estava quase tonta de tão estressada.

— Está tudo bem?

Virei para meu avô, cuja presença eu tinha meio que esquecido, e mais uma vez ele me lançou um olhar como se soubesse o que estava acontecendo comigo.

Só assenti, incapaz de falar; o que por si só já mostra o quanto eu estava prestes a ter um ataque de pânico.

Não. Não. Não. Não na frente dele.

— Respira fundo — aconselhou ele, os olhos de águia fixos nos meus. — Isso sempre me ajuda.

Espera. Ele está dizendo que…

Pigarreei, e todas as minhas dúvidas devem ter transparecido em meu olhar, porque ele disse:

— Pelo jeito você puxou a mim. Sinto muito.

Ele não disse mais nada, apenas me encarou.

Dava para notar que ele não ia se explicar, e tudo bem, porque suas palavras foram o suficiente. Pela primeira vez desde a chegada a Minnesota, e em meio ao pânico que eu sentia, sorri para meu avô.

— Tem que sentir mesmo. É uma droga.

— E eu não sei? — respondeu ele, com uma piscadinha. — Agora vá para a aula. Continue respirando e tudo vai ficar bem.

— Beleza — falei, soltando o cinto com as mãos trêmulas. — Obrigada.

O lembrete ajudou, mas por pouco tempo.

Porque assim que entrei na sala de Oratória e vi Alec e seus amigos largados nas cadeiras como se nada os abalasse, meus dedos ficaram dormentes. Respirei fundo e fui para o meu lugar, torcendo desesperadamente para não ser escolhida para discursar naquele dia.

Mas o universo estava contra mim, porque a sra. Sykes se sentou à sua mesa e chamou meu nome assim que o sinal tocou.

— Muito bem, temos muitos discursos hoje, então não vamos perder tempo. Como temos mais uma aluna que precisa fazer seu discurso introdutório, vamos começar por ela. O que acha, Srta. Collins?

Engoli em seco e assenti, pegando minhas anotações e torcendo para não desmaiar ou vomitar.

Fui até o púlpito na frente da sala e senti um aperto no peito ao olhar para a turma.Vi rostos que eu não conhecia e não pareciam muito amigáveis.

Então olhei para Alec, que estava sério, me encarando, e não sorriu.

Respirei fundo, mas meu coração estava batendo muito rápido.

Rápido demais.

— Meu nome é Dani Collins — comecei, a voz baixa e trêmula. — Eu…

— Mais alto, por favor — pediu a professora, me interrompendo com um sorriso e erguendo o queixo como se quisesse me mostrar como projetar a voz.

Mas eu não recuperei o fôlego.

Eu sabia o que estava acontecendo — eu sempre sabia —, mas ainda assim era assustador.

É só um ataque de pânico, falei para mim mesma, mas ao mesmo tempo me perguntei se precisava ir até a enfermaria ou chamar uma ambulância, porque eu não conseguia respirar.

Socorro!

Tentei respirar fundo outra vez, mas não funcionou. Uma onda de tontura tomou conta de mim, então me segurei no púlpito e tentei outra vez.

— Meu nome é…

— Sra. Sykes! — exclamou Alec.

Quando olhei em sua direção, ele estava com o braço erguido como se precisasse desesperadamente da atenção da professora.

— *O quê?* — perguntou ela, sem paciência, olhando para Alec como se ele estivesse fora de si. — Sr. Barczewski, você não pode esperar?

— Desculpa — disse ele, meio que olhando para mim, mas também para ela —, é que acabei de receber uma mensagem dizendo que preciso sair mais cedo para uma consulta, e eu queria muito fazer meu discurso hoje. Como ela é nova e claramente não está muito animada com o dela, será que posso ir primeiro?

Algumas pessoas riram, e fiquei sem saber o que pensar enquanto ele olhava para mim. O olhar parecia sério e direto, como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

— Não vou interrompê-la só porque você quer fazer seu discurso hoje, Alec — respondeu ela. — Agradeço pela…

— Eu… eu não me importo — interrompi, um pouco chocada por ter conseguido encontrar minha voz. — Ele pode ir.

Deixei que meus olhos passeassem pelo rosto familiar e ao mesmo tempo desconhecido de Alec, sem saber se ele tinha noção de que estava salvando minha pele.

A professora soltou um suspiro profundo.

— Bem, se não se importa mesmo — falou, seu tom ao mesmo tempo incomodado e curioso. — Então, Alec… venha e faça seu discurso.

Algumas pessoas riram enquanto peguei minhas anotações com as mãos trêmulas e voltei para a carteira, passando por Alec. Ele foi até lá de mãos abanando (não estava segurando nem um *papelzinho* sequer) e um sorriso confiante como se aquilo não fosse nada de mais.

— Obrigado, sra. Sykes, pela permissão — disse ele, ao que ela deu um sorrisinho e inclinou a cabeça. — Vocês já se perguntaram como é trabalhar em uma loja de ferramentas? — questionou ele, incitando risadinhas pela sala. — Parece fascinante, eu sei, mas ficariam surpresos ao saber que muitas coisas que acontecem entre as quatro paredes da loja de Ferramentas Ace mais próxima de vocês não são tão empolgantes assim.

Embora eu soubesse que continuava sendo a próxima a discursar, respirei fundo e senti meu coração desacelerar, *o que me fez muito bem*, enquanto Alec fazia seu discurso sem maiores preocupações.

Para falar a verdade, aquilo mal parecia um discurso.

Fiquei meio paralisada, porque ouvi-lo falando daquele jeito, relaxado e zombando de si mesmo, me lembrou muito do meu amigo Alec.

E o sorrisinho em seu rosto continuava exatamente o mesmo.

Enquanto ele falava, senti saudade… saudade de ser a pessoa com quem ele conversava. Eu sabia que agora ele era um babaca completo ou no mínimo não tinha nenhum interesse em retomar nossa amizade — e tudo bem —, mas, como alguém que nunca teve muitos amigos, senti falta do quanto eu ficava à vontade com ele.

Assim que terminou o discurso, ele saiu, após uma breve discussão com a professora porque, ao que parecia, Alec não tinha autorização para ser dispensado.

Mas ele argumentou tão bem que ela acabou deixando (com um sorriso no rosto).

Assim que Alec saiu, ela me chamou para que eu concluísse meu discurso.

Eu continuava com aquele frio na barriga, e minhas mãos ainda tremiam, mas desta vez consegui. Não sei se foi por não ter que olhar para Alec, que tinha ido embora, ou se a distração havia sido suficiente para convencer meu corpo de que estava tudo bem.

Qualquer que tenha sido o motivo, fiz o discurso inteiro sem desmaiar ou vomitar.

Para mim, foi como uma vitória.

A sensação durou até a hora do almoço, quando ergui os olhos de *O homem invisível* e vi Alec entrando na biblioteca.

Droga.

Não só Alec, mas também três garotos do time de hóquei. E Cassie.

Voltei a olhar para o livro que estava relendo para a aula de Literatura Avançada, fingindo não os ver e torcendo para que estivessem lá por outro motivo ou que só fizessem uma pergunta rápida e fossem embora.

— Podemos sentar aqui? — indagou Alec, apontando para as cadeiras da mesa em que eu estava.

— Claro — respondi, olhando para os amigos dele, que estavam todos olhando para mim. — Posso ir para uma mesa menor se estiverem precisando

da grande.

— Não — disse Cassie. — Alec achou que o refeitório estava barulhento demais e quis vir para a biblioteca, e viemos também porque, bem… por que a gente veio mesmo?

Cassie abriu um sorriso torto para os outros garotos, e percebi que era impossível não gostar dela.

— Bem, *eu* vim porque quero perguntar sobre o avô da Dani — disse o cara com o cabelo ridículo ao lado, que era tão alto quanto uma geladeira.

Acho que o nome dele era Vinny.

— É, eu também vim por isso — concordou o ruivo (Richie?), com um sorriso que me fez acreditar que talvez ele fosse simpático.

— Eu só vim atrás da Cassie — declarou Kyle, dando de ombros.

Foi ele quem veio até a biblioteca com Alec no outro dia, e *também* tinha um mullet, embora o dele fosse *normal* comparado ao do Vinny. Apenas uma versão castanha do estilo feioso que diz profissionalismo-de-frente-diversão-de-costas.

— Como sou boba — comentou Cassie, sorrindo para Kyle. — Eu vim porque concordei que o refeitório estava muito barulhento e achei que seria divertido almoçar na biblioteca.

— Sou o único sem segundas intenções — falou Alec —, eu vim porque preciso pegar um livro.

Sem dizer mais nada, Alec foi até a seção de História — ele ia mesmo pegar um livro? — enquanto seus amigos olhavam para mim com sorrisos tímidos como se fossem crianças.

— E aí, como foi crescer com Mick? — indagou Richie.

— Ele é sempre assustador — falou Vinny —, ou depois que a gente conhece ele é maneiro?

— Hum, para falar a verdade, ele sempre foi meio assustador — respondi, surpresa por eles quererem falar do meu avô. — Mas eu não cresci com ele. A gente se mudava muito, então eu meio que só o via uma vez por ano quando era criança.

Eu não sabia ao certo se devia aproveitar o interesse ou minimizar aquilo. Ter um avô meio famoso nunca fez parte da equação, então eu não tinha estabelecido nenhuma regra sobre o assunto.

— Então você conhece Mick tão bem quanto qualquer outra pessoa… é isso?

Kyle falou isso olhando para Cassie, mas ela estava prestando atenção em mim e não se deu conta de que seu admirador estava olhando para ela com uma expressão muito semelhante aos personagens de desenhos animados, com corações nos olhos.

— Ah, eu conhecia quando era criança — falei. — Ele me levava para pescar e me deixava pilotar o barco… essas coisas. Éramos muito próximos até o ensino fundamental.

— Ele falava sobre hóquei o tempo todo? — perguntou Vinny. — *Por favor*, diga que ele ficava sentado à mesa no Dia de Ação de Graças falando sobre todas as vezes em que deu na cara do Guy Gustafson.

— Imagina só… — comentou Richie, rindo. — "Eu arrebentei o nariz dele… ei, me passa as batatas."

Olhei para Cassie, que sorria para mim, revirando os olhos para os amigos.

— Na verdade, ele nunca falava sobre isso… sobre quebrar a cara do Guy ou coisa do tipo. Faz pouco tempo que percebi que ele não era só, sei lá, alguém que jogou hóquei quando era jovem.

— Está de brincadeira? — indagou Vinny. — Não acredito. Não pode estar falando sério.

— É sério — respondi, meio que me dando conta pela primeira vez do quanto aquilo era estranho.

— Uau — comentou Kyle, balançando a cabeça.

— E aí, Dani? — disse Cassie, empurrando-o de brincadeira. — Você pensou em alguma atividade extracurricular?

— Não. Para falar a verdade, não consigo pensar em nada que possa dar certo — falei.

Eu tinha passado muito tempo tentando pensar em alguma opção, clicando em todas as abas de equipes do site do Colégio Southview na esperança de encontrar alguma atividade aleatória que pudesse servir, mas ainda não tinha surgido nada.

Cassie contou aos garotos sobre minha situação, ao que Richie respondeu:

— Ela não pode ser a outra assistente?

— Ah, meu Deus! — exclamou Cassie, arregalando os olhos. — Como eu não pensei nisso?

— No quê? — perguntei devagar, curiosa.

— Quer dizer, você está fazendo tudo sozinha desde que Lillie desistiu — acrescentou Vinny. — Dani não pode entrar no lugar dela?

— *O quê?* — falou alguém atrás de mim.

Alec chegou com uns livros na mão e a cara fechada. Ele se sentou, o cenho franzido como se tivesse acabado de ouvir algo terrível.

— Dani ainda está atrás de uma atividade extracurricular, e eles deram a ideia de ela ser a segunda assistente — respondeu Cassie, entusiasmada. — E é uma ótima ideia.

— Segunda assistente? — indaguei, meio em pânico com a reação de Alec. — De quê?

— Hóquei — respondeu Cassie. — Eu sou a assistente do time.

O quê? Eu não podia ser assistente de hóquei — ela estava falando sério?

Não, não, obrigada.

Nem pensar.

— Bem, deve ser tarde demais — disse Alec, como se estivesse fora de cogitação. — Acho que o treinador não vai querer chamar uma pessoa que ele nem conhece.

— Mas não custa perguntar, né? — insistiu Cassie, dando de ombros e olhando para Alec como se a decisão dependesse dele ou algo assim. — Você deveria perguntar.

Quis gritar *NÃO!*

Você não deveria perguntar nada.

Porque eu não sabia bulhufas a respeito do esporte, assim como não tinha o menor interesse em frequentar um mundo no qual Alec era o rei. Ainda mais com ele me olhando como se essa fosse a última coisa que ele quisesse em todo o universo.

CAPÍTULO CATORZE

Alec

— Não sei — falei, tentando parecer despreocupado e aberto à sugestão, embora não estivesse. Nem um pouco. — Quem sabe.

É, eu não vou perguntar. Nem morto.

Era uma pena que Dani estivesse com dificuldade para realizar o sonho de ir para Harvard, mas isso não era problema meu. A última coisa que eu precisava era que ela fosse inserida no meu mundo, atrapalhando minha concentração quando eu já tinha colocado tudo em risco com a porcaria do bong gigante e precisava me concentrar mais do que nunca.

Caramba, o simples fato de vê-la durante três segundos *quase* tirou meu foco no jogo contra o Simley. Eu definitivamente não precisava encontrá-la em todos os treinos e jogos.

Não era da minha conta que ela estivesse com problemas.

Na verdade, eu estava bravo comigo mesmo por ter me deixado afetar durante a aula de Oratória. Eu não *planejava* fazer meu discurso com antecedência, e agora era provável que tirasse um sete porque nem estava com minhas anotações, mas depois do que minha mãe disse naquele dia, precisei ajudá-la.

Porque, juro por Deus, ela parecia prestes a desmaiar, vomitar ou ter um infarto diante da turma inteira. Antes mesmo que eu me desse conta do que estava fazendo, minha mão estava erguida e meus lábios se mexendo.

Deve ter sido porque a Dani que eu conhecia tinha um sorriso teimoso e era cheia de atitude, e aquela garota *não* estava naquela aula. E também não se esconderia na biblioteca durante o almoço como se estivesse com medo.

Com exceção de um instante passageiro naquele dia em que ela foi sarcástica comigo, aquela garota tinha desaparecido.

E a que tinha tomado seu lugar parecia precisar de mim.

Correção: Ela parecia precisar de *alguém*.

Ou de alguma coisa.

O que explicava por que eu estava na biblioteca, *de novo*, na hora do almoço. Assim que viramos no corredor, eu a vi pelo vidro, sozinha em uma mesa com os olhos grudados em um livro, e tudo que ouvi foram as palavras da minha mãe.

Ela meio que se fecha, fica ansiosa.

E não pude deixar de me perguntar o que tinha feito com que a Dani que eu conhecia se transformasse naquela versão quietinha. Será que ela tinha sofrido bullying? Eu não *queria* conversar com ela, mas foi impossível controlar o impulso de garantir que ela não passasse o almoço escondida e sozinha todos os dias.

Meu Deus, eu ainda era o maior idiota do mundo.

Pensando bem… não.

Não, caramba.

Eu não era aquele Alec; eu só não era um babaca.

Era plenamente compreensível não estar nem aí para uma pessoa e ainda assim se comportar como um ser humano decente.

Ainda assim, passei o restante do almoço arrependido da decisão de ser legal, porque, enquanto meus amigos batiam papo com Dani, eu fiquei olhando para ela sem conseguir conter as lembranças.

As sardas discretas espalhadas por seu rosto me lembravam da piscina da Eighteenth Avenue e de como ela sempre mentia que tinha passado protetor solar porque detestava o cheiro do produto.

E seus cílios escuros me lembravam de como eles se acumulavam em triângulos molhados quando corríamos na chuva.

Mas quando baixei o olhar até os rabiscos em letra cursiva em seu caderno, as lembranças daqueles cartões-postais idiotas mostraram as garras e fui obrigado a desviar o olhar.

Nossa, aqueles cartões-postais.

Eu já era crescido, tinha um carro e um emprego, pelo amor de Deus, mas toda vez que me deparava com aquele pacote no fundo do armário eu era reduzido a um menino com um milhão de sentimentos idiotas.

Eu culpava o Zoológico de Como.

Quando ela comprou um cartão-postal naquele zoológico numa manhã de verão (a gente devia ter uns nove anos), eu, é claro, tive que fazer piada. *E*

aí, vovó, vai mandar esse cartão para seu amiguinho por correspondência?

— Eu amo cartões-postais — respondera ela, dando de ombros enquanto me levava até a exposição sobre ursos-polares. — A gente ganha créditos por ter se lembrado da pessoa só de mandar uma foto cafona, e o espaço reduzido no papel garante uma mensagem curta e fofa.

— Mas todo mundo pode ler o que você escreveu — eu havia argumentado, comendo (e derrubando) punhados de pipoca enquanto tentava acompanhar o ritmo dela.

— Verdade — concordara ela, então apontara para mim. — A não ser que você invente um código.

Não chegamos aos ursos-polares, porque paramos para sentar em uma pedra e inventar o tal código. Voltamos para o galpão naquele dia e passamos horas — e a semana seguinte inteira — criando nosso próprio alfabeto alternativo, para os quais Dani fez dois decodificadores e mandou plastificar na biblioteca.

Ficamos enlouquecidos com a ideia de trocar mensagens codificadas.

No fim do mês, o pacto foi estabelecido.

Uma vez por semana, trocaríamos cartões-postais codificados.

Malditos nerds, pensei ao lembrar o quanto nos empenhamos naquilo.

Um cartão-postal por semana, e deveriam seguir regras rígidas.

As regras: uma frase de saudação, duas descrevendo coisas aleatórias que tinham acontecido naquela semana, uma de despedida.

Só podíamos escrever isso.

Era uma bobeira, mas passamos anos trocando cartões-postais toda semana.

Anos.

Foram centenas de cartões-postais, caramba.

Eu mandava cartões que pegava em paradas de caminhoneiros; ela mandava cartões vintage que encontrava em brechós. Eu comprava cartões-postais de memes pela internet, e ela mandava cartões que davam pequenas dicas sobre como era a vida onde ela estava morando na época.

A tradição começou com rabiscos de criança e terminou com a letra desenhada de adolescente, com Dani colocando corações no lugar dos pingos dos *is*.

Muito, muito idiota.

Alec

E aí, derrotado?
1. Ontem encontrei um gato no quintal e dei atum para ele, que engoliu tudo de uma vez e vomitou no meu sapato, então é lógico que fui obrigada a batizá-lo de sr. Vomitão. :D
2. Hoje de manhã, meu pai disse para minha mãe que estava decepcionado por ela nunca ter se importado com ele a ponto de aprender a cozinhar, então é lógico que fui obrigada a batizá-lo de Tenente-Coronel Vomitão.
Contando os dias até o verão,
Dani

E um dia eles simplesmente pararam de chegar.

Continuei mandando, como o idiota que eu era, convencido de que devia ser um problema do correio, já que eu era um iludido, mas ao que parecia ela só tinha se cansado.

Algumas semanas depois, quando ela veio para cá e me ferrou, percebi que tinha mesmo se tornado aquele tipo de pessoa.

A garota que tinha plastificado nossos códigos me deu um perdido, e agora Dani Collins não passava de alguém que um dia eu conheci.

CAPÍTULO QUINZE

Dani

— Beleza — começou Cassie —, mas você precisa me ouvir.

Eu estava andando pelo corredor com Cassie e mais duas amigas dela — Liz e Lillie — depois da aula, surpresa não só por ela ter gritado meu nome ao me ver, mas também porque suas amigas eram legais.

Tipo, legais *mesmo*.

E elas me convidaram para ir ao Applebee's aproveitar as promoções mais tarde.

Não era do meu feitio confiar nesse tipo de situação, mas não pude me conter.

— Sei que você não sabe nada sobre hóquei, mas ser assistente do time é *muito* fácil. Às vezes eu filmo o treino, outras registro as estatísticas, às vezes vou comprar um cachorro-quente para alguém que está com fome… qualquer pessoa pode fazer isso.

— Com certeza — concordou Lillie, assentindo. — Você não precisa saber nada de hóquei.

— Mas acho que o Alec tem razão — falei, lembrando o quanto ele pareceu incomodado quando ela sugeriu a ideia. — Deve ser tarde demais.

— É, mas aí é que está — respondeu ela, quando passamos pela secretaria. — Primeiro, acho que não é bem assim, o treinador Osman é muito tranquilo. Segundo, você é amiga do Alec.

Eu tinha a sensação de que precisava corrigi-la — todas elas — porque aquilo não era verdade, mas mantive a boca fechada.

— Zeus *é* o hóquei neste lugar — afirmou Cassie. — E é o capitão do time. Então, se *ele* sugerir, todos vão aceitar.

— Eu entendo que ele é bom, mas ainda assim é só um aluno, não é? Não é possível que tenha tanto poder assim.

— Está falando sério? — perguntou Lillie, com uma expressão que me dizia que eu de fato não fazia ideia de como as coisas funcionavam ali. — Sei que é nova no colégio, mas acredite: quando Alec Barczewski quer alguma coisa relacionada ao hóquei, ele consegue.

— Mas não acho que…

— Você precisa pedir a ele — insistiu Cassie, me interrompendo. — Mesmo que não sejam mais próximos, seus pais são amigos, certo? Tenho certeza de que ele vai fazer esse favor, Alec é um cara legal. Sei que, se você pedir, ele vai fazer acontecer.

Mas será que ele é mesmo *um cara legal?*

— Não sei — falei, apavorada com a ideia de engolir meu orgulho e pedir ajuda, porque, se Alec quisesse ser no mínimo um conhecido meu, teria pelo menos sorrido para mim àquela altura.

Mas até agora tudo que ele fez foi me tratar com sarcasmo e distância.

— Faça isso por mim. Estou cansada de fazer tudo sozinha e acho que vamos nos divertir muito — pediu ela. — *Por favoooooor.* Vai!

— E eu não vou mais me sentir culpada por ter saído — acrescentou Lillie. — Faça isso por mim também.

— E por mim, para eu nunca mais ter que ouvir esse assunto — completou Liz.

— Hummm.

Senti o estômago embrulhar de tanto pavor enquanto elas tentavam me convencer, porque parecia uma péssima ideia. Além de não saber nada sobre o esporte, a última coisa que eu queria era ficar perto de Alec todos os dias.

Em uma arena fria.

Fiquei estressada só de *pensar* naquilo.

Mas eu queria ir para Harvard. Queria muito.

— Tive uma ideia: venha comigo para o treino hoje — sugeriu Cassie. — Eles vão jogar amanhã, então vai ser mais curto, vão só repassar as jogadas. Venha comigo, veja o que eu faço, e depois você decide. Se quiser, pode esperar Zeus depois do treino e implorar para ele falar com os treinadores.

— Talvez eu devesse esperar…

— Pense bem — interrompeu ela, enfatizando as palavras com gestos. — Se Harvard mandasse você lamber o chão, você lamberia?

— Eca! — exclamou Liz, com cara de nojo.

— Eca mesmo, mas você lamberia, não lamberia? — perguntou Lillie, apontando para mim. — Não é? Talvez até fosse para trás de um armário para que ninguém visse, mas encostaria a língua no chão, não encostaria? Não minta, você sabe que é verdade.

— Nojento — comentei, dando risada. — Mas… acho que sim.

— Então esteja disposta a pedir esse favor — concluiu Cassie. — É bem menos nojento.

Era uma analogia idiota, mas ela tinha razão.

É *claro* que eu podia implorar pela ajuda de Alec se isso significava ser aceita em Harvard. *E daí que agora ele era um babaca?* Engolir o orgulho e implorar por ajuda não era *nada* se isso garantisse a atividade extracurricular de que eu precisava para ser admitida.

Para falar a verdade, acho que nem o veria no treino porque estaria ocupada demais com as atividades de assistente e ele estaria… tipo, acertando discos com um bastão e coisas assim.

— Tudo bem — falei, assentindo, enquanto um entusiasmo repentino tomava conta de mim. — Eu topo.

★ ★ ★

— Viu? Esse trabalho é *muito* tranquilo — disse Cassie enquanto andávamos pela arena de hóquei. — Se souber encher garrafinhas de água, levar patins para afiar e apertar o play em uma câmera, vai dar tudo certo.

— Sei fazer tudo isso — respondi, relaxando um pouco.

— É claro que sabe — confirmou ela com um sorriso. — Vou te mostrar o lugar.

Ela me mostrou o vestiário feminino, o depósito da manutenção, a sala de equipamentos, a lanchonete — praticamente cada cantinho do Doug (pelo jeito, era assim que as pessoas chamavam a Arena Douglas Gowo). E me levou até o enorme mural que se estendia por toda a parede dos fundos, a história em fotos do time de hóquei de Southview.

— Acho que aquele ali é o seu avô, não é? — perguntou, apontando para um time da década de 1970.

Semicerrei os olhos e, *caramba*, o grandão na fila de trás era, de fato, o vovô Mick.

Ele estava sorrindo — algo que ele quase nunca fazia agora —, mas seus olhos eram os mesmos. Ele estava jovem e bonito, suado, com o dedo em riste como todos os demais que apareciam na foto.

Foi um choque, de certa forma, vê-lo expressar uma felicidade tão evidente, como se tivesse caído na gargalhada no instante em que a foto foi tirada.

O que aconteceu para ele mudar tanto?, pensei.

— É — falei, passando a mão na imagem, curiosa para saber se ele estava presente quando inauguraram o mural.

Certamente estava, e imaginei como ele devia ter se sentido.

Eu sabia tão pouco sobre sua vida, fora o fato de ele ser meu avô, e de repente quis saber mais.

— Vamos.

Depois disso, Cassie me ensinou como usar a máquina de afiar a lâmina dos patins — a Sparx —, fazendo parecer a coisa mais fácil do mundo (mas fiquei horrorizada).

— E se eu estragar os patins de alguém? — indaguei.

— Isso não vai acontecer — respondeu ela, com um aceno. — A maioria dos garotos tem suas preferências de afiação, e os que não têm usam a mais comum. Não é nada de mais.

Mas parecia ser, *sim*.

— Agora vamos para pertinho do rinque, assim eu te mostro como filmar.

Sim. Filmar. Isso eu sabia fazer.

E, ao acompanhar Cassie, percebi que era uma possibilidade, que aquela atividade extracurricular era algo que eu podia fazer sem estragar tudo. Senti meus músculos relaxarem e aliviarem a tensão, porque eu enfim riscaria "encontrar uma atividade" da lista "como fazer Harvard se apaixonar por mim".

Isso se *Alec me ajudasse.*

Como se meu cérebro pudesse evocá-lo só de pensar em seu nome, de repente os garotos começaram a sair do vestiário e entrar no rinque. Eu me senti… sem fôlego assistindo ao aquecimento, e não sabia ao certo por quê.

Certamente tinha tudo a ver com a velocidade impressionante com que eles deram algumas voltas e nada a ver com meus olhos focando no jogador mais alto do time quando ele pareceu correr sobre o gelo de patins.

Cassie me mostrou a câmera e deixou que eu filmasse enquanto ficava sentada ao meu lado estudando, o que pelo jeito ela fazia com frequência durante os treinos.

No entanto, meus olhos sempre se voltavam para Alec, por mais que eu dissesse a mim mesma que não ligava para ele. Eu não sabia nada sobre hóquei, mas era fácil perceber que ele era o líder daquela equipe, e que era muito bom. Em todos os exercícios, ele parecia ser mais rápido do que todos os demais.

Era como se os outros estivessem numa partida de colégio enquanto ele fazia uma demonstração de alto desempenho do esporte.

E como ele conseguia patinar tão rápido? *De costas??*

Uma pequena parte de mim estava orgulhosa do meu pequeno Alec, embora fosse difícil me lembrar daquela versão dele ao vê-lo tão grande e forte.

Essas eram duas características que eu jamais citaria ao pensar no meu antigo melhor amigo.

— Quer dizer que ele é *mesmo* bom, caramba — falei para mim mesma, vendo-o gritar com os garotos que estavam fazendo o exercício que ele já tinha terminado.

Não consegui decifrar, mas parecia que ele estava dizendo palavras de incentivo ou gritando algo… *atlético*.

O trabalho era *mesmo* fácil. E o tempo passou bem rápido.

— Acho que terminamos — comentou Cassie após guardar a câmera. — Preciso ir buscar meu irmão, mas você vai esperar o Alec, né?

— Isso — respondi, assentindo e sorrindo, embora a palavra "pavor" não chegasse nem perto de descrever como eu me sentia a respeito daquela ideia.

— Seja *bem* convincente, hein? — instruiu ela, tirando a chave do carro do bolso do casaco. — Não quero mais fazer isso sozinha.

— Beleza — concordei.

— Aliás, ele é sempre o último a sair, só para você saber — acrescentou ela. — Ele lê relatórios dos olheiros e faz… sei lá, coisas de hóquei depois do treino, em geral é o último a ir embora. Só para você não ficar achando que ele saiu e você não viu.

— Entendido.

A arena ficou barulhenta por alguns minutos enquanto os jogadores deixavam o vestiário, mas então o silêncio tomou conta, e fiquei sozinha no

rinque. Pelo que pareceram horas.

Cadê ele?

Quase tive um infarto quando meu celular começou a tocar, o som muitíssimo alto no rinque vazio. Fiquei chocada ao ver que era meu pai, porque era a segunda vez que ele ligava por vídeo desde que havíamos chegado a Minnesota.

Não tínhamos costume de fazer chamadas de vídeo, muito menos duas vezes seguidas.

Sempre fomos mais chegados a telefonemas tensos permeados de silêncios cheios de culpa.

— Uau, oi — falei ao atender, com uma voz animada, sorrindo quando seu rosto apareceu na tela.

— Oi, querida — respondeu, com uma camiseta bege que era uma espécie de segundo uniforme que ele usava depois do expediente. — Onde você está?

Era besteira, mas eu não queria responder. Não queria explicar que estava em um pista de hóquei. Meu pai sempre agiu como se Minnesota, e tudo que estivesse relacionado ao lugar, fosse um problema. Meu avós, Sarah, a infância da minha mãe… ele via tudo com maus olhos.

Quando eu era criança, Southview era um lugar que o fazia revirar os olhos, mas para onde ele, a contragosto, deixava que minha mãe fugisse durante um mês todo verão. Meu pai nunca teve nenhum interesse em se juntar a nós, mas aceitava a situação.

Afinal, sua esposa queria ir para casa.

Entretanto, quanto mais eles discutiam e se desentendiam, mais ele se comportava como se a cidade fosse parte do problema. Era como se ele tivesse ciúmes de tudo que era importante para minha mãe antes de ele aparecer.

— Para falar a verdade, estou em uma pista de hóquei — falei, sorrindo como se não houvesse outro lugar onde eu preferisse estar. — Talvez eu ajude o time para conseguir as atividades extracurriculares de que preciso para a faculdade.

— Meu Deus, não tem nada melhor do que hóquei para você fazer? — comentou ele, em tom de reprovação, franzindo as sobrancelhas escuras. — Acho que o clube de Matemática seria muito melhor, não?

— É, mas aqui tem toda uma questão por ter passado do período de inscrição dos clubes — respondi.

— Então quer dizer que sua mãe escolheu um colégio absurdamente atrasado… entendi.

Não queria falar sobre as opiniões dele a respeito de Southview ou sobre minha mãe, então disse:

— Está tudo bem?

O que eu queria falar era *Estou com saudade*, mas a gente não dizia essas coisas.

— Está tudo bem, sim, Daniella, mas surgiu uma questão e eu queria conversar com você. Tem um minutinho agora ou é melhor eu ligar quando você *não* estiver em uma pista de hóquei? — perguntou ele, com o mesmo tom de voz que usaria caso eu tivesse dito que estava no circo, não em um rinque de gelo.

— Na verdade, estou esperando que eles terminem aqui, então o momento é perfeito. O que houve?

— Bem — começou ele —, eu estava em uma reunião hoje para discutir sobre minha próxima base e pelo jeito é grande a possibilidade de eu acabar indo para Offutt.

— *Sério?*

A Base Aérea de Offutt ficava em Omaha, o que era a, tipo, cinco horas de viagem de onde nós morávamos.

Aquilo seria *incrível*.

Porque eu detestava o fato de que não *poderia* vê-lo se eu precisasse. Sabia que ele era rígido boa parte do tempo, mas era meu pai e eu o queria por perto. Queria que ele pudesse estar na minha formatura e queria poder sentir o cheirinho do pós-barba misturado ao sabonete que sempre o fazia parecer o homem mais limpo do planeta.

Então a possibilidade de ele se mudar para mais perto da gente era a melhor notícia que eu ouvia em muito tempo.

— Quando você vai ter a resposta?

— Na verdade, a questão não é bem quando vou ter a resposta, mas sim quando eu vou decidir o que quero fazer.

— Espera… você vai poder decidir? — perguntei com uma risada. — Isso não é muito comum para a Força Aérea.

— É uma situação complicada, mas, para resumir, há grupos que gostariam muito que eu estivesse em ambos os lugares, então tenho certa vantagem nessa decisão. Dito isso, quero saber para onde *você* gostaria que eu fosse.

— Para Offutt, com certeza — respondi, olhando em volta para garantir que ninguém estava ouvindo o quanto eu parecia uma criança animada. — É a melhor notícia de todas!

— Fico feliz em ouvir isso — falou ele, sorrindo de leve, mas mantendo a compostura de oficial. — Porque se fosse apenas uma questão de lugar, acho que ficaria aqui. Eu *gosto* de Ramstein.

Era verdade — ele gostava mesmo.

Minha mãe e eu, por outro lado, *não* gostávamos. A Alemanha era incrível, mas no dia a dia a sensação era a de que estávamos longe demais de qualquer coisa que nos fosse familiar, presas em uma base aérea no meio do nada.

— Mas a oportunidade de estar com *você* é muito mais importante do que isso — comentou ele.

Senti um calorzinho percorrer meu corpo, porque meu pai, que era rígido, estava admitindo que sentia minha falta. Aquilo significava muito para mim.

— Sua mãe e eu teremos que discutir os detalhes, porque é longe demais para fazer o esquema do "um fim de semana sim e outro não", mas acho que faria sentido você morar comigo em Offutt até terminar a escola. Tudo bem ela querer ficar aí, mas você não devia ser obrigada a ficar presa na tundra só porque ela quer reviver a infância, não é?

Olhei para o rosto dele na tela do celular e fiquei confusa por um instante.

— Você pode passar o verão com ela antes de ir para a faculdade — continuou ele —, quando o tempo estiver bom aí.

— Espera. O quê?

Não era possível que eu tivesse entendido direito.

Ele queria que eu deixasse minha mãe?

— Bem, eu prefiro a Alemanha, mas prefiro ainda mais a companhia da minha filha, claro. Então, se você quiser morar comigo, vou aceitar a transferência. Se quiser ficar em Minnesota com sua mãe, acho que vou acabar ficando em Ramstein.

— Essas são as únicas opções? — perguntei, e detestei o fato de que minha voz saiu embargada, como se eu estivesse prestes a cair no choro. —

Você só vai voltar para os Estados Unidos se eu deixar a minha mãe e for morar com você?

— Não precisa fazer drama, Daniella. Eu só estou tentando conversar com você.

— Não estou fazendo drama — falei, com plena consciência de que parecia estar na defensiva. — Só quero entender.

— É simples. Vou embora de Ramstein com o maior prazer se for para ficar com você, mas se você não quiser isso, provavelmente vou ficar por aqui. Faz sentido?

Nossa, como eu detestava quando meu pai dizia isso. *Faz sentido?* Ele sempre conseguia fazer com que eu me sentisse uma criancinha idiota quando lançava essas duas palavras.

Ele me encarava inexpressivo, observando, sério, minha patética tentativa de conter as lágrimas. Por que ele não podia facilitar as coisas? Tudo o que eu queria era ter uma relação tranquila com ele, mas meu pai parecia querer o contrário.

Ou que eu provasse minha devoção a ele magoando minha mãe.

— Faz, sim — falei, baixando o tom de voz para parecer tranquila, tentando manter o controle.

Ele não podia estar falando sério, certo?

— Sei que sua mãe não vai gostar muito desse plano — comentou ele. — Mas acho que se ela souber que é isso que você quer, vai aceitar. Está tão determinada a morar com seu avô que acho que não está prestando atenção em mais nada.

— Hum, até quando você precisa que eu dê uma resposta? — indaguei, obrigando meu rosto a manter uma expressão neutra, detestando ver o quanto eu parecia tensa.

— Gostaria de decidir isso o mais rápido possível — respondeu ele, unindo os dedos sob o queixo como se estivesse em uma conversa de negócios, não pedindo à própria filha que partisse o coração da mãe. — Como você acabou de se mudar para Southview, não deve ser tão difícil reorganizar tudo.

— Acho que não vou conseguir fazer isso com a minha mãe — admiti, quase em um sussurro, tentando conter as lágrimas inundando meus olhos.

— Mas você fez comigo — rebateu ele, baixinho.

Fiquei chocada com suas palavras e com o quanto ele pareceu magoado.

Coronel Collins não *ficava* magoado. Ele era como um robô.

Não era?

— Não foi isso…

— Às vezes as escolhas não são fáceis, Daniella.

— Eu sei, mas…

Afastei o celular do rosto, inclinando-o para o teto para que ele não me visse enxugando as lágrimas.

— Então agora você está chorando — disse ele, decepcionado, soltando um suspiro alto, e fiquei feliz por não poder ver o rosto dele. — Sinto muito se está chateada, e não vou obrigá-la a se mudar. Achei que isso talvez fosse algo de que você gostaria.

Senti um aperto tão grande no peito que chegou a doer.

— Eu *quero*…

— Não, acho que você não quer — rebateu ele, me interrompendo.

Não conseguia acreditar que estava chorando no meio de uma pista de hóquei, tipo, chorando de verdade, mas era impossível conter as emoções enquanto ouvia sua voz. Ele alternava entre fazer com que eu me sentisse culpada e triste; era um *looping* infinito que me sufocava.

Continuei secando as lágrimas e tentando manter o controle, mas senti que estava prestes a soluçar quando ouvi meu pai desligar.

Foi então que — *droga, droga, droga* — ouvi vozes.

Não consegui ver quem estava vindo ou onde a pessoa estava, não que eu fosse capaz de enxergar através das lágrimas. Tudo o que eu sabia era que ninguém da escola ou do time de hóquei podia me ver chorando de soluçar no rinque.

Eu me levantei do banco e disparei até o depósito da manutenção. Precisava me trancar em um lugar escuro e me recompor antes que alguém me visse.

Por favor, não esteja trancado. Por favor, não esteja trancado.

Como eu não chorava com muita frequência, fiquei assustada com a avidez com que as lágrimas jorravam. Não tinha como esconder que estava chorando, nem como impedir que aquilo continuasse.

Segurei a maçaneta — *graças a Deus, não estava trancado* — e abri a porta, entrando e fechando depressa.

No entanto, logo percebi que tinha feito besteira quando, mesmo em meio ao choro, vi que o lugar era grande e iluminado. Não era um depósito.

E tinha cheiro de meia suja. Enxuguei as lágrimas e me dei conta de que tinha entrado em um vestiário. *Merda.*

Ainda bem que não tem ninguém aqui.

Apoiei a testa na parede fria e respirei fundo, mas o que saiu foi um soluço. Cobri os olhos com as mãos, cedendo ao desespero por um instante.

— Dani?

Merda! Enxuguei os olhos depressa e me virei, torcendo para não parecer tão acabada quanto eu sabia que parecia.

Mas, quando me virei, foi como se o chão tivesse cedido sob meus pés. Era Alec.

Ah, minha nossa.

Fiquei horrorizada por ele me ver chorando, e ainda por cima — pelo amor de Deus — ele estava pelado.

Não *totalmente* pelado — vestia uma cueca boxer preta —, mas seu cabelo estava molhado e seus músculos à mostra, e dava para sentir o cheiro do sabonete ou do xampu que usava. Era óbvio que ele tinha acabado de sair do banho, *droga, droga, droga.*

— Ah, meu Deus. — Detestava o fato de ainda estar chorando. Deu para *ouvir* o choro na minha voz ao resmungar: — Desculpa, não era minha intenção entrar aqui.

— Dani? — repetiu ele, dando passos rápidos em minha direção e segurando meus braços. Sua voz soou muito séria quando ele perguntou: — O que aconteceu?

Os olhos escuros percorreram meu rosto, e tive a sensação de que ele estava segurando a respiração enquanto esperava a resposta.

Fiquei morrendo de vergonha porque não tinha acontecido *nada*. Nada terrível acabara de acontecer, eu só era uma garota triste que não conseguia agradar o pai.

— Nada. Sério… meu pai ligou e… quer dizer, está tudo bem — falei, soando quase como um sapo de tanto que minha garganta estava tensa.

— Não está, não — disse ele, e alguma coisa na preocupação em sua voz fez o oposto do que seria me ajudar a me recompor.

A preocupação dele me estilhaçou.

— Collins — insistiu Alec, e o que saiu foi quase uma pergunta, me abraçando.

As lágrimas idiotas se recusavam a parar de cair. O abraço dele era como um lar, algo com que eu podia contar, e eu não tive como não abraçar seu pescoço e aceitar o refúgio.

Qualquer outra pessoa no mundo, incluindo minha mãe, teria dito que tudo ficaria bem, que tudo seria lindo e maravilhoso, que tudo daria certo no final.

Mas Alec me conhecia e sabia como eu me sentia em relação ao meu pai.

Pelo menos soube um dia.

Ele só me abraçou mais forte enquanto eu tentava me recompor.

— D-desculpa — gaguejei, ou solucei, depois de mais alguns minutos.

As lágrimas enfim começavam a diminuir, então me afastei, enxugando o rosto, e abri um sorriso que eu sabia que devia estar parecendo patético.

— Não sei o que tem de errado comigo — falei, fungando —, mas obrigada por ter sido legal diante do meu leve surto.

— Não tem nada de errado com você — respondeu ele, a voz rouca, as sobrancelhas franzidas.

E, quando ele olhou para mim com aqueles olhos escuros e aquele rosto absurdo de tão lindo, eu me dei conta de que continuava abraçada a seu corpo nu.

— Desculpa — repeti, mas, quando tentei me afastar, senti um puxão para a frente.

— Seu colar — apontou ele.

Olhei para baixo e vi que a corrente dele estava presa em meu colar.

Eu literalmente não conseguia me afastar porque nossas joias estavam enroladas uma na outra, impedindo que nos distanciássemos.

— Ah! — exclamei baixinho, incapaz de dizer outra palavra.

Era absurdo que meu rosto estivesse ao lado do pescoço dele, que estava com um cheirinho bom demais — *aff* —, e que eu estivesse sentindo sua respiração em minha clavícula.

— Espera — murmurou ele em meu pescoço, e no segundo seguinte senti nossas correntes se separarem. — Pronto.

— Obrigada, Alec — agradeci, olhando para seu rosto, mas sem largar seus ombros. Ainda não. Estava agradecendo por mais que apenas o colar, e pelo jeito como Alec olhava para mim percebi que ele tinha entendido. — Eu não…

— Eita! — exclamou uma voz grave e rouca atrás de mim. — Mas o quê… Barczewski?

Nós dois nos viramos de repente, e eu quis morrer ao ver que não só o treinador de hóquei estava ali, olhando para nós com cara feia, mas também outros três homens que pareciam ter acabado de nos flagrar transando no vestiário.

— O que está acontecendo aqui?! — berrou o treinador.

Nós nos separamos com um salto.

— Não é o que parece — respondeu Alec, e fiquei impressionada com o quanto ele parecia calmo.

— É mesmo? — perguntou o treinador, quase berrando de novo. — Porque o que parece é que tem uma garota no meu vestiário.

— Eu… sem querer, eu… — comecei a explicar.

— Dani — interrompeu ele, sem transparecer um único traço da gentileza que eu tinha visto em seu rosto momentos antes. — É melhor você ir.

— Mas…

— *Vá* — insistiu ele, os olhos escuros fixos nos meus.

— Ele tem razão — concordou o treinador. — Você não deveria estar aqui, mocinha.

— Eu vou explicar o que aconteceu — disse Alec, mas de repente ele parecia instável, como se estivesse prestes a perder a cabeça.

Assenti em silêncio… o que mais poderia fazer? Estava diante de quatro homens de cara fechada e do meu ex-amigo. E eu tinha uma leve suspeita de que ele me odiava. Assenti mais uma vez e me virei, saindo do vestiário às pressas, quase correndo.

Mandei mensagem para minha mãe e pedi que fosse me buscar assim que pudesse, e ela disse que estava a caminho, mas fiquei enjoada ao me dar conta do que eu tinha acabado de fazer.

O treinador de hóquei era um professor.

Um professor que me pegou no vestiário dos garotos, onde um desses garotos estava se vestindo.

Eu estava muito encrencada.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Alec

Merda, merda, merda.

Engoli em seco e esfreguei a nuca quando a porta se fechou.

O que havia acabado de acontecer?

Eu estava me vestindo e lembrei que tinha deixado minha corrente no chuveiro. Voltei, coloquei a corrente e, quando fui para o meu armário, ali estava ela, puta *merda*.

De frente para a parede, mas eu reconheceria o cabelo dela em qualquer lugar.

E, quando ela se virou, suas lágrimas me levaram de volta ao dia em que eu as sequei e a beijei.

Quase deixei de respirar quando ela olhou para mim, e a abracei enquanto "sweat", do Haiden Henderson, tocava na caixinha de som no meu armário, como se fosse uma piada.

Sweat, get into it
Let me show you how to use your legs

Não sabia ao certo como aquilo tinha acontecido sendo que eu estava decidido a manter distância dela, mas de repente fui golpeado pelo cheiro floral de seu cabelo, embriagado pelo calor de seu corpo em meus braços, hipnotizado por suas mãos deslizando em minha pele, *meu Deus*.

O que era *aquilo*? Eu tinha ido de zero a cem na presença dela em três segundos.

Em minha defesa, essa reação teve a ver com o coronel. O pai da Dani era controlador, um babaca a quem ela sempre dedicou uma devoção absurda embora ele não merecesse, e isso sempre me comoveu.

Porque enquanto ela fazia de tudo para agradá-lo, o cara não levantava um dedo nem para oferecer uma mísera atenção.

Sendo assim, fiquei surpreso ao ver que ele continuava fazendo Dani chorar.

Mas como eu ia consertar aquela situação? O treinador parecia querer me matar, e eu não podia culpá-lo.

Quer dizer, que *timing* terrível, hein?

Já teria sido péssimo se Oz estivesse sozinho, mas ele estava com dois treinadores de Wisconsin e com Gordy Frye, um jornalista esportivo da região *muito* bem-relacionado.

Tipo, o cara conhecia *todo mundo* do hóquei.

— Eu sei que isso deve ter parecido estranho — falei, me esforçando para abrir um sorriso despreocupado, como se não fosse nada de mais, mas na verdade era, sim.

Eu deveria estar recuperando minha reputação, mas agora aqueles homens estavam pensando que tinham acabado de me pegar no flagra com uma garota no vestiário — um dia antes de um jogo —, como se eu não estivesse focado no esporte. E logo depois daquela foto com o bong.

Caramba, Dani.

Droga, só de *pensar* no nome dela eu me sentia trêmulo.

— Sugiro a vocês irem até o meu escritório, as estatísticas de que estávamos falando estão em cima da mesa — disse o treinador. — Só preciso gritar com meu jogador rapidinho. Depois vamos até lá e podemos conversar.

Eles riram como se tudo aquilo fosse muito divertido, mas percebi pelo jeito como olharam para mim que eu tinha estragado tudo mais uma vez.

Assim que eles saíram, o treinador desatou a falar.

— Qual é o seu *problema*, Barczewski? Tudo o que precisava fazer era não se meter em encrenca… só isso. Faz o que… um *dia*? Esse pessoal veio observar você, e era a oportunidade perfeita para provar que você não é o que parece ser, mas estragou tudo trazendo uma *garota* para o vestiário — vociferou ele, e seus gritos saíram como um rosnado porque estava tentando manter a voz baixa. Ele já estava em cima de mim quando esbravejou: — Como se não fosse o bastante, você não está nem vestido. O que é isso? E quem é aquela garota? Eu nunca a vi na minha vida. Por favor, me diga que não trouxe uma estudante do Simley ou de algum outro colégio para o vestiário.

— Meu Deus, não — respondi, um pouco irritado por ele assumir aquilo. De verdade, por que todo mundo sempre imaginava o pior? — Ela é novata aqui no colégio e quer ser assistente do time. Estava tentando…

— Ela estava ou não no vestiário com você enquanto você se vestia?

— Não é o que você está pensando… ela é neta do Mick Boche! — falei, ou melhor, gritei. — Ela acabou de se mudar para cá e a gente se conhece desde criança.

— Ela é neta do Boche? — perguntou ele, semicerrando os olhos como se não conseguisse acreditar no que ouvia.

— É — concordei, feliz por ele ter desacelerado um pouco ao ouvir esse detalhe. — Ela e a mãe se mudaram para a casa dele no último fim de semana.

— É sério? — disse ele, franzindo o cenho como se não estivesse acompanhando o raciocínio. — Ela joga hóquei?

— Não — respondi, torcendo para que ele continuasse distraído com a linhagem da realeza do hóquei da Dani. Se eu falasse sobre *ela*, talvez ele esquecesse o que acreditava ter flagrado. — Ela é uma nerd toda certinha que vai estudar em Harvard ano que vem. É tipo o oposto do Mick.

Ele cruzou os braços.

— E você disse que cresceram juntos?

— Nossas mães são amigas — expliquei —, então a gente se conhece desde sempre. Éramos melhores amigos, até ela ir embora do país.

— Epa, epa, epa — disse Gordy, saindo do escritório com um sorriso enorme, os treinadores de Wisconsin logo atrás dele. — Não deu para deixar de ouvir… Você disse que a garota que estava aqui no vestiário, sua namoradinha de infância, é *neta* do Mick Boche?

"Namoradinha de infância" não era o melhor termo, mas foi interessante ver que a expressão de todos eles tinha mudado. De repente, não pareciam estar me acusando de ter estragado tudo, e sim interessados na minha história com a neta do Boche.

Custe o que custar.

Eu não iria mentir, mas também não deixaria de tirar proveito daquela situação. Tentei minha melhor versão de um sorrisinho reservado e disse:

— Sim, Dani é neta do sr. Boche.

— Não acredito! — exclamou Gordy com um sorriso. — Se me dissessem que ele tinha uma neta, eu teria imaginado uma garota que luta,

cospe e xinga que nem caminhoneiro. Está me dizendo que a loirinha de óculos é da família do Mick?

— Sim, senhor — respondi, entrando na onda. — Não bebe, não fuma e prefere ler um livro a assistir a um jogo. A maçã caiu *bem* longe da árvore.

— Isso é hilário — comentou ele, balançando a cabeça. — Quem poderia imaginar?

— Senhores… — começou o treinador.

Gordy apontou para o escritório.

— Eu sei, eu sei… vamos voltar ao escritório para que possa terminar seu sermão.

— Eu já vou, obrigado — respondeu o treinador, mas o sorriso desapareceu assim que a porta se fechou.

— Treinador, eu juro que…

— Cale a boca e me escute, Zeus — interrompeu ele, em voz baixa. — Estou indo para o escritório garantir que aqueles homens entendam que você é unha e carne com a neta do Boche. Isso não resolve tudo, mas pelo amor de Deus, ao menos é *ela*.

Ela.

— Talvez o fato de você estar namorando uma Boche possa tirar o foco não só da foto da qual as pessoas estão falando, mas também da cena que acabamos de testemunhar, já que vocês dois seriam a realeza do hóquei, sei lá — argumentou ele, olhando para o escritório. — Mas gostei do que você disse sobre ela. Namorar alguém que está mais interessada em livros do que em festas é exatamente do que você precisa.

Namorar?

Ah, droga, ele acha que estamos *namorando*?

Tentei desviar do assunto:

— Mas eu estava falando a verdade sobre a cena que vocês viram.

— E eu acredito em você — respondeu ele, e torci para que fosse verdade. — Mas Gordy fala com *todo mundo*, e se o comitê já estiver em dúvida sobre você, não queremos que a notícia que ele vai levar seja que, em vez de se concentrar nos jogos, você estava de pegação com uma garota no vestiário. Não é melhor ele voltar com a notícia de que você está namorando uma garota séria que, por acaso, é neta de Mick Boche?

Oz olhou bem para mim, para que eu entendesse a importância do que ele dizia. Mas eu não queria acreditar naquilo. Eu me recusava a acreditar

naquilo. Ainda assim, no fundo, sabia que, por mais rápido que os boatos sobre aquela foto tivessem se espalhado, este teria uma repercussão muito, muito pior.

Merda. Ele tem razão.

Eu não tinha escolha.

CAPÍTULO DEZESSETE

Dani

Quase tive um infarto quando ouvi uma batida na porta.

Já passava das dez, e eu era a única pessoa que ainda estava acordada em casa, estudando.

Teríamos uma prova de cálculo na semana seguinte, mas, sendo bem sincera, só estava estudando para evitar pensar no meu pai.

E no vestiário.

Estava emocionalmente esgotada demais para voltar a chorar.

Eu meio que esperava que fosse Cassie, porque ela não estava querendo aceitar um "não" como resposta quando eu desisti de ir ao Applebee's, mas ao olhar pelo vidro sobre a porta, vi Alec espiando.

Droga, droga, droga, eu *não* queria encará-lo. Como se não bastasse ele ter me visto chorando, a… *cena*… que aconteceu na sequência foi constrangedora.

Ainda mais porque, por uma fração de segundo, eu me esqueci de tudo que não fossem seus olhos castanhos e a sensação de estar em seu braços outra vez.

Idiota!

Mas o que eu podia fazer? Tinha passado o restante do dia surtando, esperando uma ligação do diretor dizendo que eu tenha sido expulsa.

Com um frio na barriga, fui até à porta e a abri.

E, meu Deus, ali estava ele.

Alec era tão alto agora, tão grande, e olhava de cima para mim com um sorrisinho e uma expressão divertida nos olhos escuros.

— Uau — falou, sem nem me dar oi. — Que gata.

Revirei os olhos. Eu estava com uma calça de pijama de flanela e uma camiseta surrada do Philadelphia Eagles, e meu cabelo ainda estava molhado

do banho de vinte minutos antes, que eu decidira tomar porque não estava conseguindo me concentrar de tanto frio.

Sim, eu estava horrível, mas isso não tinha importância.

— O que aconteceu depois que eu saí? — indaguei, olhando para o zíper de sua jaqueta, porque não ia aguentar ficar mais um segundo olhando para seu rosto.

— Posso entrar? — perguntou ele. — A história é longa e seu cabelo vai congelar se a porta ficar aberta.

— Ah, claro — respondi, dando um passo para trás para abrir espaço para ele. — Mas minha mãe e meu avô estão dormindo, então vamos ter que fazer silêncio.

— É, eu não vim pensado em fazer um escândalo — disse ele ao entrar.

Eu não soube dizer se ele estava brincando ou sendo um babaca sarcástico.

Fechei a porta com cuidado e fui para a sala, sentindo sua presença atrás de mim. Não sabia o que fazer, então sentei no sofá e cruzei os braços.

— E aí, o que eles disseram? Estou muito encrencada? — quis saber, ciente de que meu rosto estava vermelho, porque minha pele parecia estar pegando fogo.

— Na verdade, você não está nem um pouco encrencada — explicou ele, se jogando na cadeira à minha frente.

— Como assim? Eles pareciam muito bravos — falei, confusa. — E eu *não* deveria ter entrado no vestiário.

— Beleza, digamos que a situação ficou estranha depois que você saiu. Tenho muitas coisas para contar, então preciso pedir, com todo o respeito, que fique quieta até eu terminar. Preciso que ouça tudo o que tenho a dizer antes de responder.

Isso não pode ser bom.

— Tudo bem — respondi, pegando uma das almofadas floridas da minha avó e abraçando-a junto ao peito. — Estou ouvindo.

— Então, você tinha razão… Oz estava muito bravo. Ele achou que eu tinha levado uma garota qualquer para o vestiário para… hum, por motivos que não tem nada a ver com hóquei. Como ele viu…

— Já entendi — interrompi, me perguntando quanto constrangimento eu seria capaz de suportar até entrar em combustão espontânea de vergonha.

— Tá, ótimo — disse ele, e fiquei irritada ao ver que Alec parecia estar segurando o riso. — Ele ficou furioso, então tive que explicar que a gente se

conhecia quando era criança e que você não era uma garota qualquer. Expliquei quem é seu avô…

— Ai, meu Deus, ele vai contar para o meu avô?

E eu achando que a vergonha não tinha como piorar.

— *Não* — respondeu ele. — Bem, quer dizer, acho que não. Ele não disse nada sobre isso.

— E o que ele *disse*, então?

— Você ia ficar em silêncio enquanto eu estivesse contando, lembra? Cinco segundos atrás?

— Fala logo — apressei, soltando um suspiro.

Eu só queria que aquilo acabasse.

— Obrigado — disse ele, esfregando o ombro, e percebi o quanto parecia exausto. — O que eu ia dizer era que o treinador não reagiu como eu imaginava. Quando contei que a gente se conhecia desde criança, ele e Gordy entenderam que eu estava dizendo que você era, tipo, minha namorada de infância ou algo do tipo.

— Estranho — falei, olhando para baixo e tentando não pensar no beijo.

Só fomos namorados de infância naquele único dia.

— Estranho mesmo. Mas os homens que estavam com ele são ligados ao hóquei. Dois eram olheiros, e o que tinha um corte de cabelo feio é um jornalista esportivo que conhece todo mundo que importa no hóquei nacional, entende?

— Entendi — respondi, lembrando que vovô Mick tinha falado sobre aqueles caras.

— Eles vieram para me ver jogar, o que foi ótimo, já que eu estava tentando convencê-los de que não sou um caso perdido, porque teve uma foto que… é… pode ter dado a entender…

— Que você estava fumando o maior bong do mundo?

Ele franziu o cenho.

— Você viu a foto?

— Vi, foi o assunto do jantar ontem à noite — falei.

— Droga… Mick também viu? — perguntou ele, em pânico.

— Importa mesmo se meu avô tiver visto uma foto sua com um bong?

— *Ele é o Mick Boche*! — rebateu ele, olhando para mim como se eu tivesse dito algo ridículo. — É *claro* que importa.

— Ele é só um homem comum, sabe.

— Ah, sei — disse ele, revirando os olhos.

— Voltando à história… — Fiz um gesto com as mãos para que ele continuasse.

— Eles vieram me ver, e eu precisava provar que não era uma distração para o time, então o fato de eles terem entrado lá e achado que me viram de pegação com uma garota é algo terrível.

— Imagino — comentei, quase com pena dele.

Quase.

— Mas, quando ouviram sobre quem você era, e a suposição equivocada do treinador de que talvez nós dois estivéssemos juntos…

— *O quê?* — Aquele dia só podia ser um pesadelo. — Eles acham que estamos "juntos"?

— Shhhh… escuta — disse ele, balançando a cabeça. — Foi o que o meu treinador deduziu quando entendeu errado o que eu falei. Enfim, quando eles ouviram que você é um gênio que vai para Harvard e que Mick Boche é seu avô, de repente começaram a olhar para mim de um jeito diferente. Como se talvez eu não fosse um caso perdido e talvez estivesse namorando alguém que é uma boa influência.

Como quatro homens podem ter entendido tudo de um jeito tão errado?

— Mas a gente não está namorando — falei, meio atônita.

— Ora, ora, parece que temos um Sherlock Holmes aqui — respondeu ele.

— Ora, ora — repeti, com uma voz ridícula, bem baixinho, irritada com o tom dele.

— Dani — disse Alec, inclinando o corpo para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, bem sério. — É óbvio que isso tudo é um show de horrores, um mal entendido que saiu do controle.

— Óbvio.

— Mas enquanto eu estiver tentando fazer com que as pessoas enxerguem quem eu de fato sou, não um festeiro inútil, isso pode ser uma coisa boa.

— Para *você* — retruquei, tentando seguir o raciocínio dele. — Então, o que… você quer deixar que eles acreditem na coisa errada porque isso vai melhorar a sua imagem?

— Você prometeu que ia ficar em silêncio até eu terminar — insistiu ele, com as sobrancelhas arqueadas e a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse tentando me persuadir.

— Não, não prometi — rebati. — Acho que o que eu disse foi "estou ouvindo".

— Dani — disse ele, os dentes cerrados. — Por favor?

— Tá. — Revirei os olhos mais uma vez.

— Então — prosseguiu Alec, pigarreando. Ele ficou sério e uniu as mãos, como se estivesse rezando. — Tenho uma proposta a fazer. Eu consigo colocar você como assistente do time para te ajudar com Harvard, se você concordar e, tipo, deixar as pessoas acreditarem que meio que estamos namorando.

— *O quê?* — Quequeque *droga* é essa? — Você quer que eu finja que estamos *namorando*?

— Quer dizer, seria discreto — argumentou ele, parecendo ofendido pela minha reação. — A gente não precisa fazer um anúncio oficial nem nada do tipo. Só, sabe, meio que agir como se estivéssemos juntos.

— De jeito nenhum — falei, muitíssimo irritada com aquela ousadia, com a presunção de que eu iria simplesmente fazer o favor de arruinar minha reputação, que ainda nem estava estabelecida.

Já podia até imaginar como seria.

Eu seria seu chaveirinho nerd, conferindo a credibilidade de que ele precisava, mas todos os amigos dele saberiam a verdade e ririam de mim pelas costas, a srta. Quatro Olhos que estava se vendendo por uma atividade extracurricular.

No meio-tempo, eu ficaria exposta para toda a escola me julgar — *quem é essa garota?* —, porque, de repente, eu estava namorando o superastro deles.

Eu iria chamar a atenção de todos da pior forma possível.

A novata está namorando Zeus? Eca.

E, no fim, quando ele não precisasse mais da nossa aliança e me desse um pé na bunda de mentirinha, eu teria que lidar sozinha com fosse lá qual imagem injusta isso me geraria.

— Não recuse sem pensar primeiro — alertou ele, os olhos semicerrados, como se achasse minha reação ridícula.

Ele que era ridículo.

Então acrescentou:

— Tenha em mente que, não importa o que a gente fizer, as pessoas vão ouvir o que os treinadores acham que viram hoje.Você quer que o boato seja

sobre duas pessoas que mal se conhecem ou sobre duas pessoas que têm um passado e podem estar se reconectando?

Minha vontade era bater nele. Eu não era uma pessoa violenta, mas queria bater nele por dizer algo em que eu não tinha pensado, por falar em voz alta algo que era um maldito pesadelo.

As pessoas falariam sobre aquilo no dia seguinte, sobre nós dois juntos no vestiário.

Eu sabia que Alec tinha razão, mas estava com raiva demais para ceder.

— Olha só — falei, sentindo um aperto na garganta porque tudo estava dando errado rápido demais em Southview. — É uma droga que você tenha que encarar as consequências das suas ações, mas vou recusar esta oportunidade.

Ele semicerrou ainda mais os olhos, como se estivesse tentando enxergar no escuro ao olhar para mim.

— Você não tem interesse em me ajudar mesmo que possa ser bom para você também?

— Não — ladrei, olhando bem para ele.

— Harvard não vale esse pequeno favor? — perguntou.

— De jeito nenhum — respondi, soterrada pelo estresse que seria ir para a escola no dia seguinte.

— Uau — comentou ele, curvando os lábios em um sorriso cruel e balançando a cabeça devagar. — Algumas coisas nunca mudam.

— O que *isso* quer dizer? — indaguei, porque *sempre* estive ao lado de Alec, até que isso deixou de ser possível porque ele desapareceu.

— Achei que pelo menos desta vez talvez você fosse pensar em alguém além de si mesma, que aproveitaria para agir de outra forma, mas eu estava enganado.

— Você não pode estar falando sério. — O garoto que me deu um chá de sumiço depois de uma longa amizade estava dizendo que *eu* era egoísta? — Você está dizendo que *eu* só penso em mim?

— É exatamente o que eu estou dizendo — respondeu ele, erguendo o tom de voz. — Acho que eu esperava…

— Sim, você esperava que eu caísse de joelhos e fizesse qualquer coisa que você quisesse porque agora você é o Deus do Hóquei — falei, me levantando. — Está tarde e eu preciso estudar, então acho que você deveria

encontrar outra pessoa para fingir ser sua namorada. Quer dizer, pelo jeito as garotas fazem fila para cair nas graças de Zeus, então não deve ser difícil…

— Não precisa ser babaca — interrompeu ele, se levantando também.

— Ah, não? Porque me parece que você está sendo babaca desde que eu coloquei os pés em Southview, sem motivo nenhum. Se o grande astro do hóquei não quer ser amigo da velha amiga nerd, tudo bem, também não quero ser sua amiga, mas não aja como se eu fosse babaca quando o babaca aqui é você.

Nesse momento, alguém bateu à porta.

— É sério? — resmunguei, baixinho.

Quem mais poderia estar batendo àquela hora em um dia de semana? Fui até a porta e fiquei chocada ao abrir e me deparar com Benji.

— Oi… — falei, surpresa porque não o via desde o dia da mudança. Eu me perguntei por que ele estava batendo à porta sendo que nem éramos amigos e vovô Mick o detestava. *Além do mais, são dez horas da noite!* — E aí, Benji?

— Vi a luz acesa e estava indo comprar alguma coisa para comer, então pensei que… ah, e aí, Zeus? — disse ele, olhando além de mim com um sorriso largo. — Não sabia que você estava aqui.

— Não viu meu carro? — perguntou Alec, e sua voz soou tão tensa que me virei para encará-lo. — Sério?

Ele estava *encarando* Benji. Não com a leve aversão que sempre teve pelo vizinho irritante do meu avô, mas como se quisesse aniquilá-lo.

— Agora que você mencionou — disse Benji, com um sorriso assustador de tão grande —, acho que vi, *sim*, uma lata velha estacionada na entrada.

— Olha só, é, Benji… — falei, confusa com aquela tensão no ar e sem interesse nenhum em tentar entender. — Obrigada por…

— Tchau, Ben — disse Alec, se colocando ao meu lado de repente.

— *Alec* — bradei, olhando para ele sem acreditar.

— Você está com fome, Collins? — perguntou Alec de repente, irritado.

— Hum, não… — respondi, olhando de um para o outro.

— Ela não está com fome, idiota, então cai fora daqui — disse Alec a Benji, estendendo a mão em direção à porta como se fosse arrancá-la do batente à força.

— *Alec* — falei, incrédula. — O que você…

— Ele está incomodando você, Dani? — perguntou Benji, o rosto preocupado. — Porque, se estiver, eu posso…

— Vocês *dois* estão me incomodando — rebati, sem entender aquela demonstração de machismo raivoso. — Obrigada, mas não quero comer, Benji, e acho que já terminamos, Alec.

Dei um passo para trás para que Alec pudesse se juntar a Benji na varanda.

— Ah, ei… você recebeu minha mensagem? — indagou Benji, sorrindo para mim como se trocássemos mensagens o tempo todo.

— Hum, recebi — falei, cruzando os braços e sentindo o ar gelado entrar. — Eu…

— *Mete o pé*, Worthington — ordenou Alec, saindo para a varanda para cima de Benji e dando um empurrão em seu peito. — Ela já disse que você está incomodando.

— Acho que, na verdade, isso foi para você — respondeu Benji, sorrindo como se não tivesse se abalado nem um pouco com Alec partindo para cima dele. — Aliás, *amei* o bong enorme, Zeus. *Muito* sofisticado.

Ele deu meia-volta e desceu os degraus, e eu balancei a cabeça, porque nada mais fazia sentido. Olhei para Alec e bati a porta. Eu só precisava que aquele dia acabasse.

Mas então Alec bateu à porta outra vez.

Soltei um suspiro e abri.

— Você esqueceu alguma coi…

— Você já voltou a falar com o escroto do Benji… está de brincadeira?

A voz dele saiu baixa e rouca, os olhos semicerrados como se… como se aquilo importasse, como se eu tivesse feito algo terrível contra ele por falar com o vizinho.

— Ele… mora aqui do lado — falei, devagar, sem saber o que ele queria dizer com "voltou a falar".

Alec estava de cara fechada e, embora não lembrasse em nada meu velho amigo, alguma coisa naquele momento parecia ter saído diretamente do nosso passado, e senti um aperto no peito.

— Mas a gente *detesta* esse cara, Dani — disse ele, franzindo o cenho e balançando a cabeça, incrédulo.

— Eu nem o conheço — retruquei, confusa com aquela reação e o jeito como ele disse meu nome, como se ainda fôssemos amigos. — Você conhece?

— Ah, conheço, sim — respondeu ele. — Com certeza.

— Então acho que vou ter que acreditar na sua palavra, porque eu não conheço mais nenhum de vocês dois — declarei. — Boa noite, Alec.

— Boa noite — falou ele, embora o desejo claramente não fosse sincero.

Bati a porta.

Ao deitar, no entanto, não consegui dormir, pois suas palavras ficaram ecoando em minha cabeça sem parar.

Achei que pelo menos desta vez você fosse pensar em alguém além de si mesma, que aproveitaria para agir de outra forma, mas eu estava enganado.

Nós tínhamos passado *anos* trocando cartões-postais com nosso sistema codificado para manter contato, e um dia ele simplesmente parou de responder.

Eu nunca mais soube dele.

NUNCA MAIS.

Então se um de nós era culpado por não ter ajudado o outro, esse alguém era Alec.

CAPÍTULO DEZOITO

Alec

Que merda foi *essa*?

Era meia noite e meia e eu continuava sentado na cama, "ricochet", do Aidan Bissett, tocando em meus fones e a cabeça latejando. Como Benji já podia estar em cima dela feito um urubu sendo que Dani tinha *acabado* de voltar? Ele sempre pareceu um cachorrinho correndo atrás dela, então eu não deveria estar surpreso.

Pelo pouco que eu sabia, eles podiam até ser melhores amigos.

Recebeu minha mensagem?

Por que aquele idiota tinha o número dela?

Não importa mais.

Mas meio que importava sim, caramba, porque eu detestava aquele cara.

Benji Worthington era um incômodo quando éramos crianças, um babaca irritante que morava ao lado da casa do avô de Dani e gostava de fofocar pelas minhas costas e ser passivo-agressivo quando ainda nem tinha idade para saber o que isso significava.

No entanto, quando chegamos ao fundamental e eu tive que lidar com Benji no rinque, ele virou uma ameaça. Estava sempre nos melhores times, os times que faziam testes, numa categoria em que nem deviam fazer isso, o que me deixava muito irritado. Ele não entendia nada de hóquei, mas por algum motivo sempre era escolhido.

É claro que isso não devia ter nada a ver com todos os equipamentos caríssimos e recursos ilimitados que ele tinha.

Eu não gostava dele, mas Benji me *detestaaava*. Parecia ficar muito irritado porque, por mais dinheiro que ele tivesse, eu sempre joguei melhor. Como não podia fazer nada a respeito, ele falava mal da minha família o tempo todo.

Eu sabia lidar com gente idiota querendo mexer *comigo* — fazia parte do jogo, certo?

Mas Benji sempre dava um jeito de fazer piadas sobre minha vida que eram pessoais demais, com uma parcela de verdade que magoava. A minivan velha da minha mãe, a vez que meu pai foi demitido quando eu estava no nono ano… Ele sempre tinha algo a insinuar, e depois amava se fazer de inocente quando eu perdia a cabeça e partia para cima.

Aí *eu* é que era o "violento", o que tinha passado dos limites.

Até que um dia dei uma surra nele em uma festa depois do acidente do meu pai, o que provavelmente foi o estopim para aquela história de "o Barczewski está fora de controle" (embora aquilo não fosse verdade).

Eu havia passado o dia inteiro no hospital, esperando meu pai acordar depois de mais uma cirurgia (ele já tinha feito sete), quando minha mãe me disse que Dani e Hannah estavam a caminho. Parece que elas ficaram sabendo do acidente e decidiram pegar um avião para visitar meu pai e ficar com minha mãe.

E eu tinha ficado muito feliz ao ouvir aquilo, não só porque fazia alguns anos que não via Dani, mas porque estávamos sobrecarregados com as consequências do acidente e eu precisava muito da minha amiga — que não estava mais respondendo aos meus cartões-postais.

Mas aí Hannah aparecera sozinha.

Eu perguntara da Dani, e ela parecera constrangida:

— Ela não lida muito bem com hospitais e achou que podia estar sendo intrometida, então pediu ao Benji que a levasse para o hotel — explicara.

Eu não podia estar ouvindo direito.

— Benji?

Para o hotel?

— É, lembra do Benji Worthington, o garoto que era nosso vizinho? — perguntara Hannah, como se a situação fosse muito engraçada, sorrindo ao contar que eles tinham pegado o mesmo voo e ele acabou oferecendo uma carona.

Mundo pequeno, né?

— Ele é um amor de pessoa — dissera ela, e minha vontade foi esmurrar uma parede.

Inferno de mundo pequeno.

Fiquei muito chateado de saber que Dani não quis me ver; saber que ela tinha se recusado a ir ao hospital de alguma forma deixou tudo o que já estava horrível ainda pior.

E pensar que aquele idiota estava com ela me deixou ainda mais deprimido.

Quando cedi e deixei que Vinny me arrastasse do hospital para uma festa em White Bear naquele dia e acabei encontrando Benji lá (é claro), foi a gota d'água.

— Zeus! Vi sua amiguinha Dani hoje — falara ele, com aquele sotaque de garotinho rico que não tinha nada a ver com a região em que ele morava e tudo a ver com a colher de prata que estava enfiada na bunda dele. Então Ben abriu um sorrisinho e pegou o celular. — Olha só.

Eu estava tão esgotado que nem tinha passado pela minha cabeça brigar com ele.

De verdade.

Tinha ficado interessado em ver como Dani estava, admito, ainda que estivesse muito decepcionado com ela.

No entanto, em vez de me mostrar uma selfie meio sem jeito no aeroporto, que me convenceria de que ela ainda o detestava, ele me mostrara uma foto dela.

Sentada em uma cadeira, sorrindo para a câmera.

Uma das cadeiras que tínhamos roubado da loja do meu pai.

Caramba, ela o levou ao nosso galpão.

Ela não fora ao hospital para me ver ou fazer uma visita ao meu pai, que estava gravemente ferido, mas levara o Rei da Babaquice até nosso lugar secreto e tinha ficado rindo com ele.

Tive vontade de vomitar.

Mantive a calma por mais uma hora, mas, quando Benji começou com a chatice de sempre — *é verdade que seu pai estava bebendo quando se envolveu naquele acidente?* —, eu soquei a cara dele.

Várias vezes.

Para com isso, falei para mim mesmo, encostando a cabeça na parede e pulando para a música seguinte, pensando no que fazer. Por mais que quebrasse a cabeça, não conseguia pensar em nada melhor do que Dani. Mais especificamente, em namorar Dani (de mentirinha).

Eu não queria que ela voltasse a se aproximar de mim, mas precisava dela, caramba.

— Que se dane — falei, tirando os fones e ligando para o número que minha mãe tinha me dado caso eu quisesse ser legal e ligar.

Enquanto chamava, minha mente voltou para o vestiário.

Como o perfume de alguém podia ser tão bom?

— Alô?

Algo na voz dela ao atender (e eu não acreditava que ela tinha atendido), no fato de ela parecer tão cansada, invocou lembranças que eu não gostaria de reviver.

— Oi, é o Alec — falei, me dando conta de que nunca tínhamos conversado por telefone.

Como isso é possível?

— Oi — respondeu ela, e fiquei surpreso por não ter desligado ou dito alguma coisa sobre o incidente com Benji.

— Olha só, eu sei que você já disse não — comecei, tocando no assunto de uma vez e colocando o volume da caixinha de som que ficava ao lado da minha cama no mínimo —, mas eu queria saber se não está disposta a me deixar tentar convencê-la.

Ela soltou um suspiro, mas não negou, então continuei:

— Você ainda pode recusar, mas pensei em mais alguns motivos que podem te beneficiar.

— Ah, é? — perguntou ela.

— É. Posso dizer quais são?

— Aham.

Aham?

— Espera… você está acordada?

— O quê?

— Estou com medo de que talvez você seja sonâmbula ou algo do tipo, porque está muito receptiva.

— Eu sempre sou receptiva. Agora fala logo antes que eu desligue.

— Tudo bem. — Respirei fundo. — Então, para começo de conversa, acho que você precisa pensar nos prós e contras, porque estou tendo dificuldade de pensar em motivos pelos quais isso seria ruim para você.

— É claro que está — respondeu ela. — Por que uma garota não ia querer um relacionamento com Zeus, o Deus do Hóquei?

— Parece que você está sendo preconceituosa com o fato de eu ter virado atleta — falei, me perguntando onde ela estaria na casa do Mick.

Será que estava na cama, onde quer que sua cama fosse, ou na sala, onde a encontrei absorta nos estudos quando apareci lá?

Eu a tinha visto pelo vidro da porta, mergulhada nos próprios pensamentos, os olhos no livro e mordiscando o lábio inferior.

Detestei o quanto ela estava linda; eu não precisava daquilo.

— Está com inveja… é isso? — indaguei, em tom de provocação, na esperança de que isso a deixasse mais relaxada. Independentemente de qualquer coisa, eu precisava que ela estivesse receptiva à ideia. — Nós éramos dois nerdzinhos, e agora você é a única nerd…?

Ouvi Dani deixar escapar um som que pareceu uma risada, e aquilo era quase uma vitória.

— Acredite, não estou com inveja — disse ela.

— Tudo bem, então voltando à minha lista. Vou citar motivos pelos quais isso vai ser bom para você. Primeiro motivo, claro, você consegue a atividade extracurricular. Pode ser assistente do time, o que vai garantir o que precisa para ser aceita em Harvard. Já que isso é muito importante para você, fingir gostar de alguém parece um sacrifício pequeno, não acha?

— É um bom argumento — respondeu ela —, mas é muito óbvio. O que mais?

— Você não vai facilitar, né?

— Nem um pouco — confirmou ela.

— Beleza. Então, segundo motivo… bem, na verdade, quem eu quero enganar? São só dois mesmo.

— Uau! — exclamou ela. — Você passou cinco segundos pensando nessa lista?

— Foram uns vinte minutos, se quer saber — falei, me perguntando se o motivo número dois iria deixá-la irritada ou constrangida. Era um tiro no escuro, mas era o único outro motivo que eu tinha.

— Diga o segundo motivo, então — apressou ela.

— Então, eu nunca tive que mudar de escola, mas imagino que não seja muito divertido. Ser a aluna nova deve ser um saco, e você parece estar em uma fase mais introvertida. Não estou dizendo isso como uma crítica, eu só…

— Vai logo — insistiu ela, mas não parecia brava.

— Tá, então, não seria legal estar com alguém que conhece a escola inteira? Eu podia apresentar você para todo mundo, e você teria, tipo, uma rede de apoio, né? Não precisaria ficar estressada ou nervosa, porque estaria *comigo*.

— Tudo o que estou ouvindo é arrogância — respondeu ela, mas percebi que estava brincando.

A velha Dani ainda está lá dentro.

— Não é arrogância, é um fato — expliquei. — Eu morei aqui a vida inteira, então claro que conheço todo mundo. O que quer dizer que, se você namorar comigo…

— Namorar com você *de mentirinha* — corrigiu ela.

— Namorar comigo *de mentirinha* — repeti, soltando um suspiro —, vai se enturmar. Vai se sentir confiante e confortável porque vai fazer parte de um grupo. Vai ficar *rodeada* de amigos.

— Tá, seu segundo motivo é idiota, porque os amigos falsos seriam seus, não meus — argumentou ela.

— Dá na mesma. Você não quer ter uma vida social? — perguntei.

— Como você? O Rei do Bong de Minnesota?

— Não que você vá acreditar em mim — falei, dividido entre a vontade de rir da gracinha dela e a de gritar porque eu nunca ia conseguir fazer as pessoas esquecerem aquela foto —, mas eu estava só segurando o bong…

— Para um amigo, né? — sugeriu ela. — Além disso, que bom saber que você acha que eu nunca vou ter uma vida social sem sua ajuda. É possível que eu tenha, quando eu deixar de ser a novata.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— E como funcionaria? — Dani voltou a parecer irritada, como se aquilo fosse demais para ela, e achei que ia perdê-la. — Não que eu esteja considerando aceitar, mas, nesse cenário, *todo mundo* acreditaria que estamos juntos, incluindo nossas famílias?

— Humm… não pensei nisso. A ideia é novidade para mim também — respondi, imaginando como minha mãe reagiria. Caramba, ela ia ficar maluca se achasse que eu estava namorando a Dani. — Acho que sim, porque espalhar um segredo parece uma má ideia, um jeito rápido de dar tudo errado. Se fizermos isso, acho que é melhor que todos achem que é verdade. Você discorda?

— Hum, não — falou ela. — Acho que você tem razão. Não que isso vá acontecer.

— Claro que não — concordei, sorrindo contra minha vontade, porque ela parecia mudar de ideia tão rápido que era difícil acompanhar.

— E como seria, exatamente? Como duas pessoas *fingem* namorar?

— Meu Deus, Collins, para de dar uma de aluna de Harvard e pensar demais. Não deve ser tão difícil assim. — Estendi a mão e abri a gaveta da mesa de cabeceira, vasculhando um monte de papéis aleatórios. Queria encontrar aquela Polaroid antiga. — Só precisamos ser vistos juntos algumas vezes na semana, parecer gostar um do outro e talvez, tipo… ir a eventos juntos de vez em quando. Posso fazer um perfil no Instagram e publicar fotos nossas de casal. Se os garotos do time virem a gente, e o pessoal dos outros times também, a notícia vai chegar nas pessoas certas.

— Então quer dizer que você não tem ideia — disse ela.

— Bem, eu nunca namorei ninguém de mentira.

— Justo.

Achei. Tirei a foto da gaveta.

— Só sei que tenho que fazer o que for preciso para convencer o mundo inteiro de que estou apaixonado por uma garota certinha e que está tudo sob controle.

— Mas, tipo — falou ela baixinho, nervosa de repente —, não vai ser difícil fingir sendo que a gente nem se conhece?

— Namorar não é exatamente isso? Conhecer alguém?

Olhei para a foto desbotada entre meus dedos, a que fiquei olhando milhões de vezes ao longo dos anos, e "Want Me", do Stephen Dawes, começou a tocar.

And you're too cool for me to be yours

Dani e eu, encharcados depois de uma guerra de balões de água no meu quintal. Eu tinha quase certeza de que tínhamos dez ou onze anos na época. Nossas roupas estavam ensopadas — ela vestia uma camiseta do Homem-Aranha e eu estava na fase regata, quando cortava as mangas de todas as camisetas para mostrar os bíceps (pouco musculosos) — e nós dois estávamos com óculos de sol de arco-íris que tínhamos ganhado de graça no desfile da cidade.

Parecíamos duas crianças bobas.

— Então seu plano seria a gente se conhecer *enquanto* finge?

O que tinha acontecido com aquelas crianças, caramba?, pensei. Como era possível que precisassem se conhecer?

— Ah, por que não? — Foi o que respondi.

Voltei a guardar a foto — *como um bobão emotivo* —, porque a parte mais importante daquele quebra-cabeça sempre me escapava.

Eu não era mais o mesmo.

Desde que soube que Dani ia voltar, tentei convencer a mim mesmo de que não estava mais nem aí para ela. Porque, quando éramos crianças, sempre fui meio obcecado por ela, eu era o Alec gorduchinho correndo atrás da Dani enquanto ela ria e também corria atrás de mim.

Mas Dani Collins não tinha mais nenhum poder sobre mim, porque eu não era mais aquele menino. Fingir ser legal com ela não ia me matar ou fazer brotar sentimentos em mim, pelo amor de Deus, porque era só um jeito de conseguir o que eu precisava.

— E se eu não aceitar — começou ela —, a vaga de assistente do time está fora de cogitação?

Sim, está fora de cogitação, quis dizer, mas não disse.

— Eu não diria que está fora de cogitação, mas, se fizer isso, vai ganhar a vaga de presente, com laço e tudo, e vai ser tão fácil que você vai me agradecer e batizar todos os seus filhos em minha homenagem.

— Isso é difícil de imaginar — respondeu ela. — Seu segundo nome não é Herbert?

— Descanse em paz, vovô Herb. Não desrespeite esse nome glorioso — alertei, surpreso por ela lembrar.

— Jamais faria isso… Herb era um ícone — disse ela, e deu para ouvir um sorrisinho em sua voz.

— E aí? — insisti.

Por favor, por favor, por favor.

— Hummm — murmurou ela, devagar, como se de fato estivesse considerando as opções.

— Por favor? — acrescentei, só para garantir. — Prometo que não vai se arrepender.

— Não faça promessas que não pode cumprir — retrucou ela. — Respondo amanhã de manhã.

— Que tal se eu te buscar? — perguntei sem pensar, disparando uma oferta de carona em uma tentativa desesperada de convencê-la.

— E você tem certeza de que não vai fazer questão de passar na frente da casa do Benji como um babaca quando chegar aqui? — perguntou.

— Não posso prometer nada — respondi.

Dani soltou um suspiro.

— Quanta maturidade.

Então não consegui me conter e indaguei:

— Você não anda toda amiguinha daquele imbecil, trocando mensagens com ele, não, né?

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— A gente se vê de manhã — respondeu ela. — Não se atrase.

CAPÍTULO DEZENOVE

Dani

Soltei um gemido quando o alarme despertou, porque eu *não era* uma pessoa matutina.

Nem de longe.

Dito isso, desliguei o alarme e saltei da cama porque queria tempo para conversar com minha mãe antes que Alec aparecesse. Não podia garantir que ele não ia entrar na cozinha querendo ser o protagonista da situação e contar a história do jeito dele, então precisava falar com ela antes.

— Bom dia — cumprimentei minha mãe, entrando na cozinha e indo direto até o armário. — Será que algum dia vamos usar a cozinha lá em cima?

— Claro que vamos — respondeu ela. — Mas esta é maior e mais iluminada, e os armários estão sempre bem-abastecidos. Como não fiz compras desde que nos mudamos, dou preferência à cozinha que tem comida.

— Justo — falei, pegando um pacotinho de minidonuts. — Posso comer?

— Claro — respondeu ela.

— Só quero garantir que não é do vovô — expliquei, porque minha mãe *nunca* comprava aqueles donuts gordurosos (que eram uma delícia).

— Ele é seu avô, tenho certeza de que espera que você pegue o que quiser da despensa — retrucou ela.

— Humm — murmurei, levando o pacote branco para a mesa, onde sentei, ainda em dúvida se deveria mesmo comer aqueles donuts cheios de açúcar.

— Aliás… — disse minha mãe, então pigarreou e pareceu estranha. — Você tem falado com seu pai? Está acontecendo alguma coisa com ele?

— Por quê? — perguntei, sentindo um embrulho repentino no estômago.

— Sei lá… ele me mandou uma mensagem de voz todo simpático, dizendo que éramos adultos e que, por sua causa, quer garantir que a gente tenha um bom relacionamento.

— Parece legal da parte dele — falei, estressada de repente.

O que ele estava aprontando? Estava tentando preparar minha mãe para conversar com ela sobre minha possível mudança? Não podia ser isso, porque ele desligou na minha cara por eu não ter gostado da ideia… né?

— Sim, legal até *demais* — comentou ela.

— O papai pode ser legal — argumentei, embora concordasse com aquela suspeita.

— *Mentira* — interveio meu avô, fingindo tossir ao entrar na cozinha.

Fiquei irritada, mas minha mãe foi mais rápida que eu.

— Pai, não…

— Eu só estava tossindo — rebateu ele, indo até o armário e pegando sua caneca, a mesma caneca velha do North Stars que ele usou durante minha vida inteira.

Não sei o que me deu quando perguntei:

— Quando foi a última vez que vocês se viram? Não faz, tipo, cinco anos? E antes disso vocês conversavam uma, duas vezes por ano? Será que você conhece mesmo meu pai?

Embora eu estivesse brava com meu avô, as perguntas eram sinceras.

Ele cruzou os braços e pareceu surpreso.

— Conheço o bastante, acredite.

Tá…

— Está comendo meus donuts? — indagou ele, franzindo o cenho.

— A mamãe disse que era de todo mundo.

— Ela tem razão se "de todo mundo" quiser dizer "meus" — resmungou ele.

— Você não vai dividir os donuts com a sua neta? — perguntou minha mãe, irritada com aquela conversa.

— Não se ela ficar defendendo o babaca com quem você era casada.

— Olha como fala, pai — rebateu minha mãe, virando-se para mim, então falou depressa para evitar a resposta sarcástica que eu estava prestes a dar: — Voltando à minha pergunta: vocês não tiveram nenhuma conversa esquisita, Dani? Conheço seu pai, quando ele age assim é porque está aprontando alguma.

— *Não* — menti, tentando soar despreocupada.

Senti uma pontada de culpa ao olhar para ela, porque eu amava minha mãe mais do que tudo no mundo. *Eu não deveria mentir para ela.*

Mas eu também não iria falar da conversa com meu pai, porque: como seria isso?

Ah, o papai queria saber se eu estaria disposta a me mudar para Omaha e deixar você para trás e eu não exatamente recusei porque quero que ele volte para os Estados Unidos.

É… sem condições.

Fiquei muito feliz ao ouvir o carro barulhento do Alec lá fora, me salvando de ter que mentir ainda mais. Eu me levantei da mesa de um salto e peguei a mochila.

— Não preciso de carona hoje, Alec veio me buscar — deixei escapar, abrindo a geladeira para pegar uma lata de Red Bull.

— O quê? — perguntou minha mãe, parecendo surpresa.

— Quem é esse Alec… — questionou vovô Mick, naquele seu tom em que nada parecia uma pergunta.

— Alec Barczewski, filho da Sarah e do John — respondeu minha mãe, olhando para mim como se estivesse tentando entender o que estava acontecendo.

Ele tirou os óculos de leitura.

— Quem?

Quis revirar os olhos, mas me segurei.

— Zeus? Que você disse que te faz lembrar do… Conners, ou Krampus, ou…

— Kronwall — disse ele, fechando o jornal e soltando um suspiro. — Niklas Kronwall. Os dois patinam de costas…

Alguém bateu à porta da cozinha, interrompendo a explicação do meu avô.

Eu esperava simplesmente sair e evitar aquela situação, mas ali estávamos nós. Abri a porta e, mais uma vez, não estava preparada para ver Alec tão mudado.

Ele vestia uma calça de corrida e uma camisa do Southview — nada excepcional —, mas sua altura sempre me surpreendia. Eu tinha um metro e setenta, e ele parecia uns *trinta* centímetros maior que eu.

Um cara alto e *forte*, não uma vareta desengonçada.

— Bom dia, Collins — disse ele, olhando para mim.

Ele estava com um cheirinho bom, como se tivesse acabado de sair do chuveiro, e levei a mão à barriga para acalmar a agitação que sentia quando ele sorria para mim daquele jeito.

— Bom dia, Barczewski — respondi. — Estávamos falando de você.

— Já está obcecada por mim? — comentou ele, em tom de provocação, o olhar percorrendo meu rosto.

É só fingimento, lembrei a mim mesma, porque um segundo de flerte com ele já estava me mostrando o quanto seria perigoso.

Meu Deus.

— Na verdade, era ele quem estava falando — afirmei, apontando para a mesa. — Meu avô acha que você patina de costas como um corno.

Foi engraçado ver a expressão no rosto do Alec mudando de repente quando ele viu meu avô. Todo ar de provocação desapareceu e ele pareceu um menino nervoso que não fazia ideia do que dizer.

Ele engoliu em seco, e fiquei meio vidrada no pescoço dele.

Vovô Mick balançou a cabeça como se eu fosse idiota.

— Pelo amor de Deus, eu disse que você patina de costas como o *Kronwall* — corrigiu ele.

— Ah! — exclamou Alec. Ele definitivamente não sabia como reagir a um elogio do meu avô. — Obrigado.

— Ei, garoto — disse minha mãe para Alec, com um sorriso enorme. — Obrigada por levar Dani hoje.

— Imaginei que você precisasse de uma folga — respondeu ele, voltando à provocação fofa.

— É melhor a gente ir — falei, olhando para minha mãe, que estava *radiante*.

— Está levando tudo? — quis saber ela. — Tem dinheiro para o almoço?

— Tenho — respondi. Percebi que Alec olhou para mim como se soubesse que eu estava guardando o dinheiro que minha mãe me dava evitando o refeitório na hora do almoço.

— Manda mensagem depois para eu saber como vão as coisas — disse minha mãe, me puxando para um abraço.

— Pode deixar.

Respirei fundo, me sentindo uma criancinha ao inalar o perfume que minha mãe sempre usou, e desejei poder passar o dia todo em casa com ela.

— Vocês estão prontos para hoje? — perguntou meu avô, em um tom nada caloroso.

Eu me afastei da minha mãe e Alec assentiu para ele.

— O Eagan tem jogado bem, mas se mantivermos nosso rendimento, não vai ser um problema.

— Verdade, *mais um* jogo — resmunguei. — Por favor, me diga que não vai ter confraternização.

— Não, aquela foi para a temporada inteira. Pode ficar tranquila.

— Graças a Deus.

Alec abriu a porta para mim ao sairmos e, assim que o ar gelado atingiu meu rosto, fiquei nervosa. O que eu estava fazendo?

Tipo, eu ia mesmo fazer aquilo?

E… o que era aquela coisa que Alec dirigia?

Era um carro prata, mas o para-choque e uma das chapas laterais eram pretos, como se tivessem sido tirados de outro veículo.

E estava sem o retrovisor do lado do passageiro.

Não dava a mínima para carros, mas imaginava que alguém como Zeus dirigisse uma caminhonete enorme que ele chamava de "pega-gatas" ou algo do tipo.

— Não julgue o Burrito — disse ele, ao abrir a porta do passageiro. — Ele não é bonito, mas é confiável.

— É mais do que eu tenho, então não julgo — falei.

Eu não tinha motivo para tirar a carteira de motorista em Ramstein, então continuava sendo uma garotinha sem carro nem perspectiva.

— Bom dia, Dani.

Ao me virar, vi Benji ao lado do Maserati na entrada da garagem dele, sorrindo.

— Ah, oi, Ben — respondi, constrangida depois do que tinha acontecido na noite anterior.

— E aí, *Benji*? — disse Alec, abrindo um sorrisinho sarcástico para meu vizinho. — Todos os Cadetes dirigem carros de gente babaca ou só você?

— Nem todo mundo tem que dirigir porcaria grudada com fita adesiva, irmão.

— Não sou seu irmão, idiota — respondeu Alec, então entrou no carro e bateu a porta.

Nenhum de nós disse uma palavra enquanto ele dava a ré, e fiquei chocada por um instante ao ouvir "Dopamine", do Stephen Dawes, tocando no carro dele, porque eu *amava* essa música. Até onde eu sabia, não era um sucesso a ponto de tocar nas rádios, então isso queria dizer que, tipo… *Ele* também gostava?

Foco, Dani!

Eu me esforcei para pensar em alguma coisa que pudesse acalmar a tensão que Alec irradiava por causa de Benji, mas também porque eu tinha minhas próprias demandas para aquilo de "namoro de mentirinha".

Abri a boca, mas ele disse:

— Então, você está bem?

Olhei para ele, que mantinha os olhos na rua, sem nem imaginar a que Alec se referia.

— O quê?

Ele me lançou um olhar breve, os olhos escuros percorrendo meu rosto antes de se voltarem para a rua.

— Seja lá o que o coronel tenha feito para deixar você chateada ontem… está melhor agora?

Ah.

— Hum, estou, eu acho — falei, dando de ombros, chocada por ele perguntar. — Ele só estava… sabe, dando uma de *meu pai*.

Alec olhou para mim como se entendesse, mas antes que meu foco voltasse a ser desviado por mais uma preocupação inesperada, fui direto ao assunto.

— Olha só, eu andei pensando na sua proposta, e tenho uma contraproposta.

— Ah, é? — perguntou ele. Alec me lançou mais um olhar, e deve ter se sentido intimidado com minha expressão, porque logo disse: — Ah, meu Deus.

— Sim, talvez você deva *mesmo* chamar por Deus.

Eu mal tinha dormido porque não parava de pensar no que Alec havia dito sobre as pessoas descobrirem a respeito do que os treinadores tinham visto no vestiário.

Se aquilo acontecesse, eu estava ferrada.

Porque, como Alec era um cara popular que metade das garotas da escola queria namorar, um boato sobre nós dois juntos *no vestiário* iria gerar muito

burburinho negativo.

Então, se eu quisesse uma chance de não me tornar uma pária, fingir um relacionamento era essencial.

Mas eu só iria me sentir segura se fosse do meu jeito.

— É o seguinte: por mais que eu não queira fazer isso, parece que não tem como evitarmos.

Ele pareceu surpreso.

— Sério? Você vai mesmo me ajudar?

— Não é por você — falei, deixando bem claro que eu não estava à disposição dele. — A triste verdade é que agora eu sou parte de um boato. As pessoas já devem estar fofocando sobre o que acham que aconteceu naquele vestiário.

— É, é bem capaz — concordou ele, e senti um frio na barriga.

Eu não queria que fosse verdade.

— Então, como você disse ontem, prefiro que achem que somos namorados de infância que se reencontraram, e não que eu sou a garota nova que fica se agarrando com um jogador de hóquei no vestiário na primeira semana de aula.

— Você disse mesmo "se agarrando"? — perguntou ele, com um sorrisinho.

— Que seja… você entendeu. Será que pode se concentrar?

— Tudo bem — disse ele. — Então está dizendo que a farsa também favorece você?

— Isso, mas vou precisar de algo mais — declarei, nervosa, porque a chance de ele recusar era grande.

— O quê? — quis saber ele, virando na rua da escola.

O que significava que eu precisava falar rápido.

— Bem, a coisa toda pode ser supercasual, mas vou precisar que esse relacionamento de mentirinha dure até eu dizer que acabou — falei. E logo acrescentei: — Não é questão de mostrar quem manda, eu só preciso…

— Você está *mesmo* obcecada por mim — interrompeu ele, com mais um sorriso sarcástico, e fiquei feliz por estar me provocando.

Era bom que estivesse sendo engraçadinho.

— Não, não, mas eu preciso que concorde com isso — falei. — Quero dar a última palavra sobre o prazo para terminarmos. E quero que aceite ficar

comigo até quando eu quiser, mesmo que isso dure um bom tempo. Tipo, mesmo que seja… até a formatura.

Ele meio que deu uma risada, como se achasse que eu estava brincando, então parou em um sinal fechado e me encarou.

— Quer ser minha namorada de mentira por três *meses*?

— Eu não *quero* isso, eca — falei, na defensiva. — Mas pode ser necessário.

— Por que seria ne…

— Porque é sempre a garota que acaba com má reputação, beleza? — bradei, detestando que aquilo fosse verdade. — Você está me oferecendo proteção social como aluna nova, falou que eu vou poder sair por aí e fazer parte do seu grupinho mágico de amigos, blá-blá-blá. Mas o que vai acontecer se você decidir me dar um pé na bunda de mentirinha em algumas semanas e eu não tiver feito meus próprios amigos? Aí os *seus* amigos podem começar a me destruir, e isso pode ser ainda pior para mim.

— Meus amigos não são assim… eles não fariam isso — disse ele, dando de ombros, como se aquela ideia fosse ridícula.

— Ah, fariam, sim — insisti, sabendo por experiência própria que as pessoas podem se voltar contra nós em um piscar de olhos. — Mas a questão é que eu não vou concordar com essa história a não ser que você me garanta que isso só vai acabar quando eu decidir.

Será que tem como parecer mais psicopata do que isso?

— Mas… — disse ele, o cenho franzido. — E se algum de nós dois quiser sair com outra pessoa?

Eu sabia que esse ia ser o problema. Zeus, o playboy festeiro, não iria aceitar a ideia de não poder ficar com ninguém por alguns meses.

— Sei que não é o ideal, mas é o único jeito.

— A gente não pode só começar e ver como a coisa flui? — perguntou ele.

— Essa é a única opção.

— Sem querer bancar o advogado do diabo *por* você — disse ele, como se estivesse me achando ridícula —, mas como sabe que não vou concordar e depois te dar um pé na bunda em um mês se você começar a me irritar?

Bacana.

— Porque, se você fizer isso — falei, buscando coragem no fundo do meu ser para soar intimidadora —, eu conto para todo mundo, incluindo meu avô

e todo o pessoal do hóquei que ele conhece, que era tudo uma mentira para tentar salvar a sua imagem.

— Eita! — exclamou ele, abaixando a cabeça, e percebi que estava chocado. — Você faria isso mesmo?

— Não que eu queira — rebati, dando de ombros.

Estava me sentindo a maior babaca do mundo, mas sabia que era o único jeito.

— Hummmm — murmurou ele, olhando para a rua.

Quis ser capaz de adivinhar o que ele estava pensando.

Vamos fazer isso ou não?

Finalmente chegamos à escola e seguimos até a porta. Ele continuava quieto, e o silêncio estava me matando. Ele aceitaria a condição?

Quando Alec colocou a mão na maçaneta da porta, no entanto, tive minha resposta.

— Preciso fazer uma pergunta — disse ele, baixinho, olhando por cima do ombro para ter certeza de que não havia mais ninguém por perto. — Você quer ir devagar ou com tudo?

— Quer dizer que vamos em frente? — perguntei, sentindo um arrepio por causa do vento gelado.

— Vamos — respondeu ele, mantendo os olhos fixos nos meus. — E aí, como vai ser?

Eu não sabia exatamente a que ele estava se referindo, porque estávamos entrando no colégio… o que significava "ir com tudo"?

— Acho que é você quem manda.

— Beleza — respondeu ele, me encarando com uma expressão resoluta, então abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse primeiro.

— E aí — perguntei, baixinho, observando-o ao passar pela porta que ele segurava. — O que você quer fazer?

— O que eu sempre faço — falou ele. — Ir com tudo.

Olhei para baixo quando ele segurou minha mão, entrelaçando todos os dedos nos meus. Voltei o olhar até seu rosto, e ele me encarava como se estivesse esperando minha próxima jogada. De algum jeito senti que, se eu não tivesse gostado, ele iria recuar, e fiquei sem reação.

Porque alguma coisa naquele gesto me assustou.

A escola já estava barulhenta, todos chegando e andando pelos corredores, e meu coração acelerou um pouco. O que as pessoas iriam pensar? O que

iria acontecer? Eu queria mesmo fazer aquilo?

O pânico voltou a aumentar.

Mas então seus dedos apertaram os meus, e me senti mais segura.

Assenti discretamente, uma tentativa silenciosa de dizer que aceitava ir com tudo.

— Vamos nessa, Collins — murmurou ele, e começou a andar, me puxando junto.

Nervosa, deixei que ele me guiasse, sentindo os olhares em nossa direção.

Porque ele estava segurando minha mão como se fosse meu namorado.

Aquilo era uma declaração para a escola inteira.

E então… ele foi ainda mais ousado.

— Aliás — falou, me puxando um pouco mais para perto. Brincalhão, sedutor até, ele me lançou um olhar provocante e falou: — Gostei desse casaco. É bonito.

— Gostou do casaco? — repeti, olhando para a peça de roupa.

— Aham. Parece aquele que você está vestindo na foto do Natal em Utah.

— O casaco de lã de ovelha do quarto ano, está falando sério? — perguntei, rindo. — Eu tinha esquecido… Eu *amava* aquele casaco.

— Tem o mesmo jeito fofinho — disse ele, soltando minha mão apenas para segurar a manga do casaco e meio que me puxar para ele. — Mas o que é absurdo é esse cachecol. — Ele apontou com a cabeça para o cachecol enorme de tricô em meu pescoço. — Você se veste como se estivesse na Antártida.

— Porque aqui *parece* a Antártida — respondi. — Acho que estou congelada desde que cheguei.

— Tão sensível — comentou ele, balançando a cabeça como se eu fosse ridícula.

— Quem é sensível? — Ouvi quando Vinny e Richie surgiram do nada.

Alec diminuiu o passo e se virou para eles, o que significava que eu também diminuí o passo.

— Dani — respondeu ele, batendo o ombro no meu e sorrindo. — Ela se veste como se estivesse –50°C o tempo todo e corre para entrar sempre que estamos na rua. Muito fraquinha.

As últimas palavras saíram em um sussurro, devagar, em tom de provocação, o ar roçando minha orelha.

Meu Deus.

— Você vai se acostumar — garantiu Vinny, arqueando as sobrancelhas.

Richie mordia o lábio para não rir daquela clara demonstração de sedução.

Alec me lançou um olhar carregado de… alguma coisa que fez minhas bochechas esquentarem. Embora eu soubesse que era fingimento, senti um frio na barriga quando ele me olhou daquele jeito.

Nossa, aquele Alec era demais para mim.

— Olha só — falei de repente (e um pouquinho alto demais) —, preciso ir logo até meu armário porque não quero me atrasar, então a gente se vê depois.

Eu não sabia ao certo se estava falando com Alec ou com os três.

— Almoço na biblioteca? — perguntou ele, os olhos fixos nos meus, estendendo a mão enorme para segurar a ponta do meu cachecol.

Ele manteve o olhar fixo no meu ao soltar a amarração do cachecol, roçando minha pele com os nós dos dedos ao libertar meu pescoço.

O que ele está fazendo?

Um arrepio percorreu meu corpo, talvez pelo ar gelado que de repente me atingiu ou, quem sabe, pelo jeito como ele tirou uma das minhas camadas de roupa enquanto me olhava *daquele* jeito. Não sei ao certo.

Ele estava me provocando com aqueles olhos, me desafiando, sem palavras, a responder. Eu teria reconhecido aquela expressão em qualquer lugar. Ele podia ser *Zeus* agora, mas Alec, meu amigo, já tinha me olhado daquele jeito um milhão de vezes.

Em geral como quem queria dizer *duvido* enquanto esperava para ver minha reação.

Então ergui o queixo e arranquei o cachecol da mão dele:

— Encontro marcado, *Zeus*.

CAPÍTULO VINTE

Alec

Eu: Fiquei sabendo que as garotas descoladas vão para a biblioteca. É verdade?

Vi Dani tirar o celular do bolso e olhar para a mensagem, então — *minha nossa* — seus lábios brilhosos se curvaram num sorriso e ela respondeu.

Dani: Ouvi falar a mesma coisa, então vou dizer que SIM.

Não deveria gostar tanto do sorriso dela — afinal, ela era minha *ex-amiga* —, mas eu estava me esforçando ao máximo para convencê-la a me ajudar, então esse era meu único foco.

Até a formatura.

Eu ainda não conseguia acreditar que ela tinha sugerido aquilo, embora o raciocínio fosse lógico.

E triste para caramba.

Se eu estivesse na situação dela, nunca teria imaginado que as pessoas poderiam se voltar contra mim depois do término. Não teria pensado tão à frente, porque segundo a minha experiência — ou boa parte dela — as pessoas não eram tão babacas assim.

Mas a experiência dela claramente era diferente da minha.

Eu: Dizem que os caras gatos também gostam de dar uma passada lá de vez em quando...

Ela continuava sorrindo,

Dani: Só babacas se referem a si mesmo como caras gatos.

Aí está ela, a velha Dani.

Eu: EITA, COLLINS. Estou só compartilhando os boatos que correm pelos corredores da escola. Eu nunca diria isso de mim mesmo. Além disso... mudando de assunto... acabei de entrar na biblioteca.

Ela ergueu a cabeça e olhou para mim com um sorriso.

E... uau... seu sorriso largo continuava exatamente o mesmo.

Isso fez com que eu me sentisse meio… *fora de órbita* ao andar até a mesa onde ela estava.

— Você já almoçou? — perguntou ela, ajeitando os óculos, quando me sentei à sua frente.

Não sei, o que é almoçar?

— Estou de boa.

Ela franziu o cenho, provavelmente porque isso não era uma resposta.

— E *quer* ficar na biblioteca em vez de ir até o refeitório?

Acho que sim

— Quero. Estou precisando de um bom livro.

— Um bom livro — repetiu ela, e meu comentário a fez largar *O homem invisível*. — Não gostou dos livros de história que pegou aquele dia?

Os que peguei sem nem olhar os títulos para que não parecesse que eu me importava com o fato de você estar na biblioteca?

— Aqueles livros eram para estudar. Preciso de algo para me divertir.

Ela semicerrou os olhos e ficou me olhando por um tempinho.

— Quer ajuda? — perguntou.

Deixei escapar uma risada ao me lembrar de todas as manhãs de verão em que fomos até a biblioteca juntos. Ela sempre ficava toda empolgada com a ideia de um livro novo, e eu sempre ficava todo empolgado para jogar *Fortnite* no computador da biblioteca.

Mas, para agradar minha mãe, Dani sempre encontrava um livro para mim.

— Dê o seu melhor, Collins.

— Vamos — chamou ela, deixando as coisas na mesa e fazendo um gesto me convidando a segui-la.

A fragrância do perfume de Dani era como um guia, me conduzindo pelo nariz, então pigarreei e afastei aquele pensamento porque não podia me dar ao luxo de perder o foco, precisava me concentrar.

— *Billy Summers* — disse ela, avançando entre as estantes de livros como quem tem um propósito.

— Na verdade, meu nome é Alec Barczewski — respondi, brincando, atrás dela.

— Piadas de tiozão, faça-me o *favor* — resmungou ela, parando apenas ao chegarmos diante da seção de livros do Stephen King. Dani fez uma pausa rápida, procurando, e então pegou um livro grosso. — *Billy Summers* é um dos melhores livros que já li. Leia. Tenho certeza de que você vai amar.

— Tudo bem — falei. — Vou começar hoje à noite.

— Não vai nem ler a quarta capa? — perguntou ela, me olhando como se eu fosse maluco. — Para saber se vai gostar?

Era ridículo o quanto eu amava ser mais alto do que ela agora. Era uma espécie de prova física da mudança em nossa dinâmica, um lembrete de que tudo estava diferente.

— Não, confio em você — respondi. — Você é a única pessoa em quem eu confio para escolher livros para mim.

Isso a deixou com uma ruguinha discreta na testa.

— Vamos ler.

Voltamos para a mesa, e foi preciso muita resistência para começar aquele livro, porque o cheiro dela estava mexendo comigo e seu cabelo loiro ocupava minha visão periférica. Seu perfume lembrava suco de maçã e flores, e alguma coisa nessa combinação estava deixando meus sentidos desorientados.

Era irritante para caramba.

Tentei colocar um dos fones de ouvido para aliviar a pressão, mas toda música que começava a tocar me fazia pensar em minha amiga de infância — "Famous", "Gateway Drug", "Picasso" — e tive que tirá-lo.

Quando enfim consegui me concentrar nas palavras à minha frente, porém, engatei na leitura.

Dani tinha razão.

— Psiu — sussurrou ela alguns minutos depois.

Tirei os olhos do livro e ela estava estendendo uma barrinha de cereal para mim.

— Coma isto — falou ela.

— Por quê? — perguntei, sem saber o motivo de ela estar me dando um lanchinho.

— Porque ouvi seu estômago roncar, você tem jogo mais tarde e tenho quase certeza de que deixou de almoçar para ficar aqui comigo — respondeu ela.

— Não se iluda, Collins — rebati, com um sorriso exagerado. — Eu nunca deixaria de almoçar por você nem por ninguém. Mas vou aceitar e devorar sua barrinha porque estou morrendo de fome sem motivo nenhum.

Isso a fez rir, uma risada baixa que não me ajudou em nada a manter o foco.

— Sabe — disse ela, abaixando o tom de voz e aproximando o rosto do meu —, não tem quase ninguém aqui, você não precisa perder sua hora de almoço se ninguém está vendo.

Ela quer que eu vá embora.

— É, mas se vamos fazer isso, temos que garantir um pouco de autenticidade, né? — retruquei. — Talvez a gente precise passar um tempo junto para que dê certo.

— Talvez… — respondeu ela, dando de ombros. — Não faço ideia.

— Nem eu.

Nós dois sorrimos, porque é claro que não sabíamos como namorar de mentirinha. Quem fazia isso?

— Mas, acredite, mesmo invisíveis estamos sendo vistos — acrescentei.

— Como assim?

— Bem — falei, dando uma mordida na barrinha —, Richie e Vinny não acreditaram que eu ia abrir mão do almoço para ficar na biblioteca, então eu garanto que eles sentaram a bunda naquelas cadeiras e começaram a falar sobre o fato de eu preferir ficar com você em uma biblioteca sem comer a ir com eles ao refeitório.

— Ah — murmurou ela, mordendo o lábio inferior, e percebi que seus pensamentos estavam a mil por hora.

— Eu sei que, segundo o estereótipo, são as garotas que são fofoqueiras — falei. — Mas ninguém fofoca mais do que aqueles caras. Eles querem saber de tudo e de todos.

— Então — disse ela, se aproximando mais, sussurrando. — Você ouviu algo sobre a situação do vestiário? Alguém está falando a respeito?

Dani arregalou os olhos, esperando pela resposta, e eu não soube o que dizer.

Porque, para começo de conversa, era difícil pensar em qualquer coisa ouvindo-a sussurrar enquanto aquele cheiro de suco de maçã e flores dominava o ar. Mas a verdade era que eu ainda não tinha ouvido nada a respeito, então talvez o incidente *não* virasse um boato.

Mas será que ela desistiria do plano se soubesse disso?

— Alguns caras definitivamente sabem, mas ainda não virou assunto — contei.

Não era *exatamente* mentira, porque Gordy e os treinadores contavam, certo?

— Graças a Deus — respondeu ela, então pegou o livro e voltou a ler.

O pouco tempo que restava da hora do almoço passou voando, e a biblioteca foi uma folga agradável dos almoços caóticos. Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei decepcionado quando o sinal tocou.

Esperei ela guardar os livros na mochila para que pudéssemos sair juntos.

— Você vai passar no seu armário? — perguntei quando saímos para o corredor barulhento, porque eu precisava passar no meu.

— Não, vou para lá. — Ela apontou para o corredor sul.

Aproximei minha cabeça da de Dani porque ela era tão baixinha que era difícil ouvi-la no corredor cheio.

— Droga, vou precisar decorar seu horário? — perguntei.

Ela olhou para mim como se estivesse com vontade de rir — com os cantinhos dos olhos enrugados —, mas se segurou.

— Não sobrecarregue esse seu cérebro minúsculo que precisa se concentrar no hóquei, Zeus. Confia em mim, eu te aviso aonde você precisa estar.

Combinamos de nos encontrar no armário dela depois das aulas e cada um seguiu seu caminho, mas, quando olhei para o papel na minha mão, em que ela tinha rabiscado o número do seu armário, tive uma ideia.

A melhor maneira de garantir que Dani não ia dar para trás no nosso acordo era mostrar que iria ser divertido, não é? Que ela não só garantiria a vaga em Harvard, mas também as interações sociais que lhe foram negadas com todas as mudanças que precisou fazer.

Eu precisava me dedicar mais para fazê-la ver que seria divertido.

Ela costumava gostar muito de se divertir, e talvez fosse interessante ver o quanto eu poderia fazê-la gostar do Zeus.

Mandei uma mensagem para o primo da minha mãe, que era técnico de manutenção da escola.

Eu: Preciso de um favor. Você está no trabalho?

CAPÍTULO VINTE E UM

Dani

— Não sei se eu deveria ir ou não.

Cassie estava de pé ao lado do meu armário, tentando me convencer a ajudá-la a decidir se ela deveria sair com um garoto que eu nem conhecia. Eu não tinha uma resposta, mas ela enfim havia parado de perguntar como eu ainda *não sabia* se tinha conseguido a vaga de assistente, então me dispus a passar o dia falando sobre pessoas que eu não conhecia.

Além disso, não detestei o fato de ela estar genuinamente interessada na minha opinião.

Como se fôssemos amigas.

— Ele parece legal — falei, abrindo o armário. — Mas você se sente confortável? Como é a química entre vocês? Fica um silêncio constrangedor quando estão juntos, ou ele é uma pessoa com quem você pode…

Balas de ursinho.

Parei de falar porque, quando abri meu armário, um pacote de balinhas caiu da prateleira de cima, pendendo do que parecia ser um barbante.

— O que é isso? — perguntou Cassie, estendendo a mão para pegar o pacote e ler o bilhete preso na frente.

COLLINS,
NÃO SEI SE CONTINUA DEVORANDO ESSES DOCES COMO ANTES, MAS VI NA MÁQUINA E ME LEMBREI DE VOCÊ.
— A

P.S.: MEU LIVRO ESTÁ COM O SEU PERFUME E ISSO ESTÁ ME DISTRAINDO PRA CARAMBA.

Ah… uau.

Fiquei olhando para o bilhete sem acreditar no que lia. Meus pensamentos estavam à toda, pequenos comentários caóticos tomando conta.

Ele se lembra do meu vício em bala de ursinho.

Se ele conseguiu abrir meu armário assim, a segurança em Southview é preocupante.

A letra dele é bonita, o que é uma surpresa.

Será que o livro dele está mesmo com meu perfume?

Que atencioso.

É só fingimento.

— Dani — disse Cassie, soltando o pacote pendurado e se virando para mim boquiaberta e com os olhos arregalados. — O que está acontecendo? Quem colocou isso no seu armário?

— Eu, é, acho…

— Quer dizer, você nem conhece ninguém, né? Só o Zeu… Ah, meu Deus, é do *Zeus*? — indagou ela, pronunciando o nome dele de um jeito estridente, segurando meus braços. — Eu achava que vocês fossem só velhos amigos! Você não disse que eram praticamente estranhos?

Fiquei dividida entre o entusiasmo com o fato de aquele namoro de mentirinha parecer tão fácil e o pavor, porque continuava não querendo fazer aquilo.

— Shhhh — resmunguei, arrancando o pacote de balas de ursinho do barbante, tentando não sorrir, mas sem sucesso. Então falei baixinho: — Não é nada de mais. Nós éramos praticamente estranhos, mas começamos a conversar, e meio que… nos reconectamos. Somos apenas, hum, velhos amigos colocando a conversa em dia.

— Ah, claro…

— É sério.

— Mas *caramba*! — exclamou ela, sacudindo meus braços. — Você já deu a senha do seu armário para ele?

— Não — respondi, dando de ombros e balançando a cabeça porque meu espanto era genuíno. — Não faço ideia de como ele conseguiu abrir.

— Que fofo — comentou ela, sorrindo.

— Ou criminoso. Ele arrombou meu armário.

— Porque queria te dar um docinho — acrescentou ela, cantarolando. — O garoto está cometendo crimes por você.

Isso me fez rir e desejar de leve que eu não estivesse mentindo para Cassie.

Mas não podia confiar nela a ponto de ser sincera.

Por que eu estava tão alegre se tudo aquilo nem era real?

O primeiro sinal tocou, o que significava que tínhamos dois minutos.

— Até mais tarde — disse Cassie, indo na direção contrária à minha.

Peguei meu celular e digitei: **Obrigada pelas balinhas.**

Mais uma vez, ele respondeu rápido.

Alec: Não consigo ver um pacote desses e não pensar em você.

Isso me fez rir, o fato de que ele lembrava.

Não foi fácil me concentrar depois daquilo, porque fiquei meio agitada. Aquele joguinho com Alec era divertido, algo que eu não esperava. Naquele mundo de mentira, ele parecia o velho Alec, e cada pedacinho de mim queria muito que fosse verdade, porque eu sentia muita saudade do meu amigo.

Mas precisava lembrar que aquele não era mais ele.

Podia até ser divertido, mas agora ele era Zeus, o Deus do Hóquei, um garoto em quem eu não confiava.

No entanto, manter isso em mente se mostrou uma tarefa árdua, porque Alec era muito interessante quando flertava comigo de mentirinha. Apareceu na frente do meu armário com Vinny e Richie depois da sexta aula só para me ver e perguntar se eu já tinha comido as balas de ursinho (eu tinha, o que o fez sorrir como se me achasse fofa) e, quando nos encontramos depois da aula, ele tirou o cachecol das minhas mãos e colocou em meu pescoço, como um pai arrumando o filho para brincar na neve.

Eu ri contra minha vontade, e ri ainda mais quando ele tirou um gorro do Southview do bolso do casaco e colocou na minha cabeça.

— A gente perde muito calor pela cabeça, Collins — disse ele —, então uma fracote como você precisa de um gorro.

Revirei os olhos, e meu estômago pareceu dar cambalhotas quando ele se abaixou um pouco para que ficássemos na mesma altura, abriu um sorrisinho e falou:

— Você ficou bonita com o meu gorro… pode ficar com ele.

Perdi o fôlego ao vê-lo flertando tão bem a ponto de me fazer esquecer até como formar palavras. Olhei em seus olhos e respondi:

— Obrigada.

— De nada — disse ele, puxando uma mecha do meu cabelo e percorrendo meu rosto com o olhar. Falando baixinho, acrescentou: — Danizinha.

Minha nossa.

Era confuso olhar nos olhos daquele cara incrivelmente lindo, aquele atleta de alto rendimento enorme com uma mandíbula bem definida, e ter um vislumbre do velho Alec Barczewski quando ele abria aquele sorrisinho.

— Mas o que é isso? — perguntou Vinny, com um sorriso curioso.

Meu Deus. Eu nem tinha percebido que tinha outra pessoa ali.

— É, vão para um quarto — acrescentou Richie, e era louco que eu não tivesse notado a presença de nenhum dos dois porque só tinha olhos para Alec.

— Então, boa sorte hoje, sabe, no jogo — falei, como uma boba, piscando rápido e torcendo para não estar olhando para ele com uma cara de apaixonada patética.

Eu tinha certeza de que a maioria dos seres humanos do gênero feminino olhava para ele assim porque, bem, *caramba*.

Tipo, parabéns, Mãe Natureza.

— Obrigado — respondeu ele, baixinho, sorrindo com os olhos ao erguer meu cachecol para que ele cobrisse meu queixo, me ajudando a me manter quentinha (de novo).

Eu me senti levemente hipnotizada com aquela… *grandeza* ao meu redor. O corpo comprido, os ombros largos, as mãos grandes — dava para ver que ele gostava de toque físico, sempre me cutucando com o ombro ou tocando uma mecha do meu cabelo, e eu teria que me acostumar com aquilo.

Ainda mais quando ele usava o contato visual como uma arma.

Precisava começar a me lembrar de respirar ou iria desmaiar muitas vezes ao longo daquele namoro de mentira.

— Me liga mais tarde? — pedi.

Pelo jeito como Alec piscou rápido, percebi que tinha ficado surpreso, mas ele logo se recuperou.

— Nem tente me impedir, Collins.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Alec

Fui até a arena pensando nela.

Com os fones de ouvido e minha playlist Calmaria Pré-Jogo tocando músicas tranquilas como "The Black Dog", da Taylor Swift, e "In The Kitchen", da Renée Rapp, não conseguia afastar a imagem daqueles olhos castanhos piscando para mim à queima-roupa.

Aquilo seria bem mais difícil do que eu imaginava.

Quer dizer, eu daria conta, mas *caramba*. Por mais que eu não quisesse aceitar, a verdade era que parte de mim continuava olhando para Dani como sempre olhei.

Os caras começaram a me encher o saco assim que ela saiu, porque pelo jeito eu parecia "apaixonadinho" quando estava com ela, o que me deixou na defensiva por um instante, mas aí me lembrei de que essa era a exata impressão que eu queria passar.

Tudo entrou em perspectiva, porque, *ah, é*... era só fingimento.

Ela estava desempenhando seu papel, e eu o meu.

BUM — só isso.

Engoli uns comprimidos de ibuprofeno no vestiário, então passei um monte de pomada analgésica no ombro antes de vestir o uniforme.

E aí tudo desapareceu.

Não fazia sentido, na verdade, que eu passasse cada minuto quando não estava jogando estressado por causa dos jogos. Os cartazes, as matérias, o reconhecimento — tudo isso só servia para me lembrar de que eu decepcionaria muita gente se não fosse o melhor.

Se não fosse melhor do que os melhores.

Quer dizer, eu já tinha recebido uma mensagem do meu agente naquele dia, só para ver como estavam as coisas e me desejar sorte no jogo.

E para lembrar que alguns olheiros estariam lá.

Era impossível esquecer.

Ainda mais quando não era só a *minha* carreira depois do colégio e tudo o que isso envolvia que me preocupava, mas toda a Southview — tipo, a cidade inteira. Os Packers foram classificados para as finais do estadual mais vezes que qualquer outro colégio de Minnesota, mas nunca voltamos com o título para casa.

Não tinha nenhum cartaz de campeão pendurado no Doug, nenhum troféu em uma estante de vidro na vitrine da arena.

Chegamos à final no ano anterior, mas perdemos para a Academia St. John (e o babaca do Ben Worthington), então, embora eu tenha marcado um gol na arena do Xcel Energy Center, o X, foi o pior jogo da minha vida.

Porque chegamos tão perto.

Eu chorei feito criança depois, juro.

E agora era meu último ano e eu estava no meu melhor momento no hóquei. Era legal ter tanto apoio da cidade inteira, mas também parecia que todos estavam contando *comigo* para enfim fazer acontecer.

Para liderar o time em um momento histórico que nunca acontecera até então.

Isso me mantinha acordado (quando meu ombro dolorido já não me impedia de dormir) na maior parte das noites.

Mas no instante em que os patins tocavam o gelo — amém, Senhor — tudo isso desaparecia.

Esquecia a pressão, a dor, as ondas loiras e os olhos castanhos dela. Meu cérebro dava uma pausa em qualquer coisa que não estivesse relacionada aos patins, ao taco, ao disco e ao gelo à minha frente.

— Que papo foi esse que eu ouvi sobre você e a neta do Boche? — perguntou Kyle quando passei por ele no aquecimento.

Merda.

Ele ficava sempre preguiçoso até o jogo começar, tagarelando sobre assuntos aleatórios, mas eu precisava correr algumas voltas para me aquecer e não queria que ele desviasse meu foco.

— Se você conseguir me acompanhar, eu te conto — falei, sabendo que não teria que falar sobre Dani porque Kyle não iria nem tentar.

Esvaziei a cabeça e, assim que o disco tocou o gelo naquela noite, meu time pegou fogo.

Dei sorte logo no começo com um passe na lateral que levou a um *turnover* atrás da linha do gol. Kyle dominou o disco com espaço atrás da rede e o passou pelo poste direito para Richie, que estava muito próximo do gol e deu um chute forte a ponto de vencer o goleiro.

Cada movimento ágil e fácil logo no primeiro minuto de jogo, e não diminuímos o ritmo.

Tudo deu certo naquela noite, e destruímos o outro time.

Voltamos de ônibus, e então passei na sala do time para falar com Kuhn — um dos treinadores-assistentes — e consegui que ele aprovasse Dani para a vaga de assistente do time.

Toquei no assunto de um jeito bem despreocupado, tipo:

— Ah, tudo bem se a garota nova ajudar Cassie?

E ele concordou, claro.

Quer dizer, eu não era idiota.

Depois de o treinador Oz ter ficado com a impressão de que nos pegara no flagra no dia anterior, perguntar a ele teria sido uma péssima ideia.

— Ele aceitou? — perguntou Richie enquanto íamos até o carro.

— Aham — respondi, meio surpreso comigo mesmo.

— Ah, ela é neta do Boche — comentou Vinny. — É claro que ele aceitou. Você acha mesmo que ele quer levar uma surra do Mick por rejeitar a neta dele?

— Boche não vai dar uma surra em ninguém — respondeu Richie. — Acho.

— Claro que não — falei, embora o cara fosse de fato assustador.

Depois de deixar os garotos em casa e devorar as sobras de um bolo de carne que estavam na geladeira, fui para meu quarto e comecei a estudar, já que precisava ficar no controle da situação mais do que nunca. Meus pais ainda não estavam em casa, o que foi bom porque eu precisava de um pouco de silêncio.

Antes disso, porém, eu precisava mandar uma mensagem para Dani para garantir que o acordo continuava de pé. Me joguei na cama, relaxei e decidi ligar para ela por vídeo.

Ela atendeu no segundo toque.

— O que está fazendo? — perguntou, as sobrancelhas franzidas atrás dos óculos enormes. — Não sabe que é considerado falta de educação ligar por vídeo sem pedir antes?

Ela parecia estar sentada na cama, porque vi uma cabeceira branca ao fundo.

— Foi mal — falei, virando para o lado do ombro intacto. — É que eu achei que seria mais fácil falar do que digitar e queria avisar que a vaga de assistente é sua. Então amanhã é só perguntar para Cass onde você deve ir e o que precisa fazer na hora do treino.

— O que eles disseram? — indagou ela, os olhos arregalados. — O treinador aceitou numa boa depois de… você sabe…

Isso me deu vontade de rir. Ela parecia inocente demais para terminar aquela frase, embora não tivesse acontecido nada.

— Ele aceitou numa boa.

— Ah, ainda bem! — exclamou ela, levando uma das mãos ao peito e parecendo tão aliviada que quase me senti culpado. — Então agora sou oficialmente assistente do time.

— É, sim — respondi, e pigarreei. — Assistente do time de hóquei e minha, é, não sei como chamar você… comparsa?

— Assim parece que eu sou uma foragida da polícia — respondeu ela.

— Amada?

— Eca.

Ouvi uma porta batendo lá embaixo, então ou meus pais estavam de volta, ou era minha avó com os gêmeos.

— Amorzinho? — sugeri.

Ela soltou um suspiro, mas percebi que queria sorrir.

— Que tal a garota brilhante por quem você de repente ficou obcecado? — sugeriu.

— Acho que não — respondi, e nessa hora ela *de fato* sorriu. — Não tem como ser brilhante e confundir Kronwall com a palavra "corno".

— Posso contar um segredo? — perguntou ela, com um sorrisinho sarcástico.

— Você sabia que era Kronwall e queria irritar Mick — adivinhei.

Ela soltou uma risada.

— Só um pouquinho…

— Como está sendo morar com ele até agora?

Dani deu de ombros.

— Ele não conversa muito comigo. Até faz umas perguntas e fala algumas coisas aleatórias quando a gente se cruza, mas nada além disso.

— Que jogo… opa, desculpa — disse meu pai à porta, erguendo uma das mãos ao ver meu celular.

Não sabia se Dani estava preparada para contar para os nossos pais, mas… Era melhor soltar logo a bomba de uma vez. Fiquei observando o rosto dela enquanto me sentava na cama e dizia para meu pai:

— Tudo bem… é a Dani.

Ela olhou para mim e reparei quando percebeu com quem eu estava falando. Então inclinou a cabeça e semicerrou os olhos, como se soubesse muito bem o que eu estava fazendo.

— Danizinha! — exclamou meu pai, pedindo que eu erguesse o celular com um gesto. Ele *amava* Dani, então aquilo seria interessante. — Tudo bem, querida? Está gostando da cidade? O Al está te ensinando tudo o que você precisa saber para ser uma torcedora de carteirinha dos Packers?

— Bem — respondeu, abrindo um sorriso que mostrava que ela estava à altura daquele desafio —, no início eu achei que ele estivesse me ignorando, mas de repente ele começou a me ajudar bastante.

— É mesmo? — perguntou meu pai.

— Aliás, John… o que aconteceu com seu filho mirradinho? Quer dizer, não que eu esteja reclamando — acrescentou ela —, mas ele está bem diferente.

Isso fez meu pai jogar a cabeça para trás e dar uma gargalhada, que continuava sendo meu som favorito.

Era estranho como a tragédia era capaz de mudar como víamos as coisas.

Já havia um bom tempo que meu pai estava (até que) bem, mas depois de tudo o que aconteceu, eu continuava valorizando sua gargalhada escandalosa, porque quase a perdemos para sempre.

— É, ele cresceu e de repente ficou menos desajeitado… quem diria — respondeu meu pai.

— Ele contou que vou ser assistente do time de hóquei? — indagou ela.

— Ah, é? Achei que você não soubesse nada sobre o esporte — comentou ele, olhando para mim, confuso.

— Ah, eu não sei mesmo, mas parece que quando seu filho quer alguma coisa, ele faz acontecer.

Caramba, ela é boa nisso.

Dani soltava pequenas provocações sem dizer com todas as letras que talvez estivéssemos nos tornando mais que amigos.

— Então acho que agora vou ter que aprender — concluiu ela.

— Eu posso ensinar — ofereceu meu pai, e eu sabia que ele ia amar fazer isso. — Venha aqui em casa qualquer hora que explico tudo o que você precisa saber.

— É — falei. — Você devia vir para cá agora, Collins.

Algo na expressão envergonhada dela ao me ouvir dizer aquilo me fez sorrir apesar da exaustão.

— Tenho quase certeza de que você precisa estudar, Barczewski — respondeu ela, em um tom de provocação perfeito. — Aliás, faz horas que minha mãe disse que ia a um lugar chamado Cro para comemorar o emprego novo e ainda não voltou… devo me preocupar?

— Não, ela estava com a gente — respondeu meu pai. — Demos uma passada lá depois do jogo.

— Imagino que esse tal de Cro seja um bar — falou ela.

— Salão Social Croata — respondi. — Cro.

— Ah — disse ela, ainda parecendo confusa e me distraindo ao piscar daquele jeito.

Ela tinha os olhos mais incríveis do mundo.

— É tipo um bar — acrescentei, pigarreando para aliviar a garganta e a cabeça. — Todo mundo sempre vai lá.

— Entendi. Olha, eu preciso estudar — comentou ela, sorrindo para o meu pai. — Mas a gente se vê em breve? Você e a Sarah vão estar no próximo jogo?

— Eles são meus pais, Collins — retruquei. — É *claro* que vão estar lá.

— Eu estava falando com seu pai, não com você — rebateu ela, toda fofa.

— Vamos, sim. Você perdeu um jogo e tanto hoje. Al botou as pernas longas dele para jogo.

Isso a fez olhar para mim e abrir um sorrisinho.

— Sério? As duas?

Meu pai riu mais uma vez e começou a descrever o jogo, sem perceber que ela não fazia nem ideia do que ele estava falando.

Dani inclinou a cabeça, e sorrisinho virou um sorriso largo.

— E aí… você fez um gol?

Nessa hora meu pai perdeu tudo e, gargalhando, disse que ela precisava vir logo até nossa casa para que ele pudesse ensiná-la tudo sobre hóquei.

— Eu vou, prometo — respondeu ela. — Al, você passa aqui para me buscar para a aula na segunda?

Não tinha pensado nisso, não era algo que tivéssemos discutido, e algo no jeito como ela perguntou me disse que ela sabia muito bem disso.

— Claro que vou — respondi, balançando a cabeça devagar porque ela era uma pestinha.

— Vou separar um lanchinho de cervo seco para ele levar — ofereceu meu pai. — E uns rolinhos de canela da El, avó do Alec.

— Eu vou adorar. Até mais, Zeuszinho — disse ela, com um sorriso largo, e eu ri porque dava para ver que ela estava me tirando para otário.

Fiz um acordo com uma garota tímida e inofensiva, não com essa versão abusada da Dani original.

— Eu amo essa garota — comentou meu pai quando desligamos. — Então quer dizer que ela vai ser assistente do time? De onde foi que vocês tiraram essa ideia?

Contei sobre Harvard, ao que ele respondeu:

— Bem, fico feliz que você tenha conseguido ajudar. Dani é uma boa garota e parece que passou por poucas e boas, então espero que Southview seja um lugar bom para ela.

— Que poucas e boas? — perguntei. — Além do divórcio…

— Acho que foram meninas malvadas fazendo bullying na escola, essas coisas — respondeu meu pai. — Parece que ela acabou ficando meio ansiosa por causa disso. Meu Deus, como eu adoraria dar uma lição em quem mexeu com a Danizinha. Pelo menos ela parece bem agora.

— É — concordei, pensando que aquilo fazia sentido depois de ela ter agido com tanta desconfiança em relação a mim e aos meus amigos.

A campainha tocou e meu pai olhou para mim.

— Pelo jeito a vovó chegou com os gêmeos. Fecha a porta se quiser continuar estudando.

— Boa.

Vi meu pai estremecer de dor ao se virar para sair do quarto.

Ele convivia tão bem com a dor que às vezes eu chegava a esquecer o acidente, o que era uma loucura, porque aquilo tinha virado nosso mundo de cabeça para baixo.

Mas pequenas expressões faciais como aquela faziam com que eu me lembrasse.

Da ligação: *Eles disseram que o caminhão acertou a lateral da caminhonete do seu pai.*

Ele teve uma ruptura no baço, hemorragia interna, inchaço no cérebro — e essas foram apenas as coisas que os médicos nos disseram que poderiam ser fatais. Ele também fraturou a coluna, o fêmur, o pulso e quatro costelas, mas esses ferimentos eram praticamente estéticos comparados às lesões críticas.

Seu corpo tinha sido estilhaçado quase por completo.

Então aquele homem que estremecia de dor era um milagre ambulante.

E também era um lembrete de que Dani desapareceu quando eu mais precisei dela. Quando meu mundo desabou.

Pensar nisso quase me curava da embriaguez absurda que aquele maldito sorriso causava.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Dani

Namorar Alec de mentirinha logo virou a coisa mais fácil do mundo.

A parte de que eu mais gostava? Ele aparecer no meio do meu almoço na biblioteca.

Porque a verdade era que eu *não gostava* de ficar sozinha naquele momento, mas tinha muito medo de ir até o refeitório para dar um jeito nisso.

Então vê-lo por lá fazia com que eu me sentisse… bem, de um jeito diferente.

Segura.

Mais feliz, acho…

Feliz por *não* estar sozinha.

— Está lendo um livro novo? — perguntou ele um dia ao surgir ao lado da mesa, parecendo ter uns três metros de altura.

— Aham — respondi, empurrando a cadeira à minha frente com o pé. — Cadê o *seu* livro?

Ele abriu um sorrisinho e olhou para a cadeira; então se sentou e abriu a mochila.

— Aqui dentro, mas meu livro é bem maior do que o seu, então ainda estou lendo.

— Não precisa arranjar desculpas para esconder que lê devagar — provoquei. — Está tudo bem.

— Por favor, eu acabaria com você em uma competição de leitura — respondeu ele, tirando *Billy Summers* da mochila. — Não que uma coisa tão nerd assim daria certo como evento competitivo.

— Toma — falei, tirando o sanduíche da mochila e o colocando sobre a mesa.

— O que é isso? — perguntou ele, o cenho franzido, olhando para o sanduíche.

— O que parece? É um sanduíche — respondi, revirando os olhos.

— Em primeiro lugar, que tipo de sanduíche? Porque isso aí está meio estranho — comentou ele, com um sorriso. — Em segundo lugar, por que você me trouxe um sanduíche?

— Porque um garoto enorme e imaturo que nem você vai morrer de fome e provavelmente desmaiar se não almoçar.

— Está preocupada comigo, Collins? — indagou ele, em um tom de voz mais grave que me deu um frio na barriga.

— Nem um pouco, mas se você desmaiar como um idoso e der de cara no chão, Sarah vai ficar triste, e eu odiaria que isso acontecesse — falei, revirando os olhos. — E é de queijo com presunto.

— Não parece queijo com presunto — rebateu ele, com uma careta, segurando o embrulho.

— Deve ser porque eu não achei ingredientes de sanduíche na cozinha do vovô Mick, então na verdade é *queso con fiambre*. E picles.

— Está falando sério? — perguntou ele, olhando bem para o pacote. — Você me trouxe um fiambruíche?

— Foi uma ideia que tive em cima da hora, e só tinha isso na geladeira — falei, rindo daquela palavra ridícula.

Voltei minha atenção para o livro, mas, pelo canto do olho, observei quando ele tirou o sanduíche do embrulho e levou à boca, desconfiado.

— É… interessante — declarou, com uma voz estranha, mastigando.

— Que bom que você achou uma delícia — respondi, sem tirar os olhos do livro.

— Acho que não foi essa a palavra que eu usei — rebateu ele.

Alec abriu o livro e começou a ler, e não pude deixar de perceber que comeu o sanduíche inteiro. O fato de ele o ter devorado me fez pensar que Alec era mais educado do que eu esperava ou então estava morrendo de fome.

Passamos o restante do almoço lendo em silêncio, mas quando o sinal tocou e eu tirei os olhos do livro, ele me encarava com os braços cruzados e um sorrisinho.

— O que foi? — perguntei, fechando o livro e ajeitando os óculos.

Era impossível não sorrir quando ele me olhava daquele jeito.

— O restante do mundo simplesmente desaparece quando você está lendo, né?

— Sim, graças a Deus — respondi, assentindo e abrindo a mochila. — Parece mágica.

— Imagino — comentou ele, e percebi que já tinha guardado o livro e colocado a mochila nas costas.

— Ah, você já está pronto — falei, constrangida por ter me distraído *tanto*. Guardei o livro e a garrafinha de água depressa, fechei a mochila e me levantei. — Desculpa.

— Não precisa se desculpar — retrucou ele, e deu a volta na mesa para entrelaçar os dedos nos meus mais uma vez.

A familiaridade daquele gesto e o fato de estar começando a parecer natural embora aquele joguinho estivesse apenas começando me fez olhar em seus olhos.

Queria saber o que ele estava pensando.

— É estranho, não é? — indagou, baixinho.

Ele leu minha mente como sempre fazia quando éramos crianças, e tudo o que consegui fazer foi me concentrar em seus olhos.

Então apenas assenti, perdida demais em seu olhar para pensar em palavras.

O instante se estendeu, e o restante do mundo desapareceu como mágica por uma fração de segundo.

Notei quando Alec engoliu em seco, o pomo de adão se movendo para cima e para baixo.

— É melhor a gente ir — disse ele, por fim.

— O quê? — perguntei, piscando, confusa, e me dando conta de que havia uma movimentação ao nosso redor.

A bibliotecária carregando uma pilha de livros, alunos enchendo os corredores, meu coração batendo forte no peito.

— Sim — falei, meio alto demais, pigarreando e assentindo. — É melhor a gente ir.

Saímos da biblioteca e, ao soltar minha mão para que pudéssemos seguir direções opostas, ele disse:

— Ei, obrigado por me trazer o sanduíche.

E semicerrou os olhos, sorrindo para mim.

— Ei, obrigada por comer o sanduíche — respondi, também sorrindo.

— Nunca mais vou olhar um *fiambre* com os mesmos olhos.

Não nos encontramos mais naquele dia, nem depois da aula, porque Cassie me roubou para ir com ela para o treino.

Ser assistente do time estava sendo fácil até então, e meio divertido, admito.

Ainda havia um milhão de coisas sobre hóquei que eu não sabia, mas com ela era divertido aprender.

Estranho, não é?

— Quer filmar hoje, ou tem algum dever de casa que precisa fazer?

— Posso filmar — respondi, porque sabia que não ia conseguir me concentrar em nenhuma tarefa enquanto Alec estivesse jogando.

Aquilo estava se tornando um problema. Todos os dias, assim que eu montava a câmera e começava a gravar, não conseguia fazer mais nada além de observá-lo.

Eu estava obcecada.

Em cada jogada, em cada exercício, Alec se dedicava como se sua vida dependesse daquilo e o único jeito de sobreviver fosse chegar até o disco antes de qualquer um.

Era impressionante.

Quando os garotos terminaram e pausei a câmera, Cassie se aproximou e perguntou:

— A gente se vê na casa do Vinny?

— Na casa do Vinny? — repeti, pois não fazia ideia do que ela estava falando.

— O jantar do time é na casa dele hoje.

— O quê? As assistentes *precisam* ir? — indaguei.

Eu não tinha nenhum interesse em ir ao jantar. Eu e uma mesa cheia de jogadores de hóquei arrogantes e desconhecidos?

Não, obrigada.

— Sim, é obrigatório — respondeu ela, e tive a impressão de que estava me julgando por parecer tão desinteressada. — Para todos os jogadores, treinadores, assistentes e instrutores.

— Ah… não sabia — falei, me fazendo de boba, como se não fosse óbvio.

Mas me sentia despreparada para esse tipo de interação social.

E precisava de tempo para me preparar para sair.

— É tradição — explicou ela, vestindo o casaco. — E é supertranquilo. Geralmente o prato é algum tipo de massa ou sopa, e a gente come e vai

embora. Acho que nunca fiquei mais do que uma hora.

— Ah — respondi, receosa, sentindo o estômago embrulhar.

— Zeus disse que você vai com ele.

— Ah, é — falei, entrando na brincadeira, sabendo que já tínhamos conversado sobre isso. Meu estômago revirou ainda mais ao pensar naquela interação social indesejada *enquanto* brinco de faz de conta com Alec… aff. — Eu esqueci totalmente.

Salva pelo gongo, recebi uma mensagem da minha mãe naquele exato instante.

Mãe: Sarah disse que tem jantar do time depois do treino hoje... Você vai?

Eu: Literalmente acabei de descobrir. Pelo jeito é obrigatório.

Mãe: Fique perto do Alec e você vai se divertir!

Ela parecia aceitar minha aversão a situações nas quais precisaria socializar antes de nos mudarmos, mas agora era como se alguém tivesse dado corda nela. Notava isso nos comentários que ela fazia, nas sugestões entusiasmadas.

Você deveria ir!

Que tal convidar a Cassie para estudar com você na Starbucks?

Quer chamar alguém para vir aqui assistir ao jogo?

Esse comportamento meio que fazia com que eu me sentisse uma esquisita que precisava de um empurrãozinho antes que pudesse estragar a própria vida social por completo. *Sentia* a apreensão dela por eu ainda não ter um grupo de amigos, mas a verdade era que toda aquela baboseira de escola não valia a pena.

Não mesmo.

Eu *fazia* essas coisas antes. Sempre que trocava de escola eu me *esforçava* para fazer novos amigos e ser convidada para festas do pijama, e sentia que tudo estava bem quando encontrava pessoas com quem sentia uma conexão.

E sou a primeira a admitir: a sensação era *boa*.

Mas o nono ano foi um pesadelo de meninas malvadas e constrangimentos tão terríveis que fiquei animada com a mudança daquele ano, e aí o ano seguinte começou melhor, mas acabou ainda pior.

Depois que eu fui embora.

Porque o horror de ser esquecida foi dez vezes pior do que o desconforto de tentar me enturmar.

O esquecimento nunca era intencional, mas sempre acontecia.

Em algum momento, a gente apenas para de ter notícias das nossas "melhores amigas".

Era provável que eu continuasse com esse jogo deprimente para sempre se não tivesse conhecido Jackson Ford.

Namoramos durante seis meses no primeiro ano do ensino médio — *seis* meses. Eu estava loucamente apaixonada por ele e quando estávamos juntos a vida parecia um filme. Eu dormia com o moletom dele da banda COIN todas as noites (até sua mãe me obrigar a devolver porque tinha custado cem pratas na lojinha do show) e ele segurava minha mão nos corredores.

Éramos inseparáveis.

Ele *chorou* quando nos despedimos e eu fui embora.

Conversávamos por ligação e por mensagem o tempo todo. E por chamada de vídeo sempre que possível.

Mas, depois de um mês, Jackson começou a parecer diferente quando eu telefonava. Eu me convenci de que estava sendo paranoica, mas algo estava estranho.

E de repente só *eu* telefonava.

Eu devia ter percebido o fim, mas fiquei chocada quando vi a foto no Instagram oficializando seu namoro com Olivia Lowell.

Era uma foto dos dois sorrindo no cinema, de mãos dadas, e ele estava com o moletom da COIN que um dia foi meu uniforme oficial para dormir.

Eles eram um casal.

Aquilo me destruiu, mas perceber que ele nem sentiu necessidade de terminar comigo foi o que despedaçou meu coração. Ele me esqueceu a ponto de nem se dar conta de que precisava terminar nosso namoro antes de começar outro.

Eu era só uma garota que ele conheceu um dia.

Pigarreei e me obriguei a voltar ao presente, porque revisitar tudo aquilo nunca servia de nada.

No entanto, era de fato um ótimo lembrete de que todas aquelas pessoas com quem comecei a andar de repente faziam parte do pacote do namoro falso.

E, naquele momento, ouvi a voz do Alec.

— Pronta, Collins?

Certo. Relacionamentos magoam, e eu não iria permitir que Alec — e aquele sorrisinho irresistível que me desafiava — me fizesse esquecer disso.

— Claro.

★ ★ ★

Alec parou em frente a uma casa amarela fofa e desligou o carro. Havia vários outros estacionados na rua, então não tínhamos sido os primeiros a chegar.

Respirei fundo, desejando ter simplesmente recusado o jantar. Eu era recém-chegada na escola, então ninguém sentiria minha falta.

— E aí, o que eu preciso saber sobre esse jantar? — perguntei, com frio na barriga só de pensar em entrar em uma casa cheia de gente que eu não conhecia.

— Vai ter comida — respondeu ele, dando de ombros. — E é isso.

— Uau, se você não dissesse eu jamais imaginaria, obrigada.

Abri a porta do carro e desci, me perguntando se um dia pararia de arquejar ao sentir o golpe cruel do frio em minha pele.

E estava nevando *muito*, flocos grandes batiam em meu rosto.

— É só algo que os pais fazem para garantir que vamos comer bem na noite anterior ao jogo — acrescentou ele enquanto caminhávamos em direção à entrada. — Não precisa encucar com isso.

Ele não sabia que isso era tudo o que eu fazia.

Encucava com as coisas.

— Mas tenho medo de que meu sanduíche tenha deixado você mal-acostumado — falei, preenchendo o silêncio da noite com qualquer assunto para me acalmar.

— Quero que fique registrado que o sanduíche não estava tão ruim assim.

Eu tinha certeza de que era mentira.

Quando chegamos à porta, Alec não bateu nem tocou a campainha — simplesmente entrou.

Fui atrás dele, sem saber o que esperar.

Ahhhh, calor.

— Alec! — exclamou uma mulher que devia ser a mãe do Vinny, olhando para nós em frente à pia da cozinha e sorrindo. Ela soltou o pano de prato que tinha nas mãos e se aproximou. Vestia uma calça jeans e um moletom dos Packers, o cabelo castanho preso em um rabo de cavalo, e sorria como se fôssemos muito queridos por ela. — Os garotos, e a Cassie, já estão na garagem. Você deve ser a Dani.

— Oi — cumprimentei, assentindo, um pouco surpresa por ela já saber quem eu era sendo que eu tinha acabado de descobrir que participaria do jantar.

— Está se adaptando ao clima? — perguntou ela. — Big John disse que você não gosta muito de frio.

Ela conhece Big John e eles falaram sobre mim?

Aquele lugar me deixava confusa. Por que, pelo amor de Deus, as pessoas falariam sobre *mim*?

— Ah, é cruel, né? — respondi. — Nevou todos os dias desde que chegamos.

— Acredite ou não, você vai se acostumar — garantiu ela, calorosa, como se de fato desejasse o melhor para mim. — E aí, o que está achando do hóquei?

— Ela acha que eu fico um gato de uniforme, né? — disse Alec com um sorrisinho, colocando o braço sobre meus ombros e me puxando mais para perto.

Revirei os olhos e todas as minhas terminações nervosas entraram em curto-circuito. Fiquei impressionada com o quanto minha voz saiu calma quando falei:

— Ninguém nunca ficou tão gato com calças acolchoadas.

Isso fez a mãe do Vinny rir e, antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, a mão de Alec deslizou pela minha e ele me puxou em direção ao que parecia ser a porta que levava à área externa.

Agora ele está segurando minha mão na frente dos adultos.

Ele já tinha segurado minha mão na escola, mas aquilo parecia mais importante.

Mais íntimo. Mais físico.

— Você não acha que isso é um pouco… — comecei.

— Também temos que ir com tudo para o público adulto, amor — respondeu ele em meu ouvido, e a voz grave e baixa fez meu coração acelerar por algum motivo.

Devia ter sido porque ele me assustou, só isso.

Mas… *amor*.

— Ah — soltei, olhando para seu rosto enquanto meu cérebro repetia *ele está segurando sua mão assim ele está segurando sua mão assim Alec Barczewski está segurando sua mão.*

Assim.

— Vamos — chamou ele, abrindo a porta de correr e soltando minha mão assim que saímos para a tarde escura e fria.

Quando fechou a porta, a neve pareceu isolar o mundo, deixando-o estranhamente silencioso.

O frio estava congelante, então pigarreei e indaguei:

— A gente vai mesmo comer na garagem? Não vamos morrer congelados?

— Ah, Dani — respondeu ele, balançando a cabeça como se eu fosse uma criancinha. — Até parece que você nunca viu o interior de uma garagem em Minnesota.

Atravessei o quintal atrás dele em direção à garagem amarela que combinava com a casa. Quando Alec abriu a porta que ficava bem ao lado do portão para carros, fiquei chocada ao sentir o calor.

Ao ver luzinhas brilhando.

Ao ouvir o barulho.

Entramos, e o lugar mal parecia uma garagem.

O piso era reluzente e as paredes bem-acabadas, então lembrava mais um porão reformado do que um lugar para guardar o carro. Havia três TV penduradas em uma parede coberta de cartazes esportivos, e duas geladeiras abaixo delas.

Na outra parede, placas de cervejarias em neon pendiam sobre mesas alinhadas como em um bufê, e eu quase esperei encontrar garçons andando por ali.

No centro, várias mesas retangulares unidas formavam uma supermesa (coberta por toalhas estampadas com os dizeres óQ , é claro), e o time estava sentado ao redor.

O treinador Osman estava de pé ao lado das geladeiras, conversando com os demais treinadores e alguns homens que imaginei serem pais dos garotos do time, e tive a sensação de que todos olharam para nós quando a porta se fechou.

Deve ser só paranoia.

— Danizinha!

Big John estava de pé do outro lado da garagem com dois homens que eu tinha conhecido na casa dele naquele jantar na nossa primeira noite na cidade.

Só de vê-lo já me senti um pouco mais à vontade, e acenei de volta.

Ouvi várias pessoas gritarem:

— Zeus!

Mas Alec continuou olhando para *mim*, e perguntou:

— Vamos pegar comida?

Assenti, olhando para os três tipos de ensopado, quatro tipos de massa, três tipos de molho e as duas lasanhas sobre a mesa.

Ah… e três tipos de pão.

Aquelas mães *não* brincavam em serviço.

Fizemos nossos pratos e sentamos à mesa ao lado de Cassie. Nessa hora ouvi Kyle dizer:

— Não, são as almôndegas de cervo do meu pai.

Almôndegas de cervo?

Não falei nada, mas devo ter feito uma cara esquisita, porque Alec disse:

— Juro que são gostosas.

Dei de ombros como se não tivesse nenhum problema com almôndegas de Bambi porque eu sabia que eram quase a mesma coisa, não é? Boi ou veado, de qualquer jeito eu comeria um animal.

— Eu acredito.

Mas alguma coisa na fofura de um cervo mexia comigo sem nenhum motivo.

— Se são do *seu* pai — disse Cassie ao Kyle —, então meu pai ajudou.

— Verdade — concordou Richie.

— Eles cozinham juntos? — perguntei. — Que legal.

— Não é *exatamente* isso, não é tão legal assim — respondeu Alec com um sorrisinho.

— É, não — confirmou Cassie, balançando a cabeça. — Nossos pais têm um… caramba, não sei como chamar. Uma rede de apoio, talvez?

— Grupo de plantão — corrigiu Kyle, assentindo.

— É — concordou Alec.

— Durante a temporada de caça, se um deles pega um cervo, eles avisam no grupo para que, quando chegarem em casa, todos já estejam lá esperando para ajudar no desmanche — explicou Cassie.

— Até hoje Big John conta aquela história — comentou Richie — de quando Cassie apareceu no lugar onde eles estavam esquartejando um veado e fez xixi na calça.

— *Cala a boca* — repreendeu ela, mas estava rindo. — Em primeiro lugar, eu tinha três anos. E, em segundo, ninguém me avisou que eu iria flagrar uma cena de filme de terror, ou eu teria ido ao banheiro antes.

— Ahaaam — provocou Kyle com um sorrisinho.

— Em *terceiro* — continuou ela, mostrando o dedo do meio para ele —, Big John me deu vinte pratas para que eu parasse de chorar, então acho que, na verdade, saí ganhando.

— Está dizendo que vinte pratas são capazes de apagar um trauma de infância? — retrucou Alec.

— Estou dizendo que vinte pratas compraram duas Barbies incríveis.

Os quatro começaram a rir — quer dizer, eu também —, e senti uma pontinha de inveja do que eles tinham, do que eu nunca teria. Eles tinham uma conexão antiga, um passado em comum que fazia com que parecessem mais primos do que apenas amigos.

Eu me perguntei como devia ser.

Todos sorrindo e relembrando histórias que não cansavam de contar — era de aquecer o coração, e senti inveja.

Assim que pensei nisso, a cesta que continha os garfos de plástico caiu no chão quando Big John esbarrou na mesa, segurando o joelho e fazendo uma careta de dor.

— Pai! — gritou Alec.

Ele se levantou de um salto e se colocou ao lado do pai em uma fração de segundo, e outro homem também ajudou Big John a se levantar.

Ele não chegou a cair, mas foi quase. Cada um deles segurou um de seus braços, e fiquei de coração partido quando Big John colocou um sorriso no rosto, dispensando a ajuda.

— Essa maldita perna trava sempre que eu levanto, está tudo bem — disse ele, como se aquilo acontecesse o tempo todo.

Espera. Aquilo *acontecia* o tempo todo?

— É só avisar que pedimos a um dos garotos para levar você na garupa — falou a mãe do Vinny.

E ela riu.

Big John riu.

Todos riram.

Todos menos Alec.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Alec

— Então, acho que estamos indo bem, não acha? — perguntou ela, baixinho, e eu sabia que estava tentando aliviar a tensão.

Apenas assenti, porque não sabia ao certo o que dizer.

É, foi tudo bem no jantar do time — *com exceção de quando meu pai quase caiu no chão de dor!* — e o treinador pareceu feliz ao nos ver juntos. O namoro falso estava indo muito bem na escola também, tirando o fato de que ela estava me deixando distraído.

Racionalmente, eu sabia que não era nada, que *nós* não éramos nada, mas, quando estávamos sozinhos, eu esquecia.

Nada disso é real.

E foi por isso que agradeci pelo alerta naquele dia. A dose angustiante de realidade que me atingiu quando o joelho do meu pai cedeu era exatamente do que eu precisava. Vê-lo daquele jeito era um lembrete instantâneo de uma das piores épocas da minha vida, quando minha amiga escolheu não ficar ao meu lado e, em vez disso, levou meu inimigo — aquele imbecil — ao nosso galpão.

A presença do meu pai me ajudou a colocar os pés no chão.

— É, foi bom — falei.

— Você está bem? — quis saber ela, estendendo as mãos em frente às saídas de ar quente. — Com o que aconteceu com seu pai? Eu não sabia que…

— Só estou cansado — respondi, o que não era mentira, mas eu também não queria falar sobre aquilo. Não com *ela*. Sempre que ele passava muito tempo sentado, a dor disparava por sua perna. Acontecia com frequência, mas não ajudava em nada.

— Você tem dificuldade de dormir antes de um dia de jogo? — indagou ela, evitando falar do meu pai. — Nunca pratiquei nenhum esporte, mas você parece ser bom no hóquei, deve ser meio estressante.

— Não mais que nas outras noites — respondi.

— Como assim… você *não* dorme bem? — insistiu ela.

— Você não é minha namorada de verdade, Collins… não precisa se preocupar com meu sono, beleza?

A resposta saiu um pouco mais grosseira do que eu queria, mas precisava impor certa distância.

Ela franziu o cenho, e eu percebi que tinha ficado magoada.

— Só estava perguntando — falou.

Parei na entrada da garagem e, quando abri a porta para sair do carro, ela avisou:

— Não precisa me levar até a porta. Não tem ninguém por perto.

— Está escuro, vou levar você — falei, me sentindo um idiota.

Quando cheguei ao outro lado do carro, no entanto, vi o maldito do Benji Worthington na varanda com um vape na boca.

Mas é um babaca mesmo.

— Maldito Worthington — resmunguei baixinho.

— Por que vocês se odeiam? — perguntou ela, também baixinho, ao descer do carro, olhando na direção de Benji. — Quer dizer, nunca gostamos dele porque ele era um ridículo, mas as coisas obviamente pioraram.

— É, ele é um babaca.

— Ah, bem, isso explica tudo — respondeu ela, sarcástica.

Soltei um suspiro.

— Ele é meu inimigo e eu o odeio. Só isso.

— Seu *inimigo*? — repetiu ela, em um tom de voz que indicava que Dani achava que eu estava exagerando.

— Tudo bem, talvez ele não seja meu inimigo, mas é um cara de fuinha que fica fofocando que nem uma senhorinha — falei. Minha vontade era socá-lo só por estar sentado ali. — Garanto que foi ele quem espalhou a foto do bong.

— Sério? — perguntou ela, olhando para a casa do idiota do Worthington.

— Sério. Ele joga pela Academia St. John…

— O time que ganhou de vocês no estadual ano passado? — indagou ela, me interrompendo com um arquejo.

— Não acredito que você sabe disso.

— Eu não acredito que você fez dois gols naquele jogo — rebateu ela, fechando a porta do carro. — Pelo que eu soube é impressionante para um defensor.

— Olha só para você, pesquisando — retruquei, olhando para seus lábios.

Ela sorriu, e eu quis tanto beijá-la que parecia loucura.

Espera.

O quê? De onde veio esse sentimento?

Era loucura e burrice.

Controle-se.

— Ele está olhando para nós — avisou ela, baixinho —, então vou rir como se você fosse engraçadíssimo e encantador.

Dani deixou escapar uma risadinha e, sim… ele viu.

A atenção dele se voltou para nós, mas Benji não fazia ideia de que tínhamos notado sua presença.

— Caramba, é isso — falei, minha cabeça à toda. — Ele é um fofoqueiro… a gente deveria se beijar.

— *O quê?* — disse ela, bem alto, com uma risada, como se achasse que eu estava brincando.

No entanto, dei uma olhada por cima da cabeça dela e vi que Benji estava olhando para nós, como um psicopata, e decidi que valia a pena implorar.

Porque, se eu pudesse usá-lo para espalhar aquilo *e* deixá-lo com ciúme, seria uma vitória e tanto.

— Por favor deixa eu beijar você por favor deixa eu beijar você por favor deixa eu beijar você, Dani — resmunguei, olhando bem em seus olhos e rastejando. — Eu odeio tanto esse babaca e ele vai morrer com isso, por favor deixa eu beij…

— Tudo bem — respondeu ela, baixinho.

Só me dei conta do quanto tinha certeza de que Dani ia recusar quando ela concordou.

— *O quê?*

Não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Olhei para ela e perguntei:

— Sério?

— Se acha que assim a notícia vai chegar às pessoas certas — falou ela, quase em um sussurro, se aproximando para que Benji não nos ouvisse. — Por que não? A gente já fez isso antes de brincadeira, então por que não fazer de novo para outros fins?

De brincadeira coisa nenhuma.

— Tem certeza?

Por mais que estivesse com raiva, eu jamais a forçaria a fazer algo que não quisesse.

Embora de repente beijá-la tivesse se tornado a única coisa que eu queria.

E eu pretendendo me controlar…

— Tenho — murmurou ela, assentindo. — Manda ver, *Zeus*.

Foi o brilho nos olhos dela que fez meus joelhos quase cederem. E o jeito como ela ergueu o queixo e inclinou a cabeça, discretamente, como se estivesse se preparando, *meu Deus*. De repente meu coração acelerou e minha respiração paralisou, o cheiro do perfume dela — *suco de maçã e flores* — sobrecarregou meus sentidos, e foi impossível respirar normalmente.

Porque ali estava ela, no escuro, ao lado do meu carro, olhando para mim da maneira que eu sempre quis.

Manda ver, Zeus.

Esqueci Benji ao ver meus dedos deslizando pelo cabelo dela, como se funcionassem por conta própria. Eu a segurei ali, sentindo suas ondas macias, e abaixei a cabeça, uma palavra ressoando em cada canto da minha cabeça como um coro.

Dani Dani Dani Dani.

O cabelo loiro envolvendo meus dedos, a respiração irregular que pairava em uma nuvem entre nós dois, seus cílios longos se fechando — a realidade de que era *ela* ali me atingiu como um golpe, como um soco que me nocauteou.

É a Dani, caramba.

Senti seus lábios nos meus — *brilho labial sabor cereja, meu Deus* —, e foi como ser atingido por um raio. Senti um choque em todas as terminações nervosas quando eles se abriram para mim, fiquei eletrizado quando ela segurou meu casaco e sua língua…

— O que está acontecendo *aqui*?

Dani se afastou de mim de supetão, e eu pensei que fosse morrer quando abri os olhos e vi Mick Boche parado na varanda, me observando.

Puta merda.

Ele estava todo de preto, como um anjo da morte, com o braço enorme estendido, o dedo apontando bem para mim.

— Entra. Agora.

Merda, merda, merda.

Dani se virou e foi em direção à varanda, mas Mick exclamou:

— Eu estava falando com você, Barczewski!

Ferrou, ferrou, ferrou.

— Sim, senhor — respondi, o coração batendo tão rápido que era possível que eu desmaiasse de medo.

Segui Dani até a varanda e entrei na casa do avô dela, onde ele com certeza acabaria comigo.

Mas, quando entrei, me dei conta de que o lado bom de morrer era que Benji estava se corroendo de ciúme naquele momento.

Ele sempre foi a fim da Dani, então o fato de ele estar na primeira fila para ver minha vitória foi a cereja do bolo.

Toma essa, babaca.

Ele podia até estar com inveja demais para reconhecer minha vitória, mas ver Mick Boche me pegando no flagra com a neta dele e me mandando entrar aos berros…

Ben já devia estar correndo para compartilhar aquela notícia.

— Não foi culpa do Alec… — começou Dani.

— Não quero ouvir — gritou Mick, interrompendo-a. — Suba para que eu possa conversar com ele.

— *O quê?* — perguntou ela, incrédula.

Ele apontou para a escada que levava ao andar de cima.

— Você ouviu o que eu disse… vá.

— Você não pode…

— Não só posso como vou… e sei o que está pensando, Danizinha. Está pensando que eu não sou o seu pai e não posso fazer isso. Mas está enganada… *posso, sim*. Sou eu que estou aqui, que estou por perto, e sou eu que me importo. Suba. Conversamos depois.

Ela piscou rápido, como se não conseguisse acreditar no que ele estava dizendo, então resmungou um *desculpa* para mim antes de subir.

Traidora.

— Sente-se — esbravejou ele, apontando para a mesa da cozinha.

Obediente, me joguei em uma das cadeiras, grato pela oportunidade de me sentar porque parecia que minhas pernas iriam ceder a qualquer momento e também porque era provável que ele não socasse minha cara se eu estivesse sentado à mesa de sua cozinha, né?

— Pelo que sei, você é um bom garoto — começou Mick, cruzando os braços na altura do peito e me encarando com avidez. — Mas achou mesmo que com um minuto de namoro ia ficar se agarrando com Dani na entrada da minha garagem? Está de brincadeira com a minha cara?

— Eu…

— Estava tentando provar alguma coisa? Que é durão e não tem medo de desrespeitar a neta de Mick Boche no quintal da casa dele, caramba?

— Ah, meu Deus, não — respondi. — E a gente mal…

— Você jura? — rebateu ele, obviamente não acreditando em mim. — Você não pensou por um momento sequer que eu poderia olhar pela janela?

— *Não* — insisti, balançando a cabeça.

— Jura? — repetiu ele.

— *Não!* — falei, ainda mais alto. — Com todo o respeito, não pensei em nada. Beijei Dani porque gosto muito dela e esqueci tudo, ainda mais onde eu estava. Não teve *nada a ver* com o senhor.

— Então Dani era a única coisa na sua cabeça quando você decidiu beijá-la.

Está calor aqui dentro? Afrouxei um pouco o cachecol em meu pescoço.

— *Sim* — respondi. — Quer dizer, uma parte de mim esperava que Worthington visse, porque odeio aquele cara, mas sim… eu só pensei nela.

— Eu também odeio aquele garoto ridículo. Você sabia que ele tem um Maserati?

O que está acontecendo?

— Sabia — disse, balançando a cabeça. — Ano passado ele tinha um Cayenne, mas bateu em um poste.

— Ah, claro — respondeu Mick, também enojado. — É um idiota.

— Não é? — concordei.

— Olha só… vou ser sincero com você. — Ele inclinou a cabeça e olhou para mim como se eu fosse um inseto. — Não gosto desse namoro.

— Não gosta — repeti.

Não sabia por quê, mas isso importava para mim. Embora fosse um relacionamento de mentirinha, saber que alguém que você respeita acha que

você é um merda é… bem, uma merda.

— Não, não gosto. Nem um pouco. Dani e a mãe dela passaram os últimos dezessete anos vivendo com um picareta manipulador. Eu olho para ela e não vejo a garota que eu conhecia.

Não sei o que eu esperava, mas não era *isso*. Mick estava olhando pela janela, como se estivesse falando mais sozinho do que comigo.

— De vez em quando, ela dá uma de atrevida pro meu lado e minha vontade é comemorar de tão bom que é vê-la assim, mas sei que ela não quer isso. E nem deveria querer, porque… bem, não importa, e Dani tem razão de estar com raiva de mim, mas a questão é que eu quero que ela descubra quem é e encontre a própria voz sem um garoto a atrapalhando.

— Eu… eu não quero atrapalhar — falei, revirando os olhos para mim mesmo ao perceber que minha voz falhou como se eu fosse um menino nervoso. — Quero o mesmo que o senhor, juro. E também odeio o coronel.

— Odeia? — perguntou Mick, parecendo surpreso.

— Meu Deus, sim, mas isso não importa, porque Dani ainda venera o pai — disse, e imediatamente me dei conta de que talvez tivesse falado demais.

Dani ficaria superirritada se me ouvisse dizendo aquilo.

— Eu sei — respondeu Mick, com um suspiro. — Ela não aceita ouvir uma única crítica sobre ele, mas é o pai dela, e eu tenho que respeitar isso.

— Outro dia, mesmo depois de ele ter ligado e ela ter ficado tão chateada que eu a encontrei chorando no vestiário, ainda assim ela o defendeu.

— Ela disse o que ele fez? Por que ela estava chorando?

Fiz que não com a cabeça.

— Não, mas não tive chance de conversar com ela sobre isso…

Ele grunhiu e olhou para mim como se tentasse decidir onde iria enterrar meu corpo depois de me matar.

— Sr. Boche, eu não quero desagradar o senhor. Gosto muito da sua neta, só isso — falei.

— Bem, você pode gostar da Dani — rebateu ele, cruzando os braços. — Mas saia de cima dela e a deixe respirar.

— Tudo bem — respondi, assentindo, porque talvez não teria mais a oportunidade de ficar em cima dela mesmo.

Ainda nem tinha entendido por que ela havia aceitado que eu a beijasse, mas depois daquela cena, eu não terminaria o que mal tinha começado.

— A propósito, o que vai fazer com esse ombro aí? — perguntou ele.

— *O quê?* — indaguei, meio alto demais, mas ele estava olhando para mim como se soubesse de tudo, e isso era impossível.

— Percebi que deixa o ombro cair quando está cansado, que às vezes massageia quando está falando. Seu ombro está lesionado, não está?

Senti meu sangue gelar ao ouvir aquilo. O que estava acontecendo? *Eu deixo o ombro cair quando estou cansado?*

Será que alguém além de Mick tinha percebido? Droga, será que os olheiros tinham percebido?

Merda, merda, merda. Não podia deixar ninguém achar que eu estava lesionado.

— *Não* — falei, balançando a cabeça e reagindo como se ele estivesse maluco. — Está bem dolorido do encontrão que levei na semana passada, mas…

— Tá, tá — interrompeu ele, balançando a cabeça. — Me poupe dessa conversa fiada… O corpo é seu, não meu. Como está se sentindo em relação ao jogo de amanhã?

Dei de ombros. Aquela conversa era uma loucura e também tinha o fato de eu nunca saber como responder àquela pergunta. Sempre achava que iríamos ganhar, mesmo quando acabávamos perdendo.

— Vamos ganhar.

— É, é provável — concordou ele, então apontou para a porta. — Agora vá para casa.

Quase pulei da cadeira de tão feliz que estava por ir embora sem ter sido esfolado vivo. Se eu pudesse correr até a porta e depois até o carro, é o que teria feito.

Mas, quando cheguei à porta, me virei e olhei para trás, porque senti que deveria dizer alguma coisa.

— Sr. Boche?

— Mick — corrigiu ele.

Mick?

Então falei:

— Obrigado… é… por não ter me matado.

— Sem problemas — respondeu ele, e juro por Deus que ele deu um sorrisinho. — Aliás, se você bater no Maserati da casa ao lado com aquela porcaria que você dirige, eu não vi nada.

— Entendido — falei, e tratei de ir embora logo.

Quando enfim olhei para o celular, já em casa, havia várias mensagens da Dani.

Dani: Você tá bem?

Dani: Desculpa pelo meu avô.

Dani: O que ele disse?

Dani: Por favor, me manda um sinal de que está vivo.

Tirei uma selfie, e respondi: **Estou bem e na verdade ele foi bem legal. Só queria ter certeza de que eu não fui um babaca com você.**

Pensei no que Mick disse sobre Dani. Era interessante ver que ela sempre partia do princípio de que o avô era um velho rabugento quando na verdade o que me parecia era que ele sentia falta da neta e estava preocupado com ela.

Que estava tentando ajudá-la.

Eu: Pode parecer loucura, mas acho que ele tá tentando fazer as pazes com você.

Dani: E como exatamente ele está fazendo isso? Resmungando bastante quando estou presente?

Fazia sentido que ela não tivesse percebido. O cara era péssimo de comunicação. E, por mais que eu quisesse ajudá-lo, precisava falar sobre o beijo *imediatamente*.

Eu: Então... mudando de assunto.

Dani: Sim...?

Eu: Sabe aquela outra coisa que aconteceu na entrada da sua casa...

Dani: Que outra coisa?

Certo, então ela não queria tocar no assunto. Já eu não conseguia pensar em outra coisa.

Eu: Justo. A gente se vê amanhã.

Ela não respondeu, mas quando conectei o carregador e desliguei o abajur, meu celular vibrou.

Dani: Meu avô acabou de entrar no meu quarto e pedir para eu te falar para fazer compressa de gelo no ombro antes de dormir, mesmo se estiver cansado demais.

Fiquei olhando para a mensagem, incrédulo. Não sabia ao certo por que, mas senti a garganta apertar de leve, e também não fazia ideia do motivo pelo qual aquilo fez com que eu me sentisse mil vezes mais exausto.

Eu: Diga que eu agradeci.

Então desci para pegar gelo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Dani

O dia do jogo consistiu em uma série de acontecimentos chocantes.

Para começar, Alec estava ridículo quando foi me buscar. Quase tive um ataque cardíaco quando o vi ao abrir a porta da cozinha. Abri a boca, mas as únicas palavra que saíram foram:

— Cadê suas lentes de contato?

— Estava cansado demais para colocar — respondeu ele, confuso. — Por quê?

O que significa "por quê" mesmo?

Eu sabia que o time se arrumava para *alguns* jogos, mas não haviam feito isso no anterior. Ele tinha ido de calça de corrida e moletom, pelo amor de Deus, então eu não estava preparada para *aquele visual*.

Não imaginava que ele arrumado ficaria tão… *bem*.

Alec vestia uma calça preta de alfaiataria com um caimento perfeito que destacava suas pernas musculosas (ou talvez fosse só meu cérebro ainda em choque com aquela mudança). Usava um belo cinto que combinava com seus sapatos *muito* estilosos, e o suéter de caxemira cinza justo só valorizava o quanto o peitoral dele era largo e forte.

E ele estava de óculos — *nossa*, como ele ficava lindo com aquela armação tartaruga. Eu me lembrei de quando ele começou a usar lentes de contato no sétimo ano, mas pelo jeito Alec ainda usava os óculos de vez em quando.

Não seria exagero — nem de longe — dizer que ele poderia estar a caminho de um ensaio fotográfico com jovens empresários atraentes, o que me deixou meio surtada.

Não me senti *confortável* com o quanto Alec estava lindo, e vi que ele percebeu que eu estava encarando.

Droga.

Então eu disse:

— Sua mãe tem *muito* bom gosto.

— O quê?

— Gostei da sua roupa — falei, com uma boa dose de provocação. — Parece que sua mamãe comprou um belo traje para você ir à igreja.

Ele abriu um sorrisinho arrogante e balançou a cabeça.

— Eu sei que estou bonito, pode parar com essa bobeira.

— Que humilde — resmunguei, desviando de seu corpo alto e forte porque não podia fitá-lo nem mais um segundo.

Senti o rosto quente e estava inexplicavelmente nervosa, e tudo piorou quando quase arranquei a maçaneta da porta do carro.

Eu puxei, mas a porta ainda estava trancada.

— Pode abrir, por favor? — pedi, e soltei um suspiro, olhando para Alec por cima do ombro.

Mas ele estava *bem ali*, muito mais perto do que eu imaginava. Meus olhos encontraram os seus, e fui atingida por mil imagens dele me beijando na entrada da garagem.

Pode ter durado só alguns segundos, mas, *caramba*! Eu ainda *sentia* suas mãos entrelaçadas em meu cabelo e via a intensidade em seus olhos escuros quando ele abaixou a cabeça.

Quando seus lábios tocaram os meus.

Ele pigarreou.

Aff!

Dei uns pulinhos e falei:

— Meu Deus, como está frio.

— É, vamos logo — respondeu ele, abrindo a porta e dando a volta até o lado do motorista.

Dava para *sentir* o constrangimento entre a gente.

Como se cada momento juntos terminasse em tensão.

Com o ar carregado.

E eu não sabia o que fazer com aquilo.

Na busca por qualquer assunto que não causasse estranheza, perguntei:

— Está animado para o jogo de hoje?

— Está brincando? — questionou ele, dando a partida.

— Não, eu quero mesmo saber — respondi, olhando pela janela quando ele deu a ré para sair. Alec levava o hóquei tão a sério que *só podia* ficar

estressado. — Como você se sente em dias de jogo? Fica animado ou nervoso? Ouve músicas que dão um gás e finge tocar guitarra no vestiário… esse tipo de coisa?

Ele quase nunca era sério comigo; ou era o jogador arrogante, ou uma fagulha do pequeno Alec bobinho, então fiquei surpresa quando ele engoliu em seco e retesou o maxilar.Vi algo *diferente* em seus olhos escuros ao dizer:

— Acho que fico mais estressado quando *não* é dia de jogo.

— O quê? Sério?

— Sei controlar minhas jogadas, então fico ansioso para a partida começar — explicou ele. — Todo o restante está fora do meu controle, mas, quando entro no rinque, só depende de mim, então estou sempre contando as horas.

Ele parecia desconfortável, como se estivesse pensando em coisas ruins, e me dei conta de que devia ser porque eu parecia interessada demais.

Não podia deixá-lo pensar que eu era uma fã de hóquei, ou algo assim, então falei:

— Hoje de manhã minha mãe me avisou que vai ao jogo. E quando eu perguntei por quê, torcendo para que ela não estivesse se sentindo obrigada a ir só porque eu vou filmar… sabe o que ela disse?

— Tenho certeza de que foi algo brilhante — afirmou ele, o que me fez revirar os olhos, porque Alec sempre adorou minha mãe.

— Ela falou que vai para apoiar o time. Que quer ir a *todos* os jogos até o fim da temporada — contei, balançando a cabeça. — Que vai ao Cro antes do jogo de hoje porque, ao que parece, todos os pais sempre vão.

Isso o fez abrir um sorriso.

— Por que você parece irritada com isso? É o que os pais do pessoal do hóquei fazem em dia de jogo.

— Mas ela não é mãe de uma jogadora de hóquei — respondi. — A filha dela só é assistente do time para conseguir créditos extras.

— Já parou para pensar que talvez não tenha a ver com você? — perguntou ele.

Mostrei o dedo do meio.

— Não, é sério — insistiu Alec, balançando a cabeça. — É uma coisa de Southview. Tipo, todo mundo daqui vai aos jogos de hóquei… só isso. E, como sua mãe cresceu aqui, deve ter passado a vida inteira assim.

— Pode ser — falei, me perguntando por que não tinha pensado nisso.

De fato, ela cresceu cercada por tudo *aquilo*; eu só não conseguia imaginar.

★ ★ ★

A energia do Doug era bem diferente em dias de jogo.

O lugar ficava eletrizante, lotado, com música tocando nos alto-falantes, alunos barulhentos e adultos por toda parte vestindo bordô e branco.

Alec tinha razão — era um evento da comunidade.

Montei a câmera e, enquanto esperava começar, fiquei meio chocada com a quantidade de gente que eu já conhecia. Nós tínhamos *acabado* de nos mudar, então era uma loucura já reconhecer qualquer pessoa.

Mas vi os homens que estiveram na casa de Alec na noite em que chegamos a Southview. Estavam sentados com pessoas que imaginei que fossem suas esposas e seus filhos. E todos os adultos que eu tinha encontrado na casa do Vinny na noite anterior estavam juntos — os pais do pessoal do hóquei —, em um grupo tão barulhento quanto o dos alunos.

Vi minha mãe sentada com Sarah, Big John e os gêmeos (que estavam uma fofura com camisas do time com o número 7 nas costas), e ela parecia fazer parte daquele grupo, como se sempre tivesse participado daquilo.

Eu me obriguei a desviar o olhar, pois não sabia ao certo como me sentir em relação àquilo.

Porque, para falar a verdade, ela parecia se encaixar ali, como se aquele *fosse* seu lugar, mas a sensação era de que estávamos traindo meu pai, que foi quem a afastou de Southview.

Meu pai, que tinha mandado duas mensagens desde a última ligação, e eu não tinha respondido.

Pai: Ainda precisamos ter aquela conversa... por favor, me diga quando vai estar disponível, filha.

Pai: Eu adoraria receber uma resposta. Sou EU quem pago seu celular, Daniella.

Eu sabia que precisava responder, mas sempre que tentava acabava escrevendo vários parágrafos e no fim os apagava porque sabia que ele ia achar sensível demais.

E estava com medo de ligar para ele.

Nossa, estou perdendo a cabeça.

Por sorte, quando a partida começou não tive escolha — precisei sair de dentro da minha própria cabeça.

Porque o jogo foi surreal. Um vaivém na velocidade da luz que me deixou agitada, meus olhos se esforçando para acompanhar o pequeno disco preto.

E Alec deu um show.

Se era intenso no treino, no jogo ele era *sublime*. Partia para cima do outro time, esbarrando nos jogadores, estendendo o taco e lutando pelo disco como se sua vida dependesse daquilo. Ele foi suspenso da partida e mandado para o banco de suspensão *duas vezes* por penalidades; embora a torcida tenha achado que a segunda foi injusta.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca, e fiquei um pouco emocionada — no bom sentido — vendo-o arrasar no rinque.

Estava orgulhosa do meu pequeno amigo Alec, que era um Deus do Hóquei sem tirar nem pôr.

Southview ganhou com uma diferença de dois gols, e Alec fez duas assistências — além do gol que me fez gritar tão alto que fiquei com dor de garganta.

Nunca me diverti tanto assistindo a um evento esportivo.

Em que eu estava me transformando?

Depois do jogo, encontrei minha mãe perto do vestiário ao lado de Sarah, Big John, os gêmeos e alguns dos amigos do John.

— O que achou do seu primeiro jogo, querida? — perguntou Big John, e foi fofo vê-lo com um sorriso tão grande. Durante toda minha vida, ele sempre lembrou um Papai Noel feliz, e aquele dia não foi diferente. — Uma partida do caramba.

— Eu meio que amei — admiti. — E Alec foi incrível. É difícil acreditar que o menino que tirava três cochilos por dia se transformou nesse jogador de hóquei durão.

— Um dia ele estava desperdiçando horas de vida jogando videogame — comentou Sarah, os braços ocupados segurando uma manta enorme —, no outro queria passar cada segundo no rinque.

— Então você é o amuleto da sorte dele?

Quem fez a pergunta foi uma mulher baixinha com olhos castanhos calorosos e cabelo preto cacheado — e o sotaque nortista mais gracinha que eu já tinha ouvido —, olhando para mim com um sorriso doce.

Olhei para o homem ao lado dela e lembrei quem era — *Ellen e Gary*. Pais do Big John, avós do Alec.

— Estávamos comentando que nesta temporada ele está jogando melhor do que nunca — disse ela. — E nos perguntamos se não seria por sua causa.

Uau… a notícia se espalhou rápido. Tinha quase certeza de que a linha do tempo da vovó Ellen era imprecisa, mas a afirmação estava a nosso favor, então decidi aceitar.

Olhei para Sarah, John e minha mãe. *Todos* pareciam estar me fitando com um sorrisinho piegas.

— Acho que ele só é muito bom no hóquei — falei, dando de ombros, porque não sabia o que mais poderia fazer.

— É, ele é mesmo — concordou minha mãe, dando uma piscadinha para mim.

Os jogadores começaram a sair do vestiário, e não pude deixar de perceber o quanto era legal que todos os pais tivessem esperado para parabenizar o desempenho no jogo.

Havia também alguns jornalistas por ali, um pouco afastados da multidão, e passaram a filmar quando Alec surgiu.

E, *santo Deus*, meu coração pulou uma batida quando ele saiu do vestiário.

De algum jeito, estava ainda mais lindo do que antes, com aquela roupa social e o cabelo molhado do banho recém-tomado após o jogo. Seu olhar me encontrou, e um sorrisinho perigosamente apaixonante surgiu em seus lábios.

Ah, não.

O que está acontecendo comigo?

Ele veio na minha direção sem olhar para mais ninguém, os olhos escuros percorrendo meu rosto.

Controle-se, Collins!

— Quer que eu leve suas coisas? — perguntou John para o filho, e sua voz me arrancou daquele universo onde tudo o que eu enxergava era Alec.

— Não, vou para casa trocar de roupa antes de sair — respondeu ele.

Então todos começaram a falar de hóquei, comentando o quanto Alec tinha jogado bem e também descendo a lenha nos árbitros, e eu fiquei só assistindo à cena.

Em todas as escolas que frequentei, eu sempre revirei os olhos para os atletas, que andavam pelos corredores com o peito estufado só porque sabiam lançar uma bola a longa distância.

Mas nunca pensei nos pais deles.

Ou nos tios.

Ou nos vizinhos.

Olhei ao redor, e pequenos grupos se espalhavam por ali, pessoas reunidas em torno do *seu* jogador de hóquei. Mães vestidas dos pés à cabeça com as cores de Southview, pais rindo com os amigos. Aquilo era… bem diferente do que eu imaginava.

Será que era o hóquei, ou era Southview?

— Você vai à casa do Richie? — perguntou Big John.

— Vou — respondeu Alec, então aqueles olhos castanhos profundos encontraram os meus. — Você também deveria ir, Collins. Tenho certeza de que Cassie vai estar lá.

Todos foram tão acolhedores, e Cassie era ótima, então por que de repente senti que ali talvez não fosse meu lugar? *Por que estou enjoada?*

— Acho que vou voltar com você — falei para minha mãe. — Quem sabe numa próxima vez.

— Bem, nós vamos dar uma passada no PNA a caminho de casa — contou ela, claramente tentando me incitar a conseguir outra carona. — Pode ser que demore um pouco.

— O que é PNA?

— Chalé Polonês — disse ela.

Chalé Polonês. Primeiro Salão Croata, agora Chalé Polonês.

Tenho quase certeza de que somos descendentes de irlandeses e alemães, mãe.

No entanto, não fiz mais nenhuma pergunta, só entrei na caminhonete cheia de adultos e vi Alec ir embora, parte de mim querendo ir junto aonde quer que ele estivesse indo, mas com medo de me arrepender.

Acabei me arrependendo daquela decisão minutos depois, ao seguir Big John em direção a uma casa de estuque.

Mas o quê…?

Eu tinha minhas dúvidas, mas então minha mãe segurou meu braço e disse:

— Prepare-se para ficar de queixo caído.

Seguimos Big John por uma porta lateral e descemos a escada e… bem, era como um pé-sujo.

Em um porão.

Tinha um balcão com torneiras de chope e TVs na parede, uma mesa de sinuca e dardos, mas… era um porão.

Um porão *lotado*.

Pelo menos é aquecido, pensei, andando ao lado da minha mãe. Sarah e Big John nos levaram até uma mesa e começaram a tirar os casacos.

— Tenho permissão para estar aqui? — perguntei. — Sendo menor de idade?

— Desde que não esteja bebendo nem servindo bebidas — respondeu John. — Agora diga à Sarah o que vai querer para eu poder te contar a história deste lugar.

— Será que precisa mesmo? — retruquei, em tom de provocação.

— Você é uma garota de Southview agora, isso quer dizer que… sim, precisa — respondeu ele, devolvendo a provocação.

Não sou uma garota de Southview, pensei. *Não sou de lugar nenhum*.

Mas uma pequena parte de mim *queria* ser uma garota de Southview.

John se aproximou um pouco para que eu pudesse ouvi-lo em meio a todo aquele barulho, e começou a aula de História, como se aquele lugar não fosse *só* um bar. Ele me contou que, no início do século XX, muitos imigrantes poloneses chegaram à cidade, atraídos pelos empregos nos grandes frigoríficos. Eles construíram aquele salão como um lugar para se reunir para beber depois de uma semana difícil, e para eventos como casamentos e funerais.

— O Cro tem uma história parecida — comentou, como se aquilo tudo fosse muito importante para ele, e me perguntei se Alec também se sentia daquele jeito.

Quer dizer, ao que parecia, ele *lia* livros de História por diversão.

— Mas para imigrantes croatas, certo?

Ele abriu um sorriso.

— Isso mesmo, garota.

O engraçado foi que a historinha do Big John me fez olhar para aquele pé-sujo de um jeito diferente. Muito tempo já havia se passado desde o início do século XX, e eu tinha quase certeza de que não existiam mais frigoríficos em Southview.

O que significava que todas aquelas pessoas no Chalé Polonês mantiveram o estabelecimento vivo por escolha própria.

Em uma metrópole cheia de bares e restaurantes da moda, aquela comunidade escolheu celebrar sua vitória no pequeno bar histórico que ficava bem no bairro onde moravam.

Por que eu estou achando isso tão *charmoso?*

— Oi, Dani — disse alguém e, quando me virei, era Jessie Osman, esposa do treinador, que conheci no jantar do time, mas com quem acabei não conversando.

Ao lado dela, mas conversando com outra pessoa, estava o treinador Oz.

Entrei em pânico na hora, porque vinha evitando estabelecer contato visual com ele depois que me viu agarrada a seu defensor seminu.

— Oi — falei, pigarreando.

— Como vão as coisas? — quis saber ela. — Está se acostumando com Southview?

— Estou, sim — falei, quase gritando, na verdade, porque o lugar estava lotado e barulhento.

— Alec jogou muito bem — elogiou ela, cruzando os braços e se aproximando. — Onde ele está?

Droga. Ele disse que ia à casa do Richie ou do Kyle? Eu não lembrava, mas é algo que uma namorada saberia, não é?

— Hum, ele está com o pessoal do time.

— Cadê o Zeus? — gritou o treinador.

Ele obviamente não ouvira minha resposta à pergunta da esposa, e fiquei com ainda mais medo de responder à *dele* do que tinha ficado quando ela questionou. Eu não sabia quem estava sabendo do que, mas como aquele namoro de mentirinha era *justamente* para as pessoas do hóquei, não quis estragar tudo.

— Na casa do Richie — falou a esposa dele.

Pelo jeito ela sabia mais do que eu sobre os jogadores que estavam oferecendo a festinha pós-jogo.

— Ah — disse ele, assentindo.

— Então, fiquei curiosa — começou ela, semicerrando os olhos e sorrindo. — Fiquei sabendo que as famílias de vocês são amigas, mas como vocês começaram a namorar?

— Hum…

Pigarreei mais uma vez, apreensiva, e desejei saber que detalhes Alec tinha dado ao treinador sobre nosso relacionamento falso.

— É, eu também adoraria saber — comentou Big John, com um sorriso enorme, o olhar travesso muito parecido com o de Alec, os braços cruzados

enquanto esperava uma resposta. — Porque num dia vocês nem tinham se visto ainda, no outro estavam se falando por vídeo altas horas da noite.

— Collins!

Olhei para a porta e vi Alec e os amigos entrando.

Graças a Deus.

Ele atravessou a multidão com um sorrisinho, rindo de alguma coisa que um senhor que vestia uma camiseta com os dizeres

Q Ê disse quando Alec passou. Enquanto eu o observava vir em nossa direção, me dei conta de que ele parecia se *encaixar* naquele bar de porão.

Era como se fizesse parte do lugar, como se, de alguma forma, tivesse uma conexão com aquelas pessoas que tinham escolhido passar as noites de sexta-feira juntas em um porão com um mural da Polônia em uma parede de tijolos de cimento.

Fiquei com inveja.

Eu sempre sentia inveja de pessoas que tinham passado a vida inteira no mesmo lugar e não haviam sido obrigadas a se mudar tantas vezes, mas aquilo era diferente.

Porque eu passei quase a *minha vida inteira* isolada em uma família que consistia em três pessoas.

Eu *gostava* do meu trio (e no momento estava lidando com a dissolução dele), mas ver Alec em sua comunidade, onde parecia que todos os adultos eram seus tios legais, provocando-o como se tivessem estado presentes em sua vida inteira e se importassem com ele de verdade, me fez desejar saber como seria viver assim.

— E aí? — disse ele ao chegar até mim, com um sorrisinho questionador, como se estivesse se perguntando o que eu estaria dizendo ao treinador.

— E aí? — respondi, abraçando seu bíceps direito e olhando para ele com um sorriso que eu esperava que parecesse o de uma namorada. — Chegou na hora certa, porque a sra. Oz acabou de perguntar como passamos de amigos de infância a namorados.

— Ah, é? — disse ele, sorrindo como se gostasse daquilo, embora eu não soubesse exatamente o que seria *aquilo* de que ele gostava, para falar a verdade.

— É — falei. — E quero ouvir sua versão.

— Ah, aposto que sim — brincou ele, dando uma piscadinha. — Mas as melhores coisas da vida devem permanecer em segredo.

Eu queria *tanto* revirar os olhos por conta dos adultos rindo dele, mas não fiz isso.

Então ele beijou minha cabeça.

Eu arquejei, pensando *que droga é essa*, mas por sorte o ambiente estava tão barulhento que ninguém reparou.

De repente, os olhos de Alec encontraram os meus, indecifráveis, então pigarreei e tentei parecer calma.

Mas fiquei chocada porque aquele beijo idiota, nada além de uma encenação, pareceu muito natural.

Como se ele já tivesse feito aquilo antes.

Mas não tinha, certo?

Meu Deus, estou perdendo a cabeça!

— Será que você ainda é péssimo nos dardos? — perguntei de repente, porque precisava me desvencilhar dele e conseguir um espacinho para respirar.

— Esses dois pestinhas enchiam minhas paredes de buracos, jogando com meus dardos de metal quando eram crianças — lembrou Big John com uma risada.

— Será que você aprendeu a perder? — rebateu Alec, e a cautela em seu olhar desapareceu. — Vamos.

Ele segurou minha mão e me levou até os dardos.

— Quer mesmo jogar ou estava só inventando uma desculpa? — questionou ele assim que chegamos à área dos dardos.

— Ai, minha nossa, Alec, eu estava surtando — confessei, soltando o ar devagar. — Quando a esposa dele começou a perguntar sobre a gente e eu percebi que não fazia ideia do que você já tinha contado, tive certeza de que ia estragar tudo.

— Bem, então que bom que eu apareci bem na hora — respondeu ele.

— É… o que está fazendo aqui?

— O irmão do Richie expulsou a gente.

— Ah — falei.

— Quer jogar? — indagou ele, apontando para o alvo.

— Estou dentro — declarou Richie, surgindo de repente.

— Eu também — disse Cassie, aparecendo ao lado dele.

— É, eu também — completou Kyle.

Pelo jeito íamos todos jogar dardos.

Tirei o casaco e o pendurei em uma cadeira, me sentindo um pouco inquieta com a proporção social que aquilo acabou tomando. Era exatamente o que eu pretendia evitar quando decidi ir embora com minha mãe, pelo amor de Deus.

Quando começamos a jogar, porém, me surpreendi com o quanto eles eram divertidos.

Muitíssimo divertidos.

Pelo jeito, os amigos do Alec eram viciados em apostas, porque não conseguiram jogar uma partida sequer sem fazer uma. No início, apostaram alguns dólares, então compraram números para um sorteio de carne (tipo uma rifa bizarra em que as pessoas concorrem a um pacote de carne), mas aí todos concordaram que não tinham mais dinheiro para desperdiçar daquele jeito.

Então fizeram apostas absurdas.

Quem perder tem que beber um gole do copo de alguém sem que a pessoa perceba.

Quem perder tem que dar uma estrelinha.

Quem perder tem que dançar dois minutos sem parar.

Alec perdeu essa última aposta bem na hora que meu avô entrou no bar.

E sim… vovô Mick ficou olhando para Alec como se ele fosse um idiota.

Eu não parava de gargalhar enquanto Alec dançava, o rosto vermelho enquanto meu avô continuava encarando-o de cara feia.

— Gostaria de pedir, por gentileza, que alguém me mate — disse ele ao voltar para a mesa em que eu estava com os amigos dele —, porque minha alma já deixou meu corpo.

— Não acredito que você dançou para Mick Boche — comentou Richie.

— É, eu definitivamente quero que ele esqueça que viu aquilo — respondeu Alec, balançando a cabeça.

A tela do meu celular acendeu no meio da mesa, e todas as pessoas do nosso grupo olharam para a notificação quando as palavras surgiram.

— Você recebeu uma mensagem do Worthington? — perguntou Vinny, olhando para mim como se eu tivesse recebido uma mensagem do Ted Bundy.

— Que merda é essa? — reclamou Kyle, olhando para Alec.

— Não… ele é meu vizinho — falei, na defensiva. — Às vezes. Quer dizer, ele mora com a mãe na maior parte do tempo…

— Isso não explica por que ele está te *mandando mensagem* — rebateu Vinny.

— Não mesmo — concordou Alec, parecendo tão… sério de repente.

— Espera… como *vocês* conhecem ele? — perguntei ao Vinny. — Ele estuda na…

— St. John. É, ele é um Cadete, a gente sabe — interrompeu Richie.

— Todo mundo odeia o Ben — disse Cassie, como se isso explicasse tudo.

— Fique à vontade para ler a mensagem — falou Alec, a expressão indecifrável (mas com certeza nada feliz). — Vá em frente.

O grupo inteiro ficou me olhando como se estivesse desconfiando de… *alguma coisa*.

— Pessoal, minha mãe me obrigou a salvar o contato do Benji, mas eu nunca mando mensagem para ele…

— Você devia ler — sugeriu Cassie —, para esses garotos não enlouquecerem. Eles *odeiam* mesmo o Ben. Todos odiamos, depois do que ele fez.

— O que ele fez? — indaguei.

— *Nada* — respondeu Alec. — Não importa.

Percebi que importava, *sim*, mas também que ninguém ia responder, porque Alec pediu que não o fizessem. Peguei o celular e entreguei para Cassie.

— Pode ler você. Eu mal conheço o cara, de verdade.

Ela me lançou um olhar que dizia *boa jogada*, então pegou o celular e leu a mensagem em voz alta:

— "Só para você saber, festança em Mendota Heights hoje. Vou mandar o endereço caso você e seus amigos estejam procurando alguma coisa para fazer."

— Credo! — exclamou Kyle.

— Posso responder? — pediu Richie com um sorriso. — Por favorzinho?

— Já estou fazendo isso — declarou Cassie, lendo em voz alta enquanto escrevia. — "Não, obrigada, estou ocupada comemorando com o pessoal do hóquei." E… enviar.

E foi isso. O grupo voltou às brincadeirinhas e parou de me olhar como se eu estivesse conspirando com o diabo em pessoa.

— Beleza, tudo ou nada — propôs Cassie. — Quem perder a última faz o que o vencedor quiser.

Todos soltaram um "uuuh" coletivo, como se aquilo fosse *muito* importante.

Eu só sabia que *não* queria perder.

E não perdi.

Mas meu namorado de mentirinha não teve a mesma sorte.

Ele perdeu, e Richie, o Arrogante ganhou.

— Zeus, Zeus, Zeus — cantarolou Richie, olhando para Alec com um sorrisinho.

Dei uma risada.

O que fez Richie olhar para *mim*.

Seu sorriso travesso cresceu ainda mais quando ele olhou de Alec para mim, e senti uma agitação no estômago.

— Eu te desafio a beijar Dani por trinta segundos — disse ele para Alec, apontando para mim. — Aqui e agora.

— *O quê?* — falei, ou, melhor dizendo, meio que gritei.

Não. Não. Não. Não. Não. NÃO.

— Desde quando isso é castigo? — retrucou Alec, como se aquilo não fosse nada de mais, como se ele realmente *fosse* meu namorado e não tivesse entendido aquele pedido bobo. — Eu *gosto* de beijar a Dani, e embora agradeça por pensar em mim, não entendi por que escolheu isso como punição.

Ele reagiu com tanta naturalidade que quase esqueci que era fingimento.

Mas aaaaaff o que está acontecendo o que está acontecendo o que está acontecendo??

Eu mal tinha me recuperado do beijo na entrada de casa, que havia durado um piscar de olhos.

Não sabia se meu coração iria *aguentar* um beijo de verdade.

Além do mais, eu *não* curtia esse tipo de demonstração pública de afeto.

Não, obrigada.

— Eu te desafio a beijar Dani bem aqui… — repetiu Richie.

— Sim, eu entendi essa parte — rebateu Alec, interrompendo.

— … diretamente no campo de visão de certa pessoa.

O grupo inteiro virou a cabeça ao mesmo tempo e vimos meu avô sentado à mesa atrás da nossa, a cadeira de frente para nós.

— Onde Mick Boche consegue ver você — concluiu Richie, sorrindo como se estivesse muito orgulhoso de si mesmo.

— De jeito nenhum — respondeu Alec em tom definitivo, parecendo ofendido por aquela sugestão. — Não quero morrer.

— Mas você perdeu — insistiu Richie. — Regras são regras.

— Não estou nem aí, não vou fazer isso — rebateu Alec.

Dava para entender a reação dele, mas, sem nenhum motivo plausível, me senti um pouco rejeitada.

— Vamos, otário — instigou Kyle, baixinho. — O que você acha que vai acontecer… ele vai te dar um soco na cara? Você deu tudo de si no rinque hoje, e precisamos de você para a pós-temporada. Ele não vai fazer nada.

— E por que você quer que eu faça isso, Kyle? — perguntou Alec. — Por que *você* se importa tanto?

Esperava que Kyle dissesse *para mostrar que você tem colhões*, ou alguma outra coisa machista idiota, mas o que ele falou, com a maior sinceridade, foi:

— Porque você nunca negou um desafio antes. Não pode começar agora. Não sei nem por que está questionando, para falar a verdade.

Kyle arqueou a sobrancelha, e Alec fechou a boca como se aquela resposta fosse digna de consideração.

— Zeus nunca dá para trás. *Nunca*. Ponto-final. Você não tem medo de furar com a sorte do time? — retrucou Richie.

Como se essa reação já não fosse estranha, o restante do grupo assentiu como se aquilo fosse algo muitíssimo importante e que precisava ser levado em conta.

— Uuh! — exclamaram eles, em uníssono.

— Espera. O que isso quer dizer? — perguntei.

— Zeus aqui, nosso *capitão*, nunca recusou um desafio durante todo esse tempo em que nos mantivemos invictos — explicou Kyle. — Ele não pode começar agora que estamos tão perto. Justo quando temos chance de ir até o fim.

— É verdade — confirmou Cassie. — Chegamos à final mais vezes do que qualquer outro time do estado. Durante anos. E agora as probabilidades estão a nosso favor.

Por que o ar está ficando tão pesado de repente? Olhei para o grupo ao meu redor, todos mais sérios do que nunca.

— Vocês estão brincando, né? — perguntei, olhando para Alec, que se recusava a me olhar nos olhos, e depois para seus amigos, que me encaravam como se minha decisão fosse importantíssima para a questão.

— Ela não tem que fazer isso — disse Alec a seus amigos, mas não estava sorrindo. Ele parecia… *desconfortável* ao tentar me poupar daquilo. — Sério.

Minha vontade era de cair na gargalhada, porque era ridículo que todos estivéssemos agindo como se aquela fosse uma preocupação lógica. No entanto, eu não podia rir, porque Alec estava todo tenso, focado em mim, e senti um frio na barriga ao pensar no que aquela punição implicava.

Beijar Alec.

Durante trinta segundos.

Aqui e agora.

Devo ter demorado demais para responder, porque ele olhou para mim, engoliu em seco e decretou:

— Não vamos fazer isso.

Minha cabeça estava num turbilhão, meu coração acelerado. Os olhos de Alec imploravam, e meu rosto parecia pegar fogo. Antes que meu cérebro pudesse impedir meus lábios de se mexerem, ouvi as palavras escaparem:

— Acho que temos que fazer isso — falei.

Aaaaah, puta merda, vamos fazer isso.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Alec

Puta merda.

Se tinha uma coisa da qual eu entendia era como interpretar as expressões faciais de Dani Collins.

Pelo menos costumava entender.

E quando ela olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas, reconheci a provocação. Ela estava me desafiando, querendo saber o que eu estava esperando.

Merda, merda, merda.

Senti minha cabeça rodar. Como aquilo podia estar acontecendo? Ainda não tinha conseguido arrancar a cena da noite anterior da cabeça, a sensação de seus lábios nos meus e o jeito como ela segurou meu casaco, e agora… íamos fazer aquilo de novo?

Engoli em seco e tentei agir com naturalidade.

— Beleza — falei, olhando para Richie —, mas não aqui.

— O quê? Isso faz parte do desafio — respondeu ele, indignado. — O desafio é fazer na frente do Mick.

— Eu já entendi — rebati. — Mas quero que ela tenha um pouco de privacidade. Você pode ser um pervertido por querer que o avô dela veja que estamos nos beijando, mas não precisamos que o PNA inteiro assista, né? Assim você consegue o que quer e eu morro de medo de ser assassinado pelo Mick, mas Dani não paga o pato.

— Tudo bem — disse Kyle, como se fosse um dos agentes do órgão regulador de apostas idiotas.

Voltei a segurar a mão da Dani, desta vez afastando-a dos meus amigos em direção à parede dos fundos. Teoricamente, estávamos ainda mais no campo

de visão de Mick do que antes, mas eu usaria meu corpo como um escudo para ela.

— Está me encurralando, Zeus? — perguntou Dani, em uma voz suave que fez meu corpo esquentar.

Ela semicerrou os olhos, me desafiando, os lábios lindos curvados, mas sua voz saiu um pouco ofegante, como se estivesse hesitante.

Sua reação fez com que me sentisse melhor, porque eu estava prestes a desmaiar. Deu para ver as sardas em seu rosto quando ela olhou para mim, perto demais e ao mesmo tempo muito distante.

— Só estou tentando te dar cobertura — respondi, um pouco rude, sem saber ao certo por que minha voz estava rouca e por que a letra de "No One's Ever Kissed You" de repente começou a ressoar na minha cabeça. — Olha só, é…

Pigarreei, tentando dar a ela uma última chance de desistir. Tudo o que eu queria era beijá-la — parecia que eu *precisava* fazer isso mais do que qualquer outra coisa —, mas uma parte do meu cérebro precisava que ela soubesse que a escolha era dela.

— Tudo bem se você não quiser…

— Juro por Deus que vou bater em você — respondeu ela, com um sorrisinho falso, colocando as mãos em meus ombros e olhando para trás de mim. — Vamos acabar logo com isso.

— *Acabar logo com isso?*

Por que ouvir essa frase me fez querer beijá-la ainda mais?

Meu coração batia acelerado, e minha vontade era gritar para todo mundo calar a boca para que eu pudesse pensar.

— Esqueça que sou eu e *vamos logo* — disse ela, com os dentes cerrados.

Como se eu conseguisse esquecer, pensei.

Dani me mandando "ir logo" era tão a cara da garota que eu conhecia.

E o "vamos acabar logo com isso"?

É, que se dane. As palavras dela me incendiaram, e me senti obrigado a garantir que ela jamais desejasse esquecer o que estava prestes a acontecer.

Assim como ela fez comigo naquela primeira vez.

No nosso galpão, antes de tudo ir pelos ares.

Segurei seu rosto e quase rosnei:

— Então vamos nessa.

Abaixei a cabeça. Não sei o que eu esperava, mas com certeza não era que ela *imediatamente* me puxasse contra si. O barulho, as pessoas — tudo desapareceu em um borrão de ruídos quando me aproximei, grato pela parede atrás dela, pressionando seu corpo contra o meu.

Minha nossa, Dani, pensei quando seu corpo amorteceu o meu, e meus dedos deslizaram por seu pescoço para que meus polegares pudessem acariciar seu queixo delicado.

Minha nossa, Dani.

O que essa garota tem?, pensei, a doçura de seus lábios sabor cereja capturando meu mundo inteiro. Beijar Dani era um alívio imenso, como se tivessem nos negado mil beijos perfeitos ao longo da vida e enfim pudéssemos nos entregar. Mergulhei de cabeça, faminto, e, no momento em que nossos lábios se tocaram, foi como se eu estivesse no meio de uma experiência de privação sensorial: todo o restante deixou de existir, e cada detalhezinho dela pareceu tão vívido que chegava a doer.

Seus dedos pressionando meus ombros, seus dentes mordiscando meu lábio inferior, seu cabelo ondulado sob as minhas mãos, *meu Deus*.

Nunca vou superar isso, pensei ao mergulhar ainda mais fundo, obcecado com sua reação ao meu beijo, como se ela estivesse encarando nosso beijo como uma competição e quisesse me derrotar. *Não vai ganhar esta, Collins.* Deslizei meus dentes sobre seus lábios de cereja, inclinando a cabeça e…

— Já chega, garoto — disse alguém, e então fui puxado pela camisa.

Eu me virei, pronto para enfrentar quem quer que estivesse interrompendo, mas dei de cara com Mick, me encarando furiosamente. Ele soltou minha camisa com tanta força que cambaleei para trás.

Ele meio que me jogou para o lado.

Ah, merda.

Foi como ser acordado com um balde de água fria na cara.

Um balde de água fria que estava prestes a *acabar comigo*.

— Caramba, Mick, eu…

— Não — interrompeu ele, erguendo uma das mãos, um sinal para que eu parasse de falar, e posso ou não ter pensado que ele estava prestes a me bater.

— Preciso de uma cerveja — resmungou ele, e foi em direção ao bar, a multidão se abrindo à sua frente.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus.

Voltei a olhar para Dani, meu coração começando a desacelerar. Tudo o que eu queria era saber o que ela estava pensando. Ela parecia desorientada, os olhos castanhos percorrendo meu rosto, como se estivesse pensando em *muitas* coisas.

Merda, merda, merda. Algo no jeito como ela estava olhando para mim me deixou nervoso.

— Vamos — falei, pegando sua mão. — Quer tomar um ar?

Ela mordeu o lábio inferior — *ah, querida, eu só estava começando* — e assentiu.

— Vamos.

Entrelacei os dedos nos dela e saí em direção à escada, ignorando meus amigos, que estavam rindo (e já tinham passado para a aposta seguinte); o avô dela nos encarava do bar; e o outro lado do bar inteiro, de onde eu sabia que nossos pais também estavam olhando para nós.

Subimos a escada em silêncio, e quando soltei sua mão e abri a porta, a sensação foi a de adentrar outro mundo.

A lua estava alta e cheia, a neve era como um cobertor grosso que nos isolava dos sons do mundo. A noite estava fria e silenciosa e, embora fosse quase meia-noite, o brilho da lua me permitiu notar as sobrancelhas franzidas de Dani.

— O que houve? — perguntou ela, baixinho, e de algum jeito eu simplesmente soube.

Tive a sensação de que ela estava fingindo calma ao olhar para mim, como se aquilo não fosse nada de mais, mas percebi quando engoliu em seco, e soube que estava surtando tanto quanto eu.

Porque, embora tivéssemos sido interrompidos ambas as vezes em que nos beijamos, os segundos em que nossos lábios se tocaram foram uma loucura.

Grandiosos.

— Só quero ter certeza de que está tudo bem com a gente — falei. — Eu me deixei levar por… aquilo tudo e…

— Não, eu também me deixei levar — respondeu ela, erguendo um dedo e tocando o lábio inferior, *que era meu*, como se estivesse pensando no beijo. E pareceu distraída ao dizer: — Está tudo bem.

Graças a Deus, pensei. *Graças a Deus que está tudo bem. Graças a Deus que ela parece tão impactada quanto eu.*

— Quer dizer, nenhum de nós dois jamais deu para trás em um desafio — disse ela, dando de ombros. — Então por que um beijo seria exceção?

Espera.

Dani olhou para mim com um sorrisinho que me fez pensar que talvez eu fosse *sim* o único que estava surtando. Ela parecia… nada abalada, na verdade.

Parecia bem tranquila.

— Bem, que bom que estamos na mesma página — retruquei, incapaz de olhar para seu rosto sem querer me aproximar e tentar de novo.

Droga.

— Também acho — concordou ela, assentindo e colocando o cabelo atrás das orelhas. — Não ferramos com a sorte do time e tudo ficou bem.

Suco de maçã e flores.

— É. Obrigado por isso.

— Acho melhor voltarmos antes que a gente morra congelado, não acha? — sugeriu ela, com um sorriso despreocupado. — Quer dizer, tenho certeza de que nunca ia acontecer com *você*, que é de Minnesota…

— É, claro, nunca… Para mim parece verão — falei, indo atrás dela, decepcionado por Dani não ter ficado mexida com o beijo.

Quer dizer, isso era bom. Significava que estava tudo bem entre nós dois.

Mas… *caramba.*

Minhas mãos estavam literalmente tremendo, e eu não tinha ideia do que fazer. Já tinha beijado outras pessoas desde aquele nosso primeiro beijo no galpão, certo? Agora eu sabia o que estava fazendo e era *bom* nisso.

Então as mãos trêmulas não faziam sentido.

Certo? Errado.

Não. Estava tudo bem.

A não ser que… espera.

Por que diabos o Benji mandou mensagem para ela?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Dani

O que está acontecendo? O que está acontecendo?

Fiquei andando de um lado para o outro no quarto, agitada e incapaz de relaxar porque já havia muitos problemas naquele namoro de mentirinha.

Como o fato de que já tínhamos nos beijado duas vezes.

Ambos os beijos se encaixavam no esquema, porque o objetivo deles foi chamar a atenção dos fofoqueiros do hóquei, mas, para falar a verdade, eu tinha gostado demais.

Demais *mesmo*.

Quer dizer, talvez fosse só porque fazia muito tempo que eu não beijava ninguém, mas meu cérebro não parava de rebobinar a cena daqueles olhos escuros intensos de Alec logo antes de ele abaixar a cabeça e encostar os lábios nos meus.

Meu Deus.

— Garota — disse alguém do outro lado da porta.

Imaginei que estivesse falando comigo, porque é claro que o vovô Mick não batia à porta como uma pessoa normal.

Não, ele só ladrava uma palavra qualquer e esperava que a porta se abrisse.

Abri, e o encontrei parado no corredor.

— Oi, vô — falei, temendo o que estava por vir.

O motivo: imaginar vovô Mick me passando um sermão por ter beijado Alec. Em outras palavras: um pesadelo.

— Está tudo bem? — perguntou ele. — Ouvi você andando de um lado para o outro, e é uma hora da manhã.

Até aqui tudo bem.

— Desculpa, eu acordei você? — indaguei, olhando para a calça de pijama do Snoopy que ele vestia. — Esqueci que seu quarto fica embaixo do meu.

— Não, eu estava lendo — respondeu ele. — Mas imaginei que estivesse acordada e talvez precisasse conversar.

Eu meio que queria negar e dizer que estava tudo bem porque seria mais fácil, mas, depois do que Alec comentou sobre meu avô, talvez eu precisasse dar uma chance a ele.

Mas do *meu* jeito.

Seja o que Deus quiser…

— Preciso jogar vinte perguntas com você — sugeri.

A resposta dele foi um som que estava mais para um grunhido.

— O que isso quer dizer?

— Que tem muitas perguntas aleatórias que eu gostaria de fazer.

Não tinha planejado aquilo, mas havia *mesmo* muitas coisas que eu queria saber.

Ele semicerrou os olhos, como se estivesse esperando que o universo traduzisse minhas palavras, então disse:

— Tudo bem. Vai.

— Ah, beleza — falei, surpresa. Pigarreei e comecei. — Primeira pergunta. Você tem saudade de jogar hóquei?

— Sim — disse ele.

Ah, entendi. Não era assim que eu iria aprender algo novo sobre meu avô.

Tentei mais uma vez.

— Segunda pergunta. Qual é sua lembrança favorita da vovó?

Ele soltou um suspiro, parecendo pouco à vontade, o que me fez achar que ia desistir do jogo. Mas então respondeu:

— Ela sentada ao lado do banco de suspensão em todos os meus jogos.

— O quê?

Era difícil imaginar minha avó assistindo a um jogo de hóquei, para falar a verdade. Ela sempre foi a mulher que cheirava a hidratante de cereja e amêndoas, tinha um guarda-roupa cheio de vestidos floridos e dava risadinhas feito uma criança escandalizada quando meu avô falava palavrão na frente dela.

— Ela não sentava com os outros?

— Não.

— Por que não?

Vovô pareceu querer sorrir (mas não sorriu, óbvio).

— Ela dizia que sabia que eu iria acabar ali em algum momento, e achava que se eu a visse lá, teria que sossegar a bunda e me concentrar.

— A vovó dizia "bunda"? — quis saber, rindo, chocada só de pensar naquilo.

— Talvez eu tenha parafraseado.

— Ou não — falei, intrigada com aquela versão dela que era nova para mim. — E funcionava?

— Toda vez — respondeu ele, e desta vez *sorriu mesmo*.

— Mulher esperta — comentei.

— A mais esperta de todas — concordou ele, e me senti culpada por ter falado dela.

— Desculpa — disse.

— Por?

Dei de ombros.

— Por ter falado dela, eu acho.

— Não peça desculpa por isso — retrucou ele, baixinho. — É meu assunto favorito.

A expressão dele se suavizou por um instante, e uma partezinha de mim quis abraçá-lo.

— Então… Terceira pergunta — continuei, porque achei que ele não fosse gostar do abraço. — Quantas vezes ela recusou quando você a chamou para sair?

Eu amava essa história.

— Doze — respondeu ele, com um sorrisinho. — Eu a chamei para sair doze dias seguidos, aparecia todas as manhãs na casa da mãe dela com uma rosquinha da Kriz e um convite para ir ao cinema. E durante doze dias seguidos, ela pegou a rosquinha e disse "Obrigada, mas vou ter que recusar", e levava aquela bundinha linda de volta para dentro.

Eu ri, embora já soubesse daquela história. Era tão romântico.

— E no décimo terceiro dia? — insisti, eu amava essa parte.

— No décimo terceiro dia, eu abri a porta de casa e *ela* estava no meu quintal com uma rosquinha na mão. Disse que tinha terminado o namoro a distância, do qual eu nem sabia, e perguntou se eu gostaria de ir ao lago com ela.

— E o resto é história? — indaguei, me recostando na porta e me perguntando como seria ter o poder de fazer um homem se apaixonar tão

loucamente.

— O resto é lenda — respondeu ele, com um sorrisinho. — Mais alguma pergunta?

— Na verdade — falei, sem querer que ele se afastasse quando estava compartilhando tantas coisas. — Quarta pergunta. Houve algum momento em que você se deu bem com meu pai?

Como ele estava se abrindo (tanto quanto era possível), quis saber mais sobre por que ele detestava tanto meu pai. Vovô Mick era rabugento no geral, mas depois de ter passado um tempo com ele, descobri que não era assim com todo mundo.

Então por que era assim com meu pai?

— Que tipo de pergunta é essa? — perguntou ele, mais baixo, como se não quisesse que minha mãe ouvisse.

— Não sei. Só estava pensando sobre o assunto, porque meus pais se casaram na faculdade, mas só anos depois você… — Hesitei por um instante, então continuei, a voz mais baixa. — Você… surtou com ele.

Sempre tive medo de abordar aquilo. Essa cicatriz entre nós, que ainda era sensível, mas tive a sensação de que aquela seria minha única chance.

— É?

— Então acho que quero saber se vocês se davam bem quando eles se casaram, ou se você sempre… detestou meu pai.

Ele soltou um suspiro.

— Talvez você devesse perguntar isso a sua mãe.

— Não — rebati, segurando a manga de sua blusa, puxando-o para dentro do quarto e fechando a porta. — Não quero ouvir a versão dela. Para falar a verdade, eu acho que você é injusto com meu pai, mas quero saber por quê. Toda história tem dois lados, né? Acho que talvez seja justo ouvir o seu.

Ele suspirou outra vez.

— Não vou falar mal do seu pai, garota. Ele é um idiota que eu não suporto, mas é seu pai.

— Você sabe que chamar meu pai assim é falar mal dele, né?

— Hum — respondeu vovô Mick, como se discordasse.

Isso me fez dar uma risadinha.

— Tudo bem, então me conta sobre quando vocês se conheceram.

Eu sabia que não concordaria com o que ele ia dizer, mas queria saber como tinham sido as coisas no início. Ou se sempre foram P-É-S-S-I-M-A-

S, com letras maiúsculas.

— Vou citar apenas os fatos — declarou ele, como se fosse um aviso.

Então foi até a minha cama e se sentou.

— Quando conheci seu pai, eu fui um babaca.

— Uau, quanta autocrítica — falei com um sorriso enorme.

— Quer ouvir a história ou não?

— Desculpa.

Ele pigarreou.

— Então, sua mãe contou que tinha conhecido um garoto na faculdade e que eles estavam namorando. Ele servia na base que ficava a uma hora de lá, mas estava fazendo mestrado. Parecia um sujeito decente, mas desde o início eu não gostei daquela história, porque ela ainda estava no primeiro semestre.

Tive vontade de explicar que aquilo não era motivo para detestar meu pai, mas de certo modo eu entendia. O fato de ele ser cinco anos mais velho do que minha mãe não era nada de mais agora, mas… e quando ela tinha dezoito anos?

Deve ter sido uma diferença enorme. Ainda mais para meus avós.

Como se tivesse lido minha mente, ele continuou:

— Não é motivo para detestar tanto o seu pai, claro. Mas, meses depois, quando ela ligou para contar que ia largar os estudos para se casar com ele… a história foi outra.

— Espera, *o quê*?

A sensação era a de que alguém tinha jogado um balde de água fria em mim. Eu sabia que eles tinham se casado na faculdade porque ela estava grávida, mas nunca me dei conta de que havia sido tão de repente. Que eles se conheciam fazia *tão* pouco tempo.

— Do nada, ela ligou para dizer que queria desistir da bolsa integral que tinha na faculdade para ser esposa de um homem da Aeronáutica. Ela tinha se dedicado muito para conseguir a bolsa da Fricklinhauger, e de repente queria ir embora — explicou ele, balançando a cabeça. — Ainda não consigo acreditar.

Se antes eu tinha sentido o balde de água fria, agora estava me afogando nele. Respirar era uma dificuldade.

— Ela era bolsista da Fricklinhauger? — perguntei. Era a *primeira vez* que eu estava ouvindo aquilo. — Não pode ser. Tipo, eu sabia que ela era

inteligente e tinha conhecido meu pai na faculdade, mas ela era bolsista da *Fricklinhauger*?

Como assim? Era *inacreditável*!

A Fricklinhauger oferecia apenas *cinco* bolsas de graduação por ano, bolsas que cobriam todas as despesas porque para recebê-las era preciso ser um gênio.

Meu mundo parecia estar implodindo. O que mais eu não sabia sobre meus pais? *Por que* eu não sabia daquilo?

Com o tanto que tagarelei sobre Harvard quase a vida inteira, era de imaginar que minha mãe teria comentado alguma coisa.

— Ela era brilhante — disse vovô Mick, os lábios se curvando, quase sorrindo. — Ela ficava resolvendo equações enquanto eu jogava, quando tinha uns seis anos, porque dizia que era mais divertido do que assistir a um jogo de hóquei.

Não conseguia nem formar palavras — meu cérebro ainda estava processando aquilo tudo. Minha mãe, um gênio. Nunca tínhamos conversado sobre isso. *Nunca*.

O que mais eu não sabia sobre ela? E por que meu peito doía ao pensar naquilo?

— Mas ela desistiu da bolsa em menos de um semestre.

Na hora, pensei em Harvard, no quanto eu queria ser aceita, no quanto tinha me esforçado para isso.

Será que foi assim com minha mãe… antes de ela ser obrigada a desistir?

Olhei para meu avô e me dei conta de que ela tinha desistido por *minha* causa.

Por *mim*.

O silêncio pareceu pesar.

Eu tinha tirado a Harvard dela.

O pânico e a ansiedade contra os quais eu vinha lutando nos últimos anos aumentaram sem parar, me roubando o ar como sempre acontecia, até que uma mão áspera encontrou a minha.

— Não pense nem por um minuto que foi por sua causa — disse ele, com firmeza. Protetor.

Meus olhos pesados encontraram os dele.

— Ela poderia ter ficado na faculdade. Sua avó estava pronta para se mudar para lá e ajudar. Tínhamos todo um plano.

— É mesmo?

Imaginei o rosto da minha avó e, sim… isso fazia sentido. Ela era a pessoa mais gentil do mundo, é claro que teria se mudado para outro estado para cuidar da filha e da neta.

— Mas sua mãe estava decidida de que a única opção era se casar com seu pai e ir embora com ele… Ele tinha acabado de ser transferido quando ela engravidou.

— Por que ela não…

— Agora isso não importa — interrompeu ele.

— Ah — soltei, pensando no poder de persuasão do meu pai quando ele achava que estava certo, em como ele não imaginava que pudesse haver outro jeito que não o dele. — Então *ele* disse que era a única opção.

Meu avô deu de ombros, confirmando sem precisar dizer nada. Senti o estômago se revirar.

— Mas piora — continuou ele, um sorriso suave, mas reservado se abrindo em seu rosto cansado. — Apareci no dormitório da sua mãe e disse que ela ia voltar para casa comigo.

— Sério?

— Sério. Falei para ela que começasse a guardar suas coisas em caixas, mas o namorado dela apareceu e pediu que eu fosse embora.

— Meu pai pediu que o senhor fosse *embora*?

— Nessa hora eu dei um mata-leão nele, para que calasse a boca e me ouvisse, mas sua mãe começou a chorar, e a responsável pelo dormitório disse que se a gente não parasse com aquilo ela ia ser obrigada a dar uma advertência.

Vi quando meu avô olhou para as próprias mãos — ele apertava uma na outra com tanta força que elas estavam ficando vermelhas.

Espera… ele estava *nervoso* por me contar aquilo tudo?

— Pensando bem, eu deveria ter baixado a bola, porque provavelmente incitei ainda mais a teimosia da sua mãe, mas estava muito claro para mim o que ia acontecer. Ele era um militar de carreira. E isso significava pular de base em base, levando minha filha e minha neta junto.

Percebi que ele estava revivendo aquilo tudo, que vovô Mick tinha sido transportado de volta ao dia em que descobriu que estava perdendo a filha.

— Acho que já chega de perguntas — falei, me sentindo cansada de repente.

— Você só fez quatro — respondeu ele, percorrendo meu rosto com o olhar.

— É, mas foi o bastante.

Não queria que ele me visse tentando absorver tudo aquilo. Não queria que ele visse o pânico surgindo em meu peito.

Respira.

Ele ficou me olhando mais um tempinho, então assentiu e se levantou.

— É melhor você ir dormir.

— É — concordei, assentindo. — Estou bem cansada.

— Ótimo — falou ele, indo em direção à porta. — Quer dizer que finalmente vou conseguir dormir porque você vai parar de andar em círculos.

— Você não disse que já estava acordado?

— Às vezes eu minto — respondeu ele, e saiu.

Eu fiquei sentada em meu quarto, no escuro absoluto, tentando mensurar a dimensão do que meu avô tinha acabado de me contar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Alec

Onde é que ela está?

Esperei por ela no Rainforest Café, nervoso com o nosso "encontro".

Tinha sido ideia dela marcar um encontro de mentirinha no shopping, onde todo mundo poderia ver, e pareceu uma boa. Poderíamos comer e fazer algo que de fato parecesse um *encontro*, tudo no mesmo lugar, e tirar algumas fotos para postar nas redes sociais.

Mas aquele beijo estava destruindo toda minha capacidade de raciocinar.

Como era possível uma fração de segundo mexer tanto comigo?

Sim, tinha sido resultado de uma aposta e nós dois dissemos que fazia parte do namoro de mentirinha e blá-blá-blá, mas, para ser bem sincero, no instante em que os lábios dela tocaram os meus, eu esqueci quem eu era, onde estava, e o namoro de mentirinha.

Eu só sabia que queria mais.

E pude jurar que ela pareceu sentir a mesma coisa.

Tudo entre nós era bom demais para ser só fingimento.

E um pensamento sobre Dani não saía da minha cabeça, perigoso, mas inegável.

Ela me deixou na mão na pior época da minha vida. Naquele maldito dia que começou com uma decepção e terminou comigo na delegacia.

— E aí? — disse alguém e, quando ergui a cabeça, senti um aperto no peito.

Não, estava mais para um soco no peito.

Ela estava tão linda, *puta merda*.

Engoli em seco e tentei agir com naturalidade, mas aquela saia curta deixava suas pernas incríveis à mostra, e o azul-escuro do suéter parecia

intensificar o rubor em seu rosto… E o cabelo dela sempre meio que brilhava na iluminação artificial…

Ela abriu um sorrisinho, nervosa, como se quisesse que eu gostasse de sua roupa, e aquilo mexeu comigo.

Recomponha-se, idiota.

— Collins — falei quando ela se sentou na cadeira à minha frente. — Posso dizer que está uma gata sem você me socar ou ficar irritada?

— Pode — respondeu ela, com um sorriso. — E você também está muito, muito bonito, Alec. Uma versão adulta do Zeus.

— Nossa, obrigada.

— Ah, pelo jeito alguém não gosta de tirar o moletom — comentou ela, baixinho, em tom de provocação, pegando o cardápio que estava em cima da mesa.

— Se estivéssemos mesmo namorando — retruquei —, você iria querer que eu usasse isso para sair com você?

O que era aquilo?

Eu não sabia por que queria saber, só que queria.

— Ah, você fica bem assim — declarou ela, com uma risadinha ofegante, como se estivesse constrangida. — Mas se estivéssemos *de fato* namorando, não iria me incomodar com suas roupas.

— Aceitam uma bebida?

Dani olhou para a garçonete com um sorriso agradecido, como se estivesse se sentindo resgatada de… *alguma coisa*.

É, entendo o sentimento.

Nós dois pedimos Coca-Cola, e eu perguntei à garçonete:

— Você se importaria de tirar uma foto nossa?

— Imagina — respondeu ela, pegando meu celular e dando um passo para trás.

Arrastei a cadeira e passei o braço ao redor de Dani, e o cheiro de seu perfume e seu cabelo encostando na lateral do meu pescoço me deixaram meio maluco.

— Digam "xis" — sugeriu a garçonete, mas eu estava hipnotizado demais pelo suco de maçã e pelas flores para dizer qualquer coisa.

Dani pegou meu celular antes que eu, e logo começou a fazer uma nova postagem.

Era ela quem publicava nossas fotos na minha conta, recém-criada por ela mesma, nas redes sociais.

— O que acha? — perguntou Dani, estendendo o celular.

A foto tinha ficado ótima. Eu parecia um namorado dedicado com aquela camisa da Ralph Lauren — e meu cabelo estava perfeito —, mas Dani estava maravilhosa. De fato parecíamos um casal em um encontro, e esse era o objetivo.

Mas a legenda foi o que me acertou em cheio.

Jantar no Rainforest Café porque ela gosta do som ambiente de tempestade, e depois passar na livraria. #encontroperfeito

Ela era *muito* boa naquele jogo de faz de conta.

— Espera — falei, olhando para a minha conta. — Como eu já tenho cem seguidores?

— Eu segui Cassie e alguns garotos do time e, como é você — respondeu ela, revirando os olhos, e pela primeira vez não pareceu estar me julgando —, todos querem ser seu amigo.

— Você acha mesmo que sou um babaca agora, né?

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça. — No começo eu achava, ainda mais quando você disse que eu era "uma garota" que você derrubou com sua mochila, mas agora acho que essa comoção toda de "Zeus" aconteceu porque você manda bem no hóquei e não tem muito o que possa fazer a respeito.

— Uau, é um elogio e tanto vindo de você — falei.

— Eu também não sou babaca — disse ela, na defensiva. — É que você mudou muito desde que éramos crianças, então fui pega de surpresa.

— Acredite, você também — respondi, me perguntando se ela ainda sentia cócegas. Eu costumava fazê-la se jogar no chão com um simples toque em sua nuca. — Você voltou como uma garota quieta, tímida e séria, mas de vez em quando eu ainda enxergo a Dani que conhecia, então literalmente não consigo te decifrar.

— Bem, isso é ótimo, porque não gosto de ser um livro aberto — respondeu ela, em tom de provocação, e não pude deixar de pensar em seu brilho labial sabor cereja.

De repente fiquei morrendo de vontade de um doce.

A garçonete voltou e pedimos a comida. Quando a funcionária se afastou, falei quase sem pensar:

— Agora me conta tudo o que aconteceu desde a última vez que nos vimos.

Ela estava erguendo o copo para beber, e sua mão hesitou no meio do caminho.

— Isso é, hum, bastante tempo.

— É — concordei.

De repente, eu queria saber de tudo.

— Bem — disse ela, dando de ombros. — Pouco tempo depois do velório da minha avó, a gente se mudou para o Texas, que eu odiei.

— Por que você odiou o Texas? — perguntei.

Por mais que não quisesse falar de traumas, eu queria saber sobre os anos que não tinham sido bons. Por algum motivo, desejava que ela *quisesse* me contar.

— Não estou muito a fim de entrar em detalhes — disse ela. — Como meu pai é da Aeronáutica, fui transferida para escolas boas e outras *nem um pouco* boas. Tipo, não necessariamente a escola em si, mas havia sempre um grupo de pessoas desagradáveis, entende?

— Entendo — respondi, feliz por não ter tido nenhuma experiência como aquela.

Ela passou a falar mais baixo, e abaixou a cabeça por um instante antes de voltar a olhar para mim.

— A escola do Texas não era legal. Gostaria de poder dizer que todos eram pessoas terríveis para me sentir melhor, mas a verdade é que eu não fiz amigos. Só sei que algumas garotas decidiram que não gostavam de mim, e a experiência toda não foi muito boa.

— Que megeras — falei, com sinceridade.

Fiquei com ódio de verdade de quem quer que tenha causado aquela tristeza que transparecia no rosto dela.

— Enfim, faz parte do processo de crescimento. Pelo menos foi isso que meu pai sempre disse — comentou ela, com um sorriso falso, dando de ombros.

— O que sua mãe disse, na época? — perguntei.

— Ah, minha mãe ligou para o diretor e para as mães das meninas malvadas e fez um escândalo — explicou Dani, sorrindo. — Então eu parei

de contar para ela, porque é claro que isso só deixou as coisas ainda piores.

— Ah, droga — falei.

— Pois é.

— Para onde vocês foram depois disso? Acho que lembro da minha mãe comentando sobre… Dakota do Norte, eu acho?

— É, a gente morou em Minot, e depois disso na Alemanha, e agora estamos aqui.

— Você gostava da Alemanha? — indaguei.

— Ah, eu amava o país — respondeu ela. — Se eu fosse adulta e pudesse explorar a Alemanha como eu quisesse, teria sido ótimo, mas como adolescente morando em uma base aérea americana que por acaso ficava na Alemanha, não foi tão bom. Minha mãe era muito infeliz lá, porque as coisas estavam ruins com meu pai, e era como se estivéssemos meio isoladas.

— A propósito, sinto muito pelo divórcio — falei.

— É mesmo? — perguntou ela, com um sorrisinho engraçado. — Você nunca gostou do meu pai.

— Mas amo sua mãe e detesto pensar nela triste — expliquei. — Você imaginou que isso fosse acontecer?

— Sim e não — respondeu ela. — Eu sabia que meus pais estavam brigando mais do que nunca… bem, as brigas entre eles sempre consistiam em agressividade velada e respostas atravessadas… mas eu nunca tinha visto minha mãe tão infeliz quanto naquela época. Ainda assim, eu achava que era só o jeito deles. Não imaginei que fossem terminar de verdade.

— Desculpa estar tocando nesse assunto… você está bem com tudo isso?

— Estou — disse ela, dando de ombros. — Minha mãe está mais feliz agora, mas sinto pena do meu pai e tenho saudade dele. Mesmo que às vezes ele seja meio babaca. Não faz sentido, né?

— Na verdade, faz — retruquei, surpreso por nunca ter pensado que um divórcio pudesse ser daquele jeito. — Não consigo nem imaginar ficar sem ver meus pais todos os dias, mesmo que eles fossem babacas. No fim das contas, ele continua sendo seu pai.

Ela apenas assentiu.

— A propósito, seus assuntos são deprimentes para um encontro.

— É — concordei.

Quando ela olhou para mim com aqueles olhos castanhos tristes, de repente a ideia de que talvez estivesse na hora de confrontar o passado me

atingiu em cheio.

Saber ainda que uma fração do que ela estava passando me fez querer entender o que *de fato* aconteceu.

No entanto, quando eu estava prestes a formular as palavras, algo me impediu.

Por que aquela ferida continuava tão aberta? Mesmo depois de tantos anos?

— Agora me conta sobre a *sua* vida enquanto estávamos longe — pediu ela. — A não ser que não queira. O acidente parece ter sido um pesadelo. Eu sinto muito… acho que nunca te disse isso.

Era minha chance. De colocar tudo para fora. Ela abriu a porta, eu só precisava passar por ela. Mas…

— É, na verdade não quero falar sobre isso — respondi. — Resumindo, Big John é uma força da natureza e superou tudo.

— Graças a Deus — falou ela, assentindo. — Então vamos falar sobre hóquei. Na última vez que nos vimos, ou você ainda não jogava, ou nunca falou a respeito durante as férias de verão que eu passei aqui. Então como foi que isso aconteceu?

Senti um alívio no peito, e fiquei grato pela mudança de assunto.

— Eu jogo desde os quatro anos — expliquei —, mas até o nono ano eu era muito ruim. Aí cresci tipo meio metro, e não sei se meu corpo estava só esperando que eu ficasse maior ou algo assim, mas de repente passei a ter uma ótima coordenação motora. E fiquei mais rápido do que todo mundo.

— E o resto é história? — perguntou ela.

— Basicamente — respondi, porque a sensação era a de que tinha sido simples assim.

Dani fez um milhão de perguntas sobre hóquei, o que eu amei, e caí na gargalhada quando ela pegou o celular e fez anotações — *o meio círculo do goleiro se chama* crease — para "organizar as informações".

— Eu já te disse que você tem belas pernas, Collins? — falei ao sairmos do restaurante porque, segundo Dani, ainda precisávamos comprar alguns livros.

— Acho que não — respondeu, mordendo aquele lábio inferior maravilhoso como se estivesse tentando não sorrir.

— E eu posso fazer isso? — indaguei, pegando sua mão.

Vi uma ruguinha se formar em sua testa, e foi o lembrete perfeito.

— Sabe como é, né? — falei, dando de ombros. — Espaço público e tal. Muitas pessoas da escola frequentam o shopping.

— Tudo bem — cedeu ela com um sorriso relaxado, olhando para mim de soslaio.

E, de repente, me senti ousado. Ávido.

— Então vou só dizer que suas pernas são incríveis.

Ela arqueou uma sobrancelha. Será que eu tinha passado dos limites?

Será que eu conseguiria me conter?

Mas fui salvo por um grupo de garotas da minha aula de Cálculo que saíram da escada rolante naquele exato segundo. *Isso.* Apontei para elas com a cabeça para que Dani as visse.

— Hora do show — falei em voz baixa, puxando-a mais para perto. — E eu posso dizer também que sua bunda é incrível?

— Não — respondeu ela, mas deu um sorrisinho tímido e ficou vermelha.

Nossa, o que está acontecendo comigo? Eu precisava dar uma segurada.

— Tudo bem, tudo bem — disse, erguendo a mão que estava livre em um gesto de inocência. — Não vou dizer que sua bunda é incrível e que eu dou uma espiada nela o tempo inteiro.

— Para — advertiu ela, ainda sorrindo, e de repente nada mais importava.

Não importava nem que estivéssemos fingindo, porque a verdade era que aquele era o melhor encontro da minha vida.

Eu estava muito ferrado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dani

— *Eu* vou escolher um livro para *você* desta vez, Collins.

— Tudo bem — concordei, porque fiquei curiosa para ver o que Alec escolheria.

— Mas nem pense que vai ser um romance — avisou ele, me puxando pela loja. — Vamos para o setor de História.

— Você não vai me obrigar a ler não ficção, vai? — perguntei, pensando, pela milésima vez desde que entrei no Rainforest Café, que ele estava incrivelmente lindo.

Aqueles óculos, aquela camisa… era quase enlouquecedor o quanto ele estava lindo.

— Você vai para Harvard ano que vem… você dá conta.

Desejei que ele retirasse o que disse. Eu continuava me dedicando muito porque me recusava a desistir, mas não saber se seria aceita estava me deixando louca. Fazia tanto tempo que eu queria estudar em Harvard que parecia que, se não acontecesse, perderia até a noção de quem eu era.

Era um sentimento estranho, ainda mais porque eu nem sabia *especificamente* o que queria estudar, mas tinha transformado aquele desejo de estudar em Harvard na minha própria identidade, então fracassar não era uma opção.

— Eu não disse que não daria conta — falei. — Mas gosto de me distrair do mundo real.

— Mas livros de História são interessantes a ponto de quase parecerem ficção — argumentou ele. — Vamos.

— Isso é você quem está dizendo.

— Estou *mesmo* — disse ele, puxando meu braço de leve.

Meu Deus.

Quando ele usava aquele tom de voz provocativo e me puxava mais para perto, eu quase perdia a cabeça.

Porque, boa parte do tempo, Alec era Zeus, o espertinho arrogante e sarcástico que não deixava que eu me aproximasse. Ele era o garoto que tinha me dado um chá de sumiço, o garoto que eu tolerava por causa do acordo que beneficiava nós dois.

Mas às vezes a máscara de Deus do Hóquei caía por um tempinho, e eu vislumbrava alguém que lembrava muito o menino que eu conhecia.

E aquilo sempre me surpreendia.

Quem eu tinha beijado? Zeus, o Pilantra, ou Alec?

Ele me levou até a seção de História e começou a se comportar como um professor que conhecia quase todos os assuntos das prateleiras. Caminhou pela seção, pegando livros em capa dura e brochura como se passasse todos os fins de semana fazendo compras na livraria, e aquilo era quase atraente *demais*.

Um jogador de hóquei que usava óculos e era inteligente?

Digno de fazer uma garota desmaiar.

— Estou impressionada, Barczewski — falei, porque estava *mesmo*.

— E você achando que eu era um atleta idiota que não sabia ler — disse ele.

— É, agora acho que você é só um atleta idiota — provoquei.

— Não acha, não. Não minta, Collins — rebateu ele, com uma piscadinha.

Uma piscadinha que me deu um frio na barriga.

Para com isso!

— Você sabe o quanto eu quis socar você quando piscou para mim na aula de Oratória?

— *O quê?* — perguntou ele, deixando escapar uma risada, surpreso. — Sério?

— Sério — admiti, ainda um pouco indignada só de lembrar. — Depois de fingir que não me conhecia no dia anterior e sair andando pela escola feito um cara arrogante, você teve a ousadia de olhar para mim e piscar. Tem sorte de eu não ter esfolado seu rosto.

— Eu só quis ser charmoso — explicou ele, com um sorrisinho nada arrependido.

— Mas foi um babaca — corrigi.

— Ah, não vamos brigar, amor — disse ele, em tom de provocação, a voz grave e baixa, sorrindo para mim.

— *Amor?* — repeti, rindo.

Ele olhou para mim como se eu fosse alguém a quem ele podia chamar de *amor*, e senti outro frio na barriga.

— Prefere *querida*? — perguntou ele, ainda mais baixo. — Qual é seu apelido favorito, Cachinhos Dourados?

O que está acontecendo?, pensei, com dificuldade de lembrar meu próprio nome.

— Que tal continuarmos com Collins? — sugeri, constrangida por parecer tão ofegante.

O sorriso dele desapareceu, e Alec pigarreou.

Então assentiu.

— É… ótimo — disse, retesando a mandíbula e assentindo mais uma vez. — Vamos tirar uma foto na livraria e acabar logo com isso, *Collins*.

— Boa ideia — respondi, me esforçando para sorrir ao pegar o celular e tirar uma selfie.

Em uma fração de segundo, o clima voltou a ficar tenso e estranho, e deve ter sido por isso que não percebi os três degraus atrás de onde estávamos, que levavam à cafeteria da loja.

Eu me distraí e tropecei no primeiro degrau, mas Alec tinha reflexos rápidos. Ele estendeu o braço comprido e me puxou de volta na mesma hora, mas, com o movimento, deixou escapar um gemido, e segurou o braço.

— O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça e respondeu com os dentes cerrados:

— Nada. Espera um pouco. Está tudo bem.

— Você não parece bem — falei, devagar. — Tem certeza?

— Tenho — disse ele, claramente sentindo muita dor.

Alec envolveu o ombro com a mão esquerda como se estivesse segurando-o no lugar.

— É o braço ou o ombro? — perguntei, me aproximando.

Ele ficou ali, segurando o braço, com uma careta de dor.

— *Merda* — deixou escapar, baixinho. — É o ombro, mas vai passar em um segundo.

O rosto dele estava vermelho, como se a dor fosse absurda, e percebi que algumas pessoas na cafeteria olharam para ele.

Peguei-o pelo braço que não estava machucado e o conduzi com delicadeza em direção ao corredor que levava para os fundos da loja.

— O que aconteceu? — indaguei, quando nos afastamos.

— Não foi nada — disse Alec, mas sua mandíbula continuava retesada e parecia que ele estava com dificuldade até de falar. — Machuquei o ombro há alguns jogos, e às vezes, quando eu ergo demais o braço, ou o movo em uma direção estranha, dói.

— Tem algo que eu possa fazer? — questionei, porque ele continuava gemendo as palavras em vez de falar. — Você precisa de um ibuprofeno, ou quer que procure gelo?

— Já vai passar — respondeu ele. — Mas obrigado.

— É, tipo, uma distensão muscular, um estiramento ou algo do tipo? — quis saber, lembrando que vovô Mick disse a ele que fizesse compressa com gelo. Será que ainda era a mesma lesão? — O que o médico disse?

— Só precisa sarar… *puta merda* — gemeu ele. — Vai ficar um pouco sensível por uns dias.

Ele mal conseguia falar, então não parecia estar apenas "um pouco sensível", o que queria dizer muita coisa, porque ele sempre teve alta tolerância à dor.

Ele já deu risada quando ficou com o olho roxo, pelo amor de Deus.

No entanto, naquele momento, Alec parecia estar sofrendo, e detestei isso.

— Tem alguma coisa que a gente possa fazer para melhorar? — perguntei. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, para que ele parecesse menos… péssimo. Senti uma pontada no peito quando ele engoliu em seco. — Minha avó passava, tipo, uma pomada de lidocaína no joelho com artrite.

— Às vezes eu uso pomada analgésica — disse ele, e percebi que estava começando a melhorar um pouquinho. Estava gemendo menos. — Não sei se ajuda de verdade ou só convence meu cérebro de que está ajudando.

— Entendi. Bem, fique aqui que eu vou até a farmácia que fica perto da praça de alimentação.

— A dor é no ombro — respondeu ele, parecendo quase prestes a sorrir. — Eu consigo andar.

— Tem certeza?

— *Tenho* — confirmou ele, e desta vez *sorriu de verdade*. — Não é nenhuma novidade, não precisa ficar tão assustada. Eu passo por isso todos os dias.

— Caramba, sério? — Aquilo era terrível. — Há quanto tempo está com essa dor?

— Algumas semanas — falou ele. — Está tudo bem.

— *Não* está tudo bem — retruquei, segurando seu braço ileso com cuidado, puxando-o para perto com delicadeza.

Não sabia exatamente de que tipo de lesão se tratava, mas ele não deveria estar sentindo tanta dor. Havia algo errado, e eu iria enlouquecer se o rosto dele não voltasse a ficar… *como era antes*.

— Vamos comprar uma pomada, mas "algumas semanas" não é bom sinal, Alec.

E se fosse sério? Será que ele podia ter quebrado alguma coisa?

Não conversamos enquanto caminhávamos até a farmácia, que era perto, ainda bem. Fomos direto até a pomada — ele obviamente sabia onde era aquela seção da loja — e apontei para outro produto.

— Já usou esse? — Li a embalagem do adesivo de lidocaína. — Ele não só mexe com a temperatura para enganar seu cérebro, assim como a pomada, mas também age no nervo, então na verdade pode ser até melhor.

— Não — respondeu ele, sem nem parar para pensar.

— Como assim, *não*? Por que não quer experimentar? Você gosta de sentir dor?

— Pelo amor de Deus, Dani, só confia em mim.

— Mas não faz sentido — falei, sem querer ser insistente, mas querendo que ele se sentisse melhor. — Por que não usar os dois? Você pode colocar o adesivo onde dói mais e usar a pomada em vol…

— Não consigo colocar o adesivo, tá? — rebateu ele, ríspido.

— Espera, o quê?

— Quando acontece isso — explicou ele, com mais calma —, a questão é o movimento do ombro. Dá para jogar hóquei agora e a dor seria tolerável, mas erguer o braço para tirar a camisa vai acabar comigo. Consigo acessar a área que está doendo para passar a pomada, mas não consigo colar o adesivo sem tirar a camisa.

Ahhhhh.

Pigarreei.

— Eu ajudo você.

Ele só arqueou uma das sobrancelhas, o que me fez revirar os olhos.

— Eu já vi você no vestiário — falei — e consegui me controlar, vai ficar tudo bem… vamos comprar o adesivo.

Fiquei impressionada com a naturalidade com que falei aquilo, porque por dentro eu estava surtando.

Entrando em parafuso de verdade.

Por um lado, meu estômago estava se revirando, porque vê-lo daquele jeito era, tipo, demais para mim. A mandíbula retesada, o pomo de adão subindo e descendo, a testa enrugada… ele estava sentindo muita dor, e eu precisava descobrir um jeito de consertar aquilo. De ajudá-lo.

Mas, ao mesmo tempo, eu estava dizendo coisas como "Eu ajudo você" e me oferecendo para prestar primeiros socorros ao seu ombro nu e musculoso (e lesionado), sendo que estava surtando com o último beijo que ele me deu.

Porque não foi um beijo normal.

Eu já tinha experimentado beijos normais antes e, o que quer que aquilo tenha sido, foi o oposto de normal.

Foi competitivo, atlético, sexy, autoritário, dominador e meio que me deixou irritada, de alguma maneira, porque eu amei cada detalhe terrível e mágico e… *puta merda.*

Qual é o meu problema, caramba?

Fiquei olhando para o chão quando seguimos para o caixa, e, quando ergui a cabeça, vi que ele ainda estava sentindo muita dor. Sua mandíbula parecia uma pedra e seu rosto estava vermelho.

Embora fosse uma melhora significativa comparada à sua reação quando ele impediu que eu caísse de bunda nos degraus da livraria.

Assim que saímos da farmácia, meu coração acelerou.

São só primeiros socorros. Calma!

Notei um banheiro família/sala de amamentação do outro lado do corredor, então, embora ainda não tivéssemos falado sobre *onde* eu poderia ajudar, eu o puxei naquela direção e tranquei a porta após entrarmos.

— Epa, epa, epa, Collins — disse ele, em tom de provocação, mas com o olhar sério. — Não sei o que você está pensando, mas não estou interessado em…

— Nossa, que engraçado… cala a boca — falei, tirando a embalagem de adesivos e o tubo de pomada da sacola da farmácia. O silêncio naquele cômodo pequeno parecia ensurdecedor. — Então, é, eu acho que você deveria abrir a camisa, mas nem tente tirar, beleza? Não tem por que piorar a

situação, então me diga quando terminar que eu, tipo, abaixo a camisa um pouco para colocar o adesivo. Pode ser?

Os olhos dele percorreram meu rosto como se vários pensamentos passassem por sua cabeça, e eu parei de respirar enquanto seus olhos castanhos me prendiam no lugar.

— Pode.

Ele olhou para a camisa e começou a desabotoá-la, e eu mordi o lábio inferior e abri a embalagem de adesivos, olhando fixamente para minhas mãos, como se Alec não estivesse abrindo botão por botão da roupa bem na minha frente.

— Pronto, já desabotoei — avisou ele, me fazendo engolir em seco e pigarrear.

Isso é coisa que se diga?

— Ótimo — respondi, e minha voz soou um pouco… *aérea.* Ergui os olhos e vi a camisa aberta à minha frente, uma faixa vertical de pele exposta. — Então, é, vou abaixar aqui.

Voltei a erguer os olhos e percebi aquela proximidade dolorosa do rosto dele. O ar estava carregado, e aquele cômodo parecia pequeno demais.

E meu rosto quente demais.

— Avise se eu estiver te machucando — pedi.

Quando ele engoliu em seco, tudo o que vi foi seu pomo de adão subindo e descendo.

— Não vai machucar.

Estendi as mãos e segurei os dois lados da camisa dele com cuidado, hesitante, abaixando-a em volta dos ombros. Eu me esforcei para não o tocar, mas senti a respiração presa no peito quando meus dedos roçaram sua pele.

Ele não disse uma palavra sequer, apenas respirou fundo.

Será que ele está com frio? Ou…

De repente minha garganta ficou seca.

Todo o cuidado não adiantou de nada, porque a camisa deslizou pelos braços dele e caiu no chão.

Seu tronco ficou completamente nu e tão pertinho de mim que nossos corpos quase se tocaram.

— Droga — sussurrei, tão aflita que fiquei até meio tonta.

— Só… Deixa pra lá — disse ele.

Seu rosto inteiro parecia rígido, como se ele estivesse tão tenso que a mandíbula retesada poderia se estilhaçar a qualquer momento.

Assenti, engoli em seco, e assenti outra vez, tentando não encarar o peito musculoso à minha frente, *santo Deus*.

— Quero ter certeza de que vou colocar no lugar exato — falei. — Diga quando estiver na área certa, tudo bem?

Ele engoliu em seco mais uma vez e sua mandíbula tensionou ainda mais.

— Aham.

Alec se virou, e por algum motivo não me senti menos… *agitada* olhando para suas costas. Estava tensa e rígida, como se a pele estivesse esticada sobre os músculos definidos. Segurei o adesivo com a mão esquerda e levei os dedos da mão direita até o ombro. Toquei as pontas dos dedos em sua pele com delicadeza, o coração martelando quando meus dedos deslizaram por sua escápula.

— Aqui? — perguntei, e o que saiu foi um sussurro.

— Um pouco mais para cima — disse ele, e de repente tudo entre nós dois pareceu estar em câmera lenta.

Meus dedos roçaram sua pele, devagar, e juro que senti Alec estremecer sob meu toque quando comecei a subir.

— Aqui? — indaguei mais uma vez, quase um resmungo.

— É — respondeu ele.

Tirei o papel de proteção e colei o adesivo em seu ombro, fazendo pequenos círculos com a palma da mão para pressioná-lo contra a pele com delicadeza.

— Fica tranquila — disse ele, com a voz rouca. — Não vai me machucar.

— Ótimo — retruquei, minha voz soando mais como um sopro do que como um som, e eu alisava o adesivo com a palma da mão. — Vire para eu passar a pomada na frente.

Ele obedeceu, os olhos escuros cheios de perguntas ao se virar para mim, mas sem dizer uma palavra.

Coloquei um pouco de pomada em sua clavícula direita, larguei a embalagem, e levei os dedos até seu ombro.

— Tudo bem? — indaguei, percebendo minhas mãos levemente trêmulas ao tocar seu corpo.

Não tinha mais a menor ideia do que estava fazendo, só sabia que estava sob a influência de *alguma coisa* quando comecei a espalhar a pomada

escorregadia em sua pele.

— Sim, mas você não precisa fazer isso — respondeu ele, a mandíbula tensionando e relaxando.

A sensação era de que havia algo imenso pairando entre nós, algo espesso e pesado que roubava todo o ar do cômodo.

Eu não sabia o que era, mas de repente senti dificuldade de respirar.

— Eu… eu quero — soltei. Não conseguia pensar direito com ele me olhando daquele jeito. Não sabia nem se meus lábios estavam se mexendo. — Não gosto de ver você com dor.

Ele colocou a mão esquerda em meu rosto, o olhar indecifrável, os dedos compridos roçando minha pele. Não sei como, mas aquele momento pareceu mais íntimo do que o beijo que não saía da minha cabeça desde a noite anterior.

Seu olhar se fixou no meu, nós dois respirando mais rápido quando ele começou a se aproximar…

— Tem alguém aí? — Alguém girou a maçaneta e perguntou: — Está ocupado?

— S-sim! — gritei, olhando para Alec e me afastando dele com um salto, limpando os dedos na saia, o coração prestes a sair pela boca. — Já estou saindo!

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus.

Alec não tirou os olhos de mim, a expressão indecifrável, e desejei saber o que ele estava prestes a fazer no instante anterior. Eu me abaixei e peguei a camisa dele, então o ajudei a vesti-la e juntei as sacolas enquanto ele fechava os botões.

— Certo, terminamos — disse ele.

Quando me virei, Alec já estava completamente vestido.

Mas continuava olhando para mim daquele jeito que eu não conseguia decifrar.

O que acabou de acontecer?

CAPÍTULO TRINTA

Alec

Tudo mudou depois daquele encontro. Não só entre nós dois, mas *sobre* nós dois.

E ficou confuso para caramba.

Na escola, as pessoas de repente passaram a nos reconhecer como um casal. Dani achou que era por causa da conta do Instagram, e ninguém mais parecia surpreso ao nos ver juntos e apenas aceitaram sem questionar nada.

Foi uma ótima recepção.

Além disso, o time estava arrasando em todos os treinos. De repente, *todo mundo* passou a jogar em outro nível, e a superstição geral era que isso tinha alguma coisa a ver com Dani ser meu amuleto da sorte. Era uma baboseira o quanto éramos supersticiosos, mas até eu estava acreditando naquilo.

Porque nossas habilidades foram elevadas à enésima potência desde que Dani e eu começamos a "namorar".

Como se isso já não fosse suficiente, as coisas também estavam indo na direção certa no que dizia respeito à minha reputação.

O *Tribuna* publicou uma matéria sobre mim e minha família e, por mais que eu detestasse o fato de aquilo ser necessário, meus pais foram muito abertos na entrevista, o que transformou a situação em uma história inspiradora fantástica. E tive a confirmação de que o trabalho ao qual Dani e eu nos dedicávamos estava valendo a pena quando o entrevistador perguntou sobre minha vida amorosa.

— Sei que ainda estão na escola, mas dizem por aí que Zeus, o garoto que parecia estar fora de controle, está entrando nos eixos e se concentrando em outras coisas. Quer comentar a respeito?

— Já entendi aonde você quer chegar — respondi, em tom de brincadeira. — O que tenho a dizer é que me reconectei com uma amiga de

infância que é dez vezes melhor do que eu em todos os aspectos. Ela me inspira a ser melhor.

E, para ser sincero, não era uma piada. Parecia… *verdadeiro*.

Eu estava gostando de ver Dani se soltar. Percebi que suas roupas estavam ficando menos… monocromáticas e largas demais, e ela até fez um discurso informativo na aula da professora Sykes e nem pareceu prestes a desmaiar.

A única coisa que *não* estava ótima (além do meu ombro, que definitivamente estava uma droga e parecia piorar a cada dia) era que parecia que minha cabeça estava sempre à toda no que dizia respeito a ela.

Porque era tudo fingimento, não era? As coisas entre nós dois eram para ser de faz de conta, mas pareciam cada vez mais, bem… só que *não*.

A começar pela droga do incidente do adesivo de lidocaína que não saía da minha cabeça. Eu ficava o tempo todo, juro por Deus, oscilando entre achar que ela estava apenas fazendo uma boa ação naquela noite, prestando primeiros socorros, e acreditar que chegamos *muito perto* de algo picante acontecer naquela salinha.

Meu cérebro ficava repassando a cena sem parar, me torturando.

Desde que saímos daquele cômodo apertado, no entanto, eu fiquei com a sensação de que ela havia se afastado. Devia ser coisa da minha cabeça, porque Dani continuava fazendo todas as coisas de namorada de mentirinha, mas algo em seus olhos me dizia que ela estava erguendo um muro entre nós.

E eu não sabia como me sentir a respeito disso.

Não era exatamente o que eu deveria querer também?

Mas eu não sabia mais o que deveria querer e como deveria me sentir.

Então, para deixar tudo ainda mais confuso, ela continuou levando lanches bizarros para mim, o que me fascinava porque, como tinha acontecido com o adesivo, parecia que ela se importava comigo.

Está vendo?

Perturbador.

Desta vez era manteiga de amendoim com picles de jalapeños, uma fatia de bacon e batatas chips trituradas.

— Então você está me dizendo que fuma *muito* — falei, olhando para o almoço que eu tinha zero interesse em comer. — Só pode ter descoberto isso quando estava de larica, né?

Dani revirou os olhos, mas deu uma risadinha, um som adorável que me deu vontade de fazer o que fosse preciso para que ela risse de novo.

— Confia em mim. Essa combinação de sabores *funciona*.

— Não acredito em você.

— Vovô Mick comia um desses antes de todos os jogos — mentiu ela, o olhar reluzente de quem estava se achando muito engraçadinha me desafiando a comer a porcaria do sanduíche. — Ele diz que é sua arma secreta.

— Acho muito fofo você mentir tão mal.

Isso fez a risadinha virar uma gargalhada. *Caramba, ela deveria rir assim o tempo todo*. A Dani de antigamente estava *sempre* rindo, e eu não tinha percebido o quanto sentia saudade daquilo.

— A propósito, o que é *boot* hóquei? — perguntou ela, dando uma mordida no wrap.

— Uma versão de hóquei em que as pessoas jogam de sapatos normais no gelo, em geral no parque — respondi, tirando minha tortilha duvidosa do pacote. — Por quê?

— Porque Cass e Lillie estavam falando sobre esse jogo. Me conte tudo o que você sabe — ordenou ela, dando mais uma mordida.

Eu sempre achei o jeito que ela come bonitinho assim?

Dei uma mordida — *pelo amor de Deus* — e falei:

— O bar no fim da rua organiza uma liga, mas a maioria das pessoas joga só para se divertir, como jogos improvisados de basquete. Os garotos que participam das ligas geralmente usam botas de *broomball* para ter mais tração, mas meus amigos não.

— Meu Deus, o que é *broomball*? — indagou ela com uma risada anasalada, como se fosse a coisa mais engraçada que já tinha ouvido na vida. — Espera… é um jogo que envolve vassouras *de verdade*? Tipo o quadribol do Harry Potter?

Ela está sendo fofa assim de propósito?

Comecei a descrever o jogo, tentando me concentrar em qualquer coisa que não fosse a comida na minha boca, mas ela me interrompeu depois de engolir o lanche, balançando a cabeça.

— Ah, então não é quadribol. Humm. Mas vassouras… Acho que isso faz tanto sentido quanto ficar acertando uma bolinha com um taco de hóquei.

— Você acabou de chamar o disco de hóquei de bolinha?

— *Não* — respondeu Dani, com os olhos arregalados, mas sorrindo, deixando o guardanapo de lado. — Eu *jamais* faria isso. Quer dizer, sou neta

do Mick Boche, lenda do hóquei, muito obrigada.

— Aham. — *Ela* só pode *estar fazendo isso de propósito. Meu Deus.*

Agora eu estava me concentrando demais nos lábios dela. *Controle-se!*

Pigarreei.

— Na verdade, algumas pessoas vão jogar amanhã — comentei, dando mais uma mordida porque não podia desperdiçar aquela atrocidade que ela tinha preparado só para mim.

— Eu sei — falou ela, me olhando de um jeito estranho. — Estou fazendo esse monte de perguntas porque acho que vou também.

— Você quer *jogar*? — perguntei, chocado, porque era a última coisa que eu imaginava que ela fosse querer.

Dani detestava sentir frio.

— Ah, não deve ser tão difícil assim correr no gelo e bater num disco com um taco…

— Ah, garotinha inocente.

— Vai se ferrar, agora que eu vou jogar mesmo — respondeu ela, dando risada. — Quer dizer, se Cassie consegue, eu consigo. E provavelmente sem ajuda.

— Cassie jogou hóquei até o ano passado — falei. — Não é a mesma coisa.

— Isso é o que você está dizendo — rebateu ela, gesticulando com uma das mãos como se não fosse nada de mais.

Ela deu a última mordida no wrap e voltou ao livro.

Mas voltar ao *meu* livro não seria tão fácil.

Porque olhar para Dani acabava com a minha concentração.

Ela mordeu o lábio inferior, entretida com o livro, e meu cérebro entrou em curto-circuito e se perdeu pensando nela.

No que ela faria se eu me inclinasse sobre a mesa e a beijasse.

Cílios longos, lábios sabor cereja, suco de maçã.

No que *nós dois* poderíamos fazer atrás das pilhas altas de livros que ficavam do outro lado dos computadores.

Cabelo macio, unhas cor-de-rosa, flores.

Em como…

— Você não vai ler?

— Hã?

Meus olhos focaram e percebi que Dani estava olhando para mim de um jeito estranho, o que fazia sentido porque eu estava encarando o nada como um completo idiota.

— Não está a fim de ler? — perguntou ela, seus lábios cobertos de brilho labial se curvando em um sorrisinho. — Ou o pequeno Alec está ficando com sono?

Passei a mão no cabelo — *como eu era idiota* — e respondi apenas:

— As duas coisas.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Dani

— O segredo é se antecipar, garota.

— Certo — falei, assentindo, embora não fizesse ideia do que aquilo queria dizer.

— Você não sabe o que isso significa, né? — perguntou vovô Mick, semicerrando os olhos por causa do sol se pondo atrás de mim.

Não que o sol estivesse fazendo seu trabalho.

Frio do caramba.

— Não faço ideia — admiti, lufadas de ar gelado condensando em frente ao meu rosto, e abaixei um pouco o gorro do Alec.

Fui boba a ponto de comentar a respeito do *boot* hóquei com minha mãe e meu avô por mensagem, e, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, vovô Mick me buscou na escola e eu estava a caminho do quintal de um cara qualquer para treinar.

Ao que parecia, segundo eles, eu não podia "envergonhar a família".

O comentário me fez revirar os olhos, mas também trouxe sentimentos diferentes, porque nunca senti que tinha uma "família" para envergonhar antes.

Então fazia uma hora que eu estava congelando no quintal do Bilch, mas estava me divertindo correndo no escuro com meu avô, o que era uma surpresa.

— Beleza, pensa assim — começou ele, se apoiando no taco. — No hóquei, precisamos ser rápidos, mas no *boot* hóquei, não. É menor, lento e meio desajeitado.

— Então é o esporte mais interessante — falei, com um sorrisinho.

— Claro — respondeu ele, revirando os olhos para *mim*. — Então não vá rápido demais nem exagere. Se não cronometrar a escorregada, pode acabar

correndo *demais*.

— Eu jamais correria demais, vô. Juro pela minha vida.

— É, é bem a sua cara — disse ele, com um de seus sorrisos meio relutantes. — Você podia aprender a correr com o garoto dos Barczewski. Ele é bem rápido.

O garoto dos Barczewski.

Aff.

Eu estava me esforçando muito para não pensar nele, constantemente tentando me lembrar de que era tudo faz de conta.

Porque eu tinha sucumbido. *Socorro, Deus*.

Eu tinha um milhão de sentimentos verdadeiros por ele, e precisava me controlar.

O beijo, nós dois de mãos dadas, a tensão por causa do adesivo… isso *tudo* fazia parte do jogo, mas isso *tudo* também ressurgia na minha mente como se fossem as melhores lembranças de um namorado de verdade.

Mas não eram, nem ele.

Podia até *parecer* que nós dois estávamos sentindo coisas, mas não era real.

Então agora eu estava exercendo a proatividade mental. Quando estávamos juntos, eu me lembrava o tempo todo — dentro da minha cabeça — de que era de mentirinha. E, quando ele segurava minha mão, eu me forçava a lembrar que era só encenação.

Porque mesmo que ele não estivesse sempre encenando — *o que ele estava* —, em alguns meses eu iria para a faculdade e ele iria jogar hóquei em algum lugar.

Só uma idiota começaria um relacionamento que não tinha como durar.

— Para com os devaneios — falou vovô Mick, lançando a bola na minha direção.

— Estou muito decepcionada por estarmos jogando com uma bola. Eu estava ansiosa para acertar um disco.

— Estou ansioso para ver você acertar *qualquer coisa* — respondeu ele, em tom de brincadeira.

Ergui o taco e acertei a bola com toda minha força.

Vovô Mick nem saiu do lugar.

Ele apenas estendeu o taco e parou a bola.

— Você é péssimo — falei, rindo.

— Não, *você* que é — respondeu ele, rindo também.

Fizemos mais alguns exercícios, tentando melhorar meu domínio do taco, mas eu era *mesmo* péssima, e os amigos dele — Kris e Mel — apareceram para assistir.

— Que tal vocês fazerem alguma coisa útil — sugeriu meu avô — e entrarem no rinque?

— Dois contra dois? — perguntou o homem de barba comprida e branca, sorrindo como se aquilo fosse tudo o que ele mais queria.

No minuto seguinte já estávamos jogando, meu avô e eu contra os dois.

— Controle o disco! — gritou meu avô do outro lado do gelo.

— Estou tentando! — exclamei de volta enquanto Mel e Kris corriam como se *não fossem* idosos.

— Se conseguir pegar, é só correr até o gol mantendo a cabeça erguida — instruiu vovô Mick enquanto eu erguia o taco e tentava alcançar a bola.

— Mas eu não consigo ver a bola com a cabeça erguida — retruquei.

— Não diga isso em voz alta, pelo amor de Deus — berrou ele, rindo.

— E não chame de bola — acrescentou Mel, indignado.

Corri atrás deles, mas não era páreo para os adversários.

O que significa que não seria páreo para Alec e os amigos dele.

— Você não foi tão mal, garota — comentou meu avô quando saímos do rinque.

— É mentira e você sabe disso — rebati, balançando a cabeça. — Dois velhos acabaram comigo.

— Dois velhos e seu avô — acrescentou ele, curvando os lábios em um sorriso de verdade.

Nossa, como eu estava com saudade disso.

— Ei, gente — falei para os amigos dele —, podem tirar uma foto nossa?

— Por quê? — perguntou vovô, surpreso.

— Só quero mandar uma foto para o Alec. Ele vai surtar quando vir quem está me ensinando a jogar *boot* hóquei.

Isso fez meu avô rir, e senti um quentinho no coração quando o abracei e nós dois sorrimos, juntos, para a foto.

Mandei a foto para Alec com a mensagem: **Olha só quem está me ensinando a jogar *boot* hóquei.**

A resposta foi quase imediata.

Alec: Caramba, Collins. ARRASOU.

Eu: Né???

Alec: Também gostei das tranças.

Eu tinha certeza de que ele estava dizendo aquilo porque estava no personagem — *ele só está fingindo, ele só está fingindo* —, mas ainda assim o comentário me deixou meio boba.

Eu: Prepare-se para ver essas tranças passarem voando por você amanhã quando eu mandar um *clapper*.

Não sei se usei certo o termo, porque tudo o que ele respondeu foi:

Alec: Essa foi a coisa mais fofa que você já disse.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Alec

— Ela não é tão ruim quanto eu imaginava que seria — admitiu Kyle, sentado ao meu lado no banco do parque.

— Devem ser os genes do Mick — concordei.

— Eu estou ouvindo, sabia? — gritou Dani de onde estava, correndo pelo gelo, e amei vê-la cheia de atitude.

Ela provocava meus amigos e dava risada, e estava linda com uma das camisas antigas do Mick, indo para lá e para cá no gelo sem coordenação alguma. Era bem o jeitinho dela.

— Já que está ouvindo, responda uma coisa, Collins — berrei. — Por que você fica batendo nas laterais?

Desde o início do jogo, ela parecia estar correndo numa boa e, de repente, *bum*! Acelerava o passo, batia nas laterais e voltava.

— Porque eu caio sempre que tento mudar de direção — respondeu ela, correndo e estendendo o taco como se fosse um bastão e aquilo fosse uma corrida de revezamento, não *boot* hóquei. — Acho que deve ser por causa do meu sapato. Então é mais fácil bater na parede.

— Foi Mick quem ensinou isso? — perguntou Kyle, rindo.

— Não, mas garanto que ele iria gostar. Ele é do tipo "faça o que for preciso", e eu prefiro bater na parede a continuar caindo.

— Respeito sua técnica — comentou Richie.

— Eu também — falou Kyle.

— É, tenho certeza de que esse é o objetivo dela — disse Cassie ao bater no disco. — Conquistar o respeito de vocês.

— Acho que quem não está jogando deveria calar a boca — sugeriu Dani, lançando um olhar em nossa direção, meio ofegante.

— Uuuuh! — exclamou Richie, abrindo um sorrisinho para mim.

Por algum motivo, Dani tinha achado que *nós* fôssemos jogar.

Mas estávamos no meio da temporada de hóquei — *nunca* que íamos ficar brincando no gelo com o torneio acontecendo. Mesmo que fôssemos idiotas a ponto de *querer* fazer isso, o treinador nos mataria.

O time dela levou uma surra, claro.

No entanto, fiquei impressionado.

Dani mergulhou de cabeça, embora não tenha sido muito bonito.

Quando saiu do gelo, reclamou com Cassie que suas coxas estavam doloridas, segurando um dos tacos do Mick (o que nos levou à loucura só de ver um objeto de uma lenda do hóquei).

— Quer que eu carregue você? — perguntei.

Dani olhou para mim de repente, e a ruguinha em sua testa deixou claro que eu a tinha surpreendido. Mas ela logo disfarçou, dizendo:

— Ainda estou brava com você.

— Não pode ficar brava — retruquei, distraído pela expressão que tomava conta de seus olhos castanhos quando me provocava. — Eu nunca disse que ia jogar.

— Estava implícito.

— Não estava, não — falei.

— Tudo bem, então você pode me carregar porque para falar a verdade minhas coxas estão acabadas — respondeu ela, sorrindo daquele jeito tranquilo que vinha fazendo com cada vez mais frequência, como se enfim estivesse começando a se sentir à vontade com a gente. — Mas eu me reservo o direito de continuar brava com você.

— Boa garota — repliquei, virando de bunda para ela. — Suba.

— Espera, não… seu ombro — disse Dani, de repente. — Não quero machucar você.

Merda, merda, merda. Endireitei a postura e, ao me virar, dei de cara não só com Dani olhando para mim preocupada, mas os caras também.

— Qual é o problema com seu ombro? — perguntou Kyle.

— Zeus? — incitou Richie, olhando para mim com as sobrancelhas arqueadas, esperando uma resposta.

— Ele machucou em um jogo — explicou Dani — e está…

— Tudo bem — interrompi, sorrindo. — Está tudo bem.

— Não está, não — rebateu ela, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. — Ele está morrendo de…

— Querida — interrompi mais uma vez ao perceber o jeito como os caras estavam olhando para mim. — Talvez eu tenha sido um *pouco* dramático.

Ela semicerrou os olhos.

— O quê?

Percebi que Dani não estava caindo na minha conversa, mas não conseguia entender por que eu não estava sendo sincero.

— Você estava cuidando tão bem de mim — falei, torcendo para que ela não ficasse irritada com a mentira. — Talvez eu tenha me aproveitado um pouquinho.

Richie começou a rir, e eu olhei para ela e disse:

— Suba.

— Beleza — respondeu ela, me entregando o taco com um olhar desconfiado. — Mas vamos conversar sobre isso depois.

E pulou nas minhas costas.

— Precisamos mesmo? — perguntei.

Richie riu ainda mais.

— Precisamos — insistiu ela, bem no meu ouvido, e juro por Deus que seus lábios tocaram minha orelha de propósito, lançando um arrepio pela minha coluna.

— Mulher diabólica — murmurei ao segurar suas pernas, o que a fez rir.

— Por que está escondendo a lesão no ombro dos seus amigos? — indagou ela enquanto a carregava até o carro.

Não fique prestando atenção na respiração dela em seu pescoço.

Tentei, mas era impossível.

— Não estou escondendo — menti, tentando parecer despreocupado. — Não é nada de mais.

Ela baixou a voz.

— Você estava escondendo, *sim*. Mentiu na cara dura, como se nem estivesse lesionado. Por que não pode contar para eles?

Os lábios dela estão perto demais do meu pescoço.

— Não é que eu não possa contar, é que…

— Então ok se eu falar que você não consegue erguer o bra…

— Por favor, esqueça isso — implorei, olhando para ela por cima do ombro, aliviado pelo grupo ter se separado durante a caminhada até o estacionamento. — Por favor?

— Alec — disse ela, percorrendo meu rosto com o olhar. — É claro que vou guardar seu segredo. Mas, tipo, você não pode me contar o que está acontecendo?

Ela falou como se estivesse magoada, e isso me fez lembrar tanto da antiga Dani que quase surtei. Eu a coloquei sentada sobre o porta-malas do carro e contei a verdade.

— Não quero que ninguém saiba, beleza? — falei baixinho, estendendo a mão para arrumar seu (meu) gorro. — Está melhorando, estou sentindo que sim, mas se os olheiros acharem que estou lesionado, isso pode estragar tudo.

Ela piscou, olhando para mim como se estivesse pesando minhas palavras.

— *Tudo mesmo* — enfatizei, desesperado para que ela entendesse.

— Bem — respondeu ela, baixinho —, então vamos ter que comprar mais uns adesivos antes de ir para casa, né?

Quis abraçá-la, mas me contive.

— Vamos, sim.

★ ★ ★

— Não acredito.

Richie olhou para meu celular e começou a rir enquanto íamos até os fundos da casa de Bryce. O pai dele estava pescando no lago Mille Lacs, então ele chamou um pessoal para ir até lá para uma festinha.

— Não tinha ideia de que Mick sabia sorrir.

A foto de Dani e Mick era tão engraçada que eu não conseguia parar de olhar e mostrar para todo mundo, mesmo que um dia inteiro já tivesse se passado. Dani estava linda, as tranças compridas e o gorro felpudo, e era a imagem perfeita da garota que eu conhecia antigamente.

— Em qualquer outra situação, eu concordaria — falei, rindo —, mas ele é diferente com ela.

Entramos pela porta dos fundos e descemos direto até o porão, porque era onde ficávamos quando os pais do Bryce não estavam. E, caramba, a festa já estava à toda, parecia até um cassino com todos os jogos de cartas rolando ao mesmo tempo. Sueca na mesa perto da lavanderia, Blackjack (meu favorito) no bar do pai do Bryce e uma variação de *beer pong* na mesa de pingue-pongue.

Quem não estava jogando estava de pé, conversando e assistindo à TV. "Sleep When We're Dead" tocava a todo volume em uma caixa de som em algum lugar.

Richie pegou cervejas para todos, menos para mim, e eu tinha acabado de beber um gole de água quando Kyle disse:

— Ah, pelo jeito a Dani já está aqui.

— *O quê?*

— Ali, com a Lillie e a Cassie.

Se estivéssemos em um filme, eu teria cuspido a água ao me virar. Segui o olhar dele até um canto e lá estava ela, rindo alto de alguma coisa que Lillie dizia, com um copo vermelho na mão.

E estava *gostosa* pra caramba.

Seu cabelo comprido estava solto, os lábios pintados de vermelho, e ela usava um top por baixo da camisa de flanela que deixava alguns centímetros de pele exposta, da qual meus olhos se recusavam a desviar.

Não havia nada de muito ousado em suas roupas, e ela mal estava usando maquiagem além do batom, mas para mim estava tão linda que chegava a ser ridículo.

Porque Dani parecia ganhar mais vida a cada dia. Ela ria enquanto Lillie falava, e o som de sua risada fez meus dedos se contorcerem. Aquela versão híbrida de Dani Collins — metade quem ela era e metade algo novo — era algo que eu *desejava* (*socorro, Deus*), alguém por quem eu me sentia desesperado de repente, como se precisasse alcançá-la logo, antes que outra pessoa fosse mais rápida que eu.

Só me dei conta de que estava indo em sua direção quando nossos olhos se encontraram, garantindo que ela me visse com clareza, porque em um segundo eu estava *ali*, bem na sua frente.

— Al! — gritou ela, sorrindo para mim e se jogando em meus braços.

Abracei sua cintura e perguntei em seu ouvido:

— Está bêbada, Collins?

Ela se afastou e abriu um sorrisinho provocador.

— Só porque estou feliz de te ver não significa que eu esteja bêbada.

— No meu caso, significa que eu estou bêbado, sim — disse Richie.

Richie, que eu tinha esquecido que existia.

— Mas desconfio que você nunca tenha beijado o Alec — rebateu ela, sorrindo para meu amigo ao se desvencilhar do abraço. — É isso que me faz

ficar *tão* feliz quando ele chega.

Uau, ela estava *com tudo*.

Minha garota com certeza estava bêbada.

— Eca — respondeu Richie. Pelo jeito como estava olhando para Dani, percebi que ele ficou surpreso por ela estar tão soltinha. — Vou ter que acreditar na sua palavra.

— Aliás, eu já queria ter dito isso depois do último jogo, Richie — comentou ela. — Mandou bem. Vi você acertar aquele taco muitas vezes, então… sabe… vai, hóquei!

Ele balançou a cabeça, mas estava rindo ao dizer:

— Juro por Deus que devem ter feito alguma confusão no hospital. Uma neta do Mick Boche jamais diria uma coisa dessa.

— Mas ela diz… acabou de dizer, na verdade — respondeu Dani com um sorrisinho. — E, ah, é… bela maçã.

— O quê? — perguntou ele, olhando para Dani como se ela tivesse enlouquecido.

— Você deu uma assistência — explicou ela. — O que no hóquei as pessoas às vezes chamam de *apple*, maçã.

— Ah, temos uma especialista no assunto — retrucou Richie, rindo com vontade.

— Isso mesmo, *Richard* — falou ela, em tom de provocação, e senti um calorzinho no peito ao vê-la brincando com meus amigos.

Eu estava feliz, orgulhoso e simplesmente *aliviado* por ela enfim se abrir e estar sendo ela mesma com eles.

— Mas você não parecia exatamente uma especialista no parque hoje — comentou Vinny ao se juntar ao grupo. — Está muito dolorida? Bater tantas vezes nas muretas deve doer. Está machucada, Boche?

Achei que ela fosse corrigi-lo quanto ao sobrenome, mas tudo que fez foi rir como se fosse um elogio.

— Acho que menos do que seu ego depois de ter apostado contra mim, *Cabelinho* — rebateu ela.

Nessa hora eu perdi tudo. Estendi a mão para puxá-la mais para perto pela camiseta, gargalhando.

— Engraçadinha — resmungou Vinny, balançando a cabeça, mas sorrindo.

— Você contou ao Mick que fez um gol? — indaguei, abaixando a cabeça para que ela me ouvisse e tentando não sentir seu perfume, que sempre me

deixava inebriado. — Ele surtou?

— Tanto quanto meu avô é capaz de surtar — contou ela com uma risada. — Acho que a resposta dele a "eu fiz um gol" foi "parabéns, mas quantos você evitou?".

— É um bom argumento — falei. — Muito esperto.

— Ei, venha aqui — chamou Dani, me segurando pela manga. — Vamos tirar uma selfie.

Ela se aproximou e estendeu o celular para tirar uma foto. Então sorriu para o aparelho, aconchegada à minha frente, a festa ao fundo.

— Você sabe que não vai poder postar essa por causa da cerveja — avisei, tentando não me concentrar no cheirinho do cabelo dela.

— Então acho que vou ficar com esta só para mim — retrucou ela, estendendo o celular para me mostrar a foto.

Da qual eu gostei. Muito.

Gostei *da gente* na foto.

E gostei dela, naquele momento. A distância que havia entre nós desde o episódio no shopping tinha desaparecido, e ela não parava de me provocar. Devia ser resultado do que quer que houvesse em seu copo, mas eu estava gostando.

— Está se divertindo, Collins? — perguntei, gostando também do fato de ela continuar encostada em mim, a cabeça sob meu queixo.

— Estou — respondeu ela, com um sorrisinho.

Engoli em seco quando ela virou para olhar nos meus olhos.

Estou perdido. Completamente perdido.

— Então, Alec — disse ela, colocando o cabelo atrás das orelhas e mordiscando o lábio inferior, como se não soubesse muito bem o que fazer. — Quer assistir ao pessoal jogando Duvido?

— Claro — respondi, sabendo que era idiota gostar tanto do quanto ela parecia nervosa.

Porque eu me sentia do mesmo jeito desde o momento em que ela tirou minha camisa naquele banheiro do shopping. A lembrança de seus dedos macios em meus ombros não ia embora por nada, e a eletricidade daquele momento continuou com a gente desde então.

E, durante uma hora, tudo foi absolutamente perfeito.

Eu me sentei em uma cadeira, julgando os desafios do pessoal, sóbrio, e ela se sentou no meu colo porque não havia mais nenhuma cadeira livre. Eu

estaria mentindo se dissesse que não tirei proveito da oportunidade, abraçando sua cintura para puxá-la mais para perto, até suas costas se apoiarem em meu peito.

Dani virou para olhar para mim.

— Está ousado, hein, Zeus?

— É uma reclamação? — falei, me perguntando o que ela faria se eu beijasse seu pescoço.

Estava obcecado com aquele pedacinho dela desde que o vi de perto no vestiário.

Ela estudou meu rosto por inteiro.

— Não, só constatando um fato.

— Fato registrado — respondi, com uma piscadinha, o que a fez rir e beliscar minha coxa.

Meu coração deve ter parado algumas vezes, mas tudo bem.

Então o pai dela ligou.

Dani encarou a tela do celular, mordendo o lábio como se estivesse nervosa.

— É melhor eu atender — disse ela.

— Agora? — indaguei, egoísta, pois não queria que ela se levantasse.

— Ah, são umas cinco da manhã na Alemanha, e ele é… você sabe… — respondeu ela, dando de ombros.

— Seu pai?

Ela assentiu.

— É. Já volto.

Dani foi para o andar de cima para atender, e demorou um *bom* tempo. Tanto que comecei a ficar preocupado.

Mas, quando subi para ver se estava tudo bem, ela já tinha desligado e estava conversando com Cassie e Lillie na cozinha vazia.

Juro por Deus que não tive a intenção de bisbilhotar, mas fiquei paralisado assim que me aproximei.

— Então, eu não sei — disse Dani, com a voz embargada. — Tipo, não quero me mudar de novo, mas talvez seja uma boa ideia ir, sabe?

— De jeito nenhum — respondeu Cassie. — Você não pode ir embora. É seu último ano.

— Quer dizer, eu acho que não vou — afirmou ela —, mas faltam só alguns meses e eu *acabei* de chegar aqui. A essa altura do campeonato,

qualquer escola serviria, não?

Voltei para o porão, porque não era um idiota que ia ficar escondido num canto ouvindo a conversa alheia. Ainda assim, fiquei muito confuso, me perguntando o que o pai dela estava aprontando.

Talvez ela se mudasse de novo? *Já?*

Fingi prestar atenção nos garotos e no jogo, mas cada pedacinho de mim estava em alerta esperando por ela. Precisava saber o que estava acontecendo.

Como ele podia pensar em fazer aquilo com a filha de novo?

Ela devia estar surtando.

Mas, ao voltar, alguns minutos depois, Dani sorriu como se nada estivesse acontecendo.

E mentiu para mim.

— Tudo bem com seu pai? — perguntei.

Minha vontade era abandonar aquela festa para que pudéssemos pensar no que fazer.

Ela assentiu e revirou os olhos.

— Ele precisava do número da minha identidade para algum registro da Aeronáutica e não lembrava.

E…

Esperei, mas ela não disse mais nada.

— Só isso? — insisti. — Às cinco da manhã?

Ela assentiu mais uma vez.

— É a cara dele fazer isso. Ele é impaciente demais. O que eu perdi?

Você não vai mesmo me contar?

— Vinny deu um mortal para trás e quebrou a mesa de cartas — respondi, mas minha mente estava à toda.

O que estava acontecendo?

Dani não ia me contar que talvez fosse embora?

Quer dizer, ela não me devia nada, né? Era um relacionamento de mentirinha, então não tinha que me contar tudo o que estava acontecendo em sua vida. Isso era o que as pessoas faziam em um namoro *de verdade*, e eu precisava cair na real.

Ela me contaria se quisesse, e torci para que aquilo tudo fosse só o coronel sendo o babaca de sempre.

Tudo bem ela não me contar.

Mas, quando ouvi Dani conversando com Cassie e Lillie perto do barril de cerveja um pouco depois, me senti bem menos compreensivo.

Porque Lillie perguntou sobre nós dois, sobre nossa história.

— Então vocês nunca namoraram nem *nada* antes? Era só amizade mesmo?

— Sim e não — falou Dani, mas me recusei a olhar para ela. — Sempre fomos só amigos, mas ele foi meu primeiro beijo.

Gostei muito de ouvir seu tom de voz quando ela disse aquilo, como se fosse algo especial para ela, porque, bem, *para mim* também era. Tentei ao máximo me concentrar no jogo de hóquei que estava passando na TV — *para de bisbilhotar, seu otário* —, mas então senti um soco no estômago quando ela deu uma risadinha e disse a coisa mais ridícula que eu já tinha ouvido.

— Mas estamos juntos agora, o que é surreal, porque eu achava que ainda estava brava com ele pelo que fez naquela época — comentou ela, rindo. — Mas como posso guardar rancor de um garoto que fica tão lindo em uma camisa de hóquei?

O quê?

O que foi que eu *ouvi*?

Dani ainda estava brava pelo que *eu* fiz?

Ela estava falando sério?

O que exatamente *eu* fiz?

Minha vontade era confrontá-la, enfim ter *aquela* conversa, porque pelo jeito nós *precisávamos* falar sobre o que tinha acontecido naquela época.

Mas, quando olhei para Dani alguns minutos depois, ela abriu um sorriso e deu uma piscadinha, caramba.

O sorriso da minha parceira no crime.

Minha parceira no jogo do namoro de mentirinha.

Ela parecia estar se divertindo muito, reescrevendo a história enquanto jogava o nosso jogo.

Então que se dane, pensei.

Não importa.

Ela podia reescrever a história e esconder o que quisesse de mim.

Caramba, ela não era minha namorada, e eu precisava me lembrar disso.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Dani

— Onde conseguiu esse casaco, Cachinhos Dourados? — perguntou Alec, me olhando de cima a baixo quando me apoiei em seu armário, esperando por ele com Cassie.

— Sua mãe me emprestou — respondi.

Queria ter a habilidade de ler pensamentos quando ele parou à minha frente. Eu tinha pegado seu moletom de hóquei porque achei que ele fosse gostar, mas era impossível decifrar a expressão em seu rosto.

Sua reação me deixou meio decepcionada depois da festa do Bryce, quando Alec passou a noite toda mexendo comigo daquele jeito *tão* fofo. Eu sentia um frio na barriga sempre que me lembrava dele me puxando mais para perto durante o jogo do pessoal, me provocando baixinho à queima-roupa, comigo *em seus braços*.

Em seu *colo*.

Quase fiquei louca.

Eu tinha quase certeza de que ele achava que meu comportamento na festa tinha a ver com bebidas alcoólicas, mas, como alguém que não curtia abrir mão do controle em situações sociais, eu sabia muito bem que a Pepsi Black que bebi a noite toda não tinha influenciado em nada.

— Ficou bonito em você — comentou ele, mas parecia faltar alguma coisa no *jeito* como ele disse.

O que tem de errado com Alec?

— Ah, obrigada — respondi, com uma piscadinha, tentando soar brincalhona embora estivesse sentindo um embrulho no estômago.

Porque ele com certeza *estava* estranho.

— Por que não está na biblioteca? — perguntou, inserindo o código do armário e olhando para Cassie. — Você não adora ler nesse horário?

— Estou a fim de almoçar no refeitório hoje — respondi, de repente receosa com aquela ideia.

Alec abriu o armário.

— Virou a srta. Extrovertida agora, é?

— Finalmente, sim — disse Cassie. — E vamos logo, Z, porque as torradinhas do bufê de saladas sempre acabam.

— Calma — respondeu Alec, em tom de provocação, e me senti melhor porque ele abriu um sorrisinho e pareceu voltar a ser o velho Zeus.

Ufa.

Ele largou os livros no armário, e fiquei surpresa ao perceber que, mesmo com os amigos dele ao meu lado e um número considerável de gente conhecida na multidão, o refeitório da escola continuava sendo assustador. Tanto barulho, tantas risadas desagradáveis; sempre achei que o refeitório fosse o equivalente escolar do pátio da prisão.

As pessoas cheias de energia depois de passarem o dia trancadas, o ar carregado.

Mas eu estava preparada. Tinha jogado *boot* hóquei com aquelas pessoas. Almoçar com elas não seria nada de mais, certo?

Como se conseguisse ler minha mente ansiosa, Alec apertou minha mão.

E isso, combinado à familiaridade da mesa em que paramos, acalmou meu coração acelerado.

Porque Kyle, Richie e Vinny estavam em um dos bancos, almoçando, e alguns outros garotos do time, além de Liz e Lillie, que estavam no outro.

Era uma mesa segura.

Era estranho, mas de um jeito bom.

Como se fôssemos todos amigos.

É claro que eu não fazia ideia se isso mudaria quando Alec e eu colocássemos um fim ao nosso acordo. O que eles achariam de mim?

Estava cada vez mais difícil me concentrar no panorama geral, porque o modo como eu me sentia em relação a tudo tinha mudado.

Os treinos de hóquei, por exemplo.

De repente estavam muito diferentes.

Agora, quando não estava filmando, eu me sentava ao lado de Cassie e nós *duas* estudávamos juntas (quando ela não estava roubando comida do quiosque). Eu assistia ao treino e não me importava só com Alec. Via o time

todo ralando, e queria que eles chegassem à final quase tanto quanto o restante da escola.

Eles só falavam disso, era a única coisa que parecia importar.

Quase dava para sentir no ar ao entrar no Doug, a arena.

O mural na parede, que contava a história de Southview no hóquei, de repente parecia maior e mais visível, como se estivesse esperando o acréscimo daquele fato IMPORTANTE.

E a intensidade do time durante os treinos era inacreditável. Alec ainda parecia ser o jogador mais concentrado, mas não tinha como negar a seriedade de todos. Aquele era o time que tinha o potencial de fazer algo inédito, e todos pareciam cientes da importância disso.

No entanto, conforme o fim de semana se aproximava, comecei a perceber a tensão que pairava sobre Alec.

Ele continuava o mesmo garoto engraçado, mas parecia passar o tempo todo distraído pelos próprios pensamentos.

Sorria, mas o sorriso não alcançava seus olhos. Fazia piadas, mas seus lábios demoravam a exibir aquele sorrisinho. Era como se ele não conseguisse evitar pensar no torneio e no quanto queria aquilo.

Só faltava um jogo.

E ninguém sabia a dor que ele estava sentindo. Sempre que eu perguntava sobre seu ombro, ele dizia que estava tudo bem, mas eu percebia que ele não queria conversar a respeito.

Parte de mim queria sussurrar que tudo ia ficar bem independentemente do que acontecesse, mas ele não ia gostar de ouvir aquilo.

Eu queria poder tranquilizá-lo como ele fazia comigo, para variar.

Saber como fazê-lo relaxar.

Porque tudo o que eu queria era que ele fosse feliz.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Alec

Acho que estou com uma úlcera.

Era improvável, mas com o jogo tão próximo, meu apetite desapareceu e parecia que eu estava sempre com azia.

Faltava apenas a final regional — só mais um jogo — para garantir nossa ida ao X, o Xcel Energy Center.

Não importava o que eu fizesse, meu cérebro não parava de pensar no assunto.

Primeiro de tudo, é claro, eu estava obcecado por vencer porque estávamos *todos* obcecados por isso. Era o nosso ano e o Colégio Southview estava destinado a voltar para casa com o troféu.

Era só a gente querer, como o treinador Oz fazia questão de lembrar todo santo dia.

Mas eu também não parava de pensar em todo o resto.

Dani e eu estávamos fazendo progresso no que dizia respeito à minha reputação, mas isso não teria importância se eu não mandasse bem. Sabia que os olheiros e repórteres estariam lá e que meus pais estariam assistindo ao jogo com o coração na boca, então eu precisava dar um jeito de corresponder às expectativas — mesmo que meu ombro estivesse tão ferrado que me obrigasse a fazer um rodízio de paracetamol e ibuprofeno, além do banho constante de pomada analgésica.

Mas… e se eu falhasse?

Como meus pais pagariam as dívidas se eu não fosse convocado?

Eu me entreguei à minha personalidade despreocupada de Zeus (Dani dizia que era minha personalidade do hóquei), mas a verdade era que eu me sentia como um menino nervoso, o pequeno Alec assustado com medo de ser ruim nos esportes.

Minha mãe preparou meu jantar favorito na quinta-feira — caçarola de pepperoni — e, enquanto eu comia, meus pais falaram sobre o jogo com tanto entusiasmo que quase não consegui respirar, tamanho o peso que sentia no peito.

Dois dias, *puta merda*.

Todos os times de hóquei do estado que tinham chegado às finais regionais estavam surtando naquele momento.

Só mais uma vitória para jogarmos no X.

Eu estava ficando doente de tanto que queria aquilo, juro.

Jogadas, penteados, comemorações — tudo o que envolvia o torneio era de elite, e todos queriam chegar lá, custe o que custar. Acrescente a isso toda a tradição de Southview e eu estava *prestes* a vomitar.

— Tudo bem, filhão? — perguntou meu pai, dando uma pausa na falação sobre o jogo para engolir o jantar. — Você passou a semana toda quieto.

— *Eu* passei a semana toda quieta — disse Ashton, ainda mais porque estava em uma fase em que simplesmente roubava a fala dos outros, o tempo todo.

Se alguém dissesse que saiu para dar uma caminhada, Ashton tinha saído para dar uma caminhada. Se dissesse que estava cansado, Ashton estava cansada.

No dia anterior, meu pai tinha dito que Ed estava enchendo o saco dele sobre uns equipamentos de caça, e ela olhou bem para mim e dissera:

— Ed está enchendo meu saco.

— Estou bem — respondi, por fim. — Só cansado.

— Será que não está levando isso tudo a sério *demais*? — indagou minha mãe. — Amo que você seja competitivo, Al, mas precisa relaxar. Não vai querer surtar de tanta preocupação.

— Eu sei — falei, perdendo a fome.

— E, no fim das contas, é só um jogo, né?

Minha mãe sorriu para mim como sempre fazia quando estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor a respeito de alguma coisa, o mesmo sorriso de quando colocava curativos na época em que eu era um menino desastrado e me ralava o tempo todo.

Só um jogo?

Eu tive que me segurar para não rir.

Todos sabíamos que não era *só* um jogo.

Hóquei era *o* jogo.

Ainda mais em Minnesota, e principalmente naquela casa, onde o hóquei era nossa salvação (embora ninguém ousasse dizer aquilo em voz alta).

Caramba, eu *queria* que fosse *só* um jogo.

Mas não era. Essa era a verdade.

— É claro que você quer ir para o torneio, e este ano vocês estão ótimos e devem conseguir, mas… se não acontecer, não é o fim do mundo, certo? — acrescentou ela.

Certo.

— Sua carreira esportiva no ensino médio vai acabar, mas é só o início para você — garantiu minha mãe. — Então vá com tudo, mas lembre-se de que, de qualquer jeito, este jogo não é o fim.

Eu precisava que um raio atravessasse o telhado e me atingisse.

— Você vai começar um novo capítulo — concluiu ela.

Meu pai sorriu.

— Meu Deus, imagina se um dia você vestir a camisa de um dos seis times originais da Liga Nacional… — disse ele.

— O quê?

O que é isso, pai?

Era loucura dizer aquilo em voz alta.

Ter esperança de que um dia eu vestisse uma das camisas dos times mais lendários, tipo, da história do hóquei???

— Quer dizer — comentou ele com um sorriso, pegando a caçarola e se servindo de mais um pouco de comida —, não quero atrair nenhum tipo de azar, mas posso sonhar, né?

Cadê aquele raio?

O raio não veio, mas a campainha tocou.

— Eu atendo — falei, quase saltando da cadeira. — Deve ser o Kyle.

Não tinha motivo algum para achar que pudesse ser o Kyle, mas precisava sair dali antes que tivesse um infarto. *Por favor, que seja o Kyle, por favor, que seja o Kyle.*

Mas, quando abri, era Dani, toda agasalhada, de cachecol, gorro e botas.

Meus pensamentos evaporaram de repente.

— Oi — cumprimentou ela, com um sorrisinho tímido.

— Oi — respondi, chocado ao vê-la ali. — Você está precisando de alguma coisa?

— Quem é… Ah! Oi, Danizinha — disse meu pai atrás de mim. — Entra logo antes que você congele.

— Na verdade… — começou ela, sorrindo como sempre fazia ao ver meu pai, como se estivesse muito feliz. — Eu queria checar se seu filho não quer dar uma caminhada comigo.

Espera… o quê?

— Você veio andando até aqui? — perguntou meu pai. — Quer dizer que está enfim ficando mais resistente?

— Não, estou com três meias dentro das botas e com duas calças.

Meu pai começou a rir, e ela arqueou a sobrancelha para mim.

— E aí? Quer dar uma voltinha ou não?

Eu tinha quase certeza de que nunca quis tanto algo na vida quanto queria caminhar com ela naquele momento. Dani não só estava me resgatando daquela conversa no jantar, como estava linda toda agasalhada daquele jeito.

E fazia muito tempo que eu não saía para caminhar com Dani Collins.

Merda, é uma péssima ideia.

Porque, por mais que eu negasse, a relação com Dani estava começando a parecer real demais.

Já fazia um tempinho, na verdade.

Quer eu gostasse ou não.

Isso não significava que eu fazia alguma ideia do que queria ou do que fazer com aquela percepção, mas de repente essa era a realidade.

— Vamos nessa — falei, calçando os sapatos e pegando o casaco.

Assim que saí e fechei a porta, indaguei:

— Aonde você quer ir?

— Quem sabe pelo velho caminho…

Quando ela passava o verão com a gente, fizemos o "velho caminho" muitas vezes, só para nos afastarmos de nossos pais, conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Sempre íamos até o fim do quarteirão, virávamos à esquerda na escola primária, e dávamos uma volta ao redor do parque antes de voltar.

— Pode ser. Mas vá pela grama para não escorregar.

A noite estava fria, mas não tanto quanto nas duas últimas semanas.

Talvez ela não morresse congelada.

— E aí? — perguntei, tirando as luvas do bolso e calçando-as. — Por mais que eu queira pensar que você não ia aguentar ficar sem me ver esta noite, alguma coisa me diz que não é só isso.

— Uau, você é tão intuitivo — respondeu ela, batendo o ombro no meu.

Era um gesto entre amigos, não significava nada, mas o fato de ela estar sempre esbarrando e encostando em mim *provocava* alguma coisa em meu peito.

Porque ela não fazia isso com mais ninguém.

Eu sabia disso porque passava muito tempo olhando para ela.

— Eu sei que sou — falei.

— Na verdade, eu quis vir porque você parece muito estressado nos últimos dias — disse ela, abaixando um pouco o gorro (meu gorro). — E não gosto de ver você assim.

— Não gosta? — *Ela não gosta de me ver estressado.* — Por quê? Você se preocupa com o coitadinho do Alec de antes ou algo do tipo?

— Mais ou menos — respondeu ela, rindo. — Quer dizer, você é meio que a mesma pessoa.

— Idiota — falei, e desta vez *eu* bati o ombro no dela. — Me chamando de coitadinho.

— Não é essa a questão, Barczewski.

— Eu sei, Collins — retruquei. — E estou bem. Só estou concentrado no jogo.

E em você, no que você disse na festa e no fato de que estou começando a querer passar cada segundo do dia ao seu lado, mas não posso, porque… o que vai acontecer no futuro? Eu nem sei se você gosta de mim… E que merda é essa, que merda é essa?

— Eu entendo — disse ela, enfiando as mãos nos bolsos do casaco. — Mas… é só isso mesmo? Todas as vezes em que olhei para você esta semana parecia que você estava carregando o peso do mundo nos ombros. Foi só impressão?

Olhei para a rua tranquila à minha frente, para a neve caindo, e quis poder dizer que ela estava errada, que eu estava me virando.

Eu me virei para ela, e deve ter sido o jeito como Dani estava olhando para mim, aquela expressão familiar, porque de repente me ouvi dizer:

— Só estou me sentindo pressionado.

Em vez de me olhar como se estivesse chocada, ela manteve os olhos no caminho à frente.

— Pressionado para garantir a vitória do time? — perguntou.

Se fosse qualquer outra pessoa, não sei o que eu teria conseguido dizer em voz alta.

Explicar para alguém além de mim era impossível.

Mas, ao olhar para Dani, as palavras só saíram:

— Pressionado para ser Zeus.

Ela franziu o cenho e, desta vez, olhou para mim.

— Explica melhor.

Não tinha como. Eu não conseguia olhar para Dani — ainda mais quando ela estava me olhando *daquele* jeito — e abrir o jogo sobre todas as minhas inseguranças. Simplesmente *não* tinha como.

Mas aí ela entrelaçou os dedos nos meus, juntando nossas mãos enluvadas, olhando para mim como quem tinha toda a paciência do mundo para esperar que eu reunisse coragem para responder.

E foi o que eu fiz.

— Eu amo hóquei, mas tem tanta gente contando comigo que estou com medo… o tempo inteiro… de decepcionar todo mundo — admiti, e, depois de começar, não consegui mais parar. — E, tipo, meus pais precisam muito que eu seja contratado por um time da Liga Nacional. Eles ainda devem uma fortuna ao hospital por todas as cirurgias e as seções de fisioterapia do meu pai, então, se eu não conseguir algo importante, não vai ter esperança para eles. Eles vão perder tudo.

As palavras foram saindo enquanto caminhávamos pelo quarteirão e continuaram a sair quando viramos a esquina. Eu seguia falando quando demos a volta na escola primária. A liberdade de dizer em voz alta o que estava na minha cabeça havia tanto tempo parecia até inebriante.

— Detesto que tantas pessoas estejam contando comigo para consertar tudo, porque… e se eu não conseguir?

Dani ficou um tempinho sem dizer nada depois que terminei meu discurso. Continuou só andando ao meu lado enquanto a neve caía devagar, e eu quis registrar aquela imagem porque parecia importante.

Parecia tão… *a gente*.

Era a versão de inverno do que fizemos em tantas noites de verão, caminhando e conversando.

— Você sabe que seus pais vão ficar bem, não sabe? Quer dizer, eles amam você e querem que seja feliz — disse ela. — Acho que não precisa ganhar um

campeonato estadual e ir para a Liga Nacional para que eles sobrevivam.

— Dani, eles gastaram metade da vida, e do dinheiro que tinham, comigo. Agora tiveram esse azar terrível e meu pai não consegue mais trabalhar, e os gêmeos querem jogar hóquei, o que custa uma fortuna, e, tipo… eu *preciso* dar isso a eles.

— Eu sei — respondeu ela, com um sorrisinho. — E vai dar… eu sinto que sim. Mas, se não conseguir fazer isso, vai ficar tudo bem. Vai mesmo.

— Como você sabe?

— Eu não sei — confessou ela, dando de ombros. — Mas sei.

— Genial — falei, dando risada e apertando seus dedos com uma força um pouco exagerada para provocá-la. — É genial mesmo, Collins. Você não sabe, mas sabe. Temos uma mente brilhante de Harvard bem aqui.

— Genial é minha bunda — rebateu ela, com uma risadinha, retribuindo o aperto.

— A bundinha perfeita que eu não posso elogiar?

A risada se transformou em uma gargalhada.

— Minha bunda, a bunda do Vinny, a bunda do Oz… qualquer bunda, Barczewski.

— Você veio mesmo até aqui só para caminhar comigo? — perguntei ao perceber que já estávamos de volta à minha rua.

Ela deu de ombros.

— Sempre funcionou quando éramos crianças. Eu tinha a sensação de que podíamos conversar sobre qualquer coisa quando andávamos por aqui.

— Você é muito sábia — falei, balançando o braço esquerdo bem aberto e com força para empurrá-la um pouco para a frente, como sempre fazia antigamente.

— Uma mente brilhante de Harvard bem aqui — retrucou ela, rindo, tropeçando e apertando minha mão, e logo puxando o braço esquerdo para me trazer de volta para perto.

Mas Dani escorregou na neve, perdendo completamente o equilíbrio. Soltou um gritinho ao cair, aterrissando de bunda no chão coberto de neve, e eu teria dado risada, mas ela me puxou junto.

— *Droga!* — exclamei ao cair bem ao lado (meio em cima) dela, rindo enquanto Dani gargalhava.

Tinha tanta neve que nem doeu.

— Você está bem? — perguntei, me apoiando nos braços e me inclinando sobre ela. — Dani?

Ela assentiu, rindo e se apoiando nos cotovelos. Com os olhos enrugadinhos, sorriu e disse:

— Isso é a cara da Dani e do Alec de antigamente.

— É mesmo — respondi, olhando para aquele rosto que estava *bem* embaixo do meu, inclinado como se estivesse esperando por mim.

O mundo ficou quieto, tão silencioso que tudo o que eu ouvia naquela noite escura eram as batidas do meu coração.

Tudo o que eu via eram seus olhos castanhos, olhando para mim.

Tudo o que eu podia querer eram aqueles lábios reluzentes, curvados em um biquinho, sua respiração suave tão perto que me causou um arrepio.

Vi seus olhos percorrerem meu rosto, buscando, questionando, e naquele momento não liguei para mais nada. Não me importei com o passado ou o futuro, porque nada além do presente me interessava.

Ela.

Isto aqui.

Nós dois.

Baixei a cabeça e beijei seus lábios, ávido. *Ganancioso.* Não estava nem aí para o que era mentira e o que não era, porque para mim era tudo real. Aquilo não era parte de um jogo, e não era para os outros verem.

Não, aquele beijo era *nosso*.

Ela respirou fundo, trêmula, como se estivesse prestes a mergulhar, e aquele som foi o estopim. Algo foi detonado, como se o pavio que estava aceso havia tanto tempo enfim tivesse chiado, explodindo minha cabeça.

— *Caramba*, Collins — falei, sem afastar os lábios dos dela.

Como era possível ela ser tão perfeita?

Dani inclinou a cabeça, *minha gênia*, me fazendo ir mais fundo, e me perdi em seus doces lábios. Minhas mãos encontraram sua cintura — *odeio essas luvas, queria sentir sua pele* —, e eu tentava consumi-la. A gula não era meu objetivo, mas quando senti o sabor de seu beijo, me tornei insaciável.

Mais, mais, mais e mais.

Meu Deus, como eu desejo essa garota.

Seus lábios, sua língua e seu cheiro de suco de maçã eram meu mundo inteiro quando dediquei cada molécula do meu ser àquele beijo. Não porque

eu estava tentando provar alguma coisa, mas porque nunca quis tanto algo na vida como queria seus lábios.

Me dê tudo, querida, por favor.

Busquei sua língua, mordisquei seus lábios, como se estivesse *devorando* sua boca, porque precisava de mais. Ela retribuiu o beijo, e eu me senti insaciável, faminto, *selvagem*, como se fosse capaz de qualquer coisa para não ter que parar aquele momento.

Porque Dani retribuiu meu beijo como se sentisse a mesma coisa.

Suas mãos enluvadas não ficaram só descansando em meu rosto; não, elas tinham um propósito, me mantinham no lugar para que ela pudesse me beijar loucamente. Obrigada, Deus.

— Alec… — Ela suspirou, ainda me beijando.

— Hummm.

— A luz da varanda — disse ela, e ouvi o sorrisinho em sua voz.

— Hummm?

— Alec — repetiu ela com uma risadinha, se afastando. — A luz da varanda da casa acabou de acender.

Abri os olhos, e ver seu sorrisinho também me fez sorrir.

— E daí?

— E daí que seu vizinho está praticamente jogando água na gente — respondeu ela, ainda rindo ao afastar as mãos do meu rosto. — Temos que ir.

— Mas eu não quero — admiti, porque tinha medo de que, se nos mexêssemos, nunca mais voltássemos àquele momento.

— Venha — insistiu Dani. Ela se afastou de mim, se levantou e me estendeu a mão. — Vamos, Barczewski.

Deixei que ela me levantasse e me levasse até a minha porta, mas quando Dani me deixou na varanda, me dei conta de que continuava sem saber de nada. Fiquei observando enquanto ela se afastava sob as luzes da rua, como se fosse tudo o que eu sempre quis, mas não fazia ideia do que aquele beijo queria dizer — se é que queria dizer alguma coisa — ou como ficaríamos depois daquilo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Dani

A sexta-feira começou com uma irritação em forma de mensagem de texto.

Ben Worthington: Se algum dia precisar de uma carona para a escola, eu vou para aqueles lados, então é só falar.

É… não. A última coisa de que eu precisava era que Alec ou seus amigos vissem que Benji me mandou mensagem, então o que eu mais queria era que ele esquecesse meu número.

A caminho da escola, o clima do dia mudou de irritante para estressante.

Porque meu pai começou a mandar mensagem.

Pai: Daniella Grace, eu gostaria que você me ligasse hoje. Estou ficando sem tempo e paciência.

Droga. Olhei para minha mãe e me senti tomada pela culpa. Ela dirigia observando a rua, alegre, alheia às mensagens traiçoeiras que eu trocava. Eu precisava responder, ainda mais depois de ele ter parecido tão inesperadamente… *gentil* quando conversamos na festa do Bryce. Meu pai estava impaciente esperando pela minha resposta, claro, mas também pareceu sentir saudades de mim.

A situação toda estava me deixando estressada porque tornava a decisão mais difícil.

Eu: Tá... desculpa.

Meu coração acelerou quando meu celular vibrou com a resposta:

Pai: Não deveria ser tão difícil assim.

Enfiei o celular na mochila me sentindo péssima por ler as mensagens dele ao lado da minha mãe. Não parei de pensar nisso durante o restante do caminho, minhas mãos trêmulas e o pânico deixando meu peito apertado. Eu imaginava vários cenários sem parar.

Fazer o que ele queria e destruir a mamãe — e talvez a mim mesma — ou dizer não e perder a oportunidade de me aproximar dele para sempre.

Tive que ir até o banheiro jogar uma água no rosto quando cheguei à escola, porque os pensamentos estavam ficando altos demais para que meu corpo os ignorasse.

Mas a cada segundo que eu passava sem me preocupar com meus pais, eu pensava em Alec, o que me dava frio na barriga.

E não o friozinho gostoso que eu sentia ao pensar no beijo.

Não, era um frio desagradável.

Porque eu não fazia ideia do que estava acontecendo entre a gente.

Ou de como me sentia a respeito — *aaaaaah*.

Meus sentimentos por ele eram verdadeiros? Claro que sim.

Aquele foi o beijo mais incrível do mundo e definitivamente não foi de mentirinha?

Sim, com certeza.

Mas será que queria dizer alguma coisa a respeito do nosso relacionamento?

Não fazia nem ideia.

Só porque eu gostava dele e tinha gostado *muito* do beijo não queria dizer que: (A) ele sentia o mesmo por mim, ou (B) deveríamos fazer alguma coisa a respeito. A faculdade continuava esperando por mim do outro lado do país, e o hóquei esperava por ele.

Conclusão: nós dois juntos era má ideia.

Ainda mais com ele lidando com tanta pressão por causa do hóquei. O melhor que eu podia fazer como amiga era apoiá-lo e *não* ser uma distração, certo?

Ele não precisava que nosso "namoro" tirasse seu foco.

No entanto, embora eu tivesse essas conversas internas sinceras comigo mesma, parte de mim não queria ouvir.

Porque talvez… *nossa*, eu ficava apavorada só de pensar no assunto, mas talvez não fizesse mal sentir algo a mais por ele. Talvez não fizesse mal *ter* algo a mais com ele, porque Alec era a exceção.

Calma, calma.

Eu estava pensando demais, meus nervos à flor da pele, porque, para além dos sentimentos por ele, eu precisava me preocupar com a final regional que aconteceria no dia seguinte. Agora que eu sabia o quanto Alec estava estressado e a pressão que estava sentindo, havia muita coisa em jogo.

Ele segurou minha mão quando o encontrei em frente ao seu armário, e o olhar que me lançou mexeu comigo, mas nada de incomum (considerando o namoro de mentirinha) aconteceu entre nós dois. Tivemos aula de Oratória e almoçamos juntos, mas o dia inteiro se passou exatamente como teria acontecido antes do beijo.

O que, claro, me deixou distraída, pensando no que aquilo significava.

Fiquei feliz ao ouvir o último sinal tocar porque precisava de uma folga dos meus pensamentos.

Fui com Alec até o Doug, onde o time teve uma reunião rápida. Eles repassaram o plano de jogo do dia seguinte e patinaram um pouco, mas foi um treino tranquilo.

Cassie não estava lá (ela tinha uma consulta médica), então fiquei sentada na arquibancada observando Alec o tempo todo feito uma stalker.

Seu corpo amplo, patinando com tanta facilidade; o jeito como ele manobrava o disco com o taco como se fosse uma extensão do próprio braço; o som grave de sua voz quando ele gritava… será que algum dia eu deixaria de ficar tão fascinada?

Já estava meio eufórica de tanto observá-lo quando ele me mandou uma mensagem enquanto eu trancava o depósito.

Alec: Preciso da sua ajuda.

Todos já tinham ido embora, mas eu estava acostumada com o fato de Alec ficar por último.

Eu: O que foi?

Alec: Você sabe que sou supersticioso, né?

Isso me fez sorrir, porque ele não passava de um garoto bobo no que dizia respeito a superstições.

Eu: Sei.

Alec: Bem, depois do treino que antecedeu o melhor jogo da minha vida, uma garota entrou no vestiário e minha corrente e o colar dela ficaram presos. Foi uma loucura.

Dei uma risadinha, então olhei em volta para ter certeza de que ninguém tinha aparecido do nada para tirar sarro daquela bobeira.

Parece que a barra está limpa.

Eu: Ah, é?

Alec: É. Não tem ninguém aqui, e tenho certeza de que os treinadores foram embora, então... será que você...

Arquejei, e talvez tenha dado outra risadinha, ao ler a mensagem.

Eu: Você é maluco e DE JEITO NENHUM.

Minha mente logo voltou a seu peito nu e ao cheirinho de seu pescoço no vestiário abafado. Cheirinho de sabonete.

Alec: POR FAVOOOOOOOR? Você sabe o quanto este jogo é importante. Estou desesperado tentando recriar tudo o que aconteceu antes do outro.

Eu não podia fazer aquilo. Sério, *não podia.*

Então por que estava indo em direção ao vestiário? Quer dizer, ele estava lá, fazia sentido ir e conversar com Alec pessoalmente em vez de ficar mandando mensagem, né? Era só isso que eu estava fazendo. Indo até onde ele estava para dizer o quanto aquele pedido era ridículo.

Olhei em volta quando cheguei ao vestiário, e não havia outra alma no Doug. Eu sabia que devia ter alguém em algum lugar, as pessoas que abriam e trancavam o ginásio, mas não pareciam estar por perto naquele momento.

— Alec? — chamei, abrindo a porta, com um frio na barriga e o coração acelerado.

— Aqui — respondeu ele.

Se eu tivesse desmaiado naquele instante, não teria sido exagero da minha parte.

Ali. Estava. Ele.

Desta vez, eu estava enxergando bem, sem lágrimas nos olhos, e de repente me perguntei se aquilo não seria um erro. Porque Alec parecia ser *muito* mais do que eu daria conta naquele momento.

Parecia perigoso, de alguma forma.

Seu peito estava despido, e desta vez perfeitamente em foco. Músculos peitorais, abdominais e bíceps — *puta merda*, os bíceps. Engoli em seco e agradeci por ele estar de calça, porque acho que teria saído correndo se ele estivesse só de cueca de novo.

Eu teria entrado em combustão espontânea ou derretido em uma poça no chão.

A música que tocava em algum lugar no vestiário não estava ajudando a me acalmar.

Sweat, lose your breath
Any way you move, I'm into it

— Estou com a impressão de que isso é uma ideia idiota, burra, péssima — falei, indo até ele.

— Ah, querida — respondeu Alec, o olhar cheio de malícia —, quase todas as superstições são assim.

Parei à sua frente, não perto demais, mas o suficiente.

— Ah, é?

— É — confirmou ele, e percebi que não estava prestando atenção em nossas palavras.

Ele me encarava, os olhos escuros fixos nos meus, e parecia que nós dois estávamos agitados, como água prestes a ferver.

— Beleza. — Pigarreei. — Então, o que *exatamente* estamos fazendo aqui?

— Com "exatamente" você está tentando diferenciar o objetivo do fato de que estamos perto demais um do outro em um vestiário e eu não estou completamente vestido?

— Sim, isso mesmo, obrigada por esclarecer — falei, dando risada.

— Pelo que me lembro — disse ele —, eu abracei você, que retribuiu meu abraço e aí meu colar e sua corrente ficaram presos e eu tive que nos soltar.

— É o que eu lembro também — concordei, mas o que saiu foi quase um sussurro.

— Então vamos nessa — decretou ele.

Embora eu soubesse o que iria acontecer, por algum motivo fiquei chocada quando ele me envolveu naqueles braços fortes. O frio na barriga aumentou e a adrenalina percorreu meu corpo quando deslizei as mãos em sua pele, retribuindo o abraço, como se eu tivesse tocado um fio desencapado ou algo do tipo.

Fechei os olhos e deixei que seu cheiro preenchesse meus sentidos, tentando agir como se estar envolta nos braços dele não fosse nada de mais.

Mas, quando me afastei, meu colar e a corrente dele não ficaram presos um no outro.

— Não acredito — lamentou ele, sorrindo para mim com os olhos semicerrados. — Acho que vamos ter que tentar de novo.

— Isso é ridículo — respondi, dando risada. — Tem certeza de que não é uma armação sua?

— Do que está falando, Collins? — perguntou ele, a voz grave fazendo aquela provocação parecer sensual. — Você acha que eu gosto quando você

coloca as mãos no meu peito? Acha que eu *gosto* de me agarrar com você no vestiário?

— Acho que é possível — respondi, me perguntando por que estava com tanta dificuldade de falar.

— É, eu não detestaria se fossem necessárias dez tentativas — retrucou ele. — Venha aqui, vamos fazer esses colares ficarem presos um no outro.

Alec me puxou para perto mais uma vez, apertando minha cintura com tanta vontade que quase me senti esmagada contra ele, no melhor dos sentidos. Então me levantou um pouco do chão, e tive dificuldade de respirar e, quando nos afastamos, meu colar e a corrente dele estavam presos um no outro.

Senti que ele estava sorrindo, mas não pude vê-lo porque Alec estava com o rosto pressionado no meu pescoço.

— Sucesso — sussurrou Alec, e soltou os colares.

Fechei os olhos e sua respiração fez minha pele se arrepiar.

— Acho que beijei seu pescoço da última vez, não foi? — perguntou ele, bem, bem baixinho.

— Hum — soltei em um suspiro, incapaz de formar palavras.

— Tenho quase certeza de que sim — insistiu ele, e seus lábios estavam tão próximos do meu pescoço que pude sentir a vibração em sua voz. — Não queremos mexer com a superstição, né?

— Bem, se é disso que você se lembra… — falei, ciente de que nós dois sabíamos que isso não tinha acontecido. — Definitivamente não queremos mexer com a…

Perdi a linha de raciocínio quando seus lábios tocaram minha pele. Devia haver uma rede de terminações nervosas bem naquele ponto, porque todas as células do meu corpo faiscaram e se agitaram no instante em que senti sua boca.

— E, se me lembro bem — disse ele, roçando os dentes em meu pescoço —, talvez eu tenha mordiscado também.

Meus olhos se fecharam por conta própria e minha cabeça tombou para trás. *Como é que Alec sabe como fazer isso comigo?*

— É, talvez você tenha feito isso mesmo — respondi, e meus dedos do pé se curvaram dentro dos sapatos quando ele soltou uma risada *bem* sexy no meu pescoço.

— Você gosta disso, Collins? — Ele praticamente *rosnou* contra minha pele.

— Não tenho certeza, talvez você devesse fazer de novo — disse em um suspiro, e cerrei os dentes quando ele obedeceu.

Santo Deus, pensei, com as mãos em sua nuca, enquanto ele fazia coisas incríveis com a boca em meu pescoço. Em algum lugar do meu cérebro um alarme disparou, porque aquilo era uma péssima ideia, mas logo foi silenciado pela sensação do corpo de Alec pressionando o meu contra os armários.

— É melhor a gente parar — protestei, deslizando os dedos nas mechas espessas do cabelo dele, mas definitivamente não parei.

Nem sequer diminuí o ritmo.

— Quer dizer — falei com dificuldade, embora não estivesse me esforçando nem um pouco para me desvencilhar dele —, não queremos que a sorte penda demais para o outro lado.

— Collins — resmungou ele, sem afastar os lábios da minha pele, então ergueu a cabeça para sorrir para mim com aqueles olhos sonolentos e sensuais. — Se eu te beijar, você para de falar?

— Só tem um jeito de saber — provoquei, me sentindo ousada de repente.

— Isso, essa é minha garota — murmurou ele.

Então seu sorrisinho desapareceu, se transformando em algo mais quente, e seus lábios tocaram os meus. Alec começou a me beijar, ávido, como se tivesse gostado da minha audácia, como se estivesse *fascinado* por isso, como se quisesse devorar cada pedacinho meu.

Ah, meu Deus, ele beija tão bem quanto joga hóquei.

Senti sua boca quente e feroz quando ele soltou minha cintura e apoiou as mãos atrás de mim, me prendendo contra os armários, pressionando o corpo no meu de um jeito que me deixou meio tonta.

Segurei seu cabelo com força, acompanhando o beijo, mas então um barulho do lado de fora do vestiário me fez voltar à realidade.

— Ah, alguém deve vir logo para trancar o vestiário — avisei, sabendo que era verdade, mas incapaz de me mexer.

— É, tem razão — respondeu ele, ainda me beijando, e então se afastou.

Seus olhos escuros e seu sorriso malicioso não ajudaram em nada com a tontura, ainda mais quando ele abaixou a cabeça e me deu um beijo

carinhoso no pescoço — o gesto que fez tudo começar — antes de se afastar de vez.

— Hum, tá — resmunguei, ajeitando o cabelo atrás da orelha e me sentindo meio aérea (é essa a sensação de estar bêbada?), concentrada em um ponto do vestiário.

— Tá — repetiu ele, com um sorrisinho. — Me dê cinco minutos para me vestir.

— Perfeito — falei, com calma, dando um jeito de sair do vestiário com as pernas bambas e fracas.

Não vi mais ninguém enquanto andava de um lado para o outro na arena fria, e, quando saiu, Alec abriu um sorriso e segurou minha mão.

O que estamos fazendo?, pensei ao entrelaçar os dedos nos dele.

Mas tudo o que eu queria era que ele continuasse segurando minha mão.

★ ★ ★

O jantar do time foi na casa de Alec naquela noite. Assim que entrei, me senti em casa, principalmente quando vi Sarah e John na cozinha, e minha mãe ali com eles.

— Não sabia que você estaria aqui — comentei com ela ao colocar o casaco no banco.

— Sarah pediu que eu ajudasse e achei que seria divertido — contou ela com um sorriso.

— Você só se esqueceu de fazer o bolo — disse o pai de Connor.

Connor era o goleiro do primeiro ano que nunca jogava, mas parecia muito legal.

— É aniversário de alguém? — quis saber.

— Não, mas sua mãe sempre fazia bolos quando estávamos no ensino médio. O de chocolate sempre foi o melhor de todos.

— Você fazia bolo para as pessoas? — perguntei, chocada.

Até onde eu sabia, minha mãe não cozinhava.

Tipo, nadinha.

Mas comecei a imaginar a Hannah do ensino médio vendendo bolos, como se tivesse uma barraca de limonada, mas com bolo de chocolate.

Não podia ser verdade, né?

Era estranho, mas a bolsa da Fricklinhauger também tinha parecido estranho.

— Às vezes — respondeu minha mãe, dando de ombros, e algo em seu sorriso deixou claro que aquilo era importante para ela.

— Estou morrendo de fome — disse Alec, e senti sua mão enorme em meu braço. — A gente deveria comer.

— Dani! — gritou Cassie da sala, onde todos estavam comendo. — Venha aqui!

Então foi a vez de Richie berrar:

— É, Collins, venha logo e traga esse seu namorado enorme junto!

Minha mãe riu com uma expressão feliz, e parte de mim se perguntou se aquele sempre foi seu lugar.

Em sua cidade natal, na cozinha da melhor amiga.

Quem sabe assando um bolo.

A culpa me atingiu em cheio ao pensar: o que ela teria se tornado se não tivesse engravidado de mim? Pelo jeito, minha mãe tinha o QI de um gênio, além dos talentos culinários, mas passara *dezoito anos* sendo a esposa de alguém da Aeronáutica.

Por minha causa.

Meu Deus, como eu podia *pensar* em ir embora e estragar aquela felicidade recém-encontrada?

— Preciso jantar — repetiu Alec, me cutucando de um jeito brincalhão. — Podemos comer, *por favor*, Collins?

— Tudo bem — respondi, e deixei que ele me levasse para a sala.

Por sorte o jantar do time me tirou daquele estado deprimente, e me dei conta de que me sentia, *sim*, à vontade sozinha com aquelas pessoas. Naquela cidade, sentada ao lado de Alec, preocupada com um jogo de hóquei que eu queria muito que meu time vencesse.

Aquilo tudo parecia real, e me dei conta de que eu meio que queria que fosse.

— Certo, ouçam! — exclamou o treinador Osman subindo na mesa da cozinha. Eu me perguntei se ele tinha pedido a permissão da Sarah ou do John para fazer aquilo. — Não preciso lembrar o que o jogo de amanhã significa.

A casa toda ficou em um silêncio mortal quando ele começou a falar, olhos e ouvidos focados nele. Incluindo os meus.

— Southview quer este campeonato desde antes de eu nascer — disse ele. — Mas sempre acabamos fracassando. Não desta vez. Este é nosso ano, garotos. Nós nos dedicamos, e vocês *são* as pessoas que vão fazer isso acontecer. Então vamos terminar o que começamos, certo? Amanhã vamos garantir a passagem para as finais e começar a escrever essa história.

Eu estava literalmente arrepiada quando ele terminou o discurso, porque, de algum jeito, aquilo era a coisa mais importante do mundo para cada um naquela casa. Naquela cidade. Eles tinham a oportunidade de mudar a história, de conquistar o troféu que completaria o orgulho daquele mural enorme, e isso parecia muito importante.

— Você se encaixa *tão bem* aqui — disse minha mãe quando paramos na entrada da garagem do vovô depois do jantar. — Sei que estou deixando você maluca, forçando-a a fazer coisas o tempo todo, mas é só porque quero ver a expressão que vi hoje no seu rosto.

Tive a impressão de que ela estava prestes a chorar, mas era um choro feliz, e também senti um aperto na garganta.

— Sei que sou irritante… — continuou ela.

— Você não é — interrompi.

— Não, com isso eu sou — admitiu ela, desligando o carro. — Mas quero que você tenha amigos que se importam com você. Amigos que celebram quando você chega e que ficam tristes quando vai embora. Você só tem dezessete anos, e não me importo tanto assim com sua vida amorosa, mas, se vai namorar, quero que seja com alguém como Alec, que olha para você como quem sabe a sorte que tem.

Olhei para a casa do meu avô pelo para-brisa, sentindo o efeito reconfortante daquelas palavras.

Eu queria que isso fosse verdade.

Quando entramos pela porta da cozinha, vovô Mick estava com o liquidificador ligado.

— Até que enfim — disse, olhando para nós por cima do ombro, de um jeito estranho.

Seus olhos estavam meio que brilhando, como se ele estivesse aprontando algo.

— A gente deveria ter chegado mais cedo, pai? — perguntou minha mãe, me olhando como quem diz *Qual é o problema do seu avô?* — Tem um toque de recolher que eu não estou sabendo?

— Cala a boca e senta aí, engraçadinha — respondeu ele.

— Sim, senhor — disse ela.

— Tudo bem — falei, largando a mochila no chão e me sentando ao lado da minha mãe. — É uma reunião de família ou algo do tipo?

— Não estrague meu glorioso momento dando uma de espertinha, Dani — retrucou ele, com um olhar alegre.

— Sua capacidade constante de *não* se censurar na frente da sua neta sempre me impressiona — comentou minha mãe.

— Eu não me censurava na sua frente e você está ótima — argumentou ele.

— Essa nem sempre foi sua opinião — rebateu ela.

— É, talvez eu tenha mudado de ideia — comentou ele, dando de ombros. — Talvez agora eu ache que você até que se saiu bem.

— Uau, que elogio.

— Essa demonstração toda de afeto é nojenta — falei.

— E aí, o que estamos esperando, pai? — quis saber minha mãe, se esforçando para dar uma de espertinha embora parecesse simplesmente feliz.

— Milk-shake — respondeu meu avô, desligando o liquidificador.

Quase chorei de emoção.

Milk-shake.

Ele deu aquele sorriso de orelha a orelha do vovô Mick, o sorriso que sempre oferecia para mim quando vínhamos passar o verão com ele.

O sorriso que sempre reservou para sua Danizinha.

Sua Danizinha, que era *obcecada* pelo milk-shake de chocolate que ele fazia.

— Você fez milk-shake?! — exclamei, quase gritei, surtando com aquela surpresa inesperada. — Está de brincadeira? Fala sério!

— Não, não estou. Você tem jogo amanhã, então pensei que deveríamos comemorar.

— Você sabe que sou só a assistente do time, né? — perguntei.

— Sei, mas a assistente é muito importante. Tão importante que fiz milk-shake e comprei um presente para você.

— Você comprou um presente para mim? — Desta vez, eu gritei *de verdade*.

— Aqui. — Ele pegou uma caixa e jogou na mesa à minha frente. — Abra.

— Sério?

Era uma caixa de papelão de tamanho médio, o mesmo tipo de caixa que usavam para entregar filtros de geladeira ou detectores de monóxido de carbono.

Abri a caixa e tirei de dentro o que pareceu ser uma peça de roupa bordô. Quando ergui, era uma camisa do time de hóquei de Southview.

— Não fazia sentido você ainda não ter uma, então tive que consertar isso — declarou vovô Mick.

Por um momento fiquei sem palavras, analisando a emoção no rosto do meu avô, que parecia nervoso.

— Eu amei — falei, com o peito cheio de emoção, olhando para o tecido pesado da camisa, porque me dei conta de que me sentia meio em casa em Southview.

Não, não… não era bem isso. "Em casa" é meio forte.

Eu me sentia à vontade em Southview.

O touro dos Packers na frente da camiseta me fez pensar na escola e nos amigos de mentirinha que eu tinha lá, amigos de mentirinha que pareciam muito amigos *de verdade*. Aquela sensação em meu coração ao olhar para a camisa era uma bobeira, mas fazia muito tempo que não me sentia à vontade em lugar nenhum.

— Agora veja as costas — disse meu avô, entusiasmado, e ficou óbvio que ele estava mais apaixonado pelo presente do que eu.

Senti um aperto na garganta ao olhar para o sorriso bobo do vovô Mick.

Virei a camisa e vi que as costas eram personalizadas.

O número do vovô Mick — nove —, e meu sobrenome.

Ao lado do sobrenome *dele*.

.

Ele ainda não tinha pedido desculpa pelo que aconteceu no velório da minha avó, mas quando o abracei e ele retribuiu meu abraço como nunca, eu soube que enfim tínhamos superado aquilo tudo.

Naquela noite, demorei horas para dormir, meu cérebro num turbilhão.

Alternava entre a felicidade do momento com meu avô, a confusão porque eu também estava feliz com meus amigos e Alec, algo que eu não esperava, e o terror de me dar conta de que em menos de vinte e quatro horas a final já teria terminado.

Rezei como um monge, deitada ali no escuro, rogando por jogadores de hóquei que queriam conquistar um futuro, velhinhos ranzinzas que eu amava com todo meu coração e ombros lesionados que faziam com que garotos fortes ficassem fracos.

Por favor, Deus.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Alec

— Al, acorda — disse Ashton, e senti quando ela subiu na minha cama.

— É, Al, acorda — repetiu Cole, dando uma risadinha. Os dois começaram a pular no colchão.

— Para com isso, gente — resmunguei com a cara no travesseiro, me virando devagar e abrindo os olhos.

Claro demais.

Tinha sido impossível dormir naquela noite — às três da manhã eu ainda estava acordado, encarando o teto e repassando jogadas na cabeça —, então aquele despertador tão cedo era muito indesejado.

Foi quando ouvi a risada dela.

Olhei para a porta e vi Dani ao lado da minha mãe e de Hannah, rindo como se minha batalha com os gêmeos fosse a coisa mais engraçada que ela já tinha presenciado.

— Por que está aqui se ainda é hora de dormir? — indaguei, sentindo uma felicidade patética ao vê-la. — Quer levar uma travesseirada? Quer levar um fora do capitão gato dos Packers de Southview? Quer me ver chorar, Collins, é isso?

— Se eu quero que você pare de fazer perguntas? Hum, *sim* — falou ela, e nossas mães riram mais ainda. — Trouxemos café da manhã, então trate de levantar a bunda dessa cama e descer.

— Ela disse "bunda" — falou Ash, e deu uma risada bufada.

— Ela disse "bunda" — repetiu Cole, com uma risadinha.

Soltei um gemido, ainda não queria levantar.

— Não gosto que pulem na cama, e não gosto de comer de manhã… você sabe disso, *Dan* — resmunguei.

Nunca gostei de café da manhã. Embora comesse um donut de vez em quando, só sentia fome algumas horas depois de ter acordado.

— Fomos à Kriz, seu resmungão — respondeu ela —, e comprei duas rosquinhas de chocolate para você. Então não é café da manhã comum, são donuts.

Tudo bem… é bem diferente.

— É, seu resmungão — concordou Ash, aos risos.

— Resmungão — repetiu Cole, com uma risadinha.

— Agora levanta essa bunda da cama antes que eu coma sua comida — disse Dani.

Depois de os gêmeos repetirem "bunda" mais umas cinco vezes, o quarto ficou em silêncio.

Eu me levantei da cama e cambaleei até o banheiro, respirando fundo ao repassar o dia. Tomei um ibuprofeno, abri o zíper do moletom que estava usando para dormir para não ter que erguer os braços pela manhã quando o ombro ficava dolorido demais e tomei uma ducha rápida antes de descer.

Quase como se ela soubesse que o dia ia ser uma batalha para mim, Dani estava sentada à mesa com minha família — e a mãe dela — quando entrei na cozinha.

— Até que enfim, *Al* — falou, sarcástica, porque sempre achou engraçado eles me chamarem assim.

Ela dizia que parecia que eles estavam conversando com um senhor vendedor de calçados cinquentão.

— Não sabia que tinha regra para acordar cedo em dia de jogo — comentei.

— Bem, se vai comer donuts no café da manhã, vai precisar de tempo para o açúcar baixar e a energia voltar a subir.

— Você pensa em tudo, né?

— Penso — replicou ela com um sorrisinho.

Um sorrisinho que me fez pensar *hoje não*.

Eu estava me apegando demais àquele relacionamento, e não tinha dúvida de que era verdadeiro para mim.

Era.

Mas Dani *sempre* foi real para mim.

Sempre foi o sonho.

Não percebi na época, mas ela foi preparando o terreno durante todos aqueles verões que passamos juntos, estabelecendo os precedentes para qual seria o meu tipo de garota.

Dani Collins — era esse meu tipo.

Ponto-final.

Só esperava que também fizesse o tipo *dela*.

Mas agora não era hora de pensar na minha vida amorosa.

Não havia nada mais importante do que a vitória naquele dia.

Aquele precisava ser meu único foco.

Dani e a mãe foram embora antes mesmo de eu terminar o primeiro donut, e depois disso fui até o porão e comecei a assistir a jogos passados, mergulhando nos registros do time do Edina. Passei horas assistindo, me familiarizando com jogadores que, na verdade, eu já conhecia muito bem, observando seus hábitos e pontos fracos.

E quando enfim chegou a hora de ir ao Doug me aquecer, eu me sentia pronto.

Vamos nessa.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Dani

Eu estava montando a câmera quando meu pai mandou mensagem.

Pai: Cheguei. Acabei de pagar. Devo sentar em algum lugar específico?

O quê??? Olhei para a arquibancada, o coração acelerado.

Eu: Espera, você está em Southview? No jogo de hóquei?

Não.

Não era possível.

Ele não podia estar *lá*, no jogo, podia?

Por que ele estava na cidade para começo de conversa???

O pânico irradiou pelo meu peito. *Isso não pode estar acontecendo. Ainda nem falei com minha mãe sobre a situação.* E agora ele estava aqui. Sem nem avisar.

Não, não, não, não, não.

Olhei para onde os pais dos jogadores estavam sentados, e vi minha mãe com John, Sarah e os gêmeos, bem no meio da fileira.

Dei um salto quando meu celular vibrou, e senti o coração prestes a sair pela boca quando li:

Pai: Como é quase impossível falar com você, decidi vir até aqui para conversarmos. Pensei em fazer uma surpresa!

Nãonãonãonãonãonãõãõãõãõãõãõão!

Eu: Vou estar ocupada durante o jogo com o trabalho de assistente e o ginásio está lotado, talvez seja melhor a gente se encontrar depois. Em que hotel você está?

Por favor, por favor, vá embora.

Pai: Já comprei o ingresso, Daniella. Vou assistir ao jogo e podemos conversar depois.

Meu Deus, não conseguia acreditar que ele estava mesmo aqui.

Eu: Parece uma boa.

Minhas mãos estavam tremendo e meu estômago se revirava porque agora eu teria que lidar com aquela situação. Não havia mais como evitar, eu teria que falar a verdade para o meu pai.

Quero morar aqui com a mamãe, mas também quero que você volte para que a gente possa se ver.

Não queria dizer essas palavras, não para o coronel, mas ele era meu pai. Embora aquela ideia não fosse perfeita, ele faria o sacrifício para passar um tempo comigo, certo?

Voltei a olhar para a câmera e comecei a filmar antes de começarem a anunciar os jogadores, decidindo que meus pensamentos negativos teriam que esperar até o fim do jogo.

Eu precisava me concentrar.

Vi Alec patinando em direção ao banco, tão sério que era difícil acreditar que era mesmo ele.

Parecia cruel.

Seus olhos escuros estavam focados, os lábios formavam uma linha reta e me senti enjoada *por* ele, porque sabia o quanto Alec queria aquilo.

O quanto *todos* eles queriam.

Caramba, era só olhar ao redor do Doug para *sentir* a eletricidade emanando de tanto que *a cidade inteira* queria aquilo.

— Estou tão nervosa!

Desviei o olhar de Alec quando Cassie surgiu ao meu lado.

— É, eu também.

— Já se deu conta de que, se a gente ganhar, em menos de uma semana vamos estar em um hotel no centro da cidade perdendo aula para ver os garotos jogando hóquei o dia todo?

— Você não pode dizer "*se* a gente ganhar" — falei. — Tem que dizer *quando*. Repita do jeito certo.

— Alguém está ficando supersticiosa — comentou ela, com um sorriso de provocação.

Não falamos mais nada enquanto eles anunciavam o time do Edina (embora os estudantes que estavam na torcida tivessem *muito* a dizer) e, quando anunciaram "os seus Packers de Southview" e a multidão foi à loucura, Cassie e eu gritamos feito fãs malucas.

E ficou ainda pior.

Gritamos quando anunciaram Richie, berramos quando anunciaram Vinny, e Cassie assoviou com os dedos quando anunciaram Kyle.

Mas, quando anunciaram Alec, senti meu coração prestes a sair pela boca.

Os gritos de "Zeus" eram ensurdecedores, e quando ele entrou patinando quase tive um treco. Eu tinha visto vários repórteres espalhados pela arena e, segundo ele, olheiros da Liga Nacional e das faculdades também estariam lá. Parte de mim estava nervosa demais para ficar entusiasmada — eu meio que queria vomitar —, e a outra parte não parava de olhar para ele.

Era bobo pensar nisso naquele momento, mas ele estava muito lindo com o uniforme. Por mais que fosse difícil curtir aquele… *pedaço de mal caminho* sabendo que ele devia estar muito nervoso.

Por favor, ganhem, por favor, ganhem, por favor, Deus, que eles ganhem.

Tive a sensação de que parei de respirar quando o disco tocou o gelo.

O time do Edina era *bom*, tão bom que eu estava sofrendo palpitações. Eles estavam nos intimidando, fazendo um jogo *muito* agressivo com aquelas camisas verdes idiotas, mas Alec estava sempre em cima da jogada, empurrando os oponentes contra as laterais do rinque e correndo atrás do disco.

Eu era suspeita para falar, mas pude jurar que estávamos respondendo à altura *por causa* dele. Alec parecia estar sempre no lugar exato para evitar que eles marcassem, e parecia sempre mandar o disco para onde ele precisava ir, e, quando isso acontecia, *quase* marcávamos.

Infelizmente, eles também tinham um jogador como Alec.

Quando pausei a câmera no primeiro intervalo, minha pressão parecia estar em um nível nada saudável. Nenhum dos times tinha pontuado ainda.

— Isso é loucura — reclamou Cassie. — *Precisamos* assumir o controle do jogo.

Olhei para onde os pais estavam e minha pressão pareceu subir ainda mais quando me perguntei onde estaria o coronel.

— Ei, você se importa se eu for cumprimentar meu pai rapidinho? Ele acabou de chegar na cidade.

— Claro — respondeu ela. — Vá. Você precisa falar com ele.

Eu tinha contado para ela sobre a situação com meu pai na festa do Bryce, quando Cassie me encontrou quase aos prantos depois de ter conversado com ele, e desde então estava com medo de ela comentar com alguém.

Com Alec, especificamente, porque ele não precisava dessa distração.

— Eu sei, eu sei — falei, como se não fosse nada de mais.

Subi as arquibancadas, mas parei ao avistá-lo.

Meu pai estava sentado na última fileira, perto do mural, e olhava fixamente para alguém.

Minha mãe.

Ele esticava o pescoço, olhando para onde ela estava, bem no meio dos pais dos garotos do Packers. Minha mãe parecia feliz, parecia se encaixar ali, e ele pareceu detestar isso.

Aquilo era triste e me deixou com o estômago embrulhado.

Não tinha ideia do que fazer naquele momento, então fiz a única coisa que podia.

Voltei para onde estava filmando o jogo e torci pelo melhor.

— Que rápido. Como foi? — perguntou Cassie quando sentei ao seu lado.

— Desisti — admiti, fazendo de tudo para não encará-los. — Não falei com ele.

Naquele momento, os garotos voltaram para o rinque, e assim que vi o número sete parei de pensar em meu pai. Porque o jogo recomeçou tão intenso quanto tinha parado. O Edina marcou quase de imediato, mas no minuto seguinte, *graças a Deus*, Richie mandou o disco para o gol e empatou o placar. Gritei ao ver Alec erguer o taco e patinar até nós, comemorando.

Depois disso, o jogo ficou ainda mais tenso. Alec jogou o número seis do Edina de cara contra a lateral do rinque e foi enviado para o banco de suspensão, mas, quando os torcedores do Edina o provocaram pelo vidro, ele deu uma risadinha como se achasse aquilo a coisa mais adorável do mundo.

Nossa, aquela arrogância era muito atraente.

Marcamos mais um gol — do Kyle desta vez —, mas o time adversário marcou na sequência.

Eu nunca teria imaginado que um jogo de hóquei pudesse ser tão instigante e eletrizante daquele jeito.

Já estava ficando sem voz de tanto gritar, ainda mais quando Alec marcou um gol três segundos antes do fim do período.

Cassie derrubou a câmera ao levantar de um salto, e começamos a pular juntas, nos abraçando aos berros. Só me abaixei para levantar o tripé quando vi Alec cercado pelos jogadores. Eles bateram o peito no acrílico em frente aos torcedores fanáticos, e a multidão foi à loucura.

Eu estava emocionada, com o coração quentinho — quase chorei de felicidade quando eles saíram do rinque, energizados com a vantagem repentina.

Não saí do lugar durante o intervalo porque não queria ver aquela cena — a situação entre meus pais — de novo.

Observar a máquina alisando o gelo e pensar no jogo parecia muito mais divertido.

Qualquer pensamento sobre meus pais desapareceu quando os garotos voltaram. Voltei a gravar e me concentrei em Alec — *como sempre* —, observando seu rosto enquanto ele se preparava para o terceiro e último período.

O time demorou trinta e três segundos para marcar. Kyle acertou o rebote de um chute do Richie em um ataque dois contra dois, e Cassie e eu quase quebramos a câmera mais uma vez, pulando e gritando.

Depois disso, eu não fiquei parada, porque o relógio parecia avançar muito devagar. Sim, estávamos ganhando, mas o adversário era bom demais para que relaxássemos. Eu batia palmas e gritava coisas sem sentido que ninguém além de mim ouvia ou entendia. Então, quando faltava um minuto para acabar, a multidão começou a fazer a contagem regressiva dos segundos, até que… cinco, quatro, três, dois… um!

— Ah, meu Deus! — gritei, levantando de um salto.

— Puta merda! — berrou Cassie, abraçando o zelador que estava ao lado dela.

A sirene soou, anunciando o fim do jogo.

Estávamos nas finais do estadual!

— Ah, meu Deus! — exclamou Cassie em meu ouvido, então pulamos abraçadas e celebramos a plenos pulmões com o restante da arena.

Eu gritava, chorava e pulava, mas meus olhos se mantiveram fixos em Alec e no time.

Estava acontecendo — nós jogaríamos no X!

Eu mal conseguia enxergar através das lágrimas de felicidade quando o time se amontoou em frente aos alunos. Assistindo à comemoração com Cassie, eu soube que nada daquilo era de mentira. Por mais que tentasse impor um afastamento, tudo ali era real.

O time, Cassie, o Doug, Southview — eu estava obcecada com cada parte daquele momento, não como alguém que estava usando aquelas coisas como

pano de fundo de uma farsa, mas como alguém que queria fazer parte daquilo tudo.

— Você está tão feliz! — observou Cassie, olhando para meu rosto molhado de lágrimas e assentindo. — Olhe só para você!

Ela me envolveu em um abraço que me fez chorar ainda mais de felicidade.

Olhei para as arquibancadas enquanto ela me abraçava, e vi meu pai de pé ao lado do mural, conversando com Big John.

Droga, ele está conversando com Big John.

Nas poucas lembranças que eu tinha do meu pai em Minnesota com a gente, como em viagens rápidas para um casamento ou uma formatura (nunca durante um mês inteiro nas férias de verão), ele sempre pareceu se dar bem com John. Não diria que eles se *gostavam*, mas se davam bem.

Então será que eles tinham *acabado* de se encontrar ou será que minha mãe já sabia que meu pai estava lá? Dei uma olhada rápida no celular quando Cassie me soltou, e a ausência de mensagens da minha mãe — e do meu pai — deixou claro que ainda não tinham se encontrado.

Mas *droga, droga, droga*, era questão de tempo.

— Garotas!

O troféu foi entregue, e o treinador Oz nos chamou para participar das fotos.

Pelo jeito, as assistentes *de fato* faziam parte do time.

Engoli em seco e fui com Cassie, rindo com ela. Um calor tomava conta do meu peito, um quentinho que parecia *reluzir* de tão intenso. Porque a foto iria para o anuário, talvez até para o mural, e meu tempo em Southview *nunca* seria esquecido.

Segui Cassie até o gelo enquanto algum adulto gritava instruções na tentativa de fazer o time se organizar para as fotos, mas, quando meus olhos encontraram os de Alec, os olhos escuros do meu melhor amigo, de quem eu estava tão orgulhosa, tudo entrou em suspensão.

Corri até ele e seus braços grandes me envolveram no abraço mais apertado do mundo.

— Você conseguiu — falei, e as lágrimas voltaram a cair. — Isso foi incrível, Barczewski.

— Obrigado — respondeu ele.

Amei ver seu sorriso largo quando nos afastamos.

Era o sorriso do meu velho amigo, o sorriso do garoto mais feliz que eu já tinha conhecido.

— Vocês vão para as finais estaduais! — Soltei um gritinho, e ergui a mão para tocar a corrente em seu pescoço.

— Pode apostar — falou ele, apertando minha cintura e sorrindo, como se quisesse gritar mais uma vez. — Você sabe que vai ter que fazer a coisa do colar e da corrente no vestiário em todos os jogos, né?

— É claro que vou — concordei, quase sem fôlego de tanta alegria.

Ao olhar para seu sorriso e seus olhos semicerrados focados em mim, tudo o que vi foi o Alec que sempre amei, o menino nerd que beijei no galpão.

Não havia nenhum Zeus ali, nenhum namorado de mentirinha — só o *meu* Alec.

Caramba, eu amo esse garoto.

Esse pensamento tomou conta de mim, chocante, ao mesmo tempo, nada surpreendente.

— Seu rosto — disse ele, aqueles olhos castanhos curiosos. — O que houve?

Meu coração acelerou quando o olhei nos olhos, e não consegui me segurar:

— Eu quero muito, muito que isso seja real.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Alec

— Espera, o quê?

Eu me aproximei ainda mais, mas ela estava com os olhos arregalados e a boca fechada, como se estivesse chocada com as próprias palavras.

— Vou precisar que você repita — pedi, com calma, o que foi muito engraçado porque parecia que eu estava prestes a sofrer um infarto.

Senti o peito apertado ao olhar para aqueles olhos castanhos e aquelas ondas loiras. O jeito como Dani evitava olhar para mim e mordia o lábio inferior me fez pensar tanta coisa que parecia que a minha cabeça estava prestes a explodir.

Precisava que ela repetisse. Estava cheio de esperança e, se tivesse entendido mal, precisava saber logo.

— Dani, querida, você deveria ficar aqui deste lado já que Cassie está daquele — gritou a esposa do Oz em frente ao time, tentando organizar a foto. — E Zeus… você precisa ficar na fileira de trás no meio.

— Só um segundo — falei, com os olhos ainda fixos no rosto de Dani, esperando.

— É melhor a gente ir — disse ela, olhando de relance para o restante do time, nervosa.

Quando ela deu um passo e se virou de costas para mim, não pude deixar de segurá-la pela camiseta personalizada do Southview superdescolada e puxá-la de volta.

Ela olhou para mim, surpresa.

— Preciso saber o que você quis dizer, Dani.

— Precisamos de você aqui, Zeus! — berrou o treinador.

— É… a gente conversa mais tarde, porque… — começou ela.

— Esperem um pouco — gritei para todos que não fossem a Dani. — Preciso de um minutinho.

Soltei um suspiro e olhei para ela, me esforçando para manter a calma.

— Diga com todas as letras, Collins.

— Eu quero que isso seja real — admitiu ela. — Nós dois.

Ela balançou a cabeça e logo se explicou, como se estivesse tentando apressar as coisas:

— Tudo o que eu disse de mentirinha pareceu real e quero que seja real, mas não tem problema se você quiser que continue sendo encenação.

Eu quero que seja real.

A sensação de infarto voltou enquanto ela balbuciava.

— Na verdade, talvez seja melhor que continue sendo de mentira — disse ela, o rosto corado —, então acho que a gente deveria…

Eu a interrompi com um beijo.

Não pude me segurar; a sensação era de que eu ia desmoronar se não a beijasse naquele instante.

Ela retribuiu o beijo, agarrando minha camisa bem ali, no gelo, enquanto o time esperava por nós e todos os torcedores ainda estavam na arquibancada.

Não conseguia me conter. Não conseguia parar.

Porque era real.

Eu me deixei levar pelo momento — mais uma vez —, mas então ouvi aplausos e assovios.

Não sei ao certo quem riu primeiro, Dani ou eu, mas isso enfim nos fez parar.

— Tá — falei, pigarreando e me perguntando como era possível ela ser tão bonita, sorrindo para mim com aquela camisa de hóquei e aqueles óculos. — *Agora* eu posso posar para a maldita foto.

Se me mandassem não sorrir, teria sido impossível. Aquele dia ficaria marcado como um dos melhores da minha vida. Vencer o Edina, garantir a vaga nas finais estaduais, ouvir Dani dizer que aquilo também era real para ela… o que mais eu poderia querer?

Que meu ombro parasse de latejar, mas isso está começando a parecer impossível.

Assim que terminamos as fotos, fui atrás dela outra vez.

— O que você vai fazer depois daqui? — perguntei, pois queria muito comemorar com ela. — Não pode simplesmente ir para casa.

— Não sei — respondeu, uma ruguinha surgindo entre as sobrancelhas. — Meu pai está aqui, então eu…

— Não acredito… o coronel está aqui? — Ali estava uma coisa que eu poderia querer: que o pai dela *não* estivesse na cidade. O que ele estava fazendo lá? — Por quê? Você sabia que ele vinha?

— Hum, não — falou ela, gesticulando com uma das mãos como se não fosse nada de mais.

— Ele veio só fazer uma visita, ou…

Precisava que ela fosse sincera.

— É, eu não faço ideia — replicou ela, parecendo desconfortável, como se não quisesse tocar no assunto. — Acho que…

— Vamos todos ao Cro — disse alguém atrás de nós.

Ao nos virarmos, demos de cara com meus pais e Hannah.

— Bom jogo, filhão — elogiou meu pai, sorrindo e me puxando para um abraço e um tapinha nas costas. — Foi hóquei de gente grande.

— Obrigado — agradeci, retribuindo o abraço.

— E você neutralizou Bodie — comentou minha mãe com um sorriso. — Quer dizer, talvez tenha exagerado um pouquinho na força, mas foi bonito de ver.

Um pequeno exagero que me mandou para o banco de suspensão duas vezes. Eu amava minha mãe.

— Eu não odiei essa parte — falei, dedicando um tempinho para curtir o quanto eles pareciam felizes.

— Vocês… é… viram aonde meu pai foi? — perguntou Dani, esticando o pescoço para enxergar além deles.

— Ele vai encontrar a gente no Cro — respondeu minha mãe.

A resposta fez Dani olhar para a mãe. Ela parecia… estar processando a informação, como se estivesse tentando decidir alguma coisa.

— Kendall disse que eles deixaram uma banda de plantão para caso a gente ganhasse, então quando todos chegarem vai ter música ao vivo no andar de cima e o de sempre no de baixo — contou meu pai.

— Pelo jeito vamos todos ao Cro, então? — indaguei, ansioso para ficar uns minutinhos sozinho com Dani.

Quer dizer, eu não via a hora de comemorar com os caras, mas depois do que ela disse sobre tudo aquilo ser real e de como vinha agindo com meus

amigos e com o time em geral, de repente ela parecia uma parte importante da minha vida.

Não uma pessoa qualquer, não alguém que entrou no meu mundo do nada e que ficava meio que nos cantos, mas alguém que estava no centro de tudo.

E eu amava isso.

— Parece que sim — disse Dani com um sorriso, mas suas sobrancelhas franzidas me preocupavam.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Dani

As coisas entre nós estavam normais quando saímos do rinque, mas de repente Alec desatinou.

— Vamos — murmurou, me puxando na direção oposta à da vaga onde o Burrito estava estacionado.

Em vez de ir em direção ao carro no fim do estacionamento, ele me levou pela lateral do prédio — no meio da neve — e só parou quando chegamos a um canto escuro, minhas costas pressionadas na lateral do Doug.

— Pra onde estamos indo? — perguntei, mas o que saiu foi quase um sussurro.

A lua alta do inverno me permitia ver os contornos de seu rosto olhando para mim, e fiquei quase sem fôlego de tanto que eu queria que ele fosse meu namorado *de verdade*.

— Não faço a menor ideia — respondeu Alec. — Tudo o que eu sei é que preciso beijar você.

— Ah — soltei, sentindo o calor de seu corpo forte pressionando minhas costas contra a parede e suas mãos deslizando por meus cabelos.

— Já disse o quanto eu adoro seu cabelo? — indagou ele, seus olhos me deixando inebriada de tão concentrados que estavam em mim, percorrendo todo meu rosto.

— Eu… acho que não — falei, minha voz uma mera lufada de ar na noite.

— Não consigo olhar para você sem me perguntar quanto tempo demora para secar depois do banho — comentou ele, os dedos enrolando mechas aleatórias devagar. — Ou como deve ficar quando você abre esses olhos castanhos de manhã. Eu faria qualquer coisa para ver essa cena.

Suas palavras não eram tão maliciosas quanto pareciam, mas o jeito como ele as pronunciava, *santo Deus*.

— Você disse… alguma coisa sobre um beijo — falei, hipnotizada pelos movimentos lentos de seus dedos.

— Está com pressa? — perguntou ele, roçando o nariz no meu e fazendo meu corpo se arrepiar.

— *Sim* — sussurrei, ficando na ponta dos pés para me aproximar ainda mais dele.

— Que bom — disse ele, e se *lançou* sobre mim de um jeito que quase me fez desmaiar.

Porque foi diferente quando ele tocou os lábios nos meus e me beijou como meu namorado *de verdade*. Pareceu mais intenso, e ele mergulhou de cabeça, possessivo, ousado, com beijos avassaladores que fizeram com que eu me agarrasse a seu casaco para não derreter e virar uma poça no chão.

Meus Deus, ele sabe como mexer comigo.

Quando Alec me beijava daquele jeito, parecia que eu era tudo o que ele sempre quis, que estava desesperado para estar perto de mim.

Aquela percepção era poderosa, porque eu sentia exatamente a mesma coisa.

Enrosquei meus braços em volta de seu pescoço para puxá-lo para mais perto e ele emitiu um ruído de aprovação meio gutural, sem diminuir nem um pingo de todo aquele ímpeto.

— Zeus!

Eu me assustei ao ouvir a voz de Vinny, e tentei me desvencilhar de Alec.

— O que você quer, Vinny? — indagou Alec, quase sem se afastar e me olhando como quem *não* estava feliz com a interrupção.

— Vocês estão indo para o Cro?

Olhei por cima dos ombros de Alec e vi Vinny no banco de trás de um carro que eu não reconhecia, estacionado atrás do prédio.

— Vamos — respondeu Alec com um suspiro, deixando as mãos caírem junto às laterais do corpo. — Em um segundo.

— Beleza… a gente se vê lá — disse ele, e deu partida no carro.

— Acho melhor a gente ir — comentou Alec em meu ouvido, a voz tão grave que senti um arrepio.

Ele pegou minha mão e me guiou em direção ao estacionamento, mas… *aqueles são meu pais?*

Semicerrei os olhos e sim, puta merda, eram eles.

Meus pais — e vovô Mick — estavam parados ao lado do carro da minha mãe, a algumas vagas do carro do Alec.

— … e ela não deveria ser obrigada a morar *neste lugar* só porque você está tentando recuperar sua juventude, Hannah!

Meu Deus. Eles estavam discutindo.

Meu pai, sempre controlado, está quase aos berros em um estacionamento, pensei assistindo à cena, incrédula, e tive uma terrível sensação de que meu estômago estava embrulhando como nunca. Segurei a mão do Alec e o puxei de volta para que ficássemos entre os carros, onde eles não pudessem nos ver.

— Isso é conversa fiada e você sabe disso — rebateu meu avô, apontando para o peito do meu pai. — Se você se importasse com sua filha, aceitaria qualquer posto no país para ficar mais perto dela. Você viria para Offutt, mesmo detestando a cidade, só para ficar com ela de vez em quando. Aceitaria qualquer migalha porque ela é sua filha e é importante para você. Mas não, você tem que dar uma de manipulador e convencê-la de que ela tem que se mudar mais uma vez para ser digna do seu amor.

Alec segurou a manga da minha blusa e se aproximou.

— Que história é *essa*? Você vai se mudar de novo?

Pelo jeito como olhou para mim, vi que ele percebeu que aquilo não era nada bom, e também que esperava que eu abrisse o jogo sobre o que estava acontecendo.

Mas eu não fazia ideia de como explicar, porque sabia que Alec não entenderia.

Assim como minha mãe e meu avô não entenderiam.

Eles viam meu pai como um babaca, o que não era mentira, mas, por causa disso, não entenderiam que ele estava tentando, ainda que do seu jeito mandão de coronel, ser um bom pai.

Ele queria passar mais tempo comigo.

Estava disposto a morar em um lugar do qual não gostava *por minha causa*, e isso era incrível.

Sim, ele queria que eu deixasse minha mãe, o que eu não podia fazer, mas só porque me amava.

E isso era importante.

Era meio que o mais importante.

Senti um nó na garganta, e só balancei a cabeça.

— É complicado, mas não — falei.

— Ah, essa é boa vindo do homem que literalmente expulsou a filha e a neta de sua vida durante *anos* — vociferou meu pai. — Como pode falar em ficar com ela…

— É exatamente *por isso* que posso falar…

— Vamos — chamei, me virando e puxando Alec de volta para o lugar de onde tínhamos vindo. — Vamos dar a volta.

— Tem certeza? — perguntou ele. — Você está bem?

Olhei em seus olhos escuros e assenti.

— Vou ficar assim que esquecer tudo isso e for comemorar.

De repente ele arqueou as sobrancelhas como quem tem segundas intenções, e tirou a chave do bolso.

— Quer desistir do Cro?

— *Você* quer? — indaguei, surpresa por Alec querer perder a festa, mas aliviada, porque eu precisava de um tempo.

— Vai estar barulhento e lotado — respondeu ele, dando de ombros. — Estou mais no clima de algo reservado.

— Mas para onde a gente iria? — quis saber, olhando para ele enquanto dávamos a volta pelo outro lado do estacionamento até o Burrito. — Todo mundo que poderíamos visitar está no Cro.

— Verdade — concordou ele.

— Espera… e o galpão? — perguntei, porque estava curiosa para ver o lugar desde o momento em que desci do caminhão de mudança. — Ele ainda está lá?

Alec me olhou como se não acreditasse que eu estava sugerindo aquilo.

— O *nosso* galpão?

Amei saber que ele também pensava naquele lugar como nosso.

— É.

— Continua lá, para ser sincero — disse ele, parecendo estranhamente cuidadoso.

— Eu adoraria ir até lá! Quer dizer, a não ser que você não queira que as pessoas saibam…

— Não me importo se Cassie, Lillie e os caras souberem, mas por uma questão de preservação histórica, acho que precisamos manter certo segredo.

— Sim, com certeza — concordei, com um entusiasmo meio exagerado, porque a ideia de voltar ao galpão, ainda mais naquela noite, parecia meio

mágica.

E eu precisava de toda a mágica possível para esquecer o caos que era a presença repentina do meu pai.

Alec pegou o celular e mandou uma mensagem para o grupo, então voltou a guardá-lo.

— Vamos para o galpão.

— É uma ótima ideia — falei, sorrindo para ele.

Alec retribuiu o sorriso.

— Acho que *você* é uma ótima ideia, Collins.

CAPÍTULO QUARENTA

Alec

— Cass, Liz e Lillie não querem sair de lá — avisou Dani, olhando para o celular —, mas Vinny e Richie estão a caminho. Tudo bem por você?

Qualquer coisa que tirasse aquela preocupação do olhar dela estava tudo bem para mim.

Dani continuava feliz, mas dava para ver que a situação com o coronel a incomodava.

— Desde que você esteja lá, por mim tudo bem. Mas peça para eles levarem cadeiras e madeira — falei, segurando a mão livre dela enquanto dirigia, determinado a fazê-la esquecer tudo que não fosse perfeito.

Porque aquela noite era o mais próximo da perfeição do que qualquer outra.

Nós não tínhamos só nos beijado, a Dani estava comigo de verdade.

O Alec de nove anos estaria surtando e, para ser sincero, eu me sentia exatamente como aquele garotinho.

Eu *estava* surtando só de pensar que estávamos juntos *de verdade.*

Era difícil não sorrir feito um palhaço ao dirigir pela estrada que levava ao nosso galpão, porque aquele era o desfecho perfeito. Quando descemos do carro, a lua estava alta no céu. Peguei duas cadeiras no porta-malas e, quando abrimos a porta e entramos no galpão, foi impossível tirar os olhos de Dani, que observava o lugar.

— Meu Deus, parece uma máquina do tempo — comentou ela, impressionada, girando o corpo, olhando para o buraco no teto. — O cheiro é o mesmo, a sensação de estar aqui é a mesma.

— Loucura, né? — concordei, colocando as cadeiras no chão.

— Sabe, mesmo com meu pai aparecendo sem avisar, estou muito feliz. *O que quer* que ele faça não vai estragar o dia — comentou ela, virando para

mim com um sorriso largo. — Aliás, não sei se vai se interessar, já que você não é mais festeiro, mas peguei isso por via das dúvidas. — Ela tirou uma garrafa de champanhe da bolsa. — Mesmo que a gente só tome um golinho e depois jogue fora, acho que devemos comemorar sua noite.

— *Nossa* noite — corrigi, porque não parecia que a vitória era só minha.

Era do time, era de Southview, era da Dani e do Alec, caramba.

— É — sussurrou ela, a voz suave. — Quero comemorar nós dois e esquecer todo o resto.

O olhar dela ainda tinha uma pitada de tristeza, e eu estava me remoendo por não perguntar se ela queria conversar sobre o pai ou a briga que ouvimos, mas percebi que Dani estava tentando esquecer aquela situação.

E não via problema nenhum em mergulhar na ignorância com ela.

—Venha aqui, espertinha, quero comemorar você.

Senti o coração quase saindo pela boca quando ela veio na minha direção, tão linda com aqueles olhos brilhantes e a garrafa na mão, e "Eyes Wide", do Alfie Jukes, começou a tocar na minha cabeça.

I'm loving you more
Than I have before
To see you with those eyes wide

Peguei a garrafa da mão dela, segurando a rolha com uma das mãos e a garrafa com a outra, apontei para o outro lado e *pop* — a garrafa estourou.

— Caramba — disse ela, com as sobrancelhas arqueadas e sorrindo. — Isso foi impressionante.

Olhei para seus olhos brilhantes e para a camisa dos Packers sob o casaco, e tive vontade de congelar aquele momento.

— Beba, Collins — falei, sentindo que ia explodir se não a beijasse.

Tipo, naquele instante.

Ela manteve os olhos fixos nos meus ao levar a garrafa à boca e beber, e nossa… não consegui esperar. No segundo em que ela afastou a garrafa do rosto, eu a tirei de sua mão, larguei no chão e bebi o champanhe de seus lábios, deslizando as mãos por seu rosto conforme minha língua se embriagava com o sabor dela.

Dani fez um barulhinho quando a beijei, talvez tenha dito meu nome ou soltado um suspiro, e senti um arrepio percorrer meu corpo. Esqueci todo

meu charme e elegância e a beijei com vontade, mergulhando em seus doces lábios enquanto ela se agarrava ao meu casaco como se precisasse se segurar em alguma coisa.

É, eu posso servir como apoio. Segure, Collins, e nunca mais solte.

Parecia que estávamos tentando absorver um ao outro, como se estivéssemos em uma competição para consumir o outro no menor tempo possível.

Era intenso demais, bom demais, e eu quis parar o tempo e permanecer naquele momento.

— Eles chegaram — sussurrou ela, sem afastar os lábios dos meus, me beijando como se não estivesse nem aí.

— Que saco — respondi ao ouvir vozes do lado de fora, me arrependendo de termos compartilhado nossos planos com os caras.

Ouvi uma porta de carro bater, mas não me importei a ponto de me privar do toque inebriante de seu lábio inferior no meu.

— Perfeita — sussurrei, e voltei a beijá-la.

Quando a porta se abriu, no entanto, não foram meus amigos que surgiram na soleira do galpão em ruínas.

Não, foi o maldito do Benji Worthington.

Ben entrou ao lado de três garotos da St. John: o goleiro, Adam; o atacante, Cody; e Austin Clark, filho do treinador.

Juro que ouvi um rugido em meus ouvidos ao vê-los adentrando o *nosso* espaço.

O que eles estavam fazendo ali?

— *Benji?* — perguntou Dani, parecendo chocada ao vê-lo.

O goleiro soltou uma risada bufada.

— Ela chamou você de Benji?

O que eles estavam fazendo ali?

— Será que algum dia vai se lembrar de me chamar de Ben, docinho? — retrucou Benji, com um sorrisinho que me deu vontade de matá-lo.

O que eles estão fazendo aqui?

— Você acabou de me chamar de docinho? — indagou Dani, mas ela não estava irritada.

Parecia confusa, como se não entendesse de onde estava vindo a ousadia daquele babaca.

— O que vocês estão fazendo aqui? — questionei, mantendo a calma.

— A gente viu seu carro *inconfundível* passando quando estávamos abastecendo o Concord, então achamos que seria divertido ver o que Zeus e seu pessoal iam fazer para comemorar a vitória.

— Vocês nos *seguiram* até aqui? — rebati, minha calma indo embora de repente. — Você é um perdedor mesmo, Worthington. Vá cuidar da sua vida.

— Eu cuido — respondeu o Rei da Babaquice. — Mas imaginei que Dani estivesse no seu carro e quis garantir que ela estava bem.

— É claro que ela está bem — retruquei, me perguntando o que aquele idiota estava pensando. Era a segunda vez que ele agia como se precisasse cuidar de Dani quando ela estava comigo. — Do que você está falando?

O dia tinha sido incrível, e eu não estava a fim de lidar com o papinho de Benji. Eu queria que ele desaparecesse.

— É que você sempre foi um imbecil dado à violência…

— Ah, por favor, *Benji* — falei, olhando para Dani porque aquilo era uma baboseira e eu não queria que ela ouvisse. — Dar uma surra em você por ter sido babaca não significa que eu sou dado à violência. Significa que eu não aguentava mais sua babaquice.

— E olha só para isso aqui… você trouxe Dani para um galpão caindo aos pedaços no meio do mato. Isso parece um sinal de alerta, então só quero ter certeza de que minha velha amiga está bem.

— Sua *velha amiga*? — Minha vontade era socar aquela cara de fuinha. — Ela nunca foi sua amiga.

— Gente — interveio Dani, desconfortável. — Parem com isso.

— Ah, não? — perguntou Benji. — Então como eu sabia onde ficava este lugar?

— Você acabou de dizer que me seguiu até aqui, imbecil.

— Dani me trouxe aqui há uns anos — disse ele, com aquele sorrisinho arrogante. — Fizemos uma boa caminhada, colocamos a conversa em dia e depois ela me mostrou o desenho horroroso que você fez na parede. Lembra, Dani?

Quis nocauteá-lo quando me lembrei da alegria com que ele me mostrou a foto de Dani em seu celular naquele dia, a foto dela rindo com ele no nosso galpão.

— Benji — chamou Dani, baixinho. Sua voz pareceu diferente e, ao olhar para ela, detestei ver o quanto parecia nervosa. — Para.

— Mas parece que foi ontem — insistiu ele, o tom carregado de malícia. — *Grande dia*.

— Vai se ferrar, Worthington — retruquei, empurrando-o com as mãos. — Cai fora daqui.

— Talvez *a gente* devesse ir embora, Alec — sugeriu Dani, lembrando mais a garota que não conseguiu fazer o discurso na aula de Oratória do que minha namorada de cinco minutos atrás bebendo champanhe. — Vamos.

— Só um segundo — pedi.

Eu não queria ir embora porque não permitiria que eles estragassem nosso galpão. Iria só depois que *eles* fossem.

— Eu ia levar Dani para ver *você* no hospital, se lembro bem — disse Ben, sorrindo como quem estava se achando muito engraçado. — Mas ela preferiu ficar comigo.

— Não foi assim e você sabe disso — rebateu ela, revirando os olhos.

Pelo jeito eu não tinha superado o passado, porque a raiva que senti no dia em que descobri que Dani havia levado Benji ao galpão estava bem viva.

Como ela pôde ter trazido esse idiota *aqui?*

Mas eu precisava manter a calma, então fiquei olhando para a cara feia do Benji e comecei a contar.

Dez. Nove. Oito.

— O plano era visitar seu pai, mas acabamos não indo.

— *Para* com isso, Benji — protestou ela, e não gostei do som de sua voz.

Olhei para Dani, e parecia que ela estava prestes a desmaiar.

Sete. Seis. Cinco.

— Vá embora, Worthington — falei.

— É, vamos nessa — disse Austin. — Está congelando aqui mesmo.

Quatro. Três.

Tentei mais uma vez.

— Ouça seu amigo, *Benji*.

— Pode deixar — respondeu ele, balançando a cabeça e rindo como um psicopata. — Mas, meu Deus, Dani… a gente passou *muitas* horas aqui, lembra?

Dois.

— *Para*, Benji — bradou Dani.

Um.

— Não foi isso que você disse naquele dia…

Levei o pulso para trás para pegar impulso e acertei em cheio o nariz dele.

— Ah, meu Deus! — gritou Dani.

Mas tudo o que eu ouvi foi a risada macabra de Worthington quando seu nariz jorrou sangue, então acertei seu olho direito. Aquele *babaca*. Eu já tinha ouvido dizer que as pessoas podem ficar cegas de raiva, e foi o que aconteceu comigo.

Todo o restante desapareceu, e tudo o que eu via era o rosto nojento de Worthington.

Ele veio para cima e pegou meu rosto de raspão, mas meus reflexos foram mais rápidos que seu punho.

— Alec! — berrou Dani. — Para!

Ben continuava sorrindo, então o empurrei contra a parede com as mãos.

— Seu *babaca*.

Ouvi Dani gritar, mas não consegui entender suas palavras, e nem quis.

Porque olhar para Ben Worthington me fez lembrar do dia em que meu pai estava lutando pela vida e os policiais foram até o hospital para me prender.

E da expressão no rosto da minha mãe quando fui solto.

Da culpa que senti quando ela teve que sair do lado do meu pai para ir até a delegacia.

E agora Dani estava tendo um ataque de pânico por causa dele. Empurrei Benji mais uma vez, erguendo o braço para prender aquele idiota contra a parede quando…

— Para!

Dani saltou na minha frente, surgindo entre meu pulso e aquele otário.

— Dani, saia — falei, pois precisava acertá-lo.

Precisava ensinar uma lição a ele.

— Não, Alec! — exclamou ela, balançando a cabeça e olhando bem para mim. — *Pensa bem*.

— É aqui mesmo que… — Kyle hesitou ao entrar no galpão com Vinny, e seus sorrisos logo se transformaram em expressões confusas.

— Me ajudem! — gritou Dani enquanto eu esperava que ela saísse da frente.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou Vinny.

— Esse babaca aqui — falei — está prestes a levar uma surra.

— Para! — berrou Dani, empurrando meu peito. — Alec, pensa no que está fazendo!

— *Estou* pensando — respondi com os dentes cerrados, enfim olhando para ela.

— Ele está tentando fazer você perder a cabeça, não está vendo? — rebateu Dani, me empurrando mais uma vez. — Ele quer que você faça isso!

— E eu vou ficar feliz em dar exatamente o que ele quer — retruquei, voltando a olhar para Worthington.

— Zeus — disse Vinny, segurando meu braço e me puxando para longe de Ben. — Calma, cara!

— Chama a polícia, Austin — pediu Benji, levando a manga da blusa ao nariz escorrendo. — Diga que fui agredido por Alec Barczewski.

— Ah, para com esse papinho, Worthington — disse Vinny, embora não soubesse do que ele estava falando porque tinha acabado de chegar.

— Tentem ligar e vejam o que acontece — ameaçou Kyle, fechando a cara. — O restante do time está chegando, e vocês estão em desvantagem, espertão.

— E dá para ver que *ele* está chapado — acrescentou Vinny, apontando para o goleiro. — Os policiais vão amar.

— Ben — chamou Cody —, vamos cair fora daqui.

— Não, de jeito nenhum — respondeu Worthington. — Barczewski não pode se safar assim.

— Então ligue de manhã — declarou Adam, já se dirigindo até a porta. — Eu vou embora antes que joguem a merda no ventilador.

Eu me desvencilhei de Vinny, o que fez Dani parar à minha frente de novo.

— Quer saber? Tudo bem — cedeu Ben dando de ombros e com a lateral da mão no nariz arrebentado. — Eu ligo para a polícia de manhã. A prova ainda vai estar na minha cara, e tenho testemunhas. O que são doze horinhas?

— Cai fora, babaca — disse Kyle, balançando a cabeça.

Vi Cody abrir a porta do galpão com um chute e, ao sair, Benji falou:

— Não vejo a hora de saber o que o povo de Southview vai achar do seu deus depois de amanhã.

— Tchau, *Benji* — berrei.

— Até amanhã, *Zeus* — gritou ele de volta.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Dani

— Ainda acho que você precisa ir ao hospital.

— Não, não preciso — retrucou Alec, olhando pelo para-brisa para a entrada da nossa garagem.

Estava escuro, mas eu conseguia ver seu rosto sob a luz dos postes.

— Mas sua mão está *muito* inchada, e o corte no rosto está horrível — argumentei, sem saber como fazer com que ele me ouvisse.

Alec estava com raiva e quieto desde a briga, e eu não sabia como reagir.

— Só porque aquele idiota estava usando um anel — respondeu ele, como se não fosse nada.

— Isso não diminui em nada o ferimento — rebati. — Mas tudo bem. Fique quieto.

Pressionei a toalha de papel embebida em água oxigenada em seu rosto, e ele soltou o ar por entre os dentes.

— Eu sei — falei, e meu estômago se revirou porque devia estar ardendo *muito*.

O anel do Benji tinha meio que rasgado o rosto do Alec, e o corte não estava nada bonito. Parei na farmácia a caminho de casa depois de ele ter deixado claro que não me daria ouvidos e não iria à emergência.

Mas eu estava preocupada com sua mão. Estava muito inchada.

— Desculpa — disse, limpando a ferida.

— Pelo quê? — perguntou ele, e seus olhos finalmente, *finalmente*, encontraram os meus.

Desde aquela situação toda, eu estava com a impressão de que ele não olhava para mim. Como se estivesse com raiva.

— Por estar fazendo doer, por tudo isso que aconteceu, por sua noite incrível ter sido arruinada pelo Benji — expliquei, no silêncio do carro

escuro.

Sua mandíbula se retesou quando falei o nome do vizinho, e me arrependi na mesma hora. Tudo o que Benji havia insinuado era mentira, e eu tinha quase certeza de que Alec sabia disso, mas ainda assim as coisas entre nós ficaram tensas.

Por que ele não fala comigo?

— Ei — falei. — Está tudo bem. Lembre-se, vocês vão para as finais.

Sua mandíbula se retesou mais uma vez, como se estivesse se segurando.

E ele continuou sem dizer nada.

— Alec — insisti. Eu não sabia se ele queria isso, mas passei o dedo em seu maxilar tensionado, desejando que ele relaxasse. — Vai ficar tudo bem.

— Vai mesmo? — perguntou ele, a voz baixa e meio rouca.

— Vai… isso não vai dar em nada — respondi.

— Não sei, Dani — disse ele, exausto. — Eu já passei por isso com Ben antes e ele faz questão de atirar pra matar. Talvez eu tenha estragado tudo.

Senti um aperto no peito quando sua voz falhou na palavra *talvez*. Parecia que Alec estava contendo a emoção e, meu Deus, não era justo que ele tivesse *ainda mais* para se preocupar depois da vitória.

— Não estragou — garanti, colocando a mão esquerda no outro lado do seu rosto. — Escute o que eu estou dizendo. As pessoas erram, e vai ficar tudo bem. É só um garoto dando uma de babaca… acontece o tempo todo.

Ele apoiou a cabeça no encosto e soltou o ar.

— Nossa, espero que você tenha razão. Porque estou com medo pra caramba.

Aquilo partiu meu coração, a confissão e o quanto ele pareceu angustiado.

— Quer dizer, talvez eu tenha estragado minha chance de jogar as finais. Talvez eu tenha estragado *tudo* se Ben vier atrás de mim.

— Ele não vai fazer isso — respondi.

— Vai, sim — rebateu Alec, fazendo com que eu me sentisse um pouco melhor ao se entregar ao meu toque.

E ao se abrir em vez de ficar tão quieto.

— Ele é um sonso e você tinha razão — disse ele, balançando a cabeça, arrependido. — Eu fiz exatamente o que ele queria. Perdi a cabeça e agora ele está em vantagem.

— Confia em mim — falei, olhando para a casa de Benji. O carro dele não estava lá, ainda bem, e todas as luzes estavam apagadas. — Desta vez vai

dar tudo certo, tenho certeza.

— Isso é sabedoria do cérebro de Harvard?

— Isso mesmo — confirmei.

A luz da varanda da minha casa se acendeu, o que me fez sorrir apesar de tudo.

— Acho que meu avô está me dizendo para entrar — comentei, mas me lembrei da situação toda com minha família ao falar dele.

A única coisa boa sobre aquele pesadelo no galpão foi que me fez esquecer da situação com meu pai.

— É, é melhor você entrar — concordou ele. — Desculpa por ter estragado a noite.

— Está brincando? A gente vai para as finais, e você é meu namorado. Sua briga com o Benji não conseguiria estragar isso.

Ouvir aquelas palavras fez com que Alec me puxasse pela camiseta.

— Foi uma noite perfeita *antes* daquilo, não foi? — indagou ele, se aproximando e encostando a testa na minha.

— A mais perfeita de todas — falei, me aproximando para um beijo.

— Tem que ser rápido, antes que Mick veja — disse ele, também se aproximando e me dando o beijo de três segundos mais profundo da história dos beijos.

Desci do carro e fui até a porta de casa e, embora estivesse nervosa por ele, tinha a sensação de que podia consertar aquilo tudo. Benji era um babaca que gostava de chamar a atenção na frente dos amigos, mas sempre foi um garoto decente quando estávamos sozinhos.

Ainda bem que eu sempre fui legal com ele.

Então, assim que amanhecesse — tipo, às sete da manhã, antes mesmo que a delegacia abrisse —, eu iria visitar meu amigo na casa ao lado.

E implorar como nunca antes.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Alec

— Antes que vocês surtem…

— Ah, meu Deus! — exclamou minha mãe quando entrei na cozinha, boquiaberta, pela manhã.

— O que aconteceu com seu rosto? — quis saber meu pai, tirando os olhos do jornal.

— É só um arranhão — falei, indo até a geladeira, tentando parecer despreocupado embora só estar de pé já estivesse me custando uma energia absurda porque mal tinha dormido.

Sempre que eu fechava os olhos, pensava em tudo o que havia colocado em risco ao bater em Ben.

— Isso não responde à pergunta — disse meu pai. — O que aconteceu?

Soltei um suspiro e peguei um suco de laranja.

Eu não queria contar a eles — *caramba, não queria mesmo contar a eles* —, mas era importante, então era necessário.

Conter os danos talvez fosse impossível, mas eles precisavam saber.

— Eu me envolvi em uma briga — expliquei, fechando a geladeira — com Ben Worthington.

— *O quê?* — gritou minha mãe, os olhos arregalados.

— Você só pode estar brincando — disse meu pai, jogando o jornal sobre a mesa e semicerrando os olhos. — Ele atacou você?

— O que houve? — questionou minha mãe, se levantando e se aproximando para ver melhor. — Esse corte parece horrível.

Sentei à mesa, enjoado de tanto que estava me sentindo mal.

Me desculpem, talvez eu tenha estragado tudo.

— Foi bem idiota — admiti, passando a mão no cabelo. — Worthington apareceu e falou umas besteiras para a Dani.

— Você não bateu nele, né? Por favor, diga que não…

— Bati — falei, engolindo em seco porque minha garganta estava apertada. — Quebrei o nariz dele.

— Ah, não! — exclamou minha mãe, fechando os olhos e levando a mão à boca. — De novo, não.

O medo em seu rosto fez meu estômago se revirar.

Não acredito que estou fazendo isso com ela outra vez.

— Quem deu o primeiro soco? — perguntou meu pai, sério a ponto de dar medo.

— Eu.

Minha mãe arquejou.

— Por que você tem tanta dificuldade com isso, garoto? — vociferou meu pai. — Bater nos outros é crime… Por que não consegue se lembrar disso?

— Não sei — respondi, dando de ombros, porque era a verdade.

Eu não tinha pavio curto e não me envolvia em brigas (com exceção das partidas de hóquei).

Só com Worthington, e, pelo jeito, só quando envolvia Dani.

Merda.

— Então, o que precisamos saber? — questionou meu pai, balançando a cabeça e parecendo muito decepcionado comigo. — Porque você sabe que a mãe dele vai surtar. Conta tudo.

E eu contei.

Descrevi a cena inteira, me perguntando o que poderia ser pior do que ter que olhar nos olhos decepcionados deles enquanto compartilhava cada detalhe. E fiquei emotivo porque estava morrendo de medo.

Se Ben procurasse a polícia, eu poderia ser suspenso, o que significava que não teria permissão de jogar nas finais.

E todo mundo — inclusive os olheiros — saberia o motivo.

— Não se preocupe com os olheiros — disse minha mãe. — Não podemos controlar…

— Como eu posso não me preocupar com os olheiros? — rebati, tentando manter a calma, mas aquilo tudo estava acabando comigo. — Está falando sério? Passei metade da vida me preocupando com os olheiros porque eles estão no controle do nosso futu…

— Alec — interrompeu meu pai, balançando a cabeça. — Não. Você tem que parar. Está se matando com isso.

Cocei a cabeça. Bem que eu queria poder parar.

— Mas como?

— Só joga — respondeu ele. — É tudo o que tem que fazer.

— Você faz parecer tão fácil — falei, sentindo um aperto no peito.

— Porque é — disse ele, dando de ombros. — Só joga o jogo, e o que for para ser, será.

Pigarreei, desejando que fosse simples assim.

— Às vezes eu olho para você e não consigo imaginar como deve ser ter tanto talento, sabe? — continuou ele. — No auge do meu porte atlético, eu era o armador reserva do reserva e não conseguia nem lançar uma bola de três pontos, e ainda assim você é o cara que todo time quer.

Olhei para a mesa, com medo de começar a chorar feito criança se olhasse nos olhos dele. Já estava piscando rápido para conter as lágrimas; o contato visual com certeza acabaria comigo.

— É incrível e é divertido — comentou ele, colocando a mão em meu ombro —, mas estamos falando de um jogo, filhão. O hóquei é um *jogo*. Não é vida ou morte, mesmo que algumas vezes pareça ser. Se esforce para dar seu melhor, só isso. Ninguém vai morrer se você vencer, ninguém vai morrer se você perder. Todos vamos ficar bem independentemente do que aconteça no gelo. E quem se importa com olheiros? Eles que se preocupem sozinhos.

Nessa hora, olhei para ele, porque *caramba*, meu pai tinha um jeito de fazer tudo parecer tão simples, e tudo o que eu queria era acreditar nele.

— Bater no Ben Worthington foi idiota, Al, mas vamos ficar bem. Vamos, *sim*.

Assenti, sem confiar na minha capacidade de formar palavras.

Para começo de conversa, eu não merecia pais tão incríveis. O apoio que eles me deram fez com que eu quisesse chutar meu próprio traseiro por ter sido tão idiota ao causar ainda mais estresse — tipo, o que eu estava pensando?

No entanto, além disso tudo, eu continuava com muito medo do que podia acontecer se Ben prestasse queixa.

— Vai ficar tudo bem, Al — garantiu minha mãe, se aproximando e abraçando meu pescoço. — O que quer que aconteça, vamos superar.

— Desculpa — falei, me sentindo um garotinho.

Ela beijou minha cabeça.

— Tudo bem, filhão — disse, bagunçando meu cabelo. — Tudo bem.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Dani

Eu estava calçando as botas em silêncio quando minha mãe saiu do quarto.

E parou de repente ao me ver.

— Aonde você vai às… — Ela olhou para o relógio. — Seis e quarenta e cinco da manhã?

Eu não tinha como mentir porque estava de casaco, gorro e luvas, e com a mão na maçaneta.

— Eu, é, tenho que conversar com Benji antes que ele vá para o treino — falei, como se aquilo fizesse algum sentido.

— Vocês são amigos agora? — perguntou ela, chocada.

— Na verdade, não, mas aconteceu uma coisa importante — respondi, evasiva, torcendo para que ela deixasse o assunto para lá.

Eu precisava ir logo.

— Bem, estou feliz que esteja acordada, porque precisamos conversar sobre *a situação* com seu pai — continuou ela, parecendo mais séria do que de costume.

Era justo, além de não ser nada que eu não esperasse.

— Você sabia que ele vinha, querida? — indagou ela.

Por favor, agora não.

Eu precisava lidar com um pesadelo de cada vez.

— Hum, não — respondi, balançando a cabeça. — Olha só, eu preciso fazer isso antes que Benji saia… podemos conversar quando eu voltar?

Ela soltou um suspiro.

— Tudo bem. Preciso dar uma passada no mercado porque estamos sem açúcar, mas assim que eu voltar vamos resolver isso.

— Obrigada — falei, abrindo a porta e descendo os degraus apressada.

Mal tinha amanhecido quando dei a volta na garagem e passei pelos arbustos que separavam os quintais. Não estava muito animada com a ideia de acordar o pai do Benji com a campainha, mas estava desesperada demais para deixar o bom senso me impedir.

Era uma emergência.

No entanto, a porta se abriu quase no mesmo instante, e vi Benji, já vestido com o moletom e a calça da Academia St. John.

Como se estivesse de saída.

E, uau, o rosto dele…

Benji definitivamente estava com o olho roxo, e o nariz *não* estava nada bonito. Estava inchado e lembrava um pouco o nariz do sr. Cabeça de Batata.

Senti meu estômago se revirar ao olhar para ele, e não sei dizer se foi porque seu rosto estava meio nojento ou porque era uma prova concreta que poderia ser usada contra Alec.

— Dani?

É, também estou surpresa por estar aqui.

— Podemos conversar um segundo, Ben? — perguntei, olhando atrás dele para ver se seu pai estava na sala.

— Ele não está aqui — disse Benji. — Entra.

Entrei, cruzando os braços sem saber por onde começar.

— O que houve? — indagou ele, fechando a porta, mas nós dois sabíamos que a conversa tinha a ver com seu rosto e o que tinha acontecido na noite anterior.

Respirei fundo, tentei pensar em um argumento inteligente, mas tudo o que saiu da minha boca foi:

— Por favor, não procura a polícia, Ben.

Ele abriu a boca, mas eu ergui uma das mãos, interrompendo-o.

— Sei que vocês se odeiam e tenho certeza de que prestar queixa parece uma boa ideia. Alec *não deveria* ter batido em você. Mas ele estava tentando, do jeito dele, me defender, então me sinto responsável por tudo isso.

Eu estava falando rápido, mas Ben me olhava com calma.

Não fazia ideia do que ele estava pensando.

— Você não merecia ter sido atacado, mas estou implorando… como a um amigo que eu conheço a vida inteira. — Olhei bem em seus olhos e torci que ele tivesse coração. — Será que pode, *por favor*, fingir que isso não aconteceu?

— E como exatamente eu faria isso? — perguntou ele, apontando para o rosto machucado.

— Ah, você joga hóquei — argumentei. — Se comentar que foi uma briga de jogo, ninguém vai…

— Não vou deixar Barczewski se safar dessa, Dani — disse ele, balançando a cabeça.

— Mas você não vê que isso pode acabar com o futuro dele?

— *Ele* fez isso, não eu — protestou Benji, os olhos semicerrados. — E *você* não vê o quanto seria errado se ele tivesse permissão para se comportar desse jeito e ainda assim conseguir tudo o que sempre quis?

— Quer dizer, eu entendo que para você seja assim. — Eu me obriguei a dizer, detestando-o por ser tão vingativo.

— Não, é *exatamente* assim. Vou falar a verdade… a ideia de ver Alec fracassar não me deixa triste. Eu adoraria, inclusive. Mas *eu* não fiz nada para que isso acontecesse. *Ele* é um esquentadinho que escolheu me atacar.

— Por favor — pedi, perigosamente prestes a começar a chorar. — Estou implorando, Benji, por favor, não…

— *Ben* — rebateu ele.

— Ben, por favor — falei, em pânico. — E, acredita em mim, ele não vai conseguir tudo o que sempre quis.

— Vai, sim — insistiu ele, e ficou óbvio que era só com isso que ele se importava.

— O que eu posso fazer, Ben? — perguntei, piscando rápido porque não queria chorar, mas percebi que não conseguiria me conter, e isso era assustador. — Por favor, me diga o que eu posso fazer para te convencer.

— Não tem na… Na verdade… — Ele me olhou com os olhos semicerrados, como um vilão traçando um plano bem na minha frente. Senti meu coração quase sair pela boca. — Ah! Quer saber? Acho que *tem* uma coisa, sim.

— O quê? — insisti, e um mau pressentimento tomou conta de mim.

— Não é nada ilegal, pode relaxar — disse ele, sorrindo como se aquilo fosse engraçado. — Mas se quer que eu desista de prestar queixa, vai ter que terminar com ele.

— *O quê?*

Olhei para a barba idiota e o nariz quebrado de Ben e não acreditei no que estava ouvindo.

Ele não podia estar me pedindo para terminar com Alec.

Isso… não era possível, era?

Mas ele assentiu e de repente pareceu satisfeito, como se estivesse entusiasmado.

— Faz pouco tempo que você está na cidade, então não é como se eu estivesse pedindo para que você se divorciasse do seu marido, e ele vai ser chamado para jogar fora da cidade assim que se formar, então vocês não vão ficar muito tempo juntos mesmo.

Ele era mais babaca do que eu imaginava.

— Mas, tipo… por que você quer isso?

Talvez ele tenha tido uma quedinha por mim quando éramos crianças, mas dava para ver que não tinha mais, então não fazia sentido.

— Porque a verdade é que *você* é o que ele sempre quis — respondeu ele, dando de ombros. — É perfeito.

— Não, não sou, e isso… isso é ridículo — falei, sentindo um embrulho no estômago, uma sensação de enjoo, porque vi que ele estava falando sério.

Ele estava mesmo exigindo que eu terminasse com Alec.

— É ridículo de tão *simples* — afirmou ele. — Você termina com Alec, e essa história acaba aqui. Se não fizer isso, vou prestar queixa.

Senti meu coração se partir e observei aquele vilão da vida real, porque Ben não estava brincando, e eu não tinha escolha.

Ele era mesmo o babaca que Alec sempre disse que era.

Mas eu vi o medo nos olhos de Alec quando ele se deu conta de que talvez tivesse arruinado sua chance de ser uma inspiração para a família — para a cidade inteira — e eu não queria ver aquela expressão em seu rosto nunca mais.

Então só me restava uma coisa a fazer.

Eu tinha que terminar com ele.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Alec

Meu coração quase parou quando ouvi a campainha.

Meus pais tinham levado Ashton e Cole para o jogo de basquete das oito da manhã, então eu estava fazendo tarefas atrasadas da escola no meu quarto. Esperava ver uma viatura da polícia quando olhei pela janela, então, quando abri a porta e vi Dani parada ali banhada pelo sol da manhã, fiquei aliviado.

Aliviado por não ser nada de ruim e também por ela não ter decidido fingir que não me conhecia depois de tudo o que havia acontecido na noite anterior.

Ali estava ela, toda agasalhada com aquele casaco enorme e o cabelo em uma trança comprida e frouxa, e nunca fiquei tão feliz ao ver alguém na vida.

— É um hábito novo, você vir andando até a minha casa? — perguntei, segurando a porta aberta para que ela entrasse.

— Ah, seu rosto — disse ela, piscando rápido e erguendo a mão como se fosse me tocar, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

Mas então ela abaixou a mão.

— Está doendo?

— Pra caramba — admiti.

Ela assentiu e entrou.

Fechei a porta e fui atrás dela, me dando conta, quando Dani parou ao lado do sofá, mas não se sentou, de que estávamos sozinhos em casa.

Interessante.

— Hum, e sua mão? — quis saber ela, cruzando os braços e parecendo nervosa. — Continua inchada?

Olhei para minha mão e cerrei o punho.

— Nada de mais.

— Ah. Que bom — disse ela, pigarreando e assentindo mais uma vez. — E seu ombro?

— Você está… nervosa? — perguntei, me aproximando. — Parece um pouco agitada.

— *N-não* — respondeu ela, dando um passo para trás.

Fora do meu alcance.

— Está tudo bem? — indaguei, percebendo de repente que ela não tinha olhado nos meus olhos e que parecia triste. — O que houve?

— Nada — falou ela, esfregando os lábios um no outro. — Eu só… é o seguinte…

O que está acontecendo?

— Eu… é… tipo, a situação com meu pai é meio complicada — disse ela, as palavras saindo aos tropeços, como se ela estivesse se esforçando para concatená-las. — E eu não sei o que vai acontecer. Talvez eu vá embora de novo, talvez não, mas… acho que neste momento em que há tantas coisas acontecendo para você no hóquei e que para mim as coisas estão tão incertas, talvez seja melhor se a gente, tipo… der um tempo.

Um. Tempo.

Um tempo?

— Como assim? — perguntei, bem calmo.

Mas, caramba, como assim?

Um tempo do nosso namoro, que começou há menos de vinte e quatro horas?

Ela não podia estar falando sério.

— É que, tipo — disse ela —, você não precisa de distrações neste momento.

— Não — falei, balançando a cabeça, precisando fazê-la entender. — Você é o oposto de uma distração…

— A briga de ontem mostra o contrário — rebateu ela, estalando os dedos.

Nunca vi Dani fazer isso antes.

— É, mas…

— Alec — interrompeu mais uma vez. — Parece que não é o momento ideal. Talvez a gente devesse, tipo, esperar, tipo…

— Você já disse "tipo" umas quinze vezes — falei, sem querer parecer impaciente, mas muito confuso. — Você não é assim, Harvard. O que está acontecendo?

— *Nada* — respondeu ela, dando de ombros, o olhar percorrendo toda a sala. — É que tudo parece meio demais agora. Meu pai, a escola, você, o hóquei… eu preciso de um tempo…

— Espera… Está terminando comigo?

Ela enfim olhou em meus olhos, e — *puta merda* — eu vi que tinha razão.

Ela estava.

Terminando. Comigo.

— Q-quer dizer… — começou ela.

— Para de enrolar, Dani, por favor — falei, sentindo o peito queimar ao vê-la gaguejar. Aquilo não podia estar acontecendo. — O que aconteceu entre ontem e agora?

— Você não se lembra? — retrucou ela, baixinho.

— Espera… isso é por causa da briga?

Ela voltou a desviar o olhar.

— Ah, foi um pouco chocante ver você daquele jeito, com tanta raiva…

— Que desculpa esfarrapada — disse, porque qualquer um perceberia que ela estava mentindo. — Você pulou na minha frente e gritou na minha cara. *Nunca* teve medo de mim na vida, Collins, qual é?! Por que não diz a verdade?

— Bem, então — replicou ela, piscando rápido como se estivesse procurando outro motivo depois de eu ter rejeitado o anterior. O que foi aquilo? Ela respirou fundo. — Você prometeu.

— *O quê?*

— Você prometeu que eu poderia terminar tudo quando eu quisesse…

— Quando era de mentira — falei, balançando a cabeça.

O que era aquilo?

— … e é o que estou fazendo. Estou colocando um fim.

Olhei para aqueles olhos castanhos e me senti completamente perdido. Ainda mais quando vi uma lágrima escapar.

— Mas isso não faz sentido — argumentei, me aproximando e afastando a mecha comprida que tinha escapado da trança dela.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas — *o quê?* —, então suavizei o tom e me aproximei, e meu coração pareceu pular uma batida quando ouvi sua

respiração trêmula.

— Você olhou para mim no rinque ontem e disse aquelas palavras, amor. *Você* disse. Me diga o que aconteceu nesse meio-tempo.

Ela enxugou as lágrimas e balançou a cabeça.

— Eu só…

— Por que está *chorando* se é isso que você quer? — perguntei, porque nada fazia sentido.

Dani parecia arrasada, de coração partido, enquanto tentava partir o meu, e eu não conseguia entender.

Coloquei as mãos em seu rosto para tranquilizá-la, mas ela olhou em meus olhos e de repente eu busquei sua boca, carente, *desesperado* para fazê-la mudar de ideia. Meus lábios tocaram os dela desafiando-a a me mostrar que estava falando sério com aquelas palavras ridículas.

A letra de "Lose Me Like You Mean It", do Daniel Seavey, me atingiu em cheio.

All I need is
For you to look me in the eyes, make me believe it

E *caramba*.

Um gostinho. Só um gostinho e ela já estava me beijando de volta, com tanta avidez e vontade quanto eu, como se nenhum de nós pudesse suportar o que ela estava dizendo. Suas mãos cobriram as minhas, seus dedos trêmulos pressionando minha palma em seu rosto enquanto Dani retribuía cada gesto, até que ela soltou um soluço e empurrou minhas mãos para longe.

— *Não* — protestou, balançando a cabeça e se afastando de mim. — Você está enganado, Alec. Só estou chorando porque você é meu amigo e não quero magoar você.

— Então *não* faça isso — rebati, me esforçando para respirar enquanto o pânico tomava conta de mim. — Collins…

Não quero magoar você.

Perdi a linha de raciocínio porque… *espera aí*.

Não quero magoar você.

Ela estava com *pena* de mim? Estava tentando ser gentil comigo, o pobrezinho do Alec… era isso?

— Mas você prometeu — repetiu ela, parecendo implorar.

Como se estivesse desesperada para que eu me lembrasse de sua condição.

E, ao olhar para ela, eu me dei conta de que eu não tinha escolha.

Se ela queria terminar, estava terminado.

Porque eu não ia mais implorar.

If we're going out, we're going up in flames, baby

Senti tudo dentro de mim queimar de vergonha ao olhar para aquele rosto lindo e me dar conta de que tinha acontecido de novo. Caramba, eu tinha me apaixonado loucamente pela única garota que já quis na vida e a única que sabia como me destruir.

— A mesma Dani de sempre, hein? — falei, os dentes cerrados tentando conter a dor que de repente parecia um punhal cravado em meu peito. Dei um passo para trás, me afastando dela o máximo que podia. — Me deixando para trás mais uma vez. Pelo menos agora não vai ter nenhuma carta para você ignorar.

— *O quê?*

— Aliás, como você pôde fazer isso? — perguntei, com raiva da confusão no rosto dela, cansado daquela conversa fiada. A cicatriz voltava a doer, e era por causa dela de novo, e de repente eu precisava que ela respondesse a maldita pergunta que me assombrou durante anos. — Como você pôde se afastar quando eu mais precisava de você? Eu escrevia toda semana, ignorando nossas regras idiotas e implorando que estivesse ao meu lado, mas você não se deu nem ao trabalho de responder com um *vá pastar.* Como…

— Do que você está falando? — rebateu ela, me interrompendo, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Foi então que eu percebi, quando ela olhou para mim com aquele rosto lindo, de partir o coração, coberto de lágrimas, que, na verdade, *não* importava.

Porque Dani Collins era — e sempre seria — o que ela foi durante minha vida inteira.

A garota que eu queria e que não me correspondia.

— Nada, deixa pra lá — falei, muito irritado comigo mesmo por ser um otário. Muito irritado com ela por estar fazendo aquilo comigo de novo. — Só acabei de perceber que, se tem uma coisa da qual eu posso ter certeza, é que não posso contar com você.

Ela deixou escapar um barulhinho do fundo da garganta.

— Alec.

— *Não* — insisti, balançando a cabeça, sem acreditar, e olhando para o chão.

Como eu sou burro. Não queria ver o rosto dela, não conseguia olhar para ela, porque estava prestes a perder o controle e implorar de joelhos.

Ou cair no choro, caramba.

Tudo o que consegui dizer enquanto meu peito queimava foi:

— Acho melhor você ir embora.

Ouvi Dani fungar.

— Alec, eu…

— *Vá logo.*

— Tudo bem — respondeu ela, quase um sussurro, e, em segundos, Dani foi embora.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Dani

É melhor assim.

Repeti isso para mim mesma várias vezes enquanto voltava para casa no frio, justificando meu comportamento em minha cabeça, mas as palavras não ajudavam em nada porque eu não conseguia parar de me lembrar do rosto dele.

Meu Deus, o jeito como ele olhou para mim.

Como eu iria conseguir parar de chorar se meu cérebro ficava repetindo aquela cena sem parar? Sempre que eu conseguia me controlar, que parava de choramingar enquanto cambaleava a caminho de casa, pensava no choque e na traição em seu rosto quando ele perguntou "Está terminando comigo?" e voltava a soluçar.

Quando cheguei em casa, tentei me recompor antes de entrar. Com alguma sorte, teria tempo de ir para o quarto lamber minhas feridas antes que minha mãe voltasse do mercado.

No entanto, quando entrei, ela estava sentada no sofá da sala, pelo visto preocupada.

Por um segundo achei que ela soubesse.

Mas aí ela disse:

— Querida, houve uma pequena mudança de planos.

— Não sei do que você está falando — respondi, tirando as botas, exausta demais para tentar adivinhar.

— Ei, está tudo bem? — perguntou minha mãe, os olhos percorrendo meu rosto vermelho.

Era impossível que ela não tivesse percebido que eu estava chorando, mas estava esgotada demais para me dar ao trabalho de reconhecer isso.

— Qual foi a mudança de planos? — perguntei, sem querer falar o quanto eu estava mal.

— Bem… — disse ela, as sobrancelhas franzidas de preocupação. — Seu pai teve que pegar um voo mais cedo, então pediu que eu a avisasse que ele vai ligar quando chegar à Alemanha.

Ela pigarreou, e o silêncio da casa me pareceu ensurdecedor enquanto eu digeria a frase.

— Por que ele teve que pegar um voo mais cedo? — indaguei, deixando o casaco no banco ao lado da porta, sabendo a resposta. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu… é… não sei dos detalhes — respondeu ela, dando de ombros. — Acho que ele só quis se adiantar.Você sabe o quanto esses voos internacionais são longos.

Assenti, surpresa por ainda conseguir sentir aquele peso em meu peito, o peso da decepção. Depois do que aconteceu na casa de Alec, imaginei que fosse ficar um tempo apática.

— Ele disse… — Quase não consegui concluir a pergunta, mas me obriguei porque precisava da confirmação. — Ele não vai aceitar o posto em Offutt, né?

Minha mãe pareceu não saber a resposta.

— Né? — repeti. —Vamos, não precisa suavizar nada…

— Ele vai ficar na Alemanha — contou ela, cruzando os braços. — Sinto muito, querida.

Assenti, e as palavras que vovô Mick tinha gritado para meu pai na noite anterior surgiram em minha mente como se eu as tivesse memorizado.

Se você se importasse com sua filha, aceitaria qualquer posto no país para ficar mais perto dela.

Você viria para Offutt, mesmo detestando a cidade, só para ficar com ela de vez em quando.

Aceitaria qualquer migalha porque ela é sua filha e é importante para você.

— Então ele só foi embora — falei, engolindo em seco o nó que senti na garganta. — Sem nem me ligar ou tentar falar comigo.

Ele era meu pai, e era o coronel, mas aquele comportamento parecia algo que uma criança birrenta faria, ir embora sem se despedir depois de não

conseguir o que queria.

— Venha aqui, querida — chamou ela, dando um tapinha no sofá.

Eu me aproximei e me sentei ao seu lado, e foi muito bom sentir seu abraço. Não tinha mais lágrimas para chorar, *graças a Deus*, mas fechei os olhos e me aninhei nela.

— Seu pai te ama muito — disse minha mãe, e beijou minha cabeça. — E nunca vou odiá-lo porque ele é seu pai. Eu *quero* que ele faça parte da sua vida.

— Eu sei — respondi, me sentindo péssima por não ter contado logo sobre os planos dele.

— Mas ele passou *muito* dos limites ao tentar convencer você a se mudar *daquele* jeito. Você sabe disso, né?

— Desculpa não ter contado — falei, surpresa ao descobrir que, na verdade, eu ainda tinha, sim, lágrimas para chorar. Enxuguei o rosto. — Eu amo morar aqui com você. Acho que fiquei tão surpresa por ele estar tentando morar comigo que… sei lá, acho que não quis recusar de primeira.

— Eu entendo. — Ela acariciou meu braço. — Mas acredite no que eu vou te dizer: a vida é mais fácil quando somos sinceros. Nem sempre é divertido, mas com certeza é mais fácil.

Assenti, mas não consegui dizer nada, porque aquilo me fez lembrar do rosto do Alec quando ele disse "Por que não diz a verdade?".

— Você ama *mesmo* morar aqui, filha? — perguntou ela. — Você não é obrigada a amar só porque eu amo. Sabe disso, né?

— Não, eu amo mesmo — admiti, mas de repente voltei a chorar.

— Ah, querida, o que houve? — perguntou minha mãe, colocando as mãos em meu rosto e olhando bem para mim. — Me diga o que aconteceu.

Soltei um soluço e contei sem entrar em detalhes que tínhamos *terminado*.

— Não pode ligar para ele e tentar resolver? — indagou ela, uma pergunta razoável considerando que eu tinha deixado detalhes importantes de fora.

— Não — respondi, assoando o nariz.

Era tudo que eu mais queria, ir correndo até a casa dele e contar a verdade, mas seria egoísta da minha parte. Seria agir como meu pai, colocando as *minhas* vontades acima de tudo, e eu não faria isso.

Eu *não podia*.

Ao pensar na expressão de medo no rosto de Alec na noite anterior, quando ele achou que tivesse estragado tudo, soube que tinha feito a coisa certa.

— Acabou de vez — falei, em tom definitivo, como se nunca tivesse tido tanta certeza de alguma coisa na vida. — Ainda bem.

★ ★ ★

Na segunda de manhã, falei para minha mãe que estava doente. Tenho quase certeza de que ela sabia que era mentira, mas só me lançou um olhar e ligou para a escola.

Fiquei no quarto o dia todo, enterrada sob as cobertas, assistindo a reality shows bobos. Ouvi meu avô no andar de baixo, mas foi só quando a campainha tocou às seis da tarde que ele pareceu notar que eu estava em casa.

— Dani, desça — gritou ele. — Seus amigos estão aqui.

Arquejei e corri até a janela e, quando vi o carro de Cassie, fiquei ao mesmo tempo aliviada e decepcionada por não ver o Burrito.

Você não sabe de nada, vovô — eu não tenho amigos, pensei. *São amigos do Alec.*

Não queria encará-los, mas imaginei que seria melhor eles gritarem comigo na minha casa do que na escola. Nem me dei ao trabalho de me olhar no espelho, porque sabia o que veria. Meu cabelo estava bagunçado e eu tinha passado o dia todo de pijama: não estava nada bonita.

Mas não me importei.

Desci a escada, o estômago embrulhado.

Quando cheguei ao andar de baixo, fiquei surpresa ao ver vovô Mick sorrindo.

— … então você fez um bom trabalho, mas Dani não conseguia parar quando precisava ir para o outro lado.

Cassie estava falando sobre o jogo de *boot* hóquei, sendo hilária como sempre, e meu avô parecia encantado.

— Menina — disse Lillie, sorrindo ao olhar para mim de onde estava sentada no sofá, ao lado da Liz. — Desconfiei de que estivesse matando aula, mas você parece mesmo péssima.

Que comecem os insultos.

— Não parece péssima — rebateu Cassie. — Só… *confortável*.

— Concordo com Lillie — declarou vovô Mick. — Que cabelo é esse?!

— Nossa, obrigada.

Meu Deus, não quero encará-las. Estava muito nervosa de ficar sozinha com elas, morrendo de medo de que me detestassem. Porque com certeza já sabiam que eu tinha terminado com Alec e deviam estar se perguntando que tipo de namorada péssima faria isso antes das finais estaduais.

Elas devem me odiar.

E aquela percepção fez meu peito doer quase tanto quanto terminar com Alec.

Sempre soube que isso aconteceria, mas senti um aperto no peito ao pensar que não as teria mais como amigas.

— Você precisa melhorar até amanhã — avisou Cassie, me convidando a sentar ao seu lado com um gesto. — Não quero nem saber se estiver vomitando as tripas, você vai comigo no ônibus.

— O quê? — perguntei, sentando entre ela e Liz. — Que ônibus?

Ela me olhou de um jeito estranho.

— O jogo é quarta-feira, sra. Assistente que Deveria Saber Disso, mas a gente vai amanhã.

— Você não sabia? — indagou vovô Mick, semicerrando os olhos.

— Ah, eu…

Perdi a linha de raciocínio. Não sabia o que dizer, mas fui salva pelo toque do celular do vovô.

— Preciso atender — avisou ele, então se levantou e saiu da sala.

— Beleza, você precisa falar rápido — murmurou Cassie, se virando para mim.

— Kyle nos contou o que aconteceu depois do jogo — revelou Lillie.

— Contou? — Para ser sincera, me perguntei o que exatamente ele tinha dito.

— Não acredito que Zeus acabou com Ben Worthington — comentou ela, falando rápido e meio alto demais. — Os garotos só falam disso. Kyle acha que, como vamos jogar contra a Academia St. John na quarta-feira, Ben deve ter provocado Zeus de propósito para que ele não pudesse jogar.

Espera. O primeiro jogo das finais seria contra a *St. John*?

Como eu não sabia disso?

Tudo fazia ainda *mais* sentido agora, o motivo pelo qual Benji quis que eu fizesse aquilo.

Meu Deus, eu detesto aquele garoto.

— O estranho é que não aconteceu nada — disse Cassie, pegando o controle que estava na mesinha de centro e ligando a TV. — Ele acabou não prestando queixa.

— Vinny acha que é porque os garotos da St. John estavam bêbados quando aconteceu. Só sei que todo mundo odeia aquele cara, então saber que ele levou uma surra e ninguém vai ser responsabilizado por isso é o cenário perfeito.

— É — concordei, meio agitada, mas ao mesmo tempo aliviada pela confirmação de que ele *não* tinha prestado queixa.

— De acordo com Kyle, isso poderia dar um problemão porque Zeus já tem dezoito anos. Ele era menor de idade quando foi preso, então mesmo que as acusações tenham sido retiradas, poderia mostrar, tipo… um padrão ou algo assim.

— Espera… Alec foi *preso*? — repeti.

— Faz tempo — garantiu Cassie, parecendo preocupada por ter deixado escapar um segredo.

— Quanto tempo?

— Quando o pai dele sofreu o acidente, então acho que uns anos. Eles brigaram em uma festa, e no dia seguinte a polícia apareceu no hospital e prendeu Zeus por agressão.

— Espera. Ele foi preso no *hospital*? — perguntei, horrorizada.

— Foi, sim — confirmou Cassie. — Os pais do Ben acabaram retirando a queixa. Ficou registrado que foi ele quem deu o primeiro soco, e foi assustador durante um tempo. A mãe do Ben e o marido dela são advogados, e *não* queriam deixar para lá.

Não é nenhuma surpresa que Alec o odeie tanto.

— Então é um milagre Ben não estar arquitetando alguma coisa — comentou Lillie.

Ah, mas ele está, sim.

— Acho que isso mexeu com Alec, porque ele nem toca no assunto. Com ninguém. Se alguém fala alguma coisa, ele manda a pessoa calar a boca na hora. Está muito mal-humorado sem você, Dani, então você precisa ir para a escola amanhã.

Eu não queria, mas tinha que contar a elas. Pigarreei e disse, baixinho:

— Na verdade, é… só para vocês saberem, a gente terminou.

— É, isso é parte do motivo pelo qual estamos aqui — contou Cassie, fazendo um biquinho e inclinando a cabeça para o lado. — Você está bem?

O quê?

Assenti, sem entender por que elas estavam sendo tão gentis comigo se sabiam que eu não estava mais com Alec.

— Olha… — falei, e minha voz saiu tão embargada que parecia o Caco, dos Muppets. — Eu sei que ele é amigo de vocês, então entendo se…

— Você também é nossa amiga — interrompeu Lillie.

— É, mas ele já era antes, então…

— E daí? — perguntou Liz, olhando para mim como se eu estivesse sendo ridícula. — A gente não vai se voltar contra você só porque ele chegou primeiro ou coisa assim.

— Eu sei, mas…

— Você é nossa amiga e estamos do seu lado — garantiu Cassie, apontando o controle remoto para mim. — Mesmo que a gente também ame o Zeus.

Então… elas são minhas amigas de verdade?

Olhei para elas, para minhas amigas, e quase caí no choro de novo.

Mas desta vez seriam lágrimas de felicidade.

Quando que uma coisa dessa acontecia? Eu nunca encontrei algo *assim* em nenhum dos lugares onde morei, por mais que quisesse e por mais que tentasse.

Será que enfim encontrei meu lugar?

No entanto, afastei esse pensamento logo, porque, mesmo que minhas novas amigas estivessem sendo sinceras, isso não mudava o fato de que talvez eu tivesse estragado todo o resto.

— E vamos nos divertir tanto amanhã que você vai esquecer tudo isso — disse Cassie com um sorrisinho antes de ir embora. — Meu pai disse que a polícia vai escoltar o ônibus do time… só para você ter uma ideia do quanto vai ser louco.

Abri um sorriso. É claro que naquela cidade a polícia ia escoltar o time de hóquei.

Mas eu não podia estar naquele ônibus.

Não podia.

Eu já tinha feito o bastante.

Então, no dia seguinte, falei para minha mãe que ainda estava com dor de estômago (o que não era mentira). Ela avisou à escola que eu não iria e pensei que tivesse me livrado, mas tudo mudou quando meu avô bateu à porta do meu quarto depois que minha mãe saiu.

— Garota — ouvi a voz dele do outro lado da porta.

— Oi — respondi, sentando e enfiando as balas de ursinho na gaveta da mesa de cabeceira.

— Posso entrar?

— E aí? — falei, fungando, ao abrir a porta. — O que foi?

Ele franziu o cenho.

— Se arruma, vou levar você para a escola.

— *O quê?*

Ele não podia estar falando sério. Forcei um tom de voz enfermo o máximo que consegui ao responder:

— Não posso ir. Estou doente.

— Mentirosa.

— *Vô!*

— Você assumiu um compromisso, e precisa cumprir. Não estou nem aí se terminou com seu namorado ou sei lá… você não é de desistir.

— Como você sabia que…

— Minha audição ainda funciona quando estou em outro cômodo, pelo amor de Deus — interrompeu ele, indignado.

— Não posso…

— Pode, sim, Danizinha — rebateu ele, me interrompendo mais uma vez.

Balancei a cabeça e engoli em seco, porque ouvir aquele apelido e o jeito como ele o pronunciou, como se quisesse que eu me abrisse de verdade, fez a dor aumentar ainda mais.

— Não posso.

Ele franziu ainda mais o cenho.

— Pode, sim. Agora se arruma.

Fiquei um tempinho apenas encarando o vovô, sem palavras, e percebi que não iria convencê-lo. O homem que um dia jogou uma partida inteira com o pulso fraturado não entendia o conceito de desistir.

Vi que não tinha como vencer aquela batalha, então fui até o banheiro e prendi o cabelo em um rabo de cavalo.

Mas, só de pensar em voltar para a escola, comecei a entrar em parafuso. Eu teria que encarar Alec, que já devia me odiar àquela altura.

E se ele quisesse conversar? Alec sempre conseguia ler minha mente… e se apenas com um olhar ele já *descobrisse* o acordo que fiz com Benji?

Antes mesmo que eu percebesse que estava perdendo o controle, passei a respirar rápido demais. Meu coração acelerou e comecei a suar e — *ah, meu Deus* — não conseguia parar. Coloquei as mãos na cabeça e disse a mim mesma o que eu sempre dizia — *é só seu corpo surtando, está tudo bem* —, mas não conseguia mais respirar.

— Respira fundo, garota, respira fundo — disse alguém.

Quando olhei no espelho, meu avô estava parado no batente, olhando para mim.

Com um aceno de cabeça, ele continuou:

— Inspira pelo nariz e conta até quatro. Está tudo bem.

Tentei, mas minha respiração continuava acelerada demais.

Não estava funcionando.

— Vamos — insistiu ele, pegando minha mão e me levando para fora do banheiro.

Fui atrás dele, tremendo, e fiquei surpresa quando ele abriu a porta que levava à varanda. O ar gelado me atingiu. Eu estava só de pijama e meias.

— Vô, estou congelando — protestei. — Eu…

— Vai ajudar — rebateu ele. — O ar gelado ajuda. Se concentra no frio.

— Está frio pra *caramba* — falei, o que o fez arquear uma das sobrancelhas.

Então vovô abriu um sorrisinho.

Ele ficou ali comigo um bom tempo, sem dizer nada, enquanto eu andava de um lado para o outro na varanda com as mãos na cabeça, dizendo a mim mesma que estava tudo bem e aguentando o ar congelante.

— Melhor? — perguntou ele, por fim, quando parei de zanzar igual uma barata tonta.

— Muito — respondi, pigarreando. O ar gelado tinha ajudado *mesmo*, e me senti incrivelmente grata àquele velho rabugento por me ajudar a superar o pânico. — Obrigada, vovô.

— Agora que tal entrarmos e você me contar por que a ideia de ir à escola e às finais a deixa tão apavorada?

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Alec

— Não acredito que Dani ainda está doente.

Mantive os olhos na janela, aumentando o volume da música e tentando ignorar a conversa atrás de mim. Aquele era um dia épico, e eu me recusava a ficar pensando *nela*.

Ainda mais agora que estávamos a caminho das finais.

O ônibus do time estava cercado pela escolta da polícia de Southview, as luzes dos carros que nos levavam até os limites da cidade piscando, e eu estava fazendo o possível para encontrar um equilíbrio entre o entusiasmo e o foco.

— Falou com ela hoje, Zeus? — perguntou Vinny, inclinando o tronco para a frente.

Ele e Kyle estavam sentados atrás de mim.

— Não — respondi, balançando a cabeça e me recusando a pensar no rosto dela.

Kyle me lançou um olhar, mas não deu um pio.

Ele era o único que sabia.

Eu tinha contado para Kyle (o que queria dizer que Cass também já devia estar sabendo), mas, quando ele sugeriu que guardássemos segredo até o fim do torneio para que ninguém surtasse com as superstições, aceitei na mesma hora.

Porque eu não tinha nenhum interesse em conversar sobre o que tinha acontecido.

Não conseguiria.

Estava vivendo no automático desde o dia anterior, fingindo que minha namorada estava doente, mas era impossível pensar nela sem que mil sentimentos me atingissem como um soco.

Então apenas parei de pensar.

Caramba, fiquei feliz por ela estar doente.

A presença dela ali seria demais para mim.

Depois que Dani foi embora naquela manhã, fiquei maluco tentando entender o que havia acontecido para que tudo mudasse tão rápido, porque ela pareceu sincera quando disse que não era por causa da briga.

Mas se aquilo não tinha nada a ver com Worthington e a briga, como passamos de algo perfeito para ela chorando e terminando tudo?

Não fazia sentido.

O que tinha mudado?

Mas não podia deixar aquilo mexer comigo. Não podia me dar ao luxo de agir como um coitadinho com o coração partido, porque era hora de competir.

E iríamos enfrentar a Academia St. John nas quartas de final.

Entre ser obrigado a jogar contra o cara que podia ter prestado queixa contra mim (o que teria destruído meu futuro), mas não prestou, e ter que lidar com a avalanche emocional de levar um fora dois dias antes do torneio, eu ia ter que reunir toda a concentração para estar cem por cento focado no jogo.

Então a única coisa na minha mente seria amarrar os patins e mandar a St. John's para casa.

E enfiar aquela vitória goela abaixo do Worthington.

— Estou tentando me concentrar em outras coisas neste momento — falei, me esforçando para não parecer um idiota.

— Ah, claro — disse Vinny, assentindo. Ele apontou para meus fones com um sorrisinho. — Nossa, nem imagino a cafonice que você deve estar ouvindo antes *deste* jogo, Zeus.

O pessoal me sacaneava por ouvir o oposto do que seria uma música para dar gás (as Musiquinhas de Menina do Zeus, o Som Emo do Barczewski, o Festival de Lágrimas do Alec) quando estávamos nos preparando para um jogo, mas juro por Deus que eles entendiam tudo errado. Eu não precisava que a música me desse um gás — na verdade, meu cérebro nunca desacelerava no que dizia respeito ao hóquei.

Não, eu precisava de um pouco de calma antes da tempestade.

Naquele dia, a calma veio na forma da música "exile", da Taylor Swift, embora a letra me afetasse tanto e de forma tão específica que estava um pouco mais difícil me acalmar.

— Bem, o que *você* está ouvindo, babaca? — perguntei. — Que música está te inspirando?

Vinny abriu um sorrisinho, apontou para mim e disse:

— Olha só o filho da mãe fazendo pergunta óbvia.

— Ah, droga — falei, rindo a contragosto. — Caí na armadilha.

Vinny era obcecado pela Lady Gaga e tinha passado a temporada inteira obstinado, nos torturando com suas playlists sempre que tinha oportunidade.

— "How Bad Do U Want Me" — respondeu ele — está me dando *todo* o gás do mundo, cara.

E ergueu o celular, aumentando o volume para que o ônibus inteiro fosse obrigado a se render à cantora.

E — *Deus me ajude* — eles se renderam mesmo.

Todos nós nos rendemos.

Quando a escolta parou de nos acompanhar, o time inteiro estava cantando junto.

Chegando ao hotel, deixamos as malas na sala de reuniões. O lugar estava reservado para os nossos equipamentos, então tiramos tudo da mala na mesma hora para dar uma arejada e fomos para os quartos. Eu ia ficar com Vinny, o que era ótimo porque ele era bem tranquilo, e Richie e Kyle ficariam no quarto ao lado.

— Não acredito que confiscaram nossos celulares — reclamou Kyle ao atravessarmos o saguão uma hora depois para voltar ao ônibus que nos levaria para comer.

— É, como eu vou pegar no sono? — retrucou Richie. — Deitando e fechando os olhos como faziam os maias e os astecas?

— Assista à TV, idiota — falei, querendo acelerar o tempo até o jogo do dia seguinte.

Eu sabia — graças aos meus pais que me lembraram mais de mil vezes — que deveria curtir cada momento do torneio, mas era difícil, porque tudo o que eu mais queria era acabar logo com aquilo.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Dani

Quase não consegui assistir ao jogo.

Ao ver os garotos serem apresentados, a torcida ir à loucura, o ginásio explodir aos gritos de "sr. Hóquei" quando anunciaram Alec (porque, segundo meu avô, ele era o favorito ao prêmio de melhor jogador, cujo nome era esse) — tudo dentro de mim quis estar naquele ginásio lotado.

Mas eu estava com vovô Mick, assistindo pela TV.

Depois do ataque de pânico do dia anterior, me acabei de chorar ao contar a ele sobre os cartões-postais, o namoro de mentirinha, o namoro de verdade, e depois falei sobre o verdadeiro motivo pelo qual tinha terminado com Alec (depois de obrigá-lo a jurar que iria guardar segredo).

Precisava contar para *alguém* e, por mais estranho que parecesse, meu avô era a pessoa em quem eu mais confiava.

Imaginava que ele fosse xingar Benji, mas ele só me passou uma caixa de lenços e me disse para assoar o nariz.

Então falou que eu não precisava ir à escola no dia do jogo, o que me deixou chocada, porque ele me levaria ao Tom Reid's Pub no centro da cidade para assistir aos jogos o dia todo. Chegamos ao bar de hóquei antes do almoço, e estávamos sentados ali desde então.

Até que foi divertido assistir aos jogos com meu avô e aprender sobre hóquei, mas então a partida do Southview começou às sete. Eu estava tão nervosa por Alec e tão triste por não estar lá que não consegui ficar sentada. Andei em volta da mesa, estalando os dedos e retorcendo as mãos.

E o jogo foi uma loucura desde o instante em que o disco tocou o gelo.

Richie marcou aos noventa segundos, um gol sem goleiro e na sorte, que fez vovô Mick e eu gritarmos e comemorarmos com o pessoal ao nosso redor. Alec jogou como sempre, parecendo de algum modo estar em todos os

lugares ao mesmo tempo, fazendo um belo trabalho ao proteger o goleiro. Ele parecia mais rápido que de costume, se é que isso era possível, empurrando jogadores contra as laterais do rinque e indo atrás do disco, obstinado.

Eu mal conseguia respirar.

No entanto, no segundo período, quando Kyle deu uma rasteira em Benji e passou dois minutos no banco de suspensão, o St. John aproveitou para marcar não só uma, mas *duas* vezes.

— Não! — gritei quando marcaram o segundo gol, arrastando as mãos pelo cabelo e quase vomitando de nervoso.

— Calma — disse meu avô, sinalizando para o garçom que queria mais uma cerveja. — Ainda temos bastante tempo.

A sirene tocou, e tive a sensação de que talvez não aguentasse assistir a mais um período.

Meu celular vibrou em meu bolso e… caramba, era meu pai.

Que *timing*, hein?!

E de algum jeito meu avô sabia quem era porque, quando ergui o olhar, ele falou:

— Atenda… vocês precisam conversar, e você só vai ficar aí andando de um lado para o outro durante o intervalo.

— Verdade — concordei.

De alguma forma, me senti mais preparada para falar com meu pai tendo o apoio do vovô Mick.

— Oi, pai — falei, me levantando e indo até o corredor que levava aos banheiros.

O bar estava lotado e barulhento, então eu queria um lugar um pouco mais tranquilo.

— Oi, querida. Onde você está? Quanto barulho — comentou ele.

— Por que você foi embora? — perguntei, porque ouvir a voz dele *feriu* uma partezinha de mim. E fez com que eu me sentisse corajosa. Mais do que antes. Eu merecia uma explicação. — Quer dizer, como pôde ir embora sem falar comigo?

— Ah — reagiu ele, parecendo surpreso por eu ter ido direto ao assunto. *Eu também estou um pouco surpresa.* — Bem, é que pareceu que a conversa não seria frutífera com…

— Conversa frutífera? — repeti, me sentindo frustrada. — Você achou mesmo que me pedir que eu escolhesse entre vocês dois fosse levar a uma conversa frutífera?

— Eu não pedi isso — rebateu ele, parecendo estar na defensiva. — Só estava tentando me aproximar…

— Mas eu ouvi o que vovô Mick disse para você — falei, me preparando para a reação dele. — E ele não estava errado. Por que você não podia querer se aproximar de mim sem pedir que eu destruísse a minha mãe?

— Ah, por favor, não foi isso que eu fiz — negou ele.

— Foi, sim — insisti, me perguntando se ele ao menos se importava. — Você conhece ela, e sabe o quanto nós somos próximas, então não pode fingir que não imaginou que ela fosse ficar magoada.

Era assustador ser honesta assim com ele, mas eu não queria parar.

— Sei que você ficou decepcionado quando voltamos, e sinto muito por isso — continuei. — Mas meio que estou feliz aqui, eu acho, em um lugar que parece não ter prazo de validade, só para variar. Não quero magoar você, e não quero que se afaste, porque eu te amo.

Respirei fundo, me sentindo um pouco mais corajosa do que de costume.

— Daniella — disse ele, baixinho, e soltou um suspiro. — Eu sinto muito também.

— Mesmo?

— Mesmo — respondeu ele, parecendo… mais introspectivo que de costume. — Eu senti que estava te perdendo quando vocês se mudaram, e não tenho orgulho de como reagi. Seu avô disse algumas coisas que me atingiram em cheio.

— Ah — soltei, sentindo um aperto no peito ao ser pega de surpresa daquele jeito pelo meu pai.

— Errei muito com você ao longo dos anos, mas sempre foi porque eu te amo… você sabe disso, não sabe?

— Claro — respondi, confusa com o fato de ele admitir ter errado.

Acho que o vovô o atingiu *mesmo* em cheio.

— Uau… o que foi *isso*? — perguntou ele quando um homem que estava indo ao banheiro gritou alguma coisa ao passar por mim.

Expliquei que estávamos assistindo ao jogo.

— É… você ficou tão chocada quanto eu ao descobrir que o filho da Sarah virou atleta? — indagou ele.

O filho da Sarah. Percebi que meu pai estava se esforçando, então tentei não focar no fato de que ele não lembrava o nome do garoto de quem eu não parava de falar durante os primeiros, sei lá, doze anos da minha vida.

— Com certeza — concordei.

— Tive uma impressão completamente errada daquele garoto. Achava que ele fosse um nerd esquisitinho, para falar a verdade.

— Achava?

— Bem, ele vivia atrás de você e mandava aqueles cartões-postais em outra língua. Não dá para me culpar.

Os cartões-postais.

— Não era outra língua, pai. Era um código que nós inventamos.

— Dá na mesma — respondeu. — Eu só sei que ele continuou mandando aqueles postais mesmo quando já era velho *demais* para aquilo, o que era preocupante. Que garoto normal do ensino médio continua mandando mensagens em código uma vez por semana para uma garota que ele conheceu quando era criança?

— Para ser justa com Alec, ele parou de mandar quando eu estava mais para o fim do fundamental — argumentei.

Eu me lembrava *exatamente* de quando ele tinha parado de escrever, porque foi no pior momento da minha vida.

— Não — respondeu ele. — Eu me lembro muito bem de ter dito a sua mãe que era estranho o garoto estar no ensino médio e continuar fazendo aquilo.

— Acho que não foi bem assim, mas…

— Foi, sim, Daniella… Eu comecei a jogar os postais fora — continuou ele. — É por isso que você não se lembra, porque eu jogava fora junto das propagandas que chegavam pelos correios.

— Espera… — Todos os barulhos ao meu redor desapareceram. — Você jogava fora?

Ele jogava. Os cartões-postais. Fora?

— Ah, como pai, é meio preocupante quando um garoto não para de mandar para sua filha mensagens que você nem consegue decifrar…

— Não acredito nisso — falei, pensando no que Alec disse quando eu terminei com ele, nas palavras que não pareciam fazer sentido. *Eu escrevia toda semana.* — Então… ele continuou mandando?

— O tempo todo — respondeu ele. — Cartas também. E você estava com dificuldade de adaptação depois do que aconteceu no Texas, então achei melhor colocar um fim naquilo.

Cartas?

— Ah, meu Deus — disse, incrédula, e o mundo parou quando a verdade me atingiu com tudo. — Você jogou fora os postais do Alec.

Alec nunca tinha me dado um perdido.

— Você jogou fora — repeti, em choque.

Ele havia continuado escrevendo.

Ele não tinha mudado.

Fechei os olhos, porque isso queria dizer que, quando *eu* parei de escrever, triste pelo abandono, fui eu que dei um perdido *nele*.

Eu o abandonei.

Ah, não.

Pelo menos agora não vai ter nenhuma carta para você ignorar.

Fazia sentido… era por isso que ele parecia ter raiva de mim quando voltei para Southview.

Como você pôde se afastar quando eu mais precisava de você?

Ele achava que eu tinha ignorado ele.

— Como pôde fazer isso? — perguntei, e minha voz falhou. — Como pôde jogar tudo fora?

— Querida — disse ele, e pelo tom percebi que ficou chocado por eu dar importância àquilo. — Eu não achava que aquelas mensagens eram importantes para você.

Eram a coisa mais importante do mundo.

— Eu… eu tenho que ir. — Eu precisava desligar e entender o que aquilo queria dizer. Quando pensei que meu pai e eu estávamos avançando, na verdade estávamos dando dois passos para trás. Era desolador. — Ainda não terminamos esta conversa, mas agora tenho que desligar.

— Eu te amo, filha — falou ele, o que de algum jeito deixou tudo pior e melhor ao mesmo tempo. — Me desculpa.

— Também te amo. Tchau.

Desliguei, abalada com a revelação, saindo do corredor e voltando para o bar. Fui avançando pelo estabelecimento lotado, anestesiada, porque aquilo mudava tudo.

Mas, quando cheguei à mesa, meu avô me olhou com uma cara estranha.

Uma expressão que eu nunca tinha visto.

— O que houve? — perguntei, olhando para a TV enorme.

Eu esperava que fosse porque a Academia St. John tinha marcado mais um gol ou algo do tipo, mas o jogo parecia ter sido pausado.

E então eu vi por quê.

Um jogador estava caído.

O camisa número sete.

Alec.

Meu corpo inteiro congelou quando o vi deitado no gelo, cercado pelos colegas de time, e paramédicos entraram com uma maca.

— Ah, meu Deus, o que aconteceu? — perguntei, sem conseguir tirar os olhos da tela imensa, com o coração na boca.

Como se eles estivessem me ouvindo, um replay da jogada apareceu na TV.

Alec estava indo em direção ao disco, de costas para a câmera, quando foi atingido por trás, uma camisa azul batendo nele à toda velocidade. *Worthington*. Horrorizada, vi Alec voar contra as laterais, de cabeça, e cair no chão.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus.

— Pega seu casaco — disse vovô, ficando de pé. — Temos que ir.

— O quê? — Eu não conseguia tirar os olhos da tela. Estava paralisada. — Aonde?

Ele fez um gesto para o homem que estava atrás do balcão, sinalizando que queria fechar a conta, e declarou:

— Vamos para o hospital.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Alec

— Assim que o médico chegar, vamos levar você para a cirurgia.

— Obrigado.

Eu já era fã daquele enfermeiro porque o que quer que ele tivesse aplicado na minha veia tinha ajudado e muito com a dor no ombro.

Além disso, o nome dele era *Dan*, o que achei bastante curioso quando os remédios começaram a fazer efeito.

— Ótimo — respondeu minha mãe, assentindo.

Meu pai continuava no ginásio, filmando a comemoração. Ele ligou por vídeo quando faltavam trinta segundos para acabar o jogo, então pelo menos eu pude estar lá *virtualmente* quando vencemos a partida.

E acabou que o carma veio em forma de uma punição de cinco minutos e um motivo para suspensão.

Nada me deu mais alegria que descobrir que a punição do Worthington nos permitiu marcar duas vezes enquanto estávamos em maior número.

Isso, caramba. Nós avançaríamos no campeonato.

E a melhor ironia de todas foi o fato de que a culpa pela derrota da St. John era toda de Benji, a cereja do bolo das quartas de final.

Assim que o tempo acabou tive que guardar o celular e ir para a radiografia, seguida de uma consulta de emergência com o cirurgião, então nem *tudo* era vitória, claro. Minha clavícula estava fraturada, e a cartilagem do ombro estava só o pó (o que já fazia um tempinho).

Daí a cirurgia.

No entanto, os analgésicos estavam ajudando muito. Além de ajudarem com a dor no ombro, eles me permitiam *não* surtar com tudo o que a lesão significava. Ficar afastado do hóquei por três meses, mais dívidas hospitalares… era um pesadelo.

Mas naquele momento eu estava calmo.

Alguém bateu à porta do meu quarto e, quando olhei, encontrei Mick Boche.

Como assim?

Ele estava lá parado, parecendo constrangido.

Talvez os remédios sejam fortes demais e eu esteja alucinando.

— Oi, Mick — disse minha mãe.

— Oi — respondeu ele, entrando no quarto. — Como está o ombro?

Minha mãe deu a explicação médica, graças a Deus, porque eu não estava a fim de ter aquela conversa. Não queria falar sobre o ombro, e não queria falar com ele.

Mick me fazia lembrar *dela*, e eu não queria pensar nela.

Fiquei vendo os dois conversarem sem prestar atenção, porque estava exausto.

Deixei meus olhos se fecharem, e não sei quanto tempo passou até minha mãe dizer:

— Vou pegar um café, Al… Já volto.

— Tá — respondi, muito cansado.

Ouvi a porta se fechar atrás dela, e então:

— Barczewski.

Abri os olhos de repente porque, *merda*, Mick continuava ali. Ele estava ao lado da cama, olhando para mim como se tivesse algo a dizer.

— E aí? — falei, descontraído, embora nem desconfiasse do que Mick poderia querer falar *comigo*, ainda mais naquele momento.

— Eu, é… — começou ele, tirando os óculos de leitura do bolso da camisa, então olhou para o celular. — Eu só queria garantir que você soubesse que vai ficar tudo bem.

— O quê?

Ele olhou para mim, franziu o cenho, e voltou a olhar para o celular.

— Embora não vá poder treinar no verão, a lesão vai sarar bem rápido e, quando menos esperar, você já vai estar de volta ao rinque. Não precisa se preocupar.

— Ah, tudo bem — falei, me perguntando se minha mãe estava mandando mensagem para ele.

Quem sabe ela tivesse pedido a Mick que conversasse comigo? O que seria superesquisito. Mas não menos esquisito do que Mick me dizendo

aquilo da própria cabeça.

— Obrigado.

— E isso também não vai afetar suas chances na Liga Nacional — continuou ele, em um tom estranho, como se estivesse lendo, não falando. — Vai ser uma escalação épica e…

— Você disse "escalação épica"?

Os remédios devem estar mesmo mexendo comigo, porque minha mãe jamais usaria a palavra "épica".

— Caramba, eu disse, sim — respondeu ele, balançando a cabeça, indignado. — Mas você entendeu, né?

— Entendi — falei, embora não tivesse entendido nada.

— Ah, é… — Mick guardou o celular e colocou a mão no bolso do casaco. — Aqui.

Então ele tirou do casaco uma barra tamanho gigante de chocolate Charleston Chew.

— O que é isso? — perguntei, incrédulo, quando ele estendeu a mão que segurava o chocolate.

Meu chocolate *favorito*.

— Eu, é, imaginei que pudesse estar com fome depois do jogo — explicou ele, pigarreando e estendendo a barra para mim como se quisesse muito que eu a pegasse, como se o doce estivesse queimando sua mão. — Pega.

— O que está acontecendo? — indaguei, porque não fazia ideia do que aquilo significava.

— Como assim?

— Por que está me dando isso?

Fazia anos que eu não comia um Charleston Chew, mas era meu chocolate favorito nas férias de verão do sétimo ano, quando Dani e eu descobrimos que ficava uma delícia congelado.

— Sei lá, é um chocolate — respondeu ele, dando de ombros.

— Mas por que *este* chocolate?

— Você não gosta? — rebateu ele de cara feia.

— Não é essa a questão — disse. — Quem falou para você comprar isso?

Mick respirou fundo.

— Pelo amor de Deus, você não pode só pegar a droga do chocolate e agradecer?

— Tá. Obrigado — falei, enfim pegando o Charleston Chew.

— De nada — replicou ele, com um suspiro tenso.

O celular dele apitou, e ele soltou uma espécie de rosnado antes de tirar o aparelho do bolso.

Olhou para a tela e soltou outro suspiro.

— Mais uma coisa — declarou, olhando para a tela. — Você contou ao médico sobre os problemas que teve no ombro antes do jogo?

— O que é *isso*, Mick? — perguntei, porque era óbvio que alguma coisa estava rolando ali. — Explica logo.

Ele ficou um tempinho olhando para mim, como se estivesse considerando suas opções, então cedeu:

— Ah, pelo amor de Deus… veja isso aqui.

Ele estendeu o celular com várias mensagens.

Uma sequência iniciada dez minutos antes.

Da Dani.

Dani: Diga que vai ficar tudo bem e que, embora ele não vá poder treinar no verão, a lesão vai sarar logo e quando ele menos esperar já vai estar de volta ao rinque. Deixe claro que ele não precisa se preocupar.

A resposta do Mick foi um simples: **Entendi.**

Dani: Ouvir isso de você vai ser muito importante. Também não se esqueça de dizer que isso não vai afetar as chances dele na Liga Nacional. Diga que vai ser uma escalação épica.

Mick: Tá.

Dani: Não esqueça o chocolate.

Mick: Meu Deus.

Dani: Você já perguntou se o cirurgião sabe que o ombro dele já estava ruim?

— O que significa isso?

Eu não estava entendendo, mas de repente me senti absolutamente desperto.

Ele voltou a guardar o celular no bolso.

— Não sei do que você está falando. Você estava espiando as minhas mensagens?

— Então… — falei, sentindo uma agitação percorrer meu corpo da cabeça aos pés, como se tivessem acionado um interruptor. — Ela pediu que você entrasse aqui e falasse comigo. Por quê?

— Por que você acha? — retrucou ele, como se eu fosse idiota.

— Mas ela se afastou de mim — respondi, confuso, porque pelas mensagens ficava óbvio que Dani estava preocupada. — Ela não quer nada comigo.

Ele deu de ombros.

— Não quer mesmo?

Não quer?

— Mas ela disse…

— Às vezes as pessoas dizem coisas que não são verdade — interrompeu ele. — Ela parecia estar falando a verdade, seu tapado?

— Meu Deus, Mick, eu não sei — respondi, me perguntando como era possível que aquela conversa bizarra com Mick Boche estivesse mesmo acontecendo.

E também… não, ela *não* parecia estar falando a verdade.

Ela *chorou* quando disse que precisava de um tempo.

— E às vezes as pessoas fazem coisas que *não querem* fazer. Que acham que *precisam* fazer.

— Será que pode parar de falar em códigos e explicar tudo de uma vez? — pedi, porque era óbvio que Mick sabia de alguma coisa que eu não sabia.

— Talvez você devesse perguntar a ela.

Será mesmo? Parecia uma má ideia.

Eu deveria deixar aquilo tudo para lá. Já tinha engolido todo meu orgulho quando implorei naquele dia.

Eu seria um idiota patético se insistisse mais uma vez.

O celular do Mick apitou de novo, e ele soltou um palavrão, olhando para mim como se eu fosse o culpado.

— O que ela disse? — perguntei.

Ele olhou para a mensagem.

— Ela falou: "O que ele disse? Ele parece bem?"

— Onde ela está? — indaguei, me dando conta de que ela devia estar por perto. — Onde ela está, Mick?

— Não sei — respondeu ele, mas apontou com a cabeça para a porta.

— Ela está no corredor?

O velho só deu de ombros.

— Collins! — berrei. — Trate de entrar aqui!

Mick olhou para mim, e juro que ele assentiu, como se estivesse me dando sua aprovação.

— Dani Collins! — gritei ainda mais alto.

— Até que enfim — disse Mick, quase sorrindo.

No segundo seguinte, Dani entrou correndo no quarto — parando de repente ao ver Mick, que estava com cara de tédio, e eu sentado ali com o Charleston Chew na mão.

— O que houve? — perguntou ela, parecendo não saber exatamente o que estava acontecendo, o que fazia sentido, porque eu tinha acabado de berrar em um hospital. —Você está bem?

Seu cabelo estava preso no topo da cabeça, aquele emaranhado de ondas douradas, mas seus olhos castanhos estavam vermelhos e inchados atrás dos óculos, o rosto também estava corado, como se tivesse chorado.

— Por que mandou Mick aqui? — perguntei, percorrendo seu rosto triste com o olhar, tentando entender como a situação se encaixava em tudo aquilo, que também não fazia sentido.

Eu só conseguia pensar em uma coisa que poderia fazer sentido — *por favor, que Mick esteja certo* — e quis muito que fosse verdade.

— Eu não mandei, não — respondeu ela, mentindo, pigarreando e olhando para o avô.

Mick deu de ombros e arqueou as sobrancelhas.

— Não minta para mim, Collins — insisti, mas não estava irritado.

Nem um pouco.

Eu estava… no limite.

Agitado de repente, pegando fogo, vivo.

Mas também podia ser efeito dos remédios.

— Não estou mentindo.

— Mick, será que pode me deixar sozinho com sua neta rapidinho? — pedi, os olhos fixos nela, que piscou várias vezes, como se estivesse tentando traçar uma rota de fuga.

— Não, vo…

Sem dizer uma palavra, Mick passou por ela e saiu do quarto.

Eu estava começando a gostar muito daquele cara.

— Hum, o que foi? — perguntou ela, baixinho, cruzando os braços e mordendo o lábio, parecendo agitada.

— Primeiro de tudo, será que pode chegar mais perto para que as pessoas lá fora não me ouçam?

Ela piscou mais algumas vezes, atônita, e assentiu.

— Claro.

Dani se aproximou — me deixando louco com aquela camisa do time de Southview e colocando a música do ROLE MODEL para tocar no meu cérebro — e parou ao lado da minha cama.

I'm sorry, but I'm deeply still in love

— Agora me diga por que mandou seu avô vir falar comigo — pedi. — E não minta.

In love with you

Ela franziu o cenho e pigarreou. Sua voz mal saiu quando ela respondeu:

— Você é meu amigo, e eu sabia que estaria estressado com tudo isso. Então, como sua amiga, achei que talvez pudesse ajudar ouvir de alguém que sabe…

— E o Charleston Chew?

Fiquei olhando fixamente para Dani, tentando ler sua mente enquanto ela evitava olhar em meus olhos. Percebi que havia algo que ela não queria que eu soubesse, mas caramba… eu iria fazê-la abrir o jogo.

Ela deu de ombros.

— Ah, imagino que você não tenha comido desde…

— Pode, por favor, ser sincera comigo? — interrompi, frustrado. Eu *precisava* que ela fosse honesta. — Eu posso morrer na cirurgia, Dani, então para de mentir.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Dani

— *O quê?*

Eu o encarei, sentado na cama do hospital com aquela camisola hospitalar azul e de óculos, e as lágrimas voltaram porque, meu Deus, como assim? Eu tinha passado horas andando de um lado para o outro na sala de espera, tentando não chorar, preocupada com ele, sentido sua falta, arrependida, repensando tudo… e agora isso?

— Achei que fosse só uma cirurgia no ombro! — exclamei, e percebi que minha voz soou quase desesperada, mas não pude me conter. Meu coração acelerou e meu corpo começou a pegar fogo enquanto o melhor amigo que eu tive na vida inteira assistia minha reação àquela notícia. — Tem mais alguma coisa…

— Não… *merda*… relaxa — disse ele, me interrompendo, os olhos escuros percorrendo todo meu rosto, chocado com minha reação. — Eu estava brincando.

— Você estava *brincando*?! — perguntei (foi mais para um grito, na verdade), dando um tapa em seu ombro, os dentes cerrados, tentando conter minha raiva.

— Ei, não pode bater em um paciente…

— Você se acha engraçado? Eu estava péssima desde que ele me obrigou a terminar com você, e aí meu pai, aquele homem terrível, me liga hoje e diz que você *nunca* parou de mandar os cartões-postais, mas que ele jogou todos fora, então eu nunca soube disso e achei que você tivesse me dado um perdido, o que na verdade quer dizer que quem te deu um perdido fui eu. E exatamente no momento em que eu descubro tudo isso vejo seu corpo caído no gelo como se você estivesse *morto*… como pode fazer isso comigo? Como pode brincar com isso?

Naquele momento, desejei que a clavícula dele não estivesse quebrada, porque precisava muito dar um soco bem no meio do peito dele.

— *O quê?* — perguntou ele, baixinho.

Com raiva.

Olhei para ele, e Alec quis saber:

— Quem foi que *obrigou* você a terminar comigo?

Ah.

Ah, não.

Eu disse aquilo?

Em voz *alta*?

— Dani — disse ele, parecendo o Alec do hóquei ao esperar minha resposta, os olhos intensos fixos em mim, exigindo saber de tudo ao dizer meu nome naquele tom.

— Espera. *Não, não, não* — falei, balançando a cabeça e abrindo um sorriso falso, como se aquilo fosse um mal-entendido. — Não é…

— Fala logo o que isso quer dizer, Collins — apressou ele.

— N-nada… eu, é… — gaguejei. — Não é…

— *Fala* — repetiu ele, os dentes cerrados, o olhar intenso e agressivo.

— Você não entende, eu tenho que…

— *Fala*, pelo amor de…

— Foi o Benji, beleza? — berrei, levando as mãos à cabeça, frustrada, e com medo e exausta. — Ele disse que não prestaria queixa se eu terminasse com você, mas eu preciso que…

— Ele fez *o quê*? — rebateu Alec, também aos berros.

— Me escuta — pedi, erguendo uma das mãos e tentando desesperadamente fazer com que ele me ouvisse, que entendesse que não podia perder a cabeça por causa daquilo. — Preciso que fique calmo. Você não pode explodir porque…

— Você terminou comigo porque *Ben Worthington* mandou? — perguntou ele, semicerrando os olhos e me paralisando com o olhar. — Você fez isso para que eu não fosse preso?

— Ah, duvido muito de que você de fato fosse cumprir pena…

— Collins — disse ele, impaciente, percorrendo meu rosto com o olhar.

— Sim…

Ele inclinou a cabeça e fez uma pausa longa.

— Se eu não tivesse batido no Benji, você teria terminado comigo?

Não, nunca, nem em um milhão de anos.

— Bem, não — admiti. Mas logo acrescentei: — Mas isso *aconteceu*, Alec, e eu concordei…

— Então a gente voltou a namorar — declarou ele, com firmeza, como se estivesse fazendo um comunicado oficial. — A partir de agora.

— *O quê?*

Ele só podia estar louco, ou talvez não tivesse entendido por que eu tinha feito aquilo.

— Não voltamos, não.Você não pode…

— Voltamos, sim — insistiu ele, com ousadia, menos raivoso, mas tão intenso quanto antes. — O que você sente por mim mudou?

Engoli em seco, não queria responder.

— Alec…

— Responda.

— Não é tão simples…

— Responda à pergunta, Collins — bradou ele. — O que você sente por mim *mudou*?

— *Não* — respondi, irritada. Mas então respirei fundo e confessei: — Nem um pouquinho.

Sua mandíbula se retesou e ele engoliu em seco.

— Então é simples assim — concluiu ele, baixinho. Mas, mesmo baixa, sua voz foi a única coisa no mundo que eu ouvi quando ele disse: — A gente complicou muito as coisas desde que você voltou, mas a verdade é que você é tudo o que eu sempre quis… ponto-final.

Balancei a cabeça. Sabia que precisava dissuadi-lo, mas ao mesmo tempo queria guardar aquelas palavras em uma caixinha embaixo da minha cama, para poder lê-las toda noite antes de dormir.

— Eu já gostava de você no quinto ano, quando você me jogou daquela boia e quebrou duas das minhas costelas — continuou ele, olhando para trás de mim com os olhos semicerrados como se ainda conseguisse ver a cena de nós dois no lago. — Eu já gostava de você no sétimo ano, quando passei por cima do seu pé com o quadriciclo do meu pai. E quando o sr. Bolsinho foi atropelado e você chorou comigo, quando me beijou com tanta vontade no galpão, e agora, Deus me ajude… eu gosto ainda mais de você agora que despedaçou a droga do meu coração para que eu não destruísse meu futuro.

Minhas mãos começaram a tremer ao vê-lo tão incrivelmente… *sério*.

Alec Barczewski nunca se comportava de forma séria.

Não daquele jeito.

— Isso de "na alegria e na tristeza" não importa para a gente… — continuou ele. — Não mesmo… porque *sempre* é uma alegria quando estou com você. O que poderia ser mais simples do que isso?

Respirei fundo, a sensação era de que estava me afogando de tanto que queria ceder, simplesmente me soltar e me entregar à magia daquelas palavras.

— Mas Benji ainda pode…

— Ele que se dane — disse Alec, me interrompendo, os olhos fixos em mim, estendendo a mão esquerda e tateando a grade da cama. — Benji não pode mexer com a gente.

— O que está fazendo? — perguntei, vendo sua mão tatear a grade sem parar. — Alec!

— Tentando abaixar a droga dessa grade — respondeu ele. — Sei que tem um botão em algum lugar porque vi o enfermeiro apertar.

— O quê? — Talvez os remédios de que ele tinha falado estivessem fazendo efeito. — Acho que você não deveria…

— Estou confessando que amo você desde sempre, e é muito nada a ver eu ficar confinado a uma cama e você, tipo, em pé aí — disse ele —, ouvindo e me olhando como se eu fosse doido.

Mordi o lábio porque era uma péssima hora para rir, mas de repente — no mesmo instante — fui tomada por uma felicidade tão completa que não tive como me conter.

Dei um tapa em sua mão, tirando-a dali e apertando o botão para que a grade descesse.

— E como *deveria* ser essa cena?

— Collins, sua deusa — agradeceu ele, abrindo aquele sorrisinho travesso que eu amava. — Eu estava pensando em algo mais ou menos assim…

Não sei como ele fez aquilo, mas, com a mão sem lesões, Alec deu um puxão na minha camiseta, e eu caí para a frente, meio esparramada em cima dele.

— Alec! — soltei um gritinho.

Então caí na gargalhada quando ele usou as pernas para dar um jeito de me deitar de vez na cama com ele.

— Uau, olha só você — disse ele, sorrindo, enquanto eu tirava o cabelo bagunçado do rosto e tentava me ajeitar. — É bom estarmos juntos de novo, não é?

— Não estamos juntos — respondi com uma risadinha. — Não enquanto *eu* não disser que estamos.

Ele engoliu em seco e disse baixinho, com a voz grave:

— Então diga, Cachinhos Dourados.

— Tá — falei, com os pensamentos a mil, todos de felicidade. — Estamos juntos.

— Tá, então vou precisar da sua ajuda — pediu ele, me causando um frio na barriga quando focou os olhos escuros nos meus lábios. — Preciso beijar você, tipo… para *ontem*, mas não consigo mexer o tronco, então…

— Já entendi — falei, o coração num frenesi, me aproximando sem desviar o olhar do dele.

Mas, assim que cheguei mais perto, ele se endireitou, e seus lábios encontraram os meus como se Alec não pudesse esperar nem mais um segundo. Ele não podia usar as mãos, seus lábios eram as únicas armas à sua disposição, mas, meu Deus, ele não precisava de mais nada.

Coloquei as mãos em seu rosto, tentando me segurar em meio ao toque dos lábios dele.

— *Danizinha* — sussurrou Alec, sem afastar a boca da minha, lambendo meus lábios e me tirando o fôlego, com beijos intensos e envolventes que eu sentia em meu corpo todo.

Os sons de sua respiração entrecortada faziam meu peito incendiar e, quando meus dedos encontraram o cabelo espesso e bagunçado por causa do jogo, fui com tudo e puxei. O que mais eu poderia fazer?

Alec soltou um grunhido — irresistível — e mordiscou meu lábio inferior, disparando choques por todo o meu corpo…

— O médico já chegou, então está na hora de… — disse alguém, e depois soltou um pigarro.

Quando me afastei de Alec e me virei, quase caindo da cama, me deparei com um enfermeiro entrando no quarto.

Com os pais de Alec.

E minha mãe.

E meu avô.

Meu Deus, que vontade de morrer.

— No flagra — murmurou Alec, e ouvi o sorrisinho em sua voz, mas me *recusei* a olhar para ele ao *pular* daquela cama.

— Quem abaixou a grade? — perguntou o enfermeiro, os olhos semicerrados.

— Foi ela, Dan — acusou Alec, apontando para mim e fazendo minha mãe e os pais dele rirem.

E ele estava com um sorriso largo, rindo como uma criancinha alegre.

Aquele idiota.

— Mocinha, ele está tomando analgésicos na veia, então pode cair — advertiu o enfermeiro, fazendo cara feia, mas ao mesmo tempo parecia que estava de zoação. — A grade precisa ficar erguida.

— Sim, mas… — falei, lendo o crachá e vendo que o nome dele era mesmo Dan. — Foi ele que pediu para abaixar…

— Mas eu estou debilitado — rebateu Alec, balançando a cabeça como se eu fosse o problema. — Por causa do já mencionado analgésico.

— De repente você virou um babaca convencido, é, Charleston Chew? — comentou vovô Mick.

— Charleston Chew — repeti com uma risada bufada, então comecei a rir sem parar do apelido sarcástico.

— *Não* — protestou Alec, apontando para mim.

— Se já acabaram de ficar se agarrando — disse *Dan* —, vamos lá colocar seus ossos no lugar.

Alec repetiu *se agarrando*, só mexendo os lábios, com aquele sorrisinho irresistível, e eu perdi tudo.

— Você está bem agora, garota? — perguntou vovô Mick depois que eles levaram Alec para prepará-lo para a cirurgia, afastando uma das muitas mechas de cabelo que tinham caído no meu rosto ao longo daquela visita estressante ao hospital.

Se eu estava bem? Aquela palavra não era o suficiente nem para começo de conversa.

Porque, para além de tudo o que acontecera, eu consegui, nos minutos que antecederam a preparação de Alec para a cirurgia e ainda que bem rápido, conversar com ele sobre o que meu pai me contara a respeito dos cartões-postais.

— Então eu nunca quis parar de escrever para você, e sinto muito por não ter estado presente quando você precisou de mim — falei depressa, já que

todos estavam esperando que me calasse para que pudessem levar meu namorado para a sala de cirurgia.

Eu esperava que Alec ficasse chateado ou em choque, porque *eu* ainda me sentia daquele jeito ao pensar no que meu pai tinha feito, mas ele apenas *deu de ombros*.

— Parece que vamos ter muito assunto para colocar em dia quando eu acordar, querida — disse ele, com o sorriso sonolento mais lindo do mundo.

Então, de volta à pergunta. Se eu estava bem?

Assenti, me perguntando como era possível ficar tão feliz.

— Melhor do que nunca, vô.

EPÍLOGO DA DANI

ABRIL

Dani

— Vou pegar a correspondência — avisei, ainda meio dormindo, ao entrar na cozinha.

— Estava começando a achar que você ia dormir o dia todo — disse meu avô, remexendo uma panela de macarrão instantâneo. — Eu já vou almoçar.

— Só porque você almoça cedo demais — respondi, pegando um Red Bull na geladeira.

Para ser justa com ele, era quase uma da tarde. Alec tinha vindo na noite anterior e ficamos assistindo à TV até umas duas e meia da manhã (quando o vovô o expulsou), então dormir até mais tarde tinha sido absolutamente necessário.

— Pegue *toda* a correspondência — pediu minha mãe. — Não só as suas coisas.

— Tá — falei, largando a bebida. — Mas não vou calçar sapatos.

— A manhã está linda… não tem problema.

Assim que abri a porta, soltei um suspiro, porque, meu Deus, a primavera enfim tinha chegado. O sol estava brilhando e os pássaros cantando, e meus pés nem gelaram ao caminhar sobre a calçada só de meia.

Nada como a primavera depois de um longo e frio inverno.

Meu celular vibrou e, ao tirá-lo do bolso, vi que era uma mensagem do meu pai.

Pai: A chamada de vídeo ainda está de pé?
Eu: Sim... às 14h do meu fuso, né?
Pai: Combinado.

Meu pai e eu, depois que tudo foi pelos ares, meio que acabamos pousando em um terreno estável. Ele ainda era o coronel a maior parte do tempo, mas estava *se esforçando*. Tínhamos um encontro fixo por chamada de vídeo todo sábado às duas da tarde. Até então, ele não tinha furado nenhuma vez.

Estranho, né?

Abri a caixa de correio e peguei a pilha de cartas, ignorando todas elas até encontrar a que eu queria, a correspondência que eu recebia sem falta todo sábado.

Aqui.

Abri um sorriso ao olhar para a imagem do postal antigo: uma foto da Confeitaria da Kriz de 1981.

Meu Deus, como eu amo esse garoto.

Virei o postal e li a mensagem codificada, me perguntando como era possível eu ter tanta sorte.

Collins:
Saudações, garota-que-eu-gosto-de-beijar.
1. Hoje de manhã, a caminho da escola, quase bati em um Subaru porque estava distraído olhando para as suas pernas — você tem belos joelhos.
2. Não quero mais te ensinar a dirigir — você é péssima —, mas eu te amo então você não pode ficar brava.
Contando os dias até o verão,
Alec

Dei uma risadinha — *nem pensar* que eu iria deixar ele desistir de me ensinar a dirigir, e me perguntei se algum dos vizinhos um dia olhou pela janela e ficou tentando imaginar qual seria o problema da garota que ficava morrendo de rir ao lado da caixa de correio todo sábado.

Já estava a caminho da porta de casa quando vi.

Harvard.

Um envelope branco e grande de Harvard, endereçado a mim.

Aaaaaaah.

Eles não mandavam envelopes grandes cheios de documentos para alunos que *não* tinham sido aceitos, mandavam? Encarei o envelope com um frio na barriga, e me dei conta de que a resposta devia estar dentro dele.

A sensação era de que eu ia vomitar segurando aquele envelope grosso nas mãos, morrendo de vontade de abrir, mas também com muito medo.

— Ei, Danizinha?

Tirei os olhos do envelope e me deparei com meu avô e minha mãe, os dois em pé na varanda.

— Sim?

— Ninguém vai ficar bravo se você quiser ir abrir esse envelope com o garoto dos Barczewski — disse vovô Mick, com um sorrisinho.

Eles sabiam, tinham visto o envelope na caixa de correio, mas deixaram lá para que eu o pegasse.

— Obrigada!

— Só não se esqueça de respirar pelo nariz — acrescentou ele.

Isso me fez amá-lo ainda mais porque nós dois estávamos nos esforçando muito — juntos — para sermos proativos com nossas… questões.

Enfiei o restante das cartas de volta na caixa de correio, abracei o envelope de Harvard contra o peito e corri pela calçada.

— Você não vai trocar de roupa? — gritou minha mãe.

— Ou trazer as outras correspondências? — perguntou vovô Mick.

— Não — respondi, correndo.

— Você parece uma louca, garota! — berrou meu avô, mas ouvi a risada na voz dele.

— Só um louco para reconhecer outro louco! — exclamei.

A única coisa que me interessava era chegar até Alec.

Corri pelo quarteirão sem nem me importar com o fato de que estava de pijama, descalça, e ainda nem tinha me olhado no espelho. Fui o mais rápido que minhas pernas conseguiam e só parei ao chegar à varanda dos Barczewski, tocando a campainha como uma descontrolada.

— Danizinha! — exclamou Big John ao abrir a porta. Seu sorriso aumentou quando ele olhou para meu pijama e a meia em meus pés. — Uau. Belo traje, garota.

— Eu sei, eu sei — respondi, ofegante. Mal conseguia falar. — Preciso do Alec.

— Eita — disse Alec, surgindo atrás do pai. O sorriso largo e os olhos escuros percorrendo meu corpo da cabeça aos pés. — O que está acontecendo, Collins?

— Harvard — expliquei, arquejando, erguendo o envelope.

— Puta merda. Harvard — respondeu ele, arqueando as sobrancelhas e saindo para a varanda. — Você conseguiu? Foi aceita?

— Não sei — falei, com dificuldade, balançando a cabeça. — Não quis abrir sem você.

— Espera… você veio correndo até aqui? — perguntou ele, sorrindo ao pegar a minha mão e me puxar até o balanço que ficava na varanda.

Ouvi John fechar a porta.

— Vim — contei, ainda ofegante. — Agora, vamos ficar conversando ou vamos abrir o envelope?

Eu me acomodei no balanço ao lado dele.

— Calma, Dani — disse ele, me puxando para mais perto com o braço ileso, a lesão no braço oposto melhorando a cada dia. — Abra.

— Acho que você vai ter que abrir para mim — falei, balançando a cabeça, nervosa de repente. — Estou com muito medo.

— Vamos abrir juntos — sugeriu ele, pegando o envelope e colocando os dedos em uma das pontas e os meus na outra. — No três.

— Tá — concordei, com um sorriso, porque fazer aquilo *com* ele parecia a coisa certa.

— Um — disse ele, dando um beijo em minha cabeça.

— Dois — contei, fechando os olhos e reunindo toda a minha esperança.

— Espera um pouco — interrompeu ele.

— *O que foi?* — perguntei, com uma risadinha impaciente, porque é claro que ele iria fazer suspense. — *Chega* de enrolação, Barczewski.

— Eu só quero dizer que, se por algum motivo você não tiver sido aceita, isso não quer dizer nada e você está destinada a algo melhor… Sabe disso, não sabe?

— Melhor do que *Harvard*? — indaguei, fazendo uma careta.

— Se Harvard não quiser você, sim, com certeza algo muito melhor.

— Tá — falei, e estava sendo sincera.

Se eu não tivesse sido aceita, sabia que ficaria tudo bem.

Porque não só tinha Alec, mas também parecia ter encontrado meu lugar no mundo. Southview, Cassie, Lillie, Liz, morar com vovô Mick, rifas de

carne no Chalé Polonês… Ali era o *meu* lugar.

Minha *casa*.

Se eu não tivesse sido aceita em Harvard, tudo ficaria bem, porque eu tinha o apoio da *minha casa*.

— Podemos chegar logo no três? — perguntei, impaciente, porque ainda assim queria muito ir para Harvard. — Isso está me matando.

— Depois que eu beijar você — retrucou ele.

— Olha — reclamei —, você sabe que eu te amo, mas estou morrendo.

— É, mas… — respondeu ele, bem calmo, com um dedo em riste, devagar e sem nenhuma urgência. — Esse vai ser nosso último beijo antes de você ser oficialmente aluna de Harvard, ou nosso primeiro beijo na nova era em que vai tentar decidir em que outra faculdade vai querer estudar. Acho que isso merece atenção especial.

— Agora eu *tenho* que beijar você — falei, sentando no colo dele, completamente apaixonada por aquele jogador de hóquei imenso que era bastante sentimental. — Mas vamos, seja rápido.

E, bem… ele não foi.

E eu achei ótimo.

EPÍLOGO DO ALEC

JUNHO

Alec

— Você vai chorar?

Olhei para Dani, que *estava* chorando, e engoli em seco.

— Claro que não.

Mas eu queria.

Ali, no Doug, olhando para o novo acréscimo ao mural que havia acabado de ser inaugurado diante dos gritos de uma arena lotada, não chorar parecia ser a tarefa mais difícil que eu já tinha feito na vida.

.

As palavras eram enormes, estampadas logo acima da foto do time que tiramos após a vitória sobre o Minnetonka, que garantiu nosso troféu. Os caras sorrindo, suados e desgrenhados depois de um dos jogos mais longos da história do campeonato (foram quatro prorrogações, caramba), empilhados no rinque com o dedo em riste e toda a Southview fazendo o mesmo no vidro atrás deles.

Vinny seria um deus da cidade para todo o sempre com sessenta e cinco defesas naquela noite.

— Tudo bem se você chorar — afirmou ela. — Kyle está aos prantos.

— Obrigado por mencionar, Collins — disse Kyle, e quando olhei para ele não consegui evitar uma risada, porque seu rosto estava vermelho e seus olhos cheios de lágrimas. — E não estou *aos prantos*, pelo amor de Deus. Estou só… *lacrimejando*.

— Ah, que se dane, eu prefiro estar *aos prantos* a estar "lacrimejando"… Que baboseira é essa? — retrucou Vinny, indignado. — Por acaso você é uma

senhorinha de oitenta anos? Quer uma caixa de lenços com capinha de crochê para seus olhos lacrimejantes?

— Que lindo — comentou Cassie, rindo. — Lindo mesmo.

— Eu tenho pena da pessoa que *não* lacrimejar ao ver este mural — afirmou Kyle, e eu sabia que ele estava falando sério.

— Ah, quer parar de usar essa palavra? Eu caio aos prantos por você se parar de dizer "lacrimejar" — disse Vinny, abraçando Kyle. — Meu craque da partida, todo emotivo.

Kyle jogou muito naquele jogo.

Todos mandaram muito bem.

Quer dizer, todos menos eu.

Eu estava lá, no banco, com o braço direito numa tipoia, roendo a droga das unhas sem parar.

Sorrimos para as câmeras enquanto a cidade inteira — e a mídia — ia à loucura. Era a última vez que nós, alunos do último ano, vestíamos a camisa do Southview, a última vez que o time que conquistou o campeonato pela primeira vez na história estaria naquele rinque junto.

E era isso que estava fazendo todo mundo "lacrimejar".

Para falar a verdade, ainda não conseguia acreditar que tinha acabado.

Tentei me segurar quando "When We Were Young", da Adele, foi acrescentada à playlist do momento.

Tínhamos passado a temporada inteira à caça daquele troféu, cada jogo um passo mais perto. Semana a semana, nos concentramos em análises e estratégias, então, quando o campeonato acabou, a sensação era de que ninguém tinha parado para pensar que nossa carreira juntos — como companheiros de time — havia chegado ao fim.

Estávamos focados demais no hóquei para nos darmos conta de que, depois de tantos anos, nosso tempo como time tinha acabado.

Nunca mais jogaríamos no Doug — como Packers — de novo.

Parecia uma perda, algo que me deixaria um bom tempo de luto, porque a sensação era de que meus objetivos e amizades estavam ligados àquele time a minha vida inteira.

Let me photograph you in this light in case it is the last time
That we might be exactly like we were…

Mas os olhos "lacrimejantes" foram transformados numa emoção muito mais intensa quando Mick apareceu com o troféu e eu vi as lágrimas *dele*.

Ao deixarmos o rinque, dediquei um tempinho a memorizar aquela sensação. Ouvi Richie enchendo o saco do Kyle à minha direita, olhei para a multidão vestida de bordô e branco através do vidro, senti a temperatura do rinque em meu rosto, e olhei para as faixas penduradas pelo Doug.

Queria gravar cada detalhe em meu cérebro para nunca mais esquecer.

— Você sabe que nada nunca vai superar este momento, né? — comentou Richie, enquanto sorríamos para todas as câmeras. — Não importa o que aconteça em Boston… nada pode ser melhor que isto.

— Eu sei — concordei. — Eu poderia parar de jogar hoje mesmo e estaria feliz.

Mas eu não ia parar.

Eu ia jogar pela Boston College no ano seguinte.

Antes mesmo que tivesse tempo de ficar chateado por ter que passar o verão inteiro sem jogar enquanto meu ombro se recuperava, recebi uma proposta da Boston College.

Que tinha um programa de hóquei incrível.

E políticas de compensação por direitos de imagem, o que ajudaria muito com as despesas médicas.

Então eu ia deixar meu ombro sarar durante o verão e ir para a faculdade no outono, exatamente como meus amigos, e iria me formar em História. Eu jamais teria desejado fraturar a clavícula e perder o intensivo de verão da seleção, mas a sensação era de vitória.

Porque agora poderia passar o verão inteiro curtindo Southview com Dani.

Meus olhos encontraram os dela — como *sempre* acontecia —, e ela me lançou uma piscadela de onde estava, em pé entre Kyle e Cassie. Senti o mesmo frio na barriga que sempre sentia ao olhar para ela, aquele que eu nunca iria superar.

Que pelo jeito eu não *teria* que superar.

Porque minha garota enfim tinha sido aceita.

Dani iria para Harvard no outono, que calhava de ficar na mesma cidade onde eu jogaria hóquei.

Parecia quase coisa do destino.

TRILHA SONORA DA DANI E DO ALEC

1. Escorpião | Jão
2. Little League | Conan Gray
3. hell of a good time | Haiden Henderson
4. Come Apart | The Blue Stones
5. Now That We Don't Talk | Taylor Swift
6. girl i've always been | Olivia Rodrigo
7. hate it | chloe moriondo
8. Picasso | Bradley Simpson
9. Pretty Face | Ally Salort
10. Brand New | Hippo Campus
11. undressed | sombr
12. Echoes | Connor Kauffman
13. Anxiety | Doechii
14. sweat | Haiden Henderson
15. ricochet | Aidan Bissett
16. Gateway Drug | Daniel Seavey
17. Famous | Johnny Orlando
18. Want Me | Stephen Dawes
19. The Black Dog | Taylor Swift
20. In The Kitchen | Reneé Rapp
21. Eyes Wide | Alfie Jukes
22. Dopamine | Stephen Dawes
23. No One's Ever Kissed You | Winnetka Bowling League
24. Lose Me Like You Mean It | Daniel Seavey
25. exile | Taylor Swift (feat. Bon Iver)

26. How Bad Do U Want Me | Lady Gaga
27. Deeply Still in Love | ROLE MODEL
28. Whatever Forever | Ber
29. When We Were Young | Adele

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, obrigada, Deus, por ter me proporcionado essa jornada incrível na qual eu nem consigo acreditar que estou vivendo e que definitivamente não mereço.

E agradeço à minha mãe, Nancy Painter — como eu fui ter a sorte de ter você como mãe? Inteligente, engraçada, talentosa, linda. Você é TUDO DE BOM, e não tenho palavras para dizer o quanto eu a amo. Obrigada por fazer com que eu me apaixonasse por comédias românticas muito antes de ter idade para compreender o que eram comédias românticas.

Obrigada, Kim Lionetti, a agente literária que agencia melhor do que qualquer agente poderia agenciar. Serei sempre grata por você ter apostado em mim, por eu ter escrito sobre um barista tatuado chamado… droga, *algum nome* porque ele com certeza tinha um… que chamou sua atenção. ;) Devo muito a ele, porque você é muito mais do que uma agente para mim.

Obrigada, Nicole Ellul, por ser a editora dos sonhos. Você faz tudo e ainda consegue sempre dar um rumo melhor a minhas palavras desgovernadas. Você é um FENÔMENO. Prometo que qualquer dia desses vou te dar menos trabalho.

E à equipe incrível da S&S… por onde eu começo? Jessi Smith, Anna Elling, Deane Norton, Stephanie Voros, Amy Habayeb, Nicole Benevento, Michelle Leo, Shannon Pender, Nicole Russo, Justin Chanda, Anne Zafian, Amy Lavigne, Kendra Levin, Jon Anderson, Jonathan Karp, Liz Casal, Sarah Creech — vocês são todos LITERALMENTE parte de um sonho realizado, e serei para sempre grata. Ah — e Natasha e Cayley do Canadá. ;) Agradeço também às pessoas que estou esquecendo, e por favor me perdoem por ser tão avoada.

E um enooooorme agradecimento aos Kirchners, meus primos incríveis de Minnesota. Dan, Kris, Liz, Lillie, Andy, Mel, Ashton, Cole, Tawnee, Ed, Bryce, Kylie, tio Gary, tia Ellen — vocês todos já eram legais antes, mas se superaram ao permitir que os incomodássemos o tempo todo com perguntas

e visitas durante as quais foram obrigados a nos levar ao Cro e ao Moose Lodge para rifas de carne e canecas de cerveja.

Agradecimentos aleatórios a pessoas aleatórias por alegrias aleatórias: a Taylor Swift; a Samantha Lionetti; a Lindsay Grossman; a Misty Wilson; aos meu parceiros Berkletes; aos meus favoritos (taygracie's version); a minha amiga francesa Emma; a Diana; a Sude; Eva; à outra Emma; a Colleen; a Jenn; ao Joyful Chaos Potato Book Club; a Annika; a LizWesNation; a Diana; a Cleo; a Clio; a Mylla; a Becca; a Anderson Raccoon Jones; a Lori Anderjaska; a Aliza; a Tiffany Fliedner; a comitiva do Wes Bennett; a Carla; a Caryn; a Alexis; a Ally Bryan; a Anna-Marie; a Katie Prouty; a Jill Kaarlela; a Brittany Bunzey; a Shaily; a Steph Bolan; a Marisol Barrera; a Abi Griffin; a Daniza Jeanne; às minhas garotas da Flórida — Hannah, Elli, Morgan e Iza; a Zurain; a Meredith Mincey; ao Cro e ao PNA em SSP; ao SSP Moose Lodge; ao torneio estadual de hóquei masculino de Minnesota; a Enlightened Soul; a Ruby Lynn… eu poderia continuar infinitamente porque conheci muitas pessoas incríveis nesta jornada.

E agradeço aos lugares que me receberam enquanto eu escrevia este livro, lugares aonde eu não esperava ir, mas que agora são parte de quem eu sou para sempre: Paris, Berlim, Jena, Madrid, São Paulo, Toronto, Bolonha, Veneza, Milão, Amsterdã, Gante, Denver, San Antonio, St. Louis, Chicago, Nova York, Atlanta, Orlando, Dallas e St. Paul. Obrigada por não me expulsarem por ser chata para comer.

E, é claro, obrigada, minha família incrível, por ser tão incrível assim.

Cassidy, Tyler, Matt, Joey, Kate: vocês são sem dúvida os melhores personagens que já criei. E Terrance, Jordyn e Emily, que bom que se juntaram ao time. ☺

E finalmente — finalmente — KEBBIN. Kevin. Kevvvvvv.

Se na época em que corria atrás de você como uma idiota eu soubesse o marido incrível que você seria, eu teria corrido ainda mais, e sido ainda mais idiota. Você deixa a vida tão… *perfeita*. Cada dia com você é um sonho. Sou podre de rica de risadas e sorrisos, e é tudo por sua causa. Eu te amo muito. Tipo… mais do que deve ser saudável. Obrigada por também me amar.

SOBRE A AUTORA



© Jackson Okun

L P é autora best-seller de comédias românticas para leitores jovens e adultos. Ela mora com o marido e os filhos em Nebraska, nos Estados Unidos. Quando não está lendo ou escrevendo, Lynn gosta de beber energético e assistir a filmes de comédia romântica. É autora de *Melhor do que nos filmes*, *Não é como nos filmes*, *Apostando no amor*, *Mil vezes amor*, *Amor por engano* e *Sorte no amor*, também publicados pela Intrínseca.

lynnpainter.com